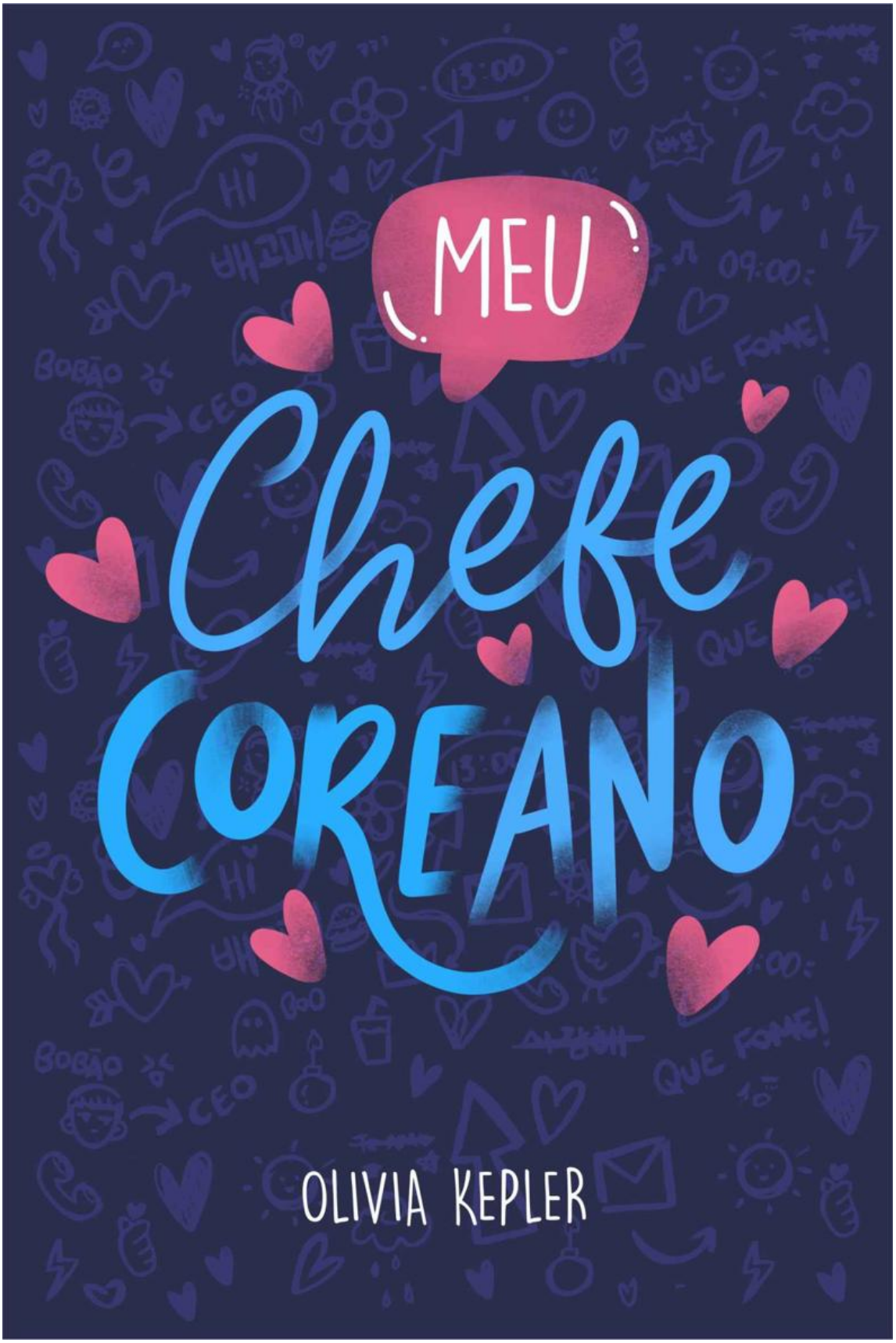

MEU
Chefe
COREANO
OLIVIA KEPLER


MEU
Chefe
COREANO
OLIVIA KEPLER

MEU Chefe COREANO

OLIVIA KEPLER

Copyright © 2020

MEU CHEFE COREANO

1ª Edição

Revisão: Victória Gomes

Ilustração e capa: Nicah Ilustra

Diagramação: AK Diagramações

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — Tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autor.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei Nº . 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Epílogo

Extra

Agradecimentos

Para a minha mãezinha;

tudo por você, meu bem



Ainda estava relutante sobre aceitar, finalmente, uma noitada com os caras da empresa. Mas quando Charlie anunciou seu noivado com Barbara, não tive mais escapatória. Além dos amigos de Charlie do tempo de faculdade, ainda estavam Bill, Andrew e José.

Resumindo: toda a gangue estava reunida.

Fomos a um dos melhores restaurantes de Nova Iorque, por minha conta. Era o mínimo que poderia fazer depois de passar os últimos meses fugindo de qualquer tipo de confraternização. Eu era extremamente ocupado, e detestava o tempo perdido nesses lugares.

Após o jantar, depois de já termos bebido algumas, um dos amigos de Charlie sugeriu que fossemos a uma boate ali perto.

Tentei escapar, entretanto, eles praticamente me arrastaram para o lugar.

O barulho da música estava a ponto de explodir meus tímpanos. As luzes brilhantes e os corpos suados… Tinha deixado tudo isso a muito tempo atrás.

O ambiente me incomodava, mas o pior eram as pessoas: todas bêbadas e muito jovens para estarem naquele lugar.

— Sabe o que você precisa? — Bill perguntou para mim. — De um porre e pelo menos uma dessas meninas para extravasar. Está muito estressado, cara, relaxa um pouco.

Suspirei, sem paciência para argumentar. Era inútil. Não importava o que tentasse dizer, eles sempre davam um jeito de justificar meu estresse com uma possível falta de sexo.

O que não era verdade.

Mas não era completamente mentira.

Então, pedi mais uma rodada de *vodka* com energético. Precisava me soltar, somente hoje, daí poderia passar os próximos meses fugindo desse tipo de situação.

Os caras gritaram com animação quando a garçonete trouxe o que pedi, e bebi duas doses praticamente sem respirar. Queria perder o juízo logo para não desistir dessa asneira toda. Meu amigo estava noivando e, mesmo não gostando do ambiente, precisava ser cortês e aproveitar, participar do porre

que havia topado a contragosto.

— Boa! Agora sim isso é uma pré-despedida de solteiro — Charlie comemorou, enquanto eu começava a beber o terceiro copo, dessa vez mais devagar. — Se me dão licença, tem uma gostosa me olhando desde que cheguei e daqui a uns meses não poderei mais fazer essas escolhas de merda.

Dito isso, desceu para a pista de dança; tive que rir da cena. Ele havia acabado de pedir uma mulher em casamento e iria se esfregar em outra. Por fim, todos decidiram descer do camarote para dançar.

Segui-os sem pestanejar, provavelmente pelo álcool que estava finalmente começando a fazer efeito.

Avistei Charlie dançando com uma garota, que imaginei ser a tal *gostosa* que ele havia comentado; logo ao lado, estava uma outra, com seus cabelos loiros bagunçados enquanto ela dançava ao som da música, rebolando vagarosamente no ritmo exato da batida.

Seu corpo esbelto e delicado chamou minha atenção e, enquanto ela rebolava, pareceu adivinhar que a observava, pois olhou diretamente para mim, mordeu seu lábio inferior e abriu um sorriso contido, num convite aberto para que fosse até ela.

Conforme me aproximava, seus olhos puxados brilhavam para mim.

Não estava aberto a me envolver, principalmente com uma asiática, mas aquela mulher tinha algo diferente. Era o contrário total de tudo o que eu era acostumado a conhecer.

Assim que a alcancei, ela se virou de costas para continuar sua dança sensual, agora comigo logo atrás, sentindo cada movimento de seu corpo.

Deslizei minhas mãos por sua cintura fina, sentindo o tecido leve do vestido que usava. Seu perfume doce e marcante me entorpeceu e afastei seu cabelo para beijar-lhe a nuca, enquanto nos movíamos juntos. Seu corpo se mexia como se adivinhasse tudo o que eu gostava e suas mãos estavam firmes sobre as minhas; não me impedindo, mas acompanhando cada carícia que investia em sua cintura, deslizando-as até seu quadril.

Quando já não aguentava mais toda a provocação, virei-a de frente para mim. Seus olhos me encaravam como se eu fosse sua vítima aquela noite. Ela pendurou os braços em meu pescoço e me beijou profundamente, sem

nenhum pudor, igual à sua dança. Uma de suas mãos foi deslizando pelo meu peito até minha barriga, causando um arrepio por todo meu corpo.

A loira só afastou sua boca da minha para me puxar pela mão através da multidão, em direção ao banheiro feminino mal iluminado, onde encontrou uma das cabines vazia, conduzindo-me para dentro. Estava bêbado e talvez encantado demais para reagir. Ela trancou a porta do pequeno cubículo e encostou seu corpo no meu, beijando meu maxilar, causando um arrepio por minha pele. Abri a boca para tentar falar algo, no entanto, ela usou a sua própria para me impedir e, mesmo sabendo que aquilo era uma loucura, não tive forças o suficiente para afastar aquela mulher.

O que houve entre nós naquele cubículo foi indescritível. Sentia um formigamento por onde sua pele tocara a minha, deixando um rastro marcante de seu doce perfume para trás, mesmo quando ela havia ido embora, sem nem mesmo termos trocado uma única palavra.



Era pouco mais de dez horas da manhã quando mais uma das candidatas deixou a sala de reuniões quase chorando. Acompanhei com os olhos enquanto tentava imaginar o que poderia ter acontecido lá dentro para deixar

a garota daquele jeito. Como sempre tive uma imaginação fértil, não foi difícil pensar em algumas opções bizarras.

— Estou convencida de que eles estão fazendo propostas indecentes —

disse em voz alta para que as outras duas meninas pudessem ouvir. Uma delas, de cabelo ruivo e olhos claros, concordou com um aceno e se inclinou em minha direção, ficando sobre o colo da terceira candidata.

— Não quero parecer indiscreta, mas tive essa sensação também.

Inclusive, de coisas piores — confessou, e concordei com veemência.

— Eu realmente não preciso disso, já aceitei uma situação assim antes e não aceitaria novamente. Ainda mais com o grau de confidencialidade dessa vaga — disse a terceira candidata, que realmente parecia uma das *Angels* da *Victoria's Secret*.

— Não vou aceitar a proposta. Sinceramente, acho uma falta de respeito com as mulheres desse país — a ruiva respondeu, e não pude deixar de demonstrar o quanto concordava com ela.

Até porque a melhor coisa que poderia acontecer nesse momento era pelo menos uma delas desistir da vaga voluntariamente; menos competição, bem mais fácil para ganhar.

Quando a mocinha do RH, que estava fazendo o processo desde a primeira fase, saiu da sala para ver quem ainda restava, suspirou pesadamente.

— Vocês três podem entrar — convocou, e prontamente fomos para a sala.

Lá dentro, havia mais uma mulher. Tinha por volta de quarenta anos e estava com um semblante pálido e abatido, muito provavelmente por causa da barriga protuberante que ostentava.

— Como podem ver, vocês foram as únicas que sobraram no processo, mas algumas de vocês não foram muito bem na dinâmica. Então, decidimos mudar e agilizar um pouco — disse a quarentona loira. — Fora que esse

bebê continua me chutando como se estivesse jogando futebol e já está me dando vontade de ir ao banheiro de novo.

Tentei não rir, mas ela encolheu os olhos em minha direção. Eu tinha sido pega no flagra.

Ops.

— Sou a assistente do senhor Young há mais de dez anos. Sei tudo sobre ele, o que pensa, o que sente, o que quer, quando quer e, o mais importante, *como* quer. Preciso de alguém para me substituir porque necessito de repouso em minha gravidez, já que os médicos insistem em dizer que é de risco.

Então, tenham em mente que é um trabalho temporário, mas que vai ser uma oportunidade gigante na carreira de vocês. — Concordei com um aceno, para demonstrar que estava prestando atenção em tudo. — Se sobreviverem a estes meses com ele, qualquer trabalho vai parecer brincadeira de criança.

Ela olhou por cima nossos currículos e mirou na ruiva.

— Jessica, bem resumidamente, me conte sobre suas experiências anteriores — pediu.

— Tenho vinte e oito anos, sou formada em Moda pela FIT, mas tenho experiência como secretária. Trabalhei por três anos no Hilton, como secretária da diretoria, e depois diretamente como assistente pessoal de Rita Ora por um ano. Infelizmente, não durou tanto quanto o esperado, já que tínhamos muita divergência de personalidade — disse orgulhosamente, e revirei os olhos mentalmente.

Quem mencionava isso numa entrevista de emprego?

A loira suspirou audivelmente; parecia ter tido a mesma opinião que eu e anotei essa reação como um ponto positivo no meu placar de seleção.

— Pode dar um exemplo sobre essas divergências?

— Rita é um amor de pessoa, mas, como profissional, deixa muito a desejar, sabe? Por mais que fosse sua assistente pessoal, ela me via mais como uma escrava. Passei mais tempo com seu cachorro do que com ela.

— Então acho que é o momento de você deixar esse processo. Senhor Young é curto e grosso, ele vai invadir cada pedaço de sua vida e extrair a felicidade dos seus ossos pelo menos três vezes ao dia — disse em um tom cansado, como se tivesse dado esse discurso muitas vezes antes.

A ruiva se levantou com raiva e deixou a sala, sobrando *Victoria's Secrets* e eu. Ou seja, as chances agora estavam melhores, cinquenta a cinquenta. Que vença a melhor.

— Senhorita Park, certo? — perguntou, e confirmei com um aceno,

imaginando que ela não sabia como pronunciar meu nome. — Pode me falar um pouco sobre sua experiência?

— Claro! Sou formada pela Sogang Business School, além de ter especialização em aquisição pela NYU. Minha maior experiência até o momento foi na área de aquisição e novos negócios. Trabalhei durante um ano para Jim Connerty da Forbes, como secretária, mas, com sua demissão, fiquei mais outros dois anos com Dave Roberts, que hoje é o editor-chefe da revista. Então, decidi focar meus esforços na minha área de especialização, pedi uma oportunidade para trabalhar na área comercial da revista e estive lá durante os últimos quatro anos, inicialmente como auxiliar de aquisição, e galguei até analista sênior. — Fiz uma pausa para avaliar a expressão da mulher grávida, que parecia anotar tudo mentalmente.

— Você realmente é sul-coreana ou…? — perguntou com cuidado.

Sorri educadamente.

— Não, na verdade sou americana, mas meus pais são ambos sul-coreanos e possuem cidadania americana. Nasci e morei nos Estados Unidos durante boa parte da minha vida, mas precisava me conectar com minhas raízes, por isso decidi me graduar pela universidade de Sogang. Além de aproveitar para conhecer todo o continente — respondi.

— Compreendo… Vejo aqui que tem fluência no inglês, coreano e japonês. Algo mais que deva saber? — perguntou sorrindo.

— Entendo mandarim, bem básico, claro, mas não achei que seria interessante colocar no currículo já que não sou fluente. — Sorri de volta. —

Mas não quero que pense que sou uma asiática típica que passou a infância sofrendo *bullying* e estudando igual ao estereótipo, porque não sou. Tenho muita facilidade com idiomas, mas sou competente, muito comunicativa e, apesar do meu tamanho, posso ser bem persuasiva.

Finalizei e ela ergueu uma sobrancelha em minha direção antes de sorrir satisfeita. Quando olhei de soslaio para a morena ao meu lado, podia jurar que ela estava pálida. Então, simplesmente pegou sua bolsa e saiu da sala.

Olhei assustada enquanto a mulher literalmente dava a vaga que eu queria de presente com fita vermelha e tudo.

— Parece que você foi a escolhida da vez — a mulher grávida brincou.

— Mas acho que foi para melhor, se ela não aguentou te ouvir falar sobre algumas conquistas, sairia correndo quando Erik fizesse seus longos discursos…

Sorri.

— Eu não sairei correndo, disso pode ter certeza — garanti.

— Se eu fosse você, não teria tanta certeza. Mas vamos lá, temos muito o que conversar e eu preciso almoçar. Esse bebê me mata de fome.

Instruções

Hyuna

Descobri mais tarde que a mulher gravida se chamava Laura. Passamos no banheiro para que ela pudesse fazer xixi — em suas palavras, a gravidez atrapalhava isso, e tentei não fazer cara de nojo enquanto me olhava no espelho e arrumava alguns fios bagunçados da minha franja.

Laura estava indecisa sobre onde ir almoçar e sugeri um restaurante ali perto que eu adorava. Veio a calhar ela não o conhecer e decidimos por ir até o local. Era um restaurante italiano três estrelas e ficava dentro de um dos hotéis da Wall Street; a comida era sensacional.

Depois de pedirmos nossos pratos, Laura tirou de sua bolsa uma pasta transparente com várias folhas e a pousou sobre a mesa.

— Este é o contrato, mas vou te explicar com quem você vai ter que lidar. Se ao final de tudo ainda estiver interessada, te darei mais detalhes.

Primeiro de tudo, nunca o chame pelo nome a não ser que ele tenha lhe dado permissão pessoalmente para tal. Sempre mantenha o bom e velho “senhor Young”. Ele é meticuloso, perfeccionista e controlador. Deixe tudo da maneira que ele gosta. Se você for desorganizada, provavelmente não aguentará uma semana.

Concordei, anotando mentalmente todas as informações.

— Se ele te pedir qualquer coisa, faça. Não questione e não tente entender, apenas faça. Em algum momento, você vai começar a sacar a forma que a cabeça dele funciona. Senhor Young é o diretor comercial da empresa, mas ele sabe o nome de cada funcionário abaixo dele em seu setor, então tente lembrar de todos também, ok? Outro ponto importante é que ele, assim como você, é asiático e uma das coisas que preza é pela pontualidade. Se ele se organizar para chegar às oito, você precisa chegar ao menos quinze minutos antes. Terá que comprar o café dele, e ele gosta de ler o jornal logo cedo. Pode trazer os principais, ele gosta de ter mais do que um ponto de vista sobre a mesma notícia. E, pelo amor de Deus, a agenda dele é disponível apenas das nove as dezoito, só abra exceções para outros diretores, para o CEO ou para o *Board*. Apenas, mas confirme com ele primeiro —

instruiu calmamente, e eu apenas concordava.

Estava sintetizando tudo em poucos tópicos: perfeccionista, senhor Young, obedecer, chegar cedo, pegar o café e o jornal, só abrir a agenda para os chefes do chefe.

— Entendi — confirmei, e ela sorriu.

— Na verdade, tem muitas outras coisas, mas vou facilitar a sua vida e te mandar por e-mail. Uma das coisas que você precisa estar atenta é às roupas dele. Ele não liga muito para variações ou combinações, então cuide

disso quando o ambiente demandar algo mais refinado, ok? E tente não desistir antes de acabar minha licença, pois realmente quero dedicar esse ano a mim e a minha família. Eu vivi totalmente para Erik Lee Young nos últimos anos, espero que entenda que é uma responsabilidade bem grande. —

Concordei, pois sabia exatamente a oportunidade que tinha em minhas mãos.

— E evite usar saltos como esse que você está agora.

Arregalei os olhos.

— Ele não gosta? — questionei, e ela riu divertidamente.

— Na verdade, adora, mas é uma dica de mulher para mulher. Ele vai te fazer correr o dia inteiro, então em algum momento você não vai aguentar mais ver esse salto quinze.

Concordei e tentei não chorar. Adorava meus saltos e os usaria na primeira semana para ver como seria. Talvez ele nem fosse tudo isso, poderia tirar de letra. Era só pensar positivo.

— Quando começo? — perguntei sorrindo.

— Segunda-feira sem falta. Às sete e quarenta e cinco, já que ele deve chegar às oito.

*

Naomi e eu estávamos bêbadas no táxi de volta para nosso apartamento e ríamos novamente sobre a história da entrevista. Fomos comemorar minha contratação da maneira que mais gostávamos: em um bar badalado de Nova Iorque. Decidimos que seria a noite das garotas, mas quando as bebidas grátis começaram a chegar, não pudemos evitar de fazer um dos nossos shows.

Naomi era uma coreana maravilhosa, de pele clara e cabelos recentemente pintados de castanho-claro. Nós duas nos conhecemos na faculdade e nos tornamos inseparáveis desde então, ela me entendia mais que qualquer pessoa no universo. E uma das coisas que fazíamos juntas era aproveitar a vida.

Desenvolvemos esse hábito de dançar sensualmente uma com a outra para chamar a atenção e conseguir algumas bebidas grátis. Vez ou outra encontrávamos algum rapaz que valesse a pena ter algo mais profundo, por assim dizer, mas hoje só queríamos aproveitar meu novo emprego.

Já no apartamento, acabamos esparramadas no sofá e acordamos por lá no outro dia, fedendo a bebida e doloridas. O lado bom é que ainda tinha o domingo para me recuperar e foi exatamente o que fiz: aproveitei o dia inteiro de molho numa variação de ler os e-mails de Laura e assistir meus filmes preferidos para me dar forças para sobreviver ao dia seguinte.

*

Na segunda-feira, acordei bem cedo. Já havia preparado a roupa no dia anterior com ajuda de Naomi: uma saia lápis creme na altura dos joelhos com uma pequena fenda na parte de trás que ajudava a me movimentar mais livremente e uma camisa de seda preta, que tinha um colarinho diferenciado, que me permitia usá-lo para fazer um laço frouxo no pescoço. Completei o traje com um *scarpin* nude do *Louboutin.*

De frente para o espelho, ajeitei a franja — meu cabelo estava num tom castanho. Decidi pegar leve com a maquiagem, me limitei ao rímel, batom levemente alaranjado e blush para dar um ar saudável ao tom pálido da minha pele.

Pisquei para meu reflexo no espelho.

— Você está perfeita — disse a mim mesma e sorri animadamente.

De acordo com o e-mail gigantesco de Laura, que passei o domingo inteiro estudando, deveria pegar o cappuccino do senhor Young, lembrando do detalhe de que era extremamente proibido que tivesse canela, já que o homem era alérgico. Então, comprei seu café, além de pegar meu bom e velho café com chantilly, meu jeitinho infantil de lidar com o amargo da bebida. Carreguei cuidadosamente ambos no suporte de papelão e passei na banca de jornal, pegando um exemplar do New York Times, The New Yorker e o The Wall Street Journal. Descobriria aos poucos os que ele preferia.

Cheguei ao prédio imponente situado na Wall Street. Sendo do ramo da construção civil, a Thousand Corp havia se instalado no local em um edifício quase futurístico para a região, que estava à altura dos mais tecnológicos de Dubai. Passei calmamente pela recepção, dando bom dia para as pessoas que encontrava. Como Laura já tinha providenciado meu crachá, fui direto para as catracas e subi o elevador até o décimo sétimo andar.

Senhor Young tinha um andar inteiro somente para seu time comercial, o que era algo impressionante, levando em consideração que os outros andares

contavam com engenheiros de todas as áreas e arquitetos, além do setor administrativo. Era um dos maiores times da empresa e estava crescendo.

Chegando ao andar, percebi que ainda estava vazio e caminhei calmamente entre as mesas de trabalho, tentando adivinhar quem poderia se sentar em cada lugar. À minha direita, li na divisória de vidro “Erik Lee Young” e soube que aquele era o lugar que eu deveria estar.

Calmamente, passei pela divisória de vidro, percebendo que minha mesa provavelmente era a que estava do lado de fora das portas de vidro. Então, deixei minha bolsa ali e entrei na sala que ainda estava com as luzes apagadas.

De alguma forma, consegui sentir a energia daquele lugar. O ar parecia palpável, mas ao mesmo tempo era reconfortante.

Era bem masculino, a mesa de vidro e a cadeira imponentes davam um contraste interessante na composição da decoração. Logo atrás de sua mesa havia uma estante, que ostentava diversos livros, certificados e troféus que não consegui identificar muito bem por causa da luz fraca.

Posicionei os jornais ordenadamente em um lado da mesa e o cappuccino no lado oposto, bem longe do computador, por precaução. Dei um gole no meu café enquanto tentava me lembrar se na lista tinha alguma informação sobre abrir as cortinas.

Por via das dúvidas, dei uma olhada na vista lá fora, e era maravilhosa.

Era possível ver as empresas mais prestigiadas do país e a população enlouquecida de Wall Street correndo de um lado para o outro.

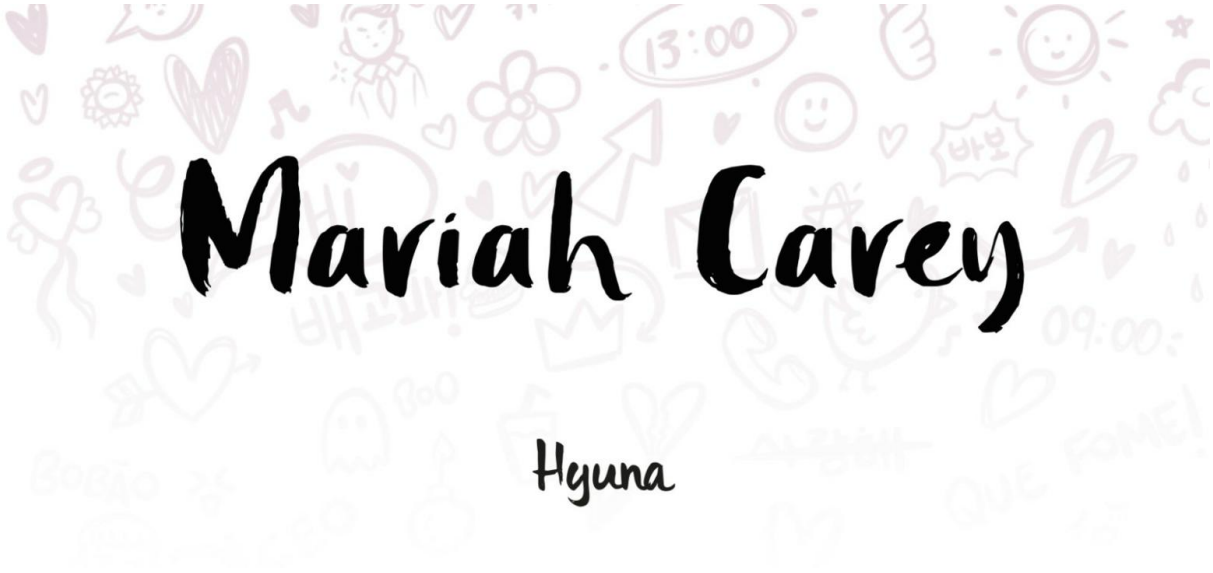
— Bom dia. — Ouvi uma voz rouca e grave falar. Levei um susto enorme, mas acho que consegui me controlar o suficiente para não derramar café por todos os lados.

Pelo horário, só poderia ser o Senhor Young, então me virei calmamente sobre os calcanhares e sorri antes de responder. O tempo todo havia imaginado um senhor barrigudo e de olhos puxados, então não estava preparada para o deus grego que estava bem na minha frente.

Ou melhor, o deus *coreano* na minha frente.

Mas a pior contestação do dia foi sentir, em algum lugar no fundo do meu coração, que já o tinha visto antes. Pelo seu porte, provavelmente havíamos realmente nos conhecido muito bem.

Eu estou tão ferrada.



Eu continuava embasbacada olhando o homem à minha frente de cima a baixo. Seus ombros largos e braços fortes eram aparentes mesmo com a camisa social azul clara, que dava um destaque maravilhoso à sua pele levemente bronzeada. Sua sobrancelha era expressiva e ele parecia curioso.

— Você deve ser a senhorita Park, certo? — perguntou, atravessando a sala e parando logo à minha frente.

Tive que me inclinar para cima para conseguir olhar em seus olhos e sorri, pois, desse ângulo em específico, conseguia me imaginar beijando aquele pescoço maravilhoso.

— Park Hyun-ah, muito prazer. — Ofereci a mão e ele gentilmente a apertou de volta. Encolheu os olhos em minha direção, estudando-me.

— Coreana? — perguntou enquanto se afastava para abrir as cortinas.

Acompanhei-o com os olhos.

— Meus pais são, mas nasci nos Estados Unidos — expliquei.

Ele concordou e se sentou em sua mesa, avaliando cuidadosamente os jornais, e deu um gole no café.

— Pode se sentar, temos muito o que conversar — disse sem olhar para mim, já distraído com o jornal.

Andei confiantemente até lá e me sentei na cadeira à sua frente, cruzando as pernas em seguida.

— Dei uma olhada em seu currículo. Impressionante — disse, dando mais um gole em seu café. — Quero entender como conseguiu esse emprego.

Laura é osso duro, deve ter a impressionado.

Ri, lembrando-me da entrevista, o que fez com que ele me olhasse de cara fechada.

— Na verdade, fui bem na entrevista. Tão bem que a última candidata desistiu do processo assim que ouviu sobre as minhas competências —

confessei num tom contido, não queria dar a impressão de estar me gabando.

Mas estava.

— Estudou em Sogang e depois NYU, fala três línguas fluentemente e tem ótimas recomendações — disse tudo isso sem se dar o trabalho de me olhar nos olhos, o que de certa maneira me incomodou, pois tinha que ter certeza de onde o conhecia.

De repente, ele soltou o jornal sobre a mesa e juntou os dedos entrelaçados em sua frente em uma posição incisiva. Sua expressão fechada tentava se impor, o que não entendi se seria mais uma vez para manter esse mundinho perfeito onde todos sentem medo dele ou se ele só era um babaca

que gostava de assustar meninas desconhecidas.

Poderia ser qualquer uma das opções. A única coisa que conseguia sentir era vontade de tocar seus braços fortes. Que homem divino…

— Quero que me conte alguma coisa que não esteja no seu currículo.

Algo que realmente seja impressionante — pediu sem animação.

Pensei por alguns segundos antes de respondê-lo.

— Treze milhões, seiscentos e trinta e sete mil e noventa e oito —

respondi resumidamente. Ele ergueu uma sobrancelha sem entender nada. —

Foi a maior negociação da Forbes, na história, e eu a fechei — expliquei, e ele concordou com um aceno.

— O que você está fazendo como assistente, então? Não deveria estar tentando uma vaga na área de novos negócios, por exemplo? — questionou.

— Recebi algumas propostas, na verdade. Mas quero diversificar minha experiência para poder entender outras partes de todo o processo. É

fundamental para o meu crescimento profissional — expliquei, claramente mentindo.

Ele se espreguiçou na cadeira, fazendo com que seus músculos se tencionassem ainda mais sob o tecido da camisa, e tentei muito não demonstrar estar afetada com todo seu *sex appeal*.

— Não acredito em você.

— Por quê? — perguntei sem entender.

— Não faz sentido. Você deve ser muito burra ou muito esperta. Ainda não decidi — disse, e quis quebrar aquele rostinho lindo bem no meio.

— Prefiro a segunda opção — retruquei, e novamente ele ergueu a sobrancelha em minha direção.

— Então você será do tipo difícil, deveria ter imaginado quando vi que era de aquisição — provocou, e sorri abertamente.

— Na verdade, sou bem fácil de se lidar, senhor Young — disse, voltando para o tom formal, o que fez com que ele ficasse confuso novamente.

Young finalizou seu café depois disso, ligou seu computador e começou

a digitar, submerso em alguma outra coisa. Aparentemente, ele conseguia se desligar rapidamente.

— Já terminamos aqui, senhorita Park — disse friamente, e concordei com um aceno.

Saí de sua sala, indo até minha nova mesa de trabalho. Estava bem organizada, então não tive muito trabalho além de abrir o notebook e começar a ler alguns e-mails que Laura havia me encaminhado para cuidar. Um deles era um convite do diretor administrativo do Grencyal Bank, um banco jovem; tinha menos de dez anos, mas havia crescido muito nos últimos dois anos. A secretária dele apenas disse que precisavam de uma reunião para alinhar alguns pontos que ficaram confusos.

Seguindo a instrução de Laura, acessei o software de gerenciamento do time e pesquisei o nome do banco para ver mais informações. Era uma negociação extremamente importante, eles tinham três exclamações nas observações. Basicamente, estavam negociando a construção da nova filial do banco que seria em Nova Iorque, mas ainda tinham muitos problemas. Li rapidamente as anotações das últimas reuniões e decidi conversar com um tal de Bill Jones, que estava à frente da negociação. Procurei seu ramal no sistema e disquei rapidamente.

No terceiro toque, ele atendeu.

— *Bill*.

— Oi Bill, bom dia. Como vai? Aqui é Hyuna — disse na versão americanizada do meu nome. Havia me acostumado com o som e era cansativo corrigir as pessoas o tempo todo.

— *Ri o quê?* — perguntou confuso, e dei risada.

— Park, pode me chamar de Park — indiquei — Estou cobrindo a licença de Laura e preciso da sua ajuda referente ao Grencyal Bank. Onde você se senta? Podemos conversar por um minuto? — perguntei, e ele riu.

— *Não precisa se incomodar, estou indo aí.* — Quando ia agradecer, ele desligou.

Em alguns segundos, um homem alto e magro, de cabelos loiro escuros, apareceu na minha quase sala. Ele estava totalmente despojado, usando calças

jeans e uma camiseta polo branca.

— Você deve ser a Park — ele disse, e me levantei para cumprimentá-lo com um aperto de mão.

— Bill Jones, certo? — Ele confirmou com um aceno.

— O que precisa? — perguntou sem rodeios, e dei graças a Deus por isso. Detestava papo furado no trabalho.

— Sobre Grencyal Bank, percebi que são grandes para nós. Queria entender melhor como está o caso, porque querem realinhar alguns pontos, mas nas anotações não consegui encontrar nada que justificasse uma ação repentina deles.

Bill concordou com um aceno.

— Eles estão relutantes em fechar conosco, mesmo sendo a melhor opção. Então, sempre encontram algum defeito em nossa proposta. Semana passada, o contrato voltou pelo menos três vezes do jurídico. Não sei mais o que podemos fazer, sinceramente. É a melhor proposta do mercado. — Bill me atualizou e concordei com um aceno.

— Nesse caso, o que acha de marcarmos para amanhã? O diretor administrativo deles quer participar pessoalmente da reunião e o ideal seria senhor Young comparecer também — sugeri, e o homem concordou.

— Combinado. Vou me sentar com a equipe agora para entender como podemos fechar isso de vez. Você me manda o *invite*? — pediu.

— Claro! Me dê cinco minutos.

Assim que ele se retirou, liguei para a secretária do banco para combinarmos maiores detalhes. Devido à agenda complicada de nossos chefes, conseguimos organizar duas horas de reunião no horário do almoço.

Finalizei encaminhando um e-mail a todos os envolvidos com os detalhes e o *invite* para agenda de cada um. Estava respondendo mais alguns e-mails e me atualizando dos casos atuais do setor, enfim, tentando me inteirar sobre a área, quando meu telefone tocou. Atendi no primeiro toque.

— Venha até minha sala — a voz rouca de Young ordenou e ele desligou em seguida.

Bati duas vezes antes de entrar e fui em sua direção, parando com alguma distância. Em algum momento, ele acendeu a luz do escritório e sua expressão fechada cutucou algo em minha memória, como uma sensação de *déjà vu*.

— Laura te deu instruções para marcar reuniões sem me consultar? —

questionou.

— Ela disse que, em qualquer caso que tivesse três exclamações no sistema e que estivesse parado há mais de dois meses, poderia te colocar no fluxo, caso sentisse necessidade — expliquei calmamente.

— Bom, Laura podia fazer isso porque estava aqui há tempo suficiente para saber, mas quero que me consulte antes de me colocar onde minha presença não é obrigatória — repreendeu de cara fechada, e inclinei a cabeça, tentando me lembrar de onde o conhecia.

— Avaliei o histórico das últimas reuniões e conversei com o responsável pela negociação. Ele concordou que sua presença poderia ajudar.

Mas estamos combinados, então. Eu o consultarei no futuro para esses casos

— garanti.

Aguardei que me dispensasse, mas ele mordeu o lábio, de repente incomodado.

— O que devo vestir? — perguntou, e eu sorri abertamente.

— Pode ficar tranquilo, vou cuidar disso — informei. Ele me dispensou com um gesto.

Até o momento, não havia entendido onde estava o assustador senhor Young que Laura descrevera, mas não queria reclamar ainda, já que poderia estar pegando leve para não me assustar.

De volta à minha mesa, liguei para Naomi, pois ela conseguiria me ajudar melhor que ninguém. Pedi que separasse um traje para o senhor gostosão e ela prontamente aceitou, pedindo-me somente as medidas. Olhei de soslaio para ele, que trabalhava de cara emburrada dentro do escritório. Só de olhá-lo conseguia imaginar o tamanho de cada peça e informei enquanto ela anotava tudo.

Como se pudesse sentir que estava o olhando, senhor Young me encarou

com a testa enrugada e gesticulou para que fosse até lá novamente.

Prontamente, adentrei a sala, e ele se levantou, vindo até mim vagarosamente. Algo sobre a maneira que andava me causava um tipo de náusea gostosa, se é que algo assim era possível.

— Preciso que compre ingressos do show da Mariah Carey — disse, cruzando os braços e fechando a cara. Concordei com um aceno.

— Quantos ingressos?

— Quatro.

— Quais lugares?

— Os melhores, naturalmente.

— Quando é o show?

— Prefiro o da quarta-feira — disse, e assenti com cuidado. —

Consegue fazer isso?

Sorri.

— Sim, senhor.

Senhor Young bufou descontente.

— Algo em você me incomoda — disse. Arregalei os olhos.

— Mas acabamos de nos conhecer, não? — perguntei, e ele revirou os olhos, afastando-se.

— Sim, Park, acabamos de nos conhecer e já sinto que há algo errado sobre você — disse teimosamente.

Na verdade, achei bem falta de educação da parte dele, bem deselegante.

— O senhor tem certeza de que não me conhece de algum outro lugar?

— confirmei, só por desencargo de consciência.

Eu era um amor de pessoa, ótima amiga e uma filha razoavelmente dedicada. Mas era profissional em ser profissional e passaria por cima de qualquer pessoa para conseguir atingir minhas metas. Vai saber se já não o tinha atropelado em algum momento da vida.

Senhor Young pareceu momentaneamente afetado pela minha pergunta,

pois demorou uma eternidade para responder. O que só instigava ainda mais minha intuição de que ele e eu já tínhamos nos encontrado por aí.

— Não tenho certeza — admitiu. — Conheço muitas pessoas e você tem um rosto comum, pode ser que sim.

Eu era a porra de uma coreana-americana maravilhosa, de cabelos lindos e sedosos, pele como bundinha de neném no meio de Nova Iorque. Se tinha algo que eu não tinha, era um rosto comum.

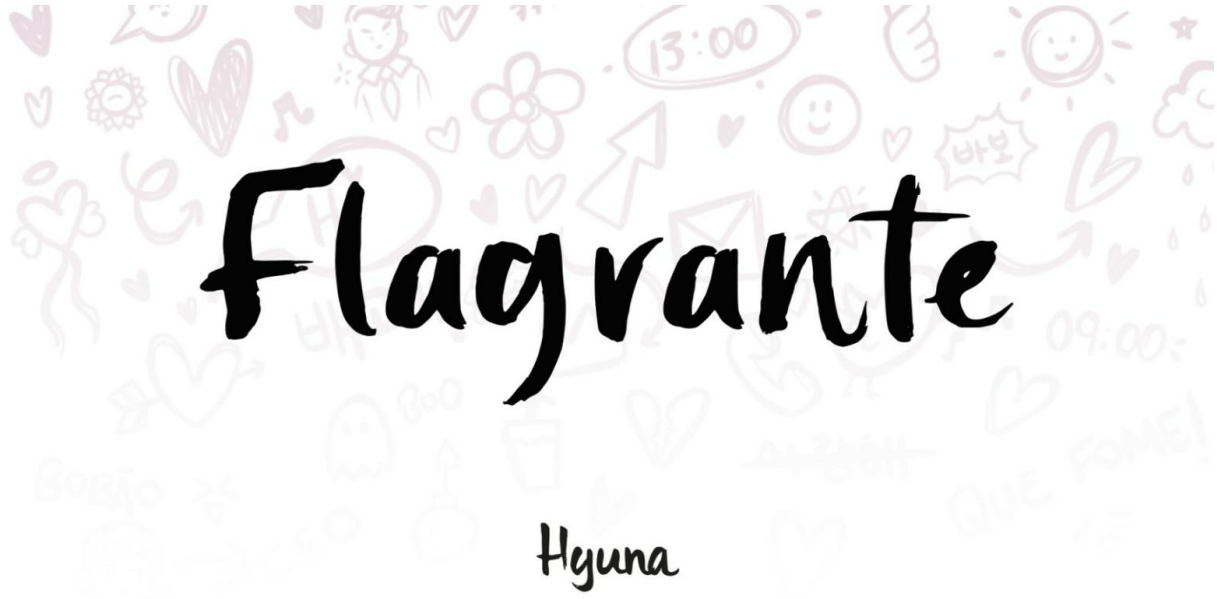
— Vou providenciar os ingressos, senhor Young. — informei, saindo da sala.

Pela primeira vez no dia, o senhor Young bonitão tinha me tirado do sério. Eu não era comum, nem de perto. Ele descobriria isso, cedo ou tarde.

Tive que fazer pelo menos cinco ligações para conseguir os malditos ingressos. O que um homem beirando os quarenta faria num show da Mariah Carey? Tentei não julgar, mas era bem estranho.

O maior problema é que faltavam apenas dois dias para o show, então naturalmente todos os ingressos estavam esgotados. Tive que usar de artimanhas mais antigas para conseguir o que queria: anunciei no meu Facebook e aguardei pacientemente.

Caso isso não desse certo, sinceramente, teria que pedir um favor a Octavio. Ele era um cara chato que trabalhava na empresa que estava organizando o show e infelizmente pediria para sair comigo; eu teria que aturá-lo falando sobre subcelebridades que havia conhecido pessoalmente por pelo menos duas horas. Era meu último recurso.



Ainda estava dissecando os principais casos do setor quando Bill Jones apareceu na antessala sorrindo.

— Imaginei que Erik não te convidaria para almoçar, então vim te

chamar. Vamos? O time quer te conhecer — convidou. Sorri, concordando.

Peguei o telefone e disquei o ramal do meu chefe.

— Senhor Young, precisa de alguma ajuda? Estou saindo para almoçar

— informei.

— *Não* — respondeu e bateu o telefone na minha cara.

Fiz uma careta e Bill deu uma risada gostosa.

— Você vai se acostumar. Vamos.

Saímos do prédio e fomos num restaurante coreano, o que achei fofo da parte dele.

Chegando lá, tinha uma mesa repleta de pessoas, em sua maioria homens, todos coordenadores ou gerentes da área comercial, e fiquei feliz por me convidarem.

— Pessoal, essa é a Park, nova assistente de Erik. — Acenei timidamente para todos, mas no fundo estava adorando toda a atenção.

— Você é mesmo japonesa? — um dos homens, loiro e alto, perguntou.

Não pude deixar de notar a semelhança com os traços de Jones, entretanto, este ostentava o cabelo com um corte moderno e meticulosamente penteado para trás com gel, enquanto Jones era mais despojado e deixava os fios longos despenteados num estilo surfista.

— Na verdade, estou mais para coreana — corrigi, sorrindo, e sentei-me ao lado de Bill.

— Uau, isso é maneiro. Você sabe falar coreano? — o mesmo homem perguntou e todos riram. Tive que rir junto, era um tipo fofo de inocência.

Como tinha essa facilidade em fazer amizades, decidi brincar com todos e respondi em coreano mesmo.

— Olá, pessoal, me chamo Park Hyun-ah e tenho vinte e sete anos.

Espero que vocês cuidem de mim nesse ano, mesmo que eu seja coreana e tenha um rosto muito comum para Nova York. — Fiz uma pausa para esconder timidamente o rosto com as mãos, de repente tendo uma ideia louca, já que nenhum deles parecia entender nada do que eu falava. — Se algum de vocês algum dia tentar me apalpar, vou gentilmente arrancar o que vocês têm

de mais precioso e vender no mercado negro — finalizei sorrindo, e todos pareciam impressionados.

Ouvi uma risada gostosa bem atrás de mim e uma das mulheres na mesa acenou em minha direção.

— Erik! Que bom que conseguiu vir. — Engoli em seco.

Olhei para trás a tempo de ver aquele homem maravilhoso sorrir maliciosamente para mim.

— Você é um pouco violenta, não? — ele perguntou, em coreano, no meu ouvido, e tentei não morrer do coração com seu perfume.

Que homem incrível.

— Chefe, o que ela disse? — um outro rapaz, um pouco mais novo, perguntou. Prendi os lábios timidamente.

— Ela se apresentou como normalmente se faz na Coréia do Sul. Disse seu nome, sua idade e pediu que vocês cuidassem dela durante o período que ela vai substituir Laura — disse e me olhou de canto.

Ele tinha salvado minha pele, mas pela sua expressão divertida isso me custaria algo.

Senhor Young se sentou ao meu lado e ajudamos os outros a decidirem seus pedidos, já que eles não entendiam muito bem o que era cada coisa. Foi bem divertido e conversamos animadamente uns com os outros. Senhor Young era o mais calado na mesa, não entendia bem sua personalidade. Mas assim que decorei alguns nomes, já me sentia confiante o bastante para me entrosar com as outras pessoas.

Enquanto voltávamos para o escritório, decidi checar meu *Facebook* e a publicação do show havia repercutido o suficiente para me passarem o número de uma menina que estava vendendo alguns ingressos. Liguei para ela na mesma hora e combinei de mandar um motoboy retirar os dois ingressos que tinha disponível. Devido à urgência, ela me cobrou quase o dobro do valor original, mas não tinha o que ser feito sobre isso.

Fora que senhor Young me reembolsaria depois, então não me preocupei. Comecei a agendar a transferência do valor para a conta da garota pelo aplicativo do meu celular mesmo.

Senti um puxão forte no braço esquerdo e só não caí no chão porque senhor Young me segurou firmemente pela cintura. Ouvi um carro derrapar em seguida e, olhando ao redor, percebi que estava praticamente no meio da rua.

Encarei assustada os olhos escuros e preocupados do meu chefe e podia jurar que o tempo estava passando em câmera lenta. Meu coração estava acelerado pelo susto, mas sentir o cheiro levemente amadeirado com um toque de erva-doce do perfume dele — enquanto me apertava contra seu próprio corpo — trouxe-me as lembranças da noite em que nos conhecemos.

Não podia acreditar que quase esqueci daqueles olhos que não deixaram os meus em nenhum momento.

— *Eu lembrei* — sussurrei em coreano. Senhor Young pareceu confuso por um momento. — Eu me lembrei de onde te conheço.

Sua expressão de dúvida mudou tão rápido que tive a sensação de tê-la imaginado. Ele me afastou e olhou ao redor para nossos colegas que

observavam a cena, preocupados.

Podia jurar que ele havia me reconhecido também, mas fechou a cara rapidamente assim que Bill Jones foi até nós.

— Você está bem? — ele me perguntou, e assenti sem prestar muita atenção. — É perigoso andar assim no celular pela rua. Se não fosse Erik, você teria sido atropelada.

Finalmente entendi a gravidade da situação e me inclinei numa reverência para senhor Young, mordendo o lábio para não falar nenhuma besteira.

— Obrigada por me salvar — agradeci — e me desculpe. Prestarei mais atenção a partir de agora, Jones.

*

Senhor Young me ignorou pelo restante do dia e eu não conseguia decidir se ele estava de fato muito ocupado ou se não queria me ver mesmo.

Fiquei me sentindo uma idiota por aproximadamente uma hora, depois disso resolvi seguir minha vida. No momento certo, conversaríamos melhor.

Tínhamos que, de alguma maneira, conviver diariamente com aquelas

lembranças.

Não era uma situação nova para mim, já que já fiquei com outros colegas de trabalho; a diferença é que normalmente eles adoravam a coisa toda e inclusive queriam repetir, mas eu acabava negando, já que tudo demais é veneno.

Entretanto, abriria uma exceção para o ele. Só de imaginar suas mãos no meu corpo, conseguia perder toda a concentração.

Senhor Young ligou em meu ramal lá para o final da tarde, pedindo que marcasse um bate-papo rápido com Charles e Bill.

Charles era o moço loiro da hora do almoço, então, ao invés de ligar, fui até a mesa de cada um; precisava me mexer um pouco. Os dois vieram logo atrás de mim e deixei que eles entrassem na sala. Ambos se sentaram nas cadeiras em frente à mesa do diretor, que por sua vez parecia bem preocupado enquanto falava.

Novamente, fui pega no flagra, pois os três olharam para mim na mesma hora e tentei disfarçar que estava xeretando. Ainda assim, senhor Young andou até a porta da sala somente para fechar a persiana na minha cara.

Muito educado. Mas eu merecia por não ter sido discreta.

Depois de trinta minutos enfiados na sala, os rapazes saíram e senhor Young seguiu atrás, carregando uma maleta. Charles e Bill pararam na minha mesa, o que pareceu irritar nosso chefe, que revirou os olhos e foi embora sem se despedir.

— Boa noite, Park, até amanhã — disse Bill, e acenei em despedida.

— Por um acaso você tem uma amiga de olhos puxados iguais aos seus?

— Charles perguntou, e vi Bill cutucar o homem na cintura.

Eu só consegui rir com sua pergunta. Ele soava tão inocente, mas no fundo estava começando a imaginar que era tudo encenação.

— Tenho muitas. O que você procura? Japonesa, chinesa, coreana ou tailandesa? — questionei, levantando um dedo para cada opção. Os olhos de Charlie chegaram a brilhar de emoção.

— Ignore esse idiota, ele tem uma noiva linda esperando por ele em casa. Até amanhã, Park — Bill respondeu, e agradeci, dando boa noite para

os dois.

Antes de ir embora, encaminhei um e-mail para senhor Young com todos os compromissos do dia seguinte e o que estava previsto para o restante da semana.

Mordi o lábio, pensando em fazer uma provocação de leve, e coloquei uma observação no e-mail referente à reunião com o banco:

"Senhor Young, preferencialmente venha com roupas fáceis de tirar, pois trarei seu traje para a reunião."

Ri sem acreditar que estava fazendo uma loucura daquelas. Mas não conseguia me controlar, já que ele estava me evitando e eu detestava ser ignorada quando tinha interesse.



Como percebi que a empresa toda se vestia de maneira mais despojada, resolvi me adequar melhor ao perfil. Então, vesti uma calça jeans *flare*, uma camisa de botões perolada de tecido leve, e optei por uma sandália aberta marrom-conhaque, que tinha um salto mais baixo e grosso, para sustentar melhor o peso do corpo. Optei por um relógio discreto prateado e usei meu bom e velho perfume.

Naomi tinha trazido o terno para o apartamento, além de um par de sapatos. Não sabia se senhor Young conseguiria combinar bem as duas coisas, então resolvi prevenir. Ou seja, saí com as mãos lotadas, peguei um táxi até o escritório, deixei a caixa de sapatos e o terno em seu escritório e voltei rapidamente para a rua para comprar o seu café e os jornais.

Voltei literalmente correndo e posicionei o café de um lado e os jornais do outro, como no dia anterior. Quando me virei para voltar para minha mesa, senhor Young estava entrando em sua sala.

Sorri polidamente.

— Bom dia, senhor Young, tudo bom? — cumprimentei, e ele se limitou a olhar bem na minha cara e se sentar sem responder.

Revirei os olhos com a falta de educação não justificada. Estava saindo do escritório quando ele pigarreou, fazendo-me parar segurando a maçaneta.

— Conseguiu os ingressos? — questionou.

— Dois deles e…

Ele me interrompeu.

— Como vou explicar para minha mãe que ela vai ter que escolher somente uma amiga para levar ao show? Elas vão ficar muito tristes —

perguntou sarcasticamente.

— Como eu estava tentando dizer, consegui dois ingressos ontem e hoje pegarei os outros dois — retruquei, e ele me olhou com raiva.

Sorri da forma mais doce que consegui, quem sabe minha expressão fofa não acalmasse a fera? Não custava nada tentar.

— Pode ficar tranquilo que a senhora Young e suas amigas vão aproveitar bem o show — garanti.

— Acho bom — disse, e eu concordei com um aceno rápido antes de sair da sala.

O mais disfarçadamente que consegui, procurei o telefone de Octavio e liguei para ele. Assim que atendeu, parecia muito feliz.

— Preciso de um favor — disse rapidamente.

— Você sempre precisa de um favor quando me liga — Octavio respondeu, e revirei os olhos.

— E eu sempre retribuo os favores que peço. Agora, preciso que você consiga dois ingressos para o show de amanhã da Mariah — instruí.

— É para a dupla da beleza? — perguntou, referindo-se a Naomi e a mim.

— Só consiga os ingressos, mandarei um motoboy retirar depois do almoço — ordenei. Ele riu.

— Adoro seu jeitinho doce — ironizou.

— Vai se ferrar — xinguei e, antes de desligar, ouvi sua risada.

Ele não era mau, nem nada disso, só ficava me atormentando por semanas quando pedia algum favor. No final, saíamos para jantar e só. Ele me achava exótica, se é que isso faz sentido. Octavio apenas gostava de andar comigo por aí.

Senhor Young passou boa parte da manhã na sala de reuniões que ficava no lado oposto ao seu escritório com os envolvidos na negociação do *Grencyal Bank*; ele queria se inteirar melhor sobre o caso. Como uma boa assistente, fiquei prestando atenção em todos os detalhes e anotei algumas informações que considerei interessantes. Percebi muitos pontos a melhorar em toda a negociação, mas não mencionei isso, e só o faria se aquilo fosse prejudicar a negociação em algum momento.

Quando finalmente estava dando o horário para irmos ao almoço com o diretor comercial do banco, toquei de leve o braço de senhor Young para avisá-lo. O homem quase pulou da cadeira para se afastar do meu toque.

Não consegui entender nada… Em um dia, a gente transa loucamente no banheiro de uma boate; no outro, ele não consegue nem ser tocado por mim?

Ao voltarmos à sua sala, me ofereci para ajudá-lo a se trocar, literalmente. Mas ele me direcionou um olhar mortífero antes de fechar as cortinas, e revirei os olhos. Alguns minutos depois, ele me gritou de dentro da sala e entrei quase saltitante, mas tentei não demonstrar minha excitação.

Infelizmente, ele já estava vestido.

— Não consigo fazer isso — senhor Young disse, mostrando-me a

gravata que Naomi sabiamente escolheu.

Gentilmente, peguei o acessório de sua mão e a passei ao redor de seu pescoço. Ele olhou para o lado e percebi que não queria me encarar. Abotoei o último botão de sua camisa e, novamente, ele se afastou quando meus dedos tocaram seu pescoço.

— Está fugindo de mim, senhor Young? — perguntei, e ele bufou.

— Por que fugiria de você? — perguntou retoricamente, e me segurei para não sorrir.

— Porque o senhor se lembrou de mim, de onde nós nos conhecemos…

— sussurrei em coreano, e ele engoliu em seco.

Terminei o nó em sua gravata e alisei o tecido sedoso, aproveitando a oportunidade para deslizar os dedos sobre seu abdômen delicadamente.

Senhor Young finalmente olhou nos meus olhos, e sorri docemente para ele.

Meu chefe estava visivelmente incomodado com a situação.

— Eu não sei do que você está falando — afirmou incisivamente.

Umedeci os lábios antes de respondê-lo.

— Posso te ajudar a lembrar, se quiser — ofereci, novamente em coreano.

O homem segurou minha mão somente para tirá-la de perto de si e afastou-se.

— Senhorita Park, quero que entenda que não sei do que você está falando — retrucou firmemente. — E por que diabos você continua falando comigo em coreano? — perguntou irritado.

— Porque ninguém precisa saber sobre isso — expliquei, sentindo um mau humor repentino.

Por que ele estava me afastando? Que homem no mundo não gostaria de ter um segredinho com a assistente?

— Eu vou repetir quantas vezes forem necessárias: não sei do que você está falando — disse pausadamente.

— Então por que continua me respondendo em coreano? — perguntei.

Ele fechou os olhos, claramente irritado.

Tentei não me importar com a energia negativa que fluía em minha direção e resolvi fazer o que fazia de melhor na vida.

— É melhor irmos agora para a reunião. Os outros estão nos esperando, senhor Young — falei em inglês, muito educadamente.

O homem continuava uma fera, mas ao menos não me demitiria hoje.

Deixei a sala sem que ele me dispensasse e peguei minha bolsa para encontrar os demais no hall do andar. Tomamos um táxi até o restaurante que Jane, a secretária do diretor do banco, e eu escolhemos.

*

Inicialmente, tínhamos reservado cinco lugares, mas no último minuto Jane me ligou informando que outros dois funcionários do banco decidiram participar da reunião. Como já estávamos próximos ao restaurante, me ofereci para resolver a questão. Numa rápida conversa com o gerente, consegui que incluíssem mais um lugar na mesa. Como o restaurante estava lotado naquele dia, questionei se Jane se importaria em almoçar comigo no restaurante ao lado. Ela concordou prontamente, e teria tempo para entender o porquê de essa negociação não andar.

Ao contrário do que muitos pudessem imaginar, assistentes e secretárias competentes sabem tudo sobre o negócio da empresa, o porquê de as coisas

acontecerem ou deixar de acontecer. Jane era uma cinquentona ruiva de olhar doce e, pelo que ouvi dizer, as ruivas sabem de tudo.

Foi bem divertido almoçar com ela, enquanto os homens engravatados cuidavam da parte chata do processo. Jane não quis abrir muito o jogo, mas deu a entender que estávamos tentando demais, sendo que tinham muitas coisas que nem eles haviam decidido.

O resto daquele dia foi bizarro, já que meu chefe não conseguia manter contato visual comigo por mais de três segundos. O pior disso tudo era que ele teve a coragem de dizer que não se lembrava de mim.

Como alguém que não lembrava de outro alguém agia dessa maneira?

No final da tarde, entreguei todos os ingressos do show ao meu patrão antes de ir embora. Finalizei aquele dia chorando as pitangas para Naomi, que ouviu tudo, enquanto fazia carinho em minha cabeça deitada em seu colo no sofá.



Os primeiros dias de trabalho foram tranquilos e até divertidos, já que atormentei um pouco senhor Young. Entretanto, em determinado momento, ele começou a mostrar o chefão bizarro do qual Laura tinha avisado.

No restante daquela semana, tive que resolver problemas da área inteira: alguns analistas estavam insatisfeitos, então marquei reuniões de quinze minutos para cada um com senhor Young. Ou seja, ele passava o dia todo conversando com alguém e eu também tinha que conversar, já que alguns deles saíam arrasados da sala.

Logo após o show da Mariah, ele me entregou negativos para, *choquem*, revelar as fotos.

Em pleno século vinte e um, quem revela fotos? Depois, lembrei que senhora Young deve ser uma senhorinha lá para seus sessenta anos de idade, então perdoei.

Também não pude evitar a curiosidade em xeretar as fotos que, curiosamente, só mostravam três mulheres asiáticas posando; duas senhorinhas e a outra era mais nova e bonita do que eu estava esperando.

Meu palpite inicial era de que era irmã do meu chefinho ou uma pretendente de sua mãe para ser sua namorada, como nos doramas de comédia romântica.

Tive que organizar todo o estoque de materiais de escritório da área, porque aparentemente os auxiliares administrativos estavam muito ocupados com as últimas remessas de contratos.

Então, ele começou a sessão de ligar para várias pessoas que eu não tinha ideia de quem eram para resolver coisas das quais nunca tinha ouvido falar.

Basicamente, passei a semana toda revirando o sistema atrás de pessoas para ligar, carregando caixas, organizando mesas e bancando a psicóloga daqueles pobrezinhos que saiam da sala de senhor Young depois de seus *one-on-one*.

Era meu trabalho? Talvez não, mas não poderia reclamar, já que passar o dia todo me movimentando era a única coisa que distraía minha cabeça de olhar para o meu chefe e lembrar de quando ficamos juntos naquela boate há alguns meses.

Na sexta-feira, Jones me convidou para o *happy hour* da área. Nós tivemos que conversar muito nos últimos dias, então já tínhamos almoçado juntos algumas vezes, e em outras ficamos horas em reuniões em que Senhor Young fazia longos discursos dos quais todos queriam fugir, mas não podiam

por razões óbvias.

Perto do horário para sair da empresa e seguirmos para o *happy hour*, senhor Young me chamou em sua sala. Sentado confortavelmente em sua cadeira presidente reclinável, ele girava uma bola de futebol americano, e sua testa enrugada demonstrava preocupação.

— Preciso de um relatório atualizado das avaliações de desempenho da área — disse devagar, e acenei concordando.

— Das duas últimas? — questionei, e ele riu sem humor.

— Quero um panorama completo, então preciso de todas as avaliações desde que estou gerenciando a área — explicou. Concordei, pois fazia sentido.

— Então, avaliações de desempenho dos últimos cinco anos… Ok. Tudo certo, senhor Young — informei. No mesmo instante, Jones bateu na porta da sala e meu chefe fez um gesto para que ele entrasse.

— Já estamos indo, vocês vêm? — Jones perguntou. Confirmei, sorrindo.

— Ainda preciso terminar algumas coisas por aqui, mas me mande o endereço que tento passar por lá — senhor Young respondeu, e Bill arregalou os olhos.

— Sei… Conheço essa história — respondeu bem-humorado. — Vamos indo, Park?

— Park não vai conseguir ir agora, Bill — meu chefe respondeu friamente. — Ela precisa me entregar um relatório ainda hoje e nem sequer saiu do lugar — explicou, e o olhei, descrente no que acabara de ouvir.

— O relatório é para hoje? De cinco anos da área toda? — perguntei, cética.

Ele sorriu amarelo.

— Não vai conseguir fazer? — ironizou, e mordi o lábio inferior para não gritar com o homem sentado à minha frente.

Desejei enfiar a bola que ele segurava em um lugar não muito bacana.

— Vou me esforçar para entregar ainda hoje, senhor Young. — disse,

virando-me para sair da sala. — Vamos deixar para a próxima, ok? —

sussurrei para Jones e, antes de sair, ele piscou para mim em cumplicidade.

Primeiro, tive que correr até o RH, três andares abaixo. Por ser horário de saída, os elevadores estavam lotados, então desci pelas escadas mesmo.

Tinha convicção de que não conseguiria entregar o relatório naquele dia, ainda mais levando em consideração que já passavam das seis da noite, mas não poderia deixar de tentar.

Quando cheguei no RH, só tinham duas ou três pessoas e, como aquele não parecia ser meu dia de sorte, nenhuma delas conseguiria me dar um acesso à plataforma para extrair as últimas avaliações.

Respirei fundo antes de ligar para Laura, pois infelizmente ela era a única pessoa com um acesso e eu precisava muito dele.

— *Ele me pediu um relatório assim há alguns meses, vou procurar os dados de acesso para te mandar* — Laura respondeu depois de ouvir o que eu precisava.

— Quando senhor Young diz que quer isso para hoje, ele não quer dizer de verdade, certo? É mais para enfatizar a importância do que pediu, né? —

perguntei, voltando pelas escadas até o meu andar.

Laura bufou do outro lado da linha e pude imaginar seus olhos azuis revirando.

— *Se o homem pediu para hoje, é porque ele quer ler isso hoje, Park.*

Você não deu ouvidos para nada do que te falei? — perguntou impaciente.

Choraminguei enquanto me sentava em minha mesa e abria meu e-mail para checar o acesso que Laura tinha mandado.

— Eu dei ouvidos, mas me chamaram para o *happy hour* e tive que cancelar com Jones no último segundo — comentei e vi que ela tinha me encaminhado os dados. — Onde eu consigo tirar o relatório?

— *Você vai perder noventa e oito por cento das confraternizações e é melhor ir se acostumando. Sobre o sistema, não me lembro, ele é bem intuitivo. Agora me deixe em paz* — disse rispidamente. Suspirei.

— Aposto que o bebê está te matando — comentei, e ela riu.

— *Sim, tudo o que esse bebê faz é me matar. Agora, vai fazer a porra do*

relatório. Tchau — disse, desligando sem esperar eu me despedir.

Dei de ombros, já que não sabia quão difícil era estar grávida, e fiz o que tinha que fazer.

O sistema era mesmo muito intuitivo e só precisei ajustar alguns filtros para conseguir o que queria.

Ele tinha vários relatórios prontos, mas, como eu sempre fui profissional demais para confiar em sistemas, literalmente comecei a separar e classificar as informações mais relevantes sobre cada divisão da área, cada funcionário, cada trajeto de carreira e tudo o mais que fui percebendo como necessário.

Em determinado momento, já nem ligava mais para o fato de estar lá trabalhando; era muito interessante ver a evolução de cada um. Tentei não bisbilhotar muito o perfil das pessoas que já conhecia melhor, mas foi inevitável.

Bill era muito bom, resultados excelentes, realmente destaque na área e mereceu o cargo em que estava. Charles já era mais sútil, mas tinha um

crescimento visível, apesar de ter vários escorregões que achei compreensíveis; nenhuma carreira era perfeita.

Eu já estava no modo automático, então levei um susto ao perceber que estava carregando o notebook numa das mãos enquanto lia o relatório em frente à máquina de café. Pisquei várias vezes para me localizar novamente e dei um bom gole no café amargo para me manter alerta, voltando para a mesa logo em seguida para continuar de onde havia parado.

Só faltavam dois anos. Eu conseguiria acabar em poucas horas, se tudo desse certo.

Por volta das onze e meia, eu já começava a ler o último ano de avaliações quando meu telefone tocou. Era da recepção avisando que minha entrega havia chegado.

Estranhei, já que não havia feito nenhum pedido, e então me arrisquei a olhar para a sala do senhor Young apenas para ver o cômodo vazio e escuro.

Por um momento, fiquei triste; não havia percebido que ele fora embora e nem pude me despedir.

Então, resolvi descer até o saguão apenas para checar o que poderia ser.

A recepcionista prontamente me entregou uma sacola de papel que exalava um cheiro maravilhoso de comida e estampava o nome de um restaurante chinês. Comi na minha mesa mesmo, pois precisava finalizar o quanto antes, mas não pude deixar de suspirar de felicidade com o gosto do yakissoba que tinha magicamente recebido no meio da noite.

Às duas e treze da manhã, conferi pela segunda vez o relatório e o e-mail digitado antes de pressionar o botão de enviar para senhor Young.

Já estava bocejando e coçando os olhos para afastar o sono ao descer pelo elevador para ir embora. Ouvi meu celular tocar e imaginei que Naomi estava preocupada, já que não havia avisado sobre chegar tarde.

— Já estou indo para casa — disse assim que atendi a ligação. Houve uma pausa longa sem resposta alguma. — Naomi? — perguntei, achando

estranho.

— *Mandei um motorista te levar para casa, ele já deve estar na frente do prédio* — respondeu uma voz rouca e profunda que fez com que eu acordasse completamente.

Olhei para o visor do celular apenas para confirmar que não era sonho, mas que meu chefe estava me ligando de madrugada.

— Senhor Young? — perguntei, ainda sem acreditar que ele estava me ligando.

— *Quem mais seria?* — ele perguntou, e ri.

— Eu imaginaria qualquer pessoa, menos o senhor. Ainda não foi dormir? — perguntei. Talvez o sono tivesse feito com que perdesse um pouco da noção do perigo.

— *Como eu conseguiria dormir se estava esperando você me mandar o relatório?* — perguntou, sério, e mordi o lábio para não demonstrar o quanto sua ligação estava me abalando.

— O senhor me mandou comida? — perguntei com uma animação repentina, enquanto atravessava o saguão em direção à rua.

— *Bill te mandou comida, eu apenas paguei por ela* — respondeu, quebrando toda a magia do momento. Estava uma delícia imaginar que ele havia se preocupado comigo. — *Apenas vá para casa logo, Naomi deve estar*

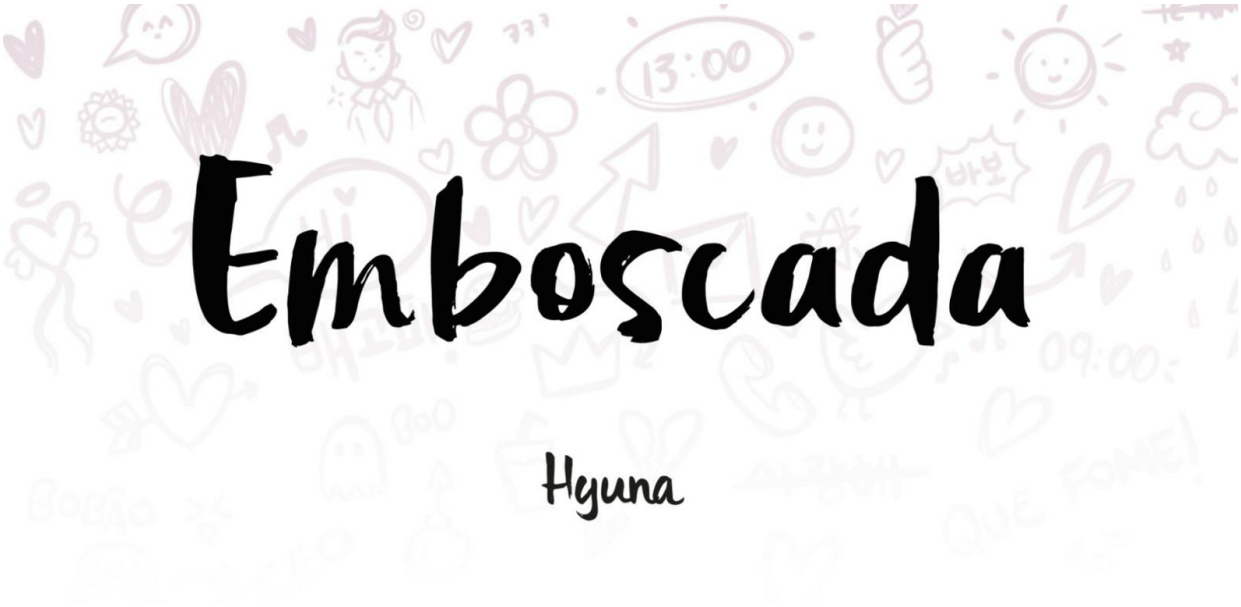
preocupada — instruiu, dando uma ênfase engraçada ao nome da minha melhor amiga.

— Sim, senhor. Até segunda-feira, senhor Young — respondi, sorrindo.

— *Até* — disse a contragosto e desligou a ligação.

Essa havia sido uma noite divertida e não conseguia evitar de imaginar que ele havia pedido a comida pessoalmente. Mesmo parecendo algo que Jones

faria, não queria quebrar o momento. Se senhor Young se preocupasse com algo assim, a possibilidade de conseguir mais um ou outro momento divertido com ele aumentava consideravelmente. E só de pensar nisso, me sentia animada.



Naomi e eu estávamos conversando pelo telefone enquanto eu corria até uma farmácia para comprar alguns remédios para senhor Young. Ele não aparentava estar doente, mas me deu a receita e disse que era uma emergência; eu só tinha que obedecer.

— *Eu não acredito que você está trabalhando em um domingo, de novo*

— ela reclamou.

— É o meu emprego, não tenho muito o que fazer sobre isso —

respondi, entrando na farmácia.

Ao entregar a receita para o farmacêutico, ele foi pegar os remédios de prontidão.

— *Você poderia colocar alguns limites* — sugeriu.

— Não posso, assinei um contrato de que, durante um ano, estaria vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, totalmente disponível para qualquer coisa que senhor Young precise. Eu assinei essa merda, Naomi, não posso reclamar agora — retruquei impaciente.

— *Você só não reclama porque está de quatro pelo homem. Acorda, Hyuna. Em algum momento, você vai desistir dele e vai se arrepender de ter perdido seu merecido descanso.* — Naomi finalizou sua bronca com um suspiro cansado. — *Só não quero que você perca oportunidades por causa de uma pessoa que está há um tempão fingindo que não te conhece*.

Respirei fundo antes de responder qualquer coisa, afinal, o estilo exigente do senhor Young no trabalho não me incomodava tanto, o que me matava era sua cara de pau de agir como se não lembrasse de mim e do momento sensacional que tivemos juntos.

Eu conseguia entender o afastamento: nós tínhamos ficado juntos e, algum tempo depois, me tornei sua subordinada para um cargo de confiança.

Então basicamente ele estava numa saia justa. Ainda assim, estava frustrada, pois ele nem admitia que lembrava de mim; se fizesse ao menos isso e cortasse todas as esperanças de uma segunda diversão, talvez eu conseguisse seguir minha vida.

— Amiga, preciso desligar. Vou tentar chegar cedo em casa — despedi-me de Naomi e fui pagar os remédios.

Encaminhei uma mensagem para senhor Young para confirmar para onde levaria o remédio. Ele respondeu com um endereço que passei para o taxista. O táxi deixou Manhattan em direção ao Brooklyn e parou em frente a um conjunto de apartamentos de dois andares de tijolos avermelhados. Cada janela ostentava flores delicadas e pequenas samambaias se espreguiçavam alguns centímetros abaixo do peitoril.

Subi os degraus da entrada e pressionei o botão do interfone. Uma mulher atendeu e respondi rapidamente quem eu era, então, em alguns segundos, ouvi um clique baixo e o portão se abriu para que pudesse entrar.

Surpreendi-me ao perceber que o hall do pequeno prédio, na verdade, era totalmente amplo, com todos os lugares que seriam divisórias de apartamentos abertas, fazendo uma única grande casa no centro do Brooklin.

O lugar tinha um cheiro leve de erva-doce e incenso; o assoalho de madeira de carvalho escuro estava bem polido e refletia cada pequeno lustre na sala ampla.

Os móveis eram todos escuros, pesados, e davam uma sensação de conforto que quase não se via nas casas hoje em dia. As paredes e móveis ostentavam vários porta-retratos com fotos de crianças e de paisagens. Uma família sorridente estava na maior foto do cômodo, sobre a lareira imponente.

— Senhorita Park? — Ouvi uma voz doce chamar e me virei em sua direção.

Uma senhora asiática de cabelos curtos e grisalhos sorria, sustentando um pequeno óculos de grau na ponta do nariz.

— Olá, muito prazer. — Sorri timidamente e, dada a idade da senhora, preferi fazer uma reverência sutil a oferecer a mão para um aperto.

Era difícil de explicar, mas, sendo oriental, estar em frente a uma mulher mais velha exigia máximo respeito. Mesmo que ela estivesse nos Estados Unidos, isso não me faria mudar o comportamento que havia aprendido desde pequena. A senhora sorriu amplamente em retorno.

— Sou Akemi Young, mãe de Erik. E o prazer é todo meu em receber uma moça tão educada em minha casa — disse. Tentei não surtar.

Ela era a mãe do meu chefe todo-poderoso. senhora Akemi me pegou pelo braço, encaixando-nos pelos cotovelos enquanto me arrastava através da sala, na direção que imaginei ser a cozinha.

— Senhor Young está doente? Eu trouxe os remédios que ele me pediu… — perguntei educadamente. A senhora riu, mas seu sorriso não alcançou seus olhos.

— Ele está ótimo, os remédios não são para ele — respondeu. — Sente-se um pouco, vou preparar um chá enquanto o aguardamos voltar.

Concordei e me sentei na banqueta da ilha de mármore bem no meio da cozinha. Fiquei momentaneamente confusa, se os remédios não eram para ele, para quem eram?

— Senhorita Park, é da Coreia? — ela perguntou, enchendo a chaleira com água.

— Meus pais são, eu nasci aqui, mas morei por muitos anos na Coreia do Sul — expliquei rapidamente.

— Consegue falar em coreano? — perguntou em coreano, e sorri.

— Sim — respondi em coreano. — Posso falar em japonês também, se a senhora preferir — ofereci, e ela sorriu de volta.

— Já faz algum tempo que não converso na minha língua natal —

senhora Young respondeu em japonês alto e claro, e agradeci aos céus por ter me esforçado para aprender a língua.

— Senhor Young não fala japonês? — questionei, pois realmente não sabia a resposta.

— Ele fala, sim, mas prefere falar a língua daqui. Às vezes acho que ele quer fugir do nosso passado, mas é um alívio conversar com alguém além da família, faz bem para a nossa alma.

Concordei com um gesto. Ela serviu o chá para nós duas e se sentou ao meu lado. Por alguns momentos, não tínhamos mais o que falar, então tive que improvisar.

— E como foi o show da Mariah? A senhora se divertiu? — perguntei, tentando ao máximo não parecer intrometida, mas eu quase havia sido atropelada para que a senhorinha ao lado pudesse ver uma diva do pop.

— Foi ótimo! Nós nos divertimos muito. Erik não conseguia parar de cantar as músicas em nenhum segundo — ela disse, animada, e tentei não rir.

— Ele e a irmã gostam muito, mas sempre vou acompanhar por causa da condição de Mayumi — explicou, e tentei não me perder com o nome novo na narrativa.

— Mayumi? — questionei, e senhora Young suspirou preocupada.

— É a irmã mais nova de Erik. Logo os dois chegarão e você poderá conhecê-la. Infelizmente, numa situação não muito boa — disse, dando um

gole no chá, e imitei o gesto.

Não sabia nada sobre a vida pessoal do meu chefe, mas sua mãe era um amor e, ao que parecia, sua irmã não estava muito bem. O que me fez ficar com o coração pesado. Será que ele estava passando por um momento difícil por todo esse tempo? Talvez meu jeitinho sutil de dar em cima do meu chefe tenha sido em vão por problemas em casa? Isso significava que, se o momento em questão melhorasse, talvez eu pudesse me dar melhor nas investidas e conseguir novamente um momento mais… *íntimo* com ele.

Esse pensamento egoísta acendeu uma pequena centelha de esperança no meu corpo cheio de hormônios loucos por atividade sexual com o *plus* da ideia de senhor Young ser meu chefe inalcançável. Era um prato cheio para uma mulher que estava há quase dois meses sem ir para a cama com ninguém.

Algum tempo depois, ouvi passos pesados que seguiram até a direção em que estávamos. Virei-me a tempo de ver senhor Young vestindo um moletom esportivo, calça preta e tênis de corrida. Sua expressão estava leve até que ele pousou os olhos em mim, quando eles escureceram no mesmo segundo.

Foi perceptível o quanto ele se incomodou com minha presença.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou rispidamente, e me levantei da banqueta num salto.

— Ela veio trazer os remédios e a convidei para um chá — senhora Young respondeu e, por sua expressão calma, parecia não ter percebido o clima que preenchia o lugar.

— Onde estão os remédios? — perguntou. Retirei a sacola da farmácia de dentro de minha bolsa posicionando na bancada de mármore.

Ele atravessou o cômodo e abriu um dos armários, pegando um copo.

Após enchê-lo de água, tirou a sacola da minha frente, irritado, e entregou para sua mãe.

— A senhora leva isso lá para cima. E você vem comigo — disse para mim. Saí logo atrás dele. Parei apenas para fazer uma reverência rápida para senhora Young e agradecer pelo chá.

Senhor Young estava na porta da casa aguardando-me e segui até lá pisando em ovos. Não sabia o que tinha feito de errado para receber o olhar mortal que ele me dirigia, mas me impedi de agir como uma medrosa e parei na soleira da porta, a alguns centímetros de distância, e o olhei diretamente.

Até porque, como dizia aquele velho ditado, cara feia para mim era fome.

— Pedi para você comprar remédios e não para virar melhor amiga da minha mãe — reclamou, cruzando os braços.

— Eu os comprei e os trouxe até aqui, mas senhora Young praticamente me carregou até a cozinha, não achei que fosse educado recusar — expliquei, e sua boca se contorceu em algo que deveria ser um sorriso, mas foi bizarro.

— É a cara dela fazer algo assim — sussurrou. — Mas isso não vai se repetir, foi uma emergência.

Apertei os lábios, concordando com um aceno.

Enrolei uma mecha de cabelo ao redor do dedo indicador, de repente querendo amolecer um pouco sua expressão arredia.

— O senhor está com fome? — perguntei inocentemente e seus olhos se acenderam por um segundo, mas a desconfiança logo tomou lugar.

— Por que quer saber?

— Ainda não almocei, ia perguntar se gostaria de ir comigo — disse devagar, testando sua reação.

Cada músculo de seu corpo pareceu se retesar com a proposta. Porém, eu precisava tentar. Aquele homem maravilhoso, com cara de bravo em um moletom da moda era uma imagem que só poderia melhorar atrás de um bom prato de comida.

Poderia ser um tipo bizarro de constatação, mas dava para saber muitas coisas sobre uma pessoa pela forma que ela comia. Senhor Young comeu em minha frente muitas vezes esse mês e pude perceber que grande parte de sua postura era montada. Quando ele comia, se tornava mais leve e menos preocupado.

— Tem um restaurante ótimo a alguns quarteirões — sugeri, mas sua expressão fechada parecia decidida a me ignorar. Suspirei, perdendo a

paciência. — Tenho um metro e sessenta e dois, não precisa sentir medo de alguém que é a metade do seu tamanho, senhor Young.

Ele revirou os olhos.

— Não tenho medo de você, Park — respondeu a contragosto, e abri um sorriso.

— Então nós vamos comer como bons colegas de trabalho que acabaram se encontrando por um acaso num domingo chuvoso — instruí, sem abrir espaço para que ele pudesse retrucar.

Dei alguns passos em direção ao portão e olhei para trás para vê-lo ainda parado na soleira. Ergui as sobrancelhas em expectativa. Senhor Young respirou fundo, olhando para o céu como se ele estivesse fazendo a coisa mais irritante do mundo, e sorri animadamente quando fechou a porta e se juntou a mim em direção à rua.

No caminho, não falamos muito. Ele meteu a mão no bolso da calça e ficou de cara fechada até chegarmos no lugar.

O restaurante era pequeno e aconchegante, uma hamburgueria tradicional e familiar que conheci numa dessas noitadas com Naomi. Até porque sair da animação da balada no meio da noite dava muita fome e geralmente só coisas gordurosas pareciam repor as energias.

Escolhemos calmamente e, assim que a garçonete saiu de perto, senhor Young se encostou no estofado do banco e cruzou os braços, encarando o lado de fora através da janela.

Revirei os olhos, pois era uma atitude bastante infantil de sua parte.

— Por que o senhor faz isso? — questionei.

Senhor Young me olhou com a testa enrugada de curiosidade.

Alguma coisa em sua expressão fez com que eu me sentisse momentaneamente tímida. Era a expressão mais fofa que já havia o visto fazer. Tentei me recompor o quanto antes, mas sabia que deveria estar parecendo uma adolescente boba.

— Faço o quê? — ele perguntou.

— Em primeiro lugar, finge que não se lembra de mim — respondi, e

ele retorceu a boca.

— Você vai começar com esse assunto de novo? Já disse que não sei do que você está falando — reclamou impaciente, e apoiei o rosto no meu punho fechado, olhando-o com um biquinho mimado.

— Nós dois sabemos que isso é mentira — retruquei. — Se o senhor não se lembrasse de mim, não me evitaria como vem fazendo.

— Não te evito — disse dando de ombros.

— Conversei com Laura esses dias e ela me disse que o senhor não agia dessa maneira com ela.

Ele arregalou os olhos.

— Eu não vou tratar as duas da mesma maneira, nunca. Trabalho com Laura há anos e confio muito nela, mas você acabou de chegar e deveria saber que confiança é algo que se conquista, Park.

Concordei com um aceno.

— Tudo bem, o senhor está certo sobre isso, consigo ver o seu ponto aqui. O problema é: você não precisa pisar em ovos ao meu redor e nem precisa me ignorar só porque nós *tivemos* algo — disse enfatizando a última parte, porque a coisa toda realmente estava me incomodando. — Até porque não dava para saber que trabalharíamos juntos.

Senhor Young massageou a testa enrugada, muito incomodado com tudo o que eu estava falando, mas isso não me impediu de continuar:

— Eu também gostaria de agir como se nada tivesse acontecido entre nós e apenas seguir minha vida sem lembrar que daquilo, mas não posso fazer isso. Eu não consigo te esquecer nem por um segundo — admiti, fechando os olhos para me acalmar por um segundo, sentindo-me estranhamente incomodada com minhas próprias palavras.

— Por que você não pode? — perguntou, diminuindo um pouco o tom de sua voz, e isso me fez abrir os olhos para encará-lo. Ele estava novamente com a testa enrugada, verdadeiramente curioso e não questionando só para me desarmar.

Era a porra da expressão mais sexy e fofa que aquele homem me dirigiu desde o dia da boate.

— Pode parecer loucura, mas o que aconteceu naquele dia foi…

diferente. — Mordi o lábio inferior, tentando formular uma maneira de explicar melhor. — O que quero dizer é que não sou uma asiática frígida atrás de um romance digno de novela e nem nada do tipo, mas aquilo foi incrível, foi como se você já me *conhecesse completamente*… Juro que vou entender e não vou ficar chateada caso não tenha sido da mesma forma para você, também não vou ficar perdidamente apaixonada porque esse nem é o meu estilo, porém é muito frustrante saber o que aconteceu e ser tratada como louca. Mereço mais do que isso, senhor Young.

O diretor engoliu em seco e cruzou os braços sobre a barriga, mas sua expressão de desconfiança continuava lá sem razão nenhuma. Mesmo depois de me abrir e admitir algo que não conseguia explicar nem para Naomi.

— Sinceramente, não sei mais o que fazer para o senhor entender o que quero — confessei, começando a sentir o efeito da desistência.

— O que você quer de mim, Park? — perguntou exasperado, e o encarei com repentina esperança.

— Quero que você admita que me conhece, que lembra de mim e do que tivemos. *Só isso*. Se o fizer, eu prometo que te deixo em paz, nada mais de tentar te tocar sem sua permissão. Prometo me comportar e vamos apenas seguir em frente com nossas vidas, o senhor me trata como todos os outros funcionários e eu vou te tratar apenas como meu chefe. E vamos, juntos, deixar o que houve para trás — ofereci com firmeza.

Tão firme que até me assustei com quão convincente havia soado.

Estava tão ansiosa para que ele admitisse que não me importava de perder uma oportunidade, só precisava daquela confirmação para poder dormir melhor à noite e trabalhar tranquilamente durante o dia.

Senhor Young me olhou desconfiado, analisando cada parte do meu rosto, e isso estava me deixando impaciente e levemente excitada. Então ele precisava parar logo com aquilo.

Percebi que seus punhos estavam cerrados e imaginei que ele precisava pensar em muitas hipóteses para fazer o que eu queria. O que não deveria ser tão difícil, né?

Finalmente, ele chiou com raiva e apoiou uma das mãos na mesa para

gesticular melhor.

— Não tenho cem por cento de certeza se te conheço — admitiu, e eu abri a boca para protestar, entretanto senhor Young ergueu seu indicador e apertei os lábios fechados. — A sua história bate com algo que… Algo que

aconteceu comigo, mas você é muito diferente da pessoa me lembro e por isso não pude admitir nada.

Concordei com um aceno e abri a bolsa, procurando por meu celular.

Acessei a galeria e rolei as fotos para mais ou menos a época em que tudo aconteceu. Por uma má sorte gigante, nesse dia em específico Naomi e eu não havíamos tirado fotos. Mas tinha uma outra com uma roupa parecida, então selecionei a imagem e deslizei o aparelho pela mesa até o senhor Young, que pegou o celular na mão para olhar.

— Essa foto é de alguns dias antes de nos conhecermos, mas como a roupa é parecida, fica mais fácil de lembrar, já que estou com o cabelo loiro

— disse. Ele olhava do celular para mim sem parar. — Nós nos conhecemos naquela boate grande da sétima avenida, se o senhor preferir eu posso descrever como tudo aconteceu, em detalhes — ofereci, e ele me dirigiu um olhar irritado, então cancelei a descrição detalhada. Mas acabei rindo de sua expressão e ele fez o mesmo.

— Ok, Park, você venceu. Nós nos conhecemos antes de você vir trabalhar comigo. Agora, por favor, podemos acabar com esse assunto constrangedor e seguir em frente? — pediu, inclinando-se sobre a mesa para falar mais perto de mim. Sorri, concordando.

— Só mais uma coisa: foi bom para você? — Perguntei enquanto batia os pés ansiosamente no chão e mordiscava o cantinho do meu esmalte. Meu chefe revirou os olhos sorrindo abertamente.

— Foi bom, Park. — Sintetizou, mas ao ver meu olhar decepcionado abaixou ainda mais o tom de voz, quase num sussurro. — Foi *revelador* —

admitiu e voltou a se encostar no banco estofado.

Dei um sorriso contido, no entanto, tudo o que eu queria era gritar vitoriosa.

Em tempo, a garçonete chegou com nosso pedido e, assim que Senhor Young deu um bom gole em seu refrigerante, meu lado perverso quis atacar.

Prometi a mim mesma que seria a última vez que tentaria uma loucura dessas.

Caso fosse um não, eu seguiria em frente numa boa, afinal, já havia conseguido exatamente o que queria.

— O senhor quer repetir a dose? — ofereci, e o homem se engasgou, cuspindo um pouco de refrigerante. Caí na risada. — Estou brincando! Foi só para descontrair, não aguento ficar séria por muito tempo! — avisei, e ele pareceu relaxar.

— Que susto, Park. Que susto — ele disse, e continuei rindo com essa imagem deliciosa que era o invencível senhor Young comendo e sorrindo bem na minha frente.

Não pude evitar de incentivar a pequena centelha de esperança que ele havia deixado acesa, afinal, não havia recusado.



Queria muito dizer que a relação entre senhor Young e eu mudou completamente, mas, para ser honesta, ele só tinha perdido o medo de mim, o que significava duas coisas.

Primeira: agora que ele não tinha mais que me evitar, então o homem estava preenchendo cada hora e minuto do meu dia com funções que nunca pensei que uma assistente deveria cuidar.

O que nos leva ao segundo ponto: eu estava cem por cento envolvida nos maiores casos da empresa, o que me tornava uma fonte de informações que sintetiza perfeitamente todas as dúvidas do meu chefe toda vez que ele precisava saber de algo.

Ainda estávamos com o grande impasse do *Grencyal Bank*, em que o contrato viajava da Flórida para Nova Iorque o tempo todo. A cada viagem, eles mudavam vários pontos contratuais que não faziam o menor sentido, e é óbvio que isso deixava todos loucos, inclusive senhor Young, que estava pressionando o time todo para que esse negócio saísse o quanto antes do papel.

Por isso, ele pediu que convocasse todas as pessoas diretamente envolvidas no caso para uma reunião. Isso significava que Jones e mais um de seus executivos estavam na sala, assim como Spencer e Victor, do jurídico, além de Emilly, da divisão de engenharia.

Todos já estavam apreensivos na sala, aguardando senhor Young. Como meu chefe havia marcado no primeiro horário do dia, tive que me desdobrar para trazer dois cafés para ele. Deixei um em sua sala como de costume e levei outro para a sala de reunião; talvez isso acalmasse um pouco a fera.

Quando o diretor finalmente chegou, largou algumas pastas sobre a mesa audivelmente e, de punhos cerrados, apoiou o peso do corpo sobre o tampão de vidro, encarando cada um de nós com a expressão fechada.

— Algum de vocês pode me explicar por que estamos há quase um ano negociando com eles? — perguntou de forma dura.

Todos na sala se entreolharam e Jones suspirou, tomando iniciativa.

— Sinceramente? Não tenho ideia. As empresas geralmente aceitam qualquer proposta que fizermos, esse é o lado positivo de ostentar o nome *Thousand Corp*. Mas eles não estão só negociando, parece que estão propositalmente dificultando o processo — Jones respondeu, cansado.

— Isso é verdade. Na semana passada, eles enviaram as novas alterações contratuais e eram absurdas. Quiseram mudar novamente a estrutura de

precificação dos materiais, quando já tínhamos alinhado pelo menos cinco vezes que era um valor tabelado e que já não havia lucros calculados —

Spencer pontuou, e senhor Young começou a andar pela sala vagarosamente.

— Ontem, eles recusaram novamente o projeto estrutural, sendo que conseguimos adaptar todas as alterações que solicitaram. Eu montei o melhor time para esse projeto, já estava perfeito e qualquer especialista confirmaria isso. Com todas as alterações, fico assustada com a possibilidade de mudarmos todo o estilo que eles buscavam inicialmente — Emilly disse com preocupação.

Senhor Young continuava andando de um lado para o outro, absorvendo todas as informações.

— As coisas já não estão fazendo sentido. Estamos gastando muitos recursos para agradar pessoas que não temos confiança de que vão fechar conosco — Senhor Young observou. — Quero contatos lá dentro. Vocês devem conhecer alguém: alguém do jurídico, de *facilities*, pode ser até da limpeza. Preciso saber o que está acontecendo e preciso saber para ontem —

pediu, e todos concordaram. — Algum de vocês conhece alguém lá? —

questionou.

Todos na sala fizeram um esforço para ver se lembravam de alguém, mas foi em vão.

Daí lembrei que havia almoçado com Jane, a secretária de um dos diretores, e que ela era um amor de pessoa, então talvez pudesse investir mais nesse contato. Entretanto, não abri isso na reunião, afinal de contas, não poderia puxar uma responsabilidade dessas para mim a não ser que eu conseguisse, de fato, entregar algo. Mas deixei essa anotação mental de me aproximar de Jane. Ela saberia melhor do que ninguém o que poderia estar acontecendo.

— Então vamos fazer à moda antiga — disse Senhor Young. — Usem o Facebook, Instagram ou até o Tinder, não me importo. Quero que alguém descubra o que está acontecendo, porque estou a um passo de tomar medidas drásticas. — completou de maneira fria.

Isso me fez entender que Jane não seria suficiente; precisava de alguém profissional e conhecia somente uma pessoa na cidade capaz de descobrir qualquer coisa sobre qualquer pessoa, mas só de cogitar ter que entrar em

contato com Ryan, sentia meu corpo estremecer de raiva.

Com isso, ele finalizou a reunião e saiu da sala. Olhei para os outros e eles pareciam assustados com a última parte da conversa.

— Vocês acham que ele realmente vai nos demitir se isso der errado? —

Emilly questionou, e eu mordi o lábio para não falar nada que pudesse causar uma situação ainda mais desagradável no ambiente. Também não tinha certeza se ele seguia esse estilo de gestão.

— Fica tranquila, ele está frustrado, como todos nós. Provavelmente deve estar difícil explicar a situação toda para o CEO, então vamos manter a calma e começar a entender o que pode estar acontecendo, ok? — Jones tranquilizou e todos concordamos, enquanto saíamos da sala. Ele tinha o hábito de intermediar e acalmar as coisas para Senhor Young.

Assim que cheguei em minha mesa, percebi que Jones havia me seguido até lá. Ele se sentou numa das cadeiras à minha frente e suspirou.

— Essa reunião foi muito tranquila, o que você acha que aconteceu? —

perguntou, e dei de ombros.

— Provavelmente porque a reunião de resultados foi cancelada. Ouvi dizer que o CEO não está muito bem de saúde — assumi. — Pensando melhor agora, provavelmente por isso ele pegou leve.

Jones concordou e mudou de posição, inclinando-se para mais perto de mim, sorrindo.

— Tenho um convite para te fazer — disse devagar. Sorri para que ele continuasse. — Você gostaria de jantar lá em casa amanhã? — perguntou, animado, e arregalei os olhos em direção à sua enorme e brilhante aliança de compromisso.

Ele era doido?

— Jones… Isso é *totalmente* inapropriado — sussurrei sem graça, até porque ele vinha sendo um amor de pessoa nos últimos meses. Não pensei que assumiria que essa aproximação demonstrava algum tipo de interesse.

Jones começou a rir abertamente e o encarei sem graça.

— Park, não comece a pensar demais sobre isso. É um jantar na minha casa, com minha esposa, algo totalmente normal e apropriado — explicou, e

escondi o rosto com as mãos de tanta vergonha, sentindo-me totalmente sem graça.

— Você me assustou! — reclamei com um beicinho dramático. — Já estava pensando como te dispensaria sem arruinar nossa amizade — admiti, e ele riu da situação.

— Eu sei que pareço um ator famoso, incrivelmente sensual e infiel, mas sou completamente apaixonado pela minha mulher. Apesar de te considerar um ótimo partido, já não estou mais disponível — brincou, e não consegui conter o riso.

Não tinha como não adorar esse homem.

Meu telefone tocou e pigarreei para me recompor.

— *Você consegue rir mais baixo? Estou tentando trabalhar*. — A voz grave de Senhor Young demonstrava irritação, o que me fez olhar em direção ao seu escritório.

Ele olhava fixamente para mim com uma expressão mortal, e mordi o lábio inferior para não retrucar algo mal-educado.

— Sim, senhor — respondi envergonhada. Olhei de soslaio para Jones, gesticulei naquela direção. O homem à minha frente olhou para dentro da sala do nosso chefe e bateu continência, o que me fez rir novamente.

— *Ainda estou ouvindo sua risada* — senhor Young reclamou no telefone e me esforcei, de verdade, para parar. — *Deixe-me falar com Bill.*

Estendi o telefone para Jones, que me olhou desconfiado antes de atender.

— Você sabe que estamos há alguns metros de distância e que eu posso simplesmente entrar, não sabe? — retrucou e, depois de alguns segundos, riu da resposta de senhor Young.

Senti só um pouquinho de inveja, pois queria saber o que ele havia respondido.

— Vou pensar no seu caso — Jones respondeu dramaticamente, e olhei para senhor Young, numa tentativa muito desesperada de adivinhar o que eles estavam conversando. O diretor, por sua vez, estava parecendo de mau humor, como sempre. — Vou verificar, pode deixar.

Decidi focar no meu trabalho, pois parecia que a hora de descontração havia acabado. Jones se despediu e foi fazer suas próprias coisas, enquanto fiquei remoendo-me para descobrir o que Senhor Young havia dito para ele.

Mesmo que tenhamos acertado nossa pendência, às vezes me pegava sendo um tanto obcecada pelo meu chefe, mas rapidamente afastava essa linha de pensamento da minha cabeça. Ele já havia deixado subentendido que não teríamos uma segunda vez, então tinha que deixar minha cabeça no lugar e aceitar minha condição de subordinada que não era convidativa o suficiente para fazer um homem hétero me querer à luz do dia.

O que não fazia nenhum sentido, já que eu tinha um bom coração, era carismática, razoavelmente inteligente e não poderia usar da falsa modéstia e dizer que não era atraente, porque *eu me sentia atraente*. Entretanto, perceber o quão confortável meu chefe estava com a situação atual me deixava incomodada, já que eu queria, até demais, ter mais um ou dois momentos com ele.

Sim, prometi a mim mesma que seguiria em frente se ele admitisse e, quando ele o fez, continuei pensando na possibilidade, mas, para honrar a minha preciosa palavra, parei com as investidas. Precisava me esforçar para finalmente superar tudo isso de vez.

Respirando fundo, olhei de soslaio para a sala do senhor Young. Ele andava de um lado para o outro, falando ao celular com a expressão fechada.

Assim que virou de costas, dei uma boa e última olhada para a sua bundinha torneada sob o tecido da calça social cinza que usava, e dei um leve impulso, girando devagar sobre o eixo da cadeira.

Estava cem por cento decidida a tirar aquele homem da minha cabeça, afinal, eu não era mais uma adolescente e ele não era um *idol* para que eu agisse daquela maneira.

Agora é sério, pensei firmemente e fitei a tela do notebook a tempo de ver o *pop-up* que havia agendado como lembrete da reunião do senhor Young com o RH.

Bati duas vezes em sua porta antes de abri-la e notar sua expressão curiosa em minha direção.

— Reunião com o RH — sussurrei e ergui as duas mãos abertas para

que ele entendesse que eram dali a dez minutos. Senhor Young balançou a cabeça positivamente e voltou a falar ao celular. Sabia que essa era minha deixa para sair.

Eu realmente estava decidida, mas quando ele fazia essa expressão de curiosidade, sentia algo no fundo do meu peito esquentar. Aquele homem dificultava as coisas para mim sem saber da metade do que se passava em minha cabeça.

*

Depois de Senhor Young passar trinta minutos persuadindo os chefões do RH, finalmente uma das gerentes cedeu e concordou em abrir um processo seletivo um tanto quanto inesperado para o momento.

Isso porque o homem queria um especialista em licitações num momento em que as metas de sua área estavam cem por cento atreladas a contratos com empresas de capital o suficiente para não causar inadimplência.

Ele havia criado esse foco no último semestre, entretanto, fora o primeiro a pensar em outras frentes. O que eu considerava uma abordagem inteligente, já que suas maiores negociações estavam congeladas.

Entramos no elevador e pressionei o botão do nosso andar. Assim que as portas se fecharam, decidi puxar um assunto, já que o silêncio do cubículo espelhado me incomodava profundamente.

— O senhor está mudando o foco da área por causa dos contratos parados? — perguntei.

Senhor Young me olhou de soslaio e deu um passo para trás. Seu braço quase tocou o meu quando ele se inclinou em minha direção para falar mais perto de mim.

— Não mudei o foco da área. Contratos com o governo podem não ser tão rentáveis, mas tem uma garantia de pagamento que nenhuma outra empresa pode oferecer — sussurrou e abriu um sorriso. — Não sou o tipo de pessoa que vê as coisas saindo do controle sem ter um plano de contenção, Park — explicou. Antes que pudesse responder, as portas se abriram e ele deixou a cabine do elevador.

Continuei embasbacada, olhando enquanto ele andava pelo corredor.

Apesar de não ter me aberto a isso nos últimos meses, Senhor Young era muito profissional e minha obsessão ridícula impediu que admirasse aquele homem por algo bem mais importante que sua aparência.

Com uma única frase, meu chefe havia conquistado meu respeito e isso sim era algo com que eu conseguiria trabalhar para esquecer de vez o momento que tivemos juntos naquela boate.

Calmaria antes da tempestade

Hyuna

Acordei com uma disposição imensa para ir conhecer a esposa de Jones à noite.

Fiz questão de me arrumar mais que o normal, então optei por usar um vestido xadrez branco e preto que deixava os ombros cobertos. Ele delineava a minha cintura e quadris, mas o toque final era a gola fechada com uma pequena abertura em gota que o deixava delicado e formal debaixo de um sobretudo bege.

Para finalizar, decidi calçar uma meia-pata preta, um pouco de rímel, delineador e um batom discreto, e estava pronta para o dia que vinha pela frente.

O lugar em que comprava o café do senhor Young e a banca onde passava todos os dias eram bem perto da *Thousand Corp*, por isso tinha começado a deixar minha bolsa no escritório e ia comprar todas as coisas apenas com o crachá do escritório. Por esse motivo, fui pega desprevenida pela maior pancada de chuva que já havia tomado em *Wall Street.*

Não houve aquele período para preparação em que uma garoa leve gradualmente transforma-se em chuva. Assim que havia dado dois passos

para longe da banca, a cascata torrencial caiu sem dar trégua até que eu chegasse ao saguão da empresa.

Eu não pude correr, já que estava com um salto alto enorme e dois cafés numa bandeja de papelão.

Pelos olhares em minha direção, imaginei estar horrorosa.

Entrei no elevador e nem quis me olhar no espelho. As pessoas se afastaram um pouco, já que eu estava pingando, e abaixei a cabeça para dar uma olhada na situação do meu sapato. Bem, estava completamente molhado, como todo o resto. Estava torcendo para não o ter arruinado, pois havia pago um absurdo por aquele par.

Em meu andar, decidi erguer a cabeça e seguir a rotina, afinal, ninguém precisava saber que algo tão natural como um banho de chuva poderia abalar minha animação. Não que isso tivesse arruinado o meu dia, só estava molhada e com frio pelo ar condicionado, ou seja, previa um belo resfriado e muitas brincadeiras por parte do pessoal da área.

Enquanto atravessava os setores até minha mesa, as pessoas que já estavam por lá se revezaram entre me dar bom dia e rir da minha situação, nem sempre nessa ordem.

Marchei até a sala do meu chefe e vê-lo lá dentro, pendurando seu sobretudo no pequeno armário num dos cantos da sala, me deixou detonada mentalmente, já que eu sabia o que estava por vir.

Senhor Young me olhou de soslaio dos pés à cabeça e fechou a porta do seu armário com um clique. Respirei fundo e dei um passo em sua direção, mas ele ergueu a mão, impedindo-me de me aproximar. Ao invés disso, foi até onde eu estava e novamente fitou todo meu corpo, avaliando-me, e, quando seus olhos encontraram os meus, só consegui abaixar a cabeça para não o encarar.

— Você está atrasada — afirmou, e concordei de cabeça baixa. — Pelo seu estado, imagino que meu café esteja horrível. E nem vou ler o jornal hoje… — constatou sem ânimo na voz, tirando o jornal totalmente molhado de baixo do meu braço e o deixando cair audivelmente no chão.

Não sabia o que poderia dizer para fugir da bronca que levaria, então continuei de cabeça baixa, aguardando.

— O que me deixa irritado não é o café, ou o jornal, ou o seu atraso. O

que me tira do sério é que você poderia ter checado a previsão do tempo antes de sair de casa, assim estaria preparada para a chuva e não teria uma poça d'água no meio do meu escritório — reclamou.

— Sinto muito, senhor Young. Vou pedir para o pessoal da limpeza secar o chão e vou comprar outro café — garanti ainda sem olhá-lo e me virei devagar para sair dali.

— Ainda não te dispensei, Park — disse com frieza, então parei onde estava.

Ele não deixaria o meu primeiro deslize passar.

Senti a movimentação atrás de mim, mas só percebi o que estava acontecendo quando ouvi o clique do armário sendo fechado novamente.

Senhor Young me segurou pelo cotovelo, fazendo-me virar novamente de frente para ele.

— Olhe para mim — exigiu, e apertei os lábios com força antes de encará-lo. Sua expressão irritada tinha dado lugar a um olhar preocupado que nunca tinha visto antes. — Tire essa roupa molhada e vista isso antes que

pegue um resfriado. — Meu chefe me entregou o sobretudo que havia guardado há pouco e uma camisa social que reconheci imediatamente como a que Naomi havia comprado para o almoço com o pessoal do *Grencyal Bank*.

Encarei-o, desconfiada, e, mesmo controlando-me ao máximo, com uma gota de satisfação.

— O senhor está preocupado comigo ou só quer me ver sem roupa? —

perguntei, e ele bufou antes de dar risada. Tentei não sorrir com aquele som, mas falhei e, assim que ele percebeu, fechou a cara novamente.

— Só não quero você espirrando perto de mim — respondeu, debochado, e eu peguei as roupas de suas mãos com cuidado.

— Ah, sim, entendo… Espero que não seja estranho para você me ver usando suas roupas — provoquei da maneira mais inocente que consegui, afinal, eu tinha feito uma promessa e tomado uma decisão.

Senhor Young enrugou a testa com sua linda expressão de curiosidade e me segurei para não o tocar.

— Por que seria estranho te ver com minhas roupas? — perguntou, e dei um passo em sua direção, o que fez com que ele desse outro para trás, recuando. Sorri quando sua expressão foi de curioso para assustado em meio segundo.

— Obrigada pela roupa, senhor Young, e sinto muito mesmo por ter arruinado sua rotina matinal com meu atraso. Não vai mais acontecer. Com licença — agradeci e, com uma reverência leve, deixei a sala sem que ele pudesse me dispensar.

No final das contas, por mais difícil que fosse, eu poderia assustá-lo e me divertir com isso, contanto que mantivesse minha palavra, certo?

Praticamente corri até o banheiro, tranquei a porta e tirei o vestido molhado com certa dificuldade, já que ele estava grudando pelo meu corpo.

Olhei-me no espelho e agradeci aos céus por ter usado maquiagem à prova d'água, mas não tinha muito o que fazer sobre o cabelo, então literalmente entrei debaixo do secador de mãos elétrico para tentar ao menos disfarçar a molhação. Assim que me senti satisfeita com a franja, passei os dedos pelos fios para desembaraçá-los e vesti cuidadosamente a camiseta social de Senhor Young. O cheiro suave de erva-doce me cercou e sorri ao lembrar que era

exatamente o mesmo de sua casa.

No final das contas, a camisa tinha comprimento suficiente para um vestido, então dobrei as mangas para conseguir trabalhar e vesti o enorme sobretudo por cima.

Fora o incidente da manhã, o restante do dia foi corrido como todos os outros.

Como ainda estava chovendo bastante, questionei se senhor Young gostaria que pedisse algo para ele comer na *Thousand Corp.* Ele aceitou de cara e disse que eu poderia escolher o que quisesse, pois ele pagaria. Então aproveitei a deixa para pedir comida japonesa, um belo combinado para cada um de nós.

Infelizmente, não comemos juntos, mas não tinha muito o que ser feito sobre isso.

Passei o restante do dia ocupada com as finanças da área, já que a contabilidade analisou algumas irregularidades nos comprovantes que foram apresentados para algumas despesas. Mesmo tendo facilidade com números e cuidando da parte financeira do *atelier* de Naomi, detestava a área financeira quando se tratava de encontrar alguém fazendo algo errado com o dinheiro dos outros. Era um problema de gente grande, mas eu me sentiria totalmente responsável se encontrasse algo errado e alguém fosse demitido por isso. Mas era o meu trabalho, então dei o meu melhor para resolver a questão para livrar algum pobre coitado das broncas do diretor.

Por volta das cinco da tarde, Jones passou sorridente pela minha mesa.

— Estou indo para casa, estaremos te esperando, ok? — confirmou, e concordei com o polegar erguido.

— Assim que finalizar isso, vou para lá. Não esquece de me mandar o endereço — pedi, e ele concordou, desaparecendo num piscar de olhos.

Comecei a acelerar um pouco o processo e, quando me dei por satisfeita, salvei tudo, desliguei o notebook e liguei para meu chefe.

— Senhor Young, precisa de mais alguma coisa? — questionei.

— Não, estou indo embora também.

— Meu vestido está quase seco, então vou me trocar e devolver suas

roupas em cinco minutos.

Senhor Young chiou.

— Apenas vá embora, Park.

*

Sabia que não era apropriado ir visitar as pessoas usando a roupa que estava, mas considerando que Jones havia visto meu estado, poderia interceder em meu favor e explicar a situação para sua esposa.

Pedi para um dos seguranças do prédio chamar um táxi para mim, já que estava sem guarda-chuva e continuava chovendo. Assim que o carro parou no meio fio, o segurança me deu uma carona em seu guarda-chuva até o carro e o agradeci por isso.

Como uma boa convidada, decidi desviar um pouco o caminho para passar numa loja de bebidas e levar um vinho bacana para jantarmos. Apesar de ser bem controlada com meus gastos, não poderia ir até a casa de alguém pela primeira vez de mãos vazias.

Dali fui direto para o Brooklyn, no endereço que Jones havia mandado por mensagem. Assim que cheguei em frente ao prédio, selecionei o número do apartamento e depois de alguns segundos uma mulher atendeu.

— *Quem é?* — perguntou uma voz familiar.

— Hyuna Park — respondi, e o portão estalou aberto.

— *Terceiro andar, no final do corredor* — instruiu a voz, e subi calmamente de elevador, indo até o local indicado.

Dei uma última alisada no sobretudo e passei os dedos pela franja antes de tocar a campainha.

A porta se abriu, revelando uma Laura com a barriga maior do que eu lembrava e um sorriso no rosto.

Demorei uns três segundos para entender o que estava acontecendo.

— Você e Jones…? — especulei, e ela deu de ombros.

— Pois é, também me impressiono com a capacidade do meu marido de falar para as pessoas que somos casados. Entra. — Ela me deu espaço para

passar e dei uma boa olhada no apartamento, que parecia ter saído de uma revista de arquitetura famosa.

Cada móvel, a paleta de cores, os espelhos e lustres eram sofisticados e claros. Tudo parecia estar no lugar certo e se encaixar perfeitamente.

— Me deixa guardar seu casaco — Laura ofereceu, e gesticulei negativamente.

— Não precisa, obrigada. Trouxe um vinho. — Mudei de assunto, levantando a sacola para que ela analisasse o conteúdo.

Ela leu as informações na caixa e pareceu impressionada.

— Pode ir para a sala, os meninos já devem estar acabando. Vou só colocar o vinho na mesa — instruiu, e fui até a sala espaçosa.

O tapete de pelinhos branco sofisticado se destacava entre os sofás pretos de couro. Conseguia ouvir o tilintar de coisas de vidro e imaginei que Laura estivesse servindo o vinho, então pensei em ajudá-la, até porque me lembrava que sua gravidez era considerada como de risco.

Mas assim que fiz menção a me levantar, ouvi a risada de Jones com o inconfundível som da risada do meu chefe bem atrás de mim.

Olhei por cima do ombro para ver os dois saindo de um dos cômodos do apartamento, literalmente abraçados pelos ombros, e arregalei os olhos para aquela cena improvável.

— Olha quem chegou! — Jones sorriu quando me viu, o que fez com que senhor Young olhasse em minha direção.

Ver como seu sorriso se desmanchou ao perceber que eu que estava ali me incomodou de uma maneira terrível.

Por que ele sempre tinha que agir como se eu fosse a pior pessoa do mundo?



Senhor Young se desenroscou de Jones e me encarou sem ânimo.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntou, e eu revirei os olhos, virando-me novamente para frente.

Eu realmente o incomodava ao ponto de ser desagradável?

Uau.

— Eu a convidei — Laura disse do outro cômodo, mas assim que saiu da porta da cozinha ficou nítida sua expressão de irritação. — Esse é o momento para vocês três esquecerem que trabalham juntos, estamos aqui para nos divertir, é possível? — perguntou, e eu decidi que a melhor coisa que poderia fazer era encarar o cantinho do esmalte que havia acabado de se soltar da minha unha.

Os últimos dias haviam sido tão corridos que não consegui ir à manicure.

— Eu não sabia que vocês eram tão amigas assim — Senhor Young comentou ironicamente, e revirei os olhos.

— Não somos, mas ela é amiga do meu marido e esta é a minha casa, então senta logo essa bunda chinesa no sofá e pare de reclamar — Laura respondeu em tom autoritário, o que me fez encará-la com admiração.

Ela tinha acabado de colocar uma coleira no senhor Young?

Meu chefe se sentou na extremidade oposta do sofá, o mais longe possível, ainda reclamando.

— E você venha aqui me ajudar, já estou quase acabando — Laura ordenou, olhando para mim.

Ela era literalmente uma leoa. Ótima personalidade.

Segui-a de bom grado até a cozinha e assim que adentramos o lugar, ela pediu que eu terminasse de fatiar alguns legumes para a salada que estava preparando.

— Eu não esperava ter essa conversa com você tão cedo — Laura disse enquanto mexia o conteúdo de uma panela fumegante que cheirava a molho de tomates.

Encarei-a sem entender.

— Qual conversa? — questionei, e ela respirou fundo antes de desligar o fogão e se virar, fuzilando-me com seus olhos azuis.

— Sobre suas intenções com Erik — respondeu sem rodeios, e ergui uma sobrancelha sem saber muito bem onde ela queria chegar. — Percebi seu interesse, é tão nítido que me sinto até envergonhada em estar no mesmo cômodo que vocês. Sei que não somos amigas, mas vou te aconselhar como se fosse, já que conheço bem o homem: se afaste dele, não insista nisso que você *acha* que está rolando entre vocês.

Pisquei sem reação. Não estava acreditando no que ouvira.

— Não tem nada acontecendo entre nós, ele não vai com a minha cara e é isso — expliquei, sincera, e ela bufou impaciente.

— Você está vestindo a porra do casaco dele e aposto que debaixo tem uma camisa que também pertence a ele. — Apontou com a espátula que segurava para a minha roupa, o que me fez apertar mais o tecido ao meu redor. — Eu não nasci ontem, Hyuna, conheço seu tipo, mas já estou avisando agora porque realmente acho que você não é uma má pessoa.

— Meu… Tipo? *Qual é o meu tipo*? — perguntei, sentindo uma certa raiva subir por minha garganta.

— Ele é um bom partido, bonito, tem dinheiro, uma carreira brilhante e veio a calhar de vocês se conhecerem "por um acaso" alguns dias antes —

disse, fazendo aspas com as mãos para enfatizar sua suspeita. — Não vai dar certo, o máximo que vai acontecer é você sair com o coração partido. Desista enquanto você pode evitar essa bagunça — Laura finalizou com um tom mais brando, quase como se ela se importasse comigo.

Suspirei, cansada. Ela realmente achava que eu era uma *sugar baby* ou algo assim? Eu tinha acabado de dar uma garrafa de vinho que custava duzentos dólares em sua mão! Que sentido isso faz?

E afinal de contas, como diabos Laura sabia que já nos conhecíamos?

Quando juntei os pontos, fiquei bem chateada com meu chefe.

Óbvio que ele contou para ela. Para quem mais ele contaria?

— Em primeiro lugar, não sou interesseira, porque nem preciso ser.

Lutei por tudo que conquistei na vida e jamais me submeteria a fingir

interesse em alguém por conta de dinheiro. Se eu realmente fosse uma *gold digger*, não perderia meu tempo indo atrás dele, estaria no mínimo atrás de um CEO ou com algum herdeiro coreano que teria o triplo do que senhor Young poderia imaginar fazer em um ano — expliquei com a voz levemente embargada, já que estava me sentindo ofendida. Pigarreei para me recompor

antes de continuar. — E em segundo lugar, nem tenho a porra de um coração para ele quebrar — retruquei.

Laura finalmente pareceu ceder um pouco na sua postura superprotetora e engoliu em seco.

— Não quis te ofender, desculpe — pediu, e concordei com um aceno.

— Fica tranquila, Laura, não consigo sentir raiva de ninguém por mais do que dez minutos — disse, e ela sorriu.

— Quero que você entenda que minha intenção aqui é das melhores.

Estou apenas tentando protegê-lo. Retiro o que disse sobre você ser interesseira, mas posso te assegurar que a melhor coisa que pode fazer é não se apaixonar por ele, porque ele nunca vai corresponder.

Assenti com um aceno.

— Pode ficar tranquila, Laura, não vai acontecer. É completamente impossível que eu me apaixone por alguém como ele — garanti, e Laura deu risada.

— Se você diz…

Terminei de cortar o que ela pediu e ajudei a colocar a mesa para jantarmos. Assim que finalizamos, Laura chamou os meninos para se juntarem a nós.

— Só para constar, a minha bunda é *coreana* — senhor Young disse para Laura, que deu de ombros.

— Eu sei que é, mas a intenção era te incomodar — retrucou, e tive que rir.

Apesar de ter acabado de levar um esporro — desnecessário —, não podia deixar de admirá-la. Eu era esse tipo trouxa de pessoa que não guardava rancor.

— Mas mudando de assunto, o que as duas tanto conversaram na

cozinha? — Jones perguntou, enquanto se esticava sobre a mesa para dar uma olhada no vinho que eu trouxera. — Olha, vamos tomar um vinho decente hoje.

Disse antes de servir nas taças para todos. Laura me lançou um olhar significativo, então podia imaginar que ela gostaria de manter a conversa apenas entre nós.

— Estávamos conversando sobre trabalho, eu estava chorando as pitangas com alguém que já passou pelo que eu estou passando — menti descaradamente, e Laura pareceu aliviada.

— Falei para ela relevar seu jeito, já que as horas extras estavam valendo a pena — Laura respondeu sorrindo. — Lembro de algumas vezes em que meu salário quase dobrou só de horas extras.

— E você está reclamando de quê? Do apartamento lindo que vocês compraram à vista? Nunca vi uma mulher tão ingrata. Bill, você deveria pedir o divórcio — senhor Young retrucou sorrindo e, pela primeira vez em meses, estava vendo o que parecia sua personalidade verdadeira.

O que era uma bosta, levando em consideração que não teríamos mais nada e que Laura havia pedido para me afastar.

— E é agora que você me fala isso? Por que não me disse há cinco anos quando me apresentou a ela? Nós vamos ter um bebê, já não tenho muito o que fazer sem parecer um cretino — Jones respondeu, e Laura o estapeou no braço, rindo da brincadeira.

Sorri para a cena e me interessei pelo que Jones havia comentado.

— Jones, foi senhor Young que apresentou vocês? Como aconteceu? —

perguntei, porque realmente adorava histórias de amor e eles pareciam ter uma sintonia ótima.

— Eu vou te matar se você continuar falando formalmente com eles na minha casa. Até meia-noite, você vai chamar as pessoas pelo nome, depois

pode voltar com essa mania coreana esquisita — Laura disse ameaçadoramente para mim, e me desculpei rindo da situação.

— Laura e Erik se conhecem há anos por causa do trabalho. Eu o conheci num curso e veio a calhar de estarem contratando alguém para a

minha área na Thousand Corp. Ele juntou o útil ao agradável e me indicou, algumas semanas depois eu conheci Laura. Como pode perceber, foi esse jeitinho meigo e agradável que fez com que ela se apaixonasse e ficasse por meses atrás de mim — Bill explicou e levou outro tapa da esposa.

— Foi o contrário! Ele não saía do meu pé nem um minuto, era insuportável. Eu até pedi para Erik demiti-lo, mas ele deu todas as desculpas possíveis para mantê-lo na empresa — Laura esclareceu, e eu sorri.

— Como eu poderia demitir o homem mais bonito da empresa? Isso causaria uma situação difícil para mim com as mulheres do setor… O RH me obrigaria a fazer outra pesquisa de clima e isso *me* faria ser demitido —

senhor Young respondeu e só conseguia rir.

Literalmente rimos o tempo inteiro e me senti agradecida pelas histórias que compartilhamos enquanto comemos. Falamos sobre muitas coisas e comecei a ver um panorama mais amplo da relação entre os três. Eles eram bem apegados e tinham uma intimidade profunda.

Terminamos de comer calmamente e Laura pediu para Bill trazer a sobremesa, porque ela estava sentindo um pouco de dor e fiquei um tanto preocupada.

— Não quero ser indiscreta, mas por que sua gravidez é de risco? Sei que tem vários fatores… — perguntei.

— Tenho pressão alta e tenho quase quarenta, então os médicos indicaram que eu ficasse em casa. — Concordei com um aceno.

— Você está com quantos meses? É um menino ou menina? Já decidiram o nome? — bombardeei-a com perguntas, e ela bufou.

— Estou com trinta e cinco semanas e é uma menina, mas não conseguimos decidir o nome ainda. A gente não quer estragar a infância dela com um nome bizarro, mas também queremos que ela se sinta especial. Então temos uma listinha com as melhores opções, mas não conseguimos concordar em nenhuma delas.

— Isso porque ela só escolhe nome de prostituta para nossa filha.

Inaceitável — Bill disse, trazendo um bolo perfeito para a mesa.

— São nomes fortes — Laura retrucou.

— Eu vou mostrar. — Bill correu até um quarto e voltou com um pedaço de papel nas mãos enquanto lia em voz alta. — Jessica, Charlotte, Scarlett, Vicky.

Comecei a rir sem parar e todos olharam para mim.

— Não são nomes de prostitutas, parece mais o elenco feminino de *Georgie Shore* — comentei, e senhor Young caiu na gargalhada junto comigo.

— Não acredito que você também assiste *Georgie Shore* — meu Chefe comentou, aproximando-se de mim, e concordei rindo.

— Naomi me faz assistir todo o tipo de porcaria, já me acostumei e até gosto de um programa ou outro — expliquei.

— Minha irmã também! Ela me fez assistir aquele outro, acho que é *Ex on the Beach*. Eu não conseguiria viver aquilo e me sentia mal por eles. —

Concordei.

Primeiro foi o show da Mariah Carey, depois *Georgie Shore* e agora estamos abertamente conversando sobre *reality shows*? Por que ele tinha que ser tão perfeito?

— O que é isso? Do que vocês estão falando? — Laura perguntou, e balancei a mão negativamente em sua direção, tentando voltar para o assunto.

— Deixe para lá. Mas basicamente você gosta de nomes com uma pronúncia forte. Quais são as opções de Bill? — perguntei, sentindo-me estranha em dizer seu primeiro nome em voz alta.

— Emily, Anna, mas meu preferido até agora foi Audrey. — Acenei concordando com os nomes.

— Olha, eu nasci aqui, mas minha família é muito tradicional e os nomes são levados muito a sério na Coreia. Todos são escolhidos com muita seriedade. Temos o costume de dizer que o nome se dá pelo que você sente ao ver o rosto da criança, então muitos deles deixam para decidir depois de o bebê nascer — expliquei. — Vocês podem brigar sobre isso agora, mas assim que puserem os olhos nela, vão saber, podem confiar. — Tentei acalmar a situação e Laura sorriu.

— Acho que você tem razão — a loira disse.

Depois de comermos o bolo, que descobri ser um *red velvet* delicioso, conversamos mais um pouco e decidi que já estava na hora de ir embora.

Afinal, tinha trabalhado a semana inteira e estava bem cansada, então me despedi de Bill e Laura com calma e apenas dei boa noite para senhor Young, já que ainda estava bastante ofendida por ele ter terceirizado sua opinião sobre mim. Se tinha um problema comigo, poderia falar diretamente, mas, como já havia constatado, ele tinha essa tendência a ser infantil quando se tratava de mim.

Antes de sair do prédio, tirei o celular da bolsa e, percebendo que faltavam apenas alguns minutos para meia-noite, decidi pedir um táxi pelo aplicativo para chegar em casa com segurança, mas a previsão era que o carro chegaria em até dez minutos, o que achei um absurdo. Chiei um palavrão em coreano.

— Você continua me impressionando com sua boca suja — senhor Young disse em coreano bem atrás de mim.

Olhei-o por cima dos ombros apenas para que ele pudesse me ver revirando os olhos.

— Agora você quer conversar comigo em coreano? — perguntei em inglês, e ele ergueu uma sobrancelha, impressionado.

— Achei que você gostasse de falar comigo em coreano — retrucou, e ri sem humor nenhum.

— Você só pode estar brincando… — sussurrei, olhando para o meu celular para ver onde meu motorista estava, porém, mal havia saído do lugar.

A raiva que sentia pela demora, misturada com a ofensa da cozinha e o adicional dessa cara de pau de senhor Young de falar comigo em coreano fez com que eu perdesse a noção do perigo.

Esperava do fundo do meu coração que me deixasse em paz, senão poderia falar algo que ele não gostaria de ouvir.

— É claro que estou brincando, te ouvi falar um palavrão na minha língua nativa e retruquei, que mal há nisso? De repente você não gosta mais de gracinhas? Lá em cima parecia bem à vontade para interagir comigo.

— Não há mal nenhum — respondi impaciente.

— Então qual o problema? — perguntou. Para mim, aquela foi a gota d'água.

Ele estava perguntando, então me sentia na obrigação de falar.

Olhei o visor do meu relógio apenas para confirmar o horário.

— Como Laura exigiu que te tratasse informalmente até a meia-noite, tenho apenas três minutos para te explicar o quão frustrante é saber que você terceirizou sua responsabilidade de me afastar e fez com que sua assistente me convidasse para vir até sua casa apenas para ouvir que sou uma *gold digger*, porque parece muito estranho que a gente tenha transado e algumas semanas depois eu tenha sido *milagrosamente* contratada para trabalhar para você — disse, chegando cada vez mais perto do meu chefe, que a essa altura estava com uma expressão assustada. — Eu não queria você e muito menos a porra do seu dinheiro. Queria a sensação que meu corpo teve quando você me tocou, e só isso. Em nenhum momento te pedi nada além, *nunca*. Por que diabos você pediria para Laura me dar um sermão? E pior ainda, como sua

assistente afastada há meses sabe que nós ficamos juntos? Além de me ofender achando que sou uma interesseira, ainda tinha que espalhar isso para as pessoas? Sabe o quão frustrada e chateada estou nesse momento? Como pôde ser tão infantil? Você não pode ficar com a garota e sair espalhando.

Quando terminei meu monólogo, estava sem fôlego. Senhor Young me olhava horrorizado; abriu a boca para falar algo, mas a fechou em seguida, e eu ri sem humor.

— Quer que eu ligue para Laura e peça para ela me falar o que você não consegue? Parece que a única maneira que consegue ser sincero comigo é através dela.

Dito isso, olhei novamente para meu celular, que marcava onze e cinquenta e nove. Então pigarreei para me recompor e sorri da maneira mais convincente que consegui para meu chefe.

— Boa noite, senhor Young. Até segunda-feira — despedi-me e saí pelo portão do prédio em direção à garoa fria.

Nem me dei ao trabalho de olhar novamente onde meu motorista estava, já que devia estar perto.

Abracei meu próprio corpo ao perceber que estava tremendo, só não

sabia onde terminava o frio e começava a raiva. Provavelmente seria demitida, mas seria para o melhor, afinal, que perspectiva eu teria trabalhando naquele lugar estando nessa situação com meu chefe?

O táxi parou na frente do prédio e buzinou duas vezes, então fui em sua direção e assim que abri a porta, percebi que senhor Young estava logo atrás de mim. Ele enfiou a cabeça pela janela e dispensou o motorista depois de lhe dar algumas notas, e cruzei os braços, encarando-o com raiva enquanto via meu precioso táxi indo embora.

— Eu vou te levar em casa. Vamos — senhor Young disse, e eu apenas dei as costas e andei na direção oposta.

Quem ele achava que era?

Veio atrás de mim e me segurou pelo cotovelo, fazendo-me virar para ele, e me contorci para que soltasse o aperto.

— Não quero que me dê carona, vai sair muito do seu caminho — disse a contragosto.

— Onde você mora?

— Manhattan fica meio longe do Brooklyn, pode ficar tranquilo e ir embora. — disse, e ele revirou os olhos.

— Eu não moro no Brooklyn. Apenas vamos comigo logo, você vai pegar um resfriado, já é a segunda vez que toma chuva hoje — disse, preocupado, o que me irritou profundamente.

— Por que você está fingindo se preocupar comigo? Já sou bem grandinha para entender. Apenas vá embora — retruquei.

— Hyuna, não pedi que Laura falasse nada para você. Eu nunca faria algo assim. — Ouvir Senhor Young falar meu nome pela primeira vez fez com que eu decidisse dar uma chance para ouvir sua desculpa esfarrapada.

Por que meu nome soava tão sexy em seus lábios? Por que ouvi-lo pronunciar na entonação certa aqueceu algo dentro de mim?

— Entre no carro, por favor, vamos conversar — pediu.

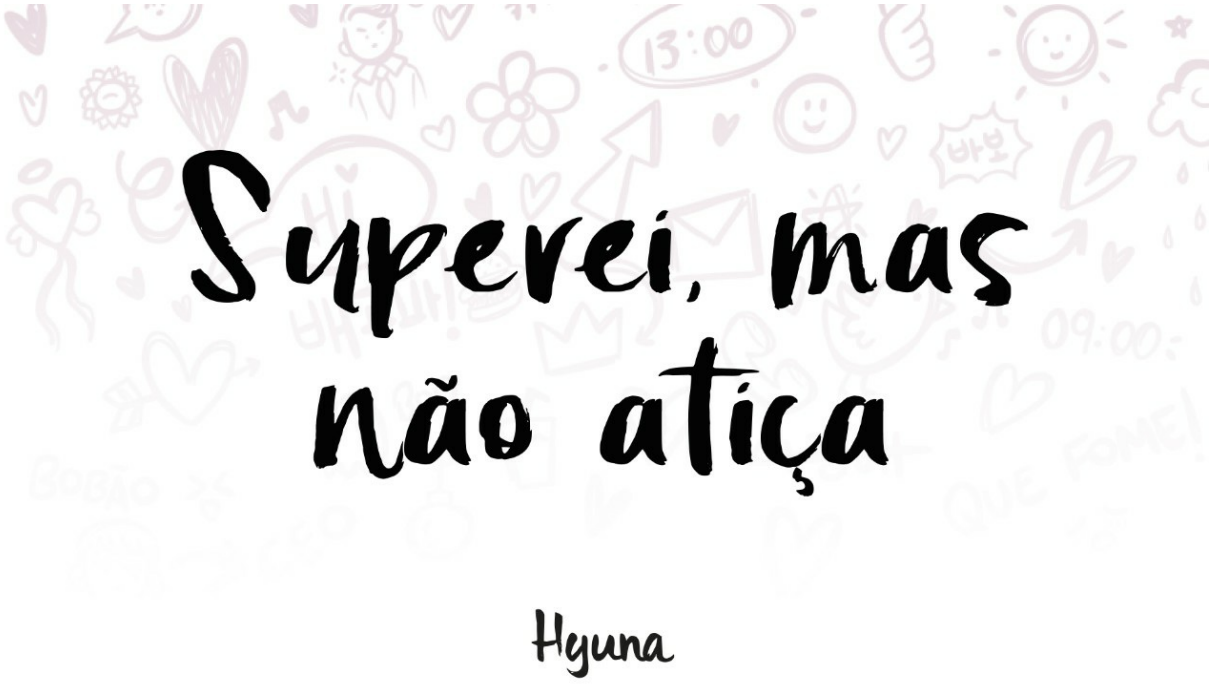
Concordei, até porque já estava começando a ficar molhada e podia sentir os sinais do resfriado que estava por vir. Ou era apenas a vontade

estúpida de ouvir o que ele tinha a dizer.

Não tinha ideia do que diria para tentar me consolar e nem entendia o motivo para querer esclarecer qualquer coisa entre nós, quando na verdade nem existia um “nós”.

O pior de tudo era ignorar tudo que aprendi ao longo dos anos sobre *badboys*. No entanto, nunca tive medo de brincar com fogo e, por ser

inconsequente e não ter um pingo de vergonha na cara, poderia realmente acabar como Laura previu. Isso sim era assustador para mim.



Entrei na BMW de senhor Young e ele ligou o aquecedor, esperando alguns minutos até o carro ficar quente antes de finalmente começar a falar.

— Laura é superprotetora e sempre acha que as mulheres ao meu redor me querem por interesse. Não é culpa sua. A culpa é totalmente minha, porque é só esse tipo de mulher que permito chegar perto de mim, já que são as mais fáceis para eu me livrar quando estiver enjoado — explicou, e o olhei sem acreditar no que estava dizendo. — Eu propositalmente escolho estar com esse tipo de pessoa porque não estou emocionante aberto para me envolver, então ela já teve muito trabalho lidando com isso.

Apesar de tê-lo conhecido numa balada, ele não parecia o tipo de homem que tinha relacionamentos sem compromisso. Mas como diria aquele famoso ditado: vivendo e aprendendo.

— Vou pedir desculpas por Laura e por mim, porque não queria que ela ficasse sabendo do que tivemos, mas Bill é o meu melhor amigo e ele estava comigo naquele dia. Não tem como eu exigir que ele guarde algum segredo

da mulher dele, Hyuna. Então, me desculpe, mas não imaginei que ela fosse fazer algo assim com você — confessou, e pareceu sincero em suas palavras.

Suspirei enquanto tentava dar algum sentido para tudo aquilo.

— Não quero seu dinheiro. Nem preciso dele — expliquei em um tom mais brando. — E não quero nada com você. Não vou mentir e dizer que não queria nossos corpos juntos de novo, mas era apenas isso, que fique muito claro. — disse, e ele concordou com um aceno.

— Está tudo esclarecido, então.

— E eu não vou me apaixonar por você — completei. Ele sorriu abertamente. — Não acredita? — perguntei, e ele mordeu o lábio, virando para frente.

— Eu acredito. Você parece ser uma moça *bem* decidida — ironizou, e tive que rir.

— Estou falando muito sério, senhor Young. Não quero me apaixonar.

Mas ainda dá tempo de você se apaixonar por mim — provoquei, e ele riu enquanto dava partida no carro.

— E quem garante que eu já não esteja? — pergunto-me, olhando-

diretamente nos olhos. — Você não desconfiou que tinha algo estranho quando não te demiti na sua primeira semana? — brincou.

Pisquei embasbacada, pois não tinha outra reação possível para o que estava acontecendo.

Esse tipo de atitude dificultava bastante minha vontade de permanecer com raiva dele, o que também afetava minha decisão de me afastar.

Como Laura poderia esperar que eu me mantivesse distante quando ele finalmente havia me deixado chegar perto? Ainda mais agora que as coisas estavam começando a ficar divertidas.

— Você não vai querer entrar nesse tipo de jogo comigo, senhor Young

— avisei, e o homem deu de ombros, prestando atenção na estrada à sua frente.

— Não estou jogando — respondeu.

— Uma boa jogadora reconhece outro jogador — avisei.

Senhor Young mordia seu lábio inferior como se estivesse pensando muito cuidadosamente sobre o que responderia. Ele mexeu no lábio inferior, pensativo, e minha atenção já estava focada naquele pequeno gesto.

— O que aconteceria se, hipoteticamente, eu estivesse jogando?

— Seria divertido, mas, hipoteticamente falando, você poderia realmente acabar se apaixonando por mim e aí Laura teria motivos reais para acabar com a minha raça — expliquei, e ele ponderou por um momento.

— Por que eu me apaixonaria por você e você não se apaixonaria por mim? — questionou, e dei risada com sua pergunta. — Não faz sentido nenhum, sou um ótimo partido. Recebo várias propostas, você deveria saber.

Ele realmente não percebia o tipo de pessoa que eu era?

— Não sou o tipo de mulher que se apaixona facilmente, senhor Young

— expliquei.

— Então finalmente temos algo em comum — respondeu, e tentei não sorrir, mas estava bem complicado.

Suspirei dramaticamente e fiquei espiando o perfil delineado do meu chefe, enquanto as luzes da cidade passavam por nós e iluminavam seu rosto.

— Por que está bufando? — perguntou.

— Odeio isso — admiti.

— O que você odeia?

— Odeio o fato de que não consigo nutrir raiva por você. — Senhor Young deu risada e fiz um biquinho mimado. — Não tem graça!

— Não consegue sentir raiva porque seu coração já está transbordando de amores por mim. Uma pena que não posso corresponder, já que você prometeu que me deixaria em paz… — provocou, e o encarei sem reação.

Ele estava claramente me dando abertura e eu nunca fui o tipo de pessoa que fugia dessas situações.

— Realmente prometi que te deixaria em paz — disse, enquanto me contorcia no carro para abrir os botões do sobretudo que eu usava. Assim que retirei a peça e a joguei no banco de trás por causa do calor, percebi que ele estava começando a ficar incomodado, o que me deixava bastante satisfeita.

— Mas em nenhum momento prometi que o afastaria caso a iniciativa fosse sua — sussurrei em sua direção.

Young engoliu em seco e perceber o movimento sutil do seu pomo de Adão fez com que eu mordesse meu lábio inferior de leve. Achava esse pedaço do seu corpo tão sexy.

Senti-lo incomodado intensificou minha vontade de provocar, então abri dois botões da camisa e percebi que ele olhava de soslaio em minha direção, mas não fiz muito mais que isso. Apenas os abri e fitei a paisagem que passava por nós enquanto atravessamos a ponte do Brooklyn em direção a Manhattan.

Não consegui esconder o meu sorriso de contentamento, afinal, tinha voltado ao lugar em que eu pertencia: sempre por cima de qualquer situação.

Apesar do silêncio de senhor Young, indiquei o caminho até o meu apartamento em Upper East Side, que ele seguiu sem retrucar. Assim que parou no meio fio, aguardei que destrancasse as portas, mas ele curvou-se sobre o banco apenas para pegar o sobretudo novamente e colocá-lo em meu colo.

— Boa noite, Hyuna — despediu-se sem me olhar nos olhos.

Atrevi-me a tocar o seu rosto de leve, apenas para que ele me olhasse.

Encarar seus olhos escuros e intensos, quando eu estava mortalmente excitada com toda a brincadeira, foi como levar uma pontada no meio das pernas. Precisei tensionar os músculos da coxa e respirar fundo para acalmar a situação. Senhor Young olhou para os meus lábios e senti que se eu diminuísse a distância entre nós, ele finalmente me beijaria.

Eu estava morrendo de vontade de beijá-lo mais uma vez.

Entretanto reuni o pouquinho que restava da minha determinação e controle mental para me aproximar devagar de seu rosto, seu olhar continuava passeando em direção à minha boca sem parar. Quando rocei de leve os meus lábios nos seus, meu chefe fechou os olhos. Sorri abertamente com a minha pequena vitória.

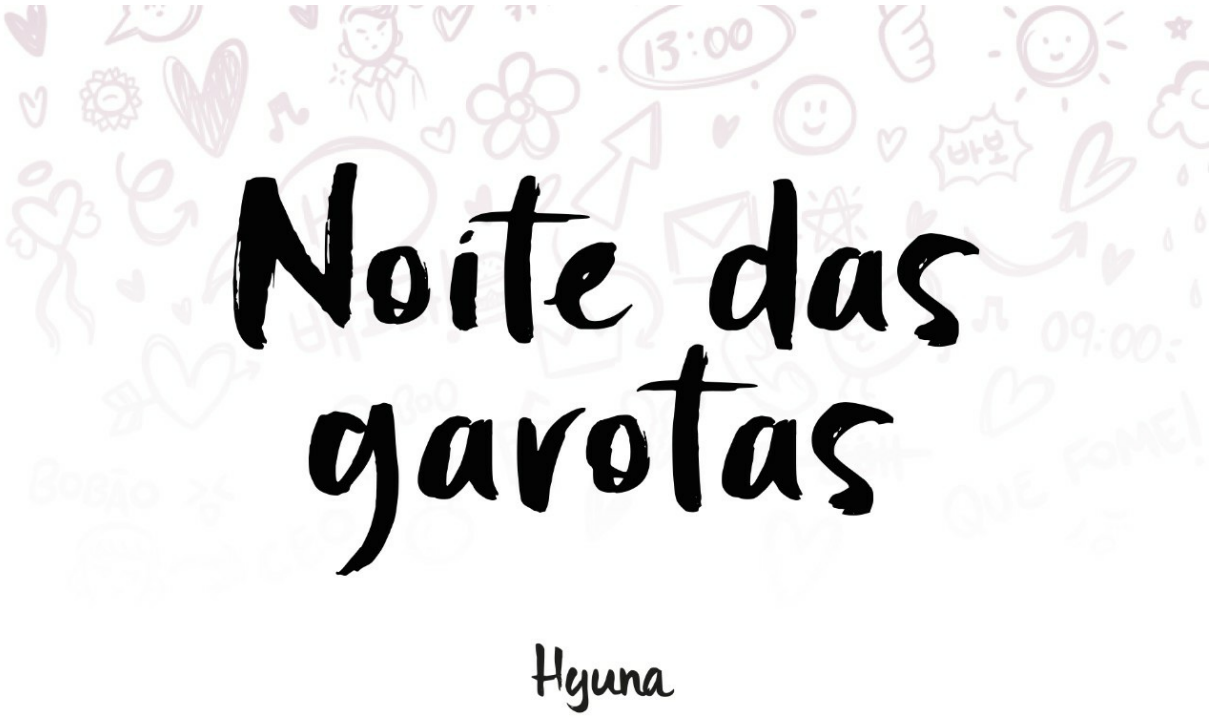
Desviei de sua boca até sua orelha e sussurrei em nossa língua secreta:

— *Boa noite, Erik.*

Com isso, peguei minha bolsa e seu sobretudo e desci do carro. Andei calmamente — rebolando bem mais que o necessário — até o portão do prédio, virando-me apenas para soprar um beijo em sua direção.

Foi impagável ver o rostinho lindo do meu chefe de boca aberta, ainda sem acreditar que eu não o tinha beijado. Na certa, ele ficaria com mais vontade ou desistiria de vez.

Essa foi uma das coisas mais difíceis que havia feito em toda a minha vida, mas estava determinada: *Erik Lee Young vai implorar para me ter novamente, ainda que isso custasse toda a minha sanidade.*



Noite das garotas
Hyuna

Promessas são coisas interessantes, principalmente quando o que mais queremos no universo é quebrá-las. Entretanto, prezava muito pela minha palavra, então decidi que não provocaria meu chefe de maneira direta, o que

significava que precisaria usar artimanhas mais sutis, porém duplamente eficazes.

Tipo estar em todos os lugares que ele poderia aparecer.

Naomi continuava protestando no táxi enquanto íamos ao endereço da casa de senhor Young. Apesar de ter dito que não morava no Brooklyn, foi o único endereço que consegui encontrar mesmo usando todo meu charme e persuasão, pedindo ao pessoal do departamento pessoal na última semana.

Poderia perguntar a Bill, mas ele me entregaria para Laura e eu realmente não aguentaria ouvir outro sermão. No final das contas, o próprio senhor Young me deu abertura para minha atitude atual, então deixaria que ele lidasse com sua secretária oficial mais tarde.

Toquei o já conhecido interfone da gigantesca casa de tijolinhos avermelhados e, depois de alguns segundos, a voz de uma mulher atendeu.

Podia jurar que não era a da senhora Young, o que me deixou apreensiva.

Quando informei quem era, a porta se abriu com um estalo, e eu já estava começando a me arrepender de ter ido até lá.

E se fosse namorada dele? Eu jamais poderia me perdoar por querer um homem comprometido.

A porta abriu-se em um solavanco para uma garota magra, alta e de cabelos como cascatas negras até sua cintura. O sorriso contido revelava uma semelhança sutil com meu chefe, mas era nítido o parentesco com senhora Young. Também tinha o pequeno detalhe de que ela estava nas fotos que revelei do show da Mariah Carey, então tranquilizei meu coração.

Sorri abertamente.

— Então você é a famosa Hyuna — a mulher constatou, dando-me passagem para entrar.

Nós nos cumprimentamos com um aperto de mão. Ela parecia ser mais nova que eu, apesar de ser pelo menos dez centímetros mais alta.

— Não sou tão famosa assim — brinquei, o que fez com que ela soltasse uma risada divertida. — Não vou precisar entrar, só vim entregar algumas roupas do senhor Young.

Que eu poderia ter levado direto para a empresa, mas, nas palavras de Naomi, estava procurando sarna para me coçar.

Ela assentiu, mordendo o interior do lábio inferior, o que de certa maneira formava um sutil biquinho pensativo.

— Ele não mora aqui, mas deve vir mais tarde. Se quiser esperar, pode ficar à vontade — convidou, e recusei com um gesto.

— Ele vai me matar se eu estiver aqui quando chegar. Sem contar que estou indo a um desfile com minha melhor amiga e não posso me atrasar por nada — expliquei, e percebi um certo brilho em seus olhos que me deixou curiosa.

— Em qual desfile vocês vão? — perguntou.

— É o lançamento da coleção de inverno da minha melhor amiga, ela é muito talentosa e vai ser muito importante pra ela. — Sem nem perceber, estava enaltecendo Naomi, afinal, que tipo de melhor amiga eu seria se não fizesse aquilo?

— Parece divertido — respondeu, e concordei, tendo uma ideia.

— Você gostaria de ir conosco? Ainda temos um convite para a primeira fila. É um lugar muito prestigiado, você sabe — convidei, e a jovem abriu um sorriso contente.

Logo em seguida, murchou um pouco, deixando-me seriamente preocupada.

— Eu adoraria, mas preciso ver com minha mãe. Entra um minutinho, assim já te dou a resposta — convidou. Concordei, entrando no lugar e agradecendo; me deliciava com o cheiro do meu chefe por todos os lados.

— Você é menor de idade? Eu não sabia! Posso falar com a senhora Young se precisar — sugeri, e ela se virou de costas para abrir um sorriso em minha

direção.

O que pareceu quase profissional. Ela parecia uma atriz ou modelo fotográfica, seus cabelos flutuavam em câmera lenta.

— Tenho vinte e dois, mas como estava doente, mamãe fica preocupada.

Eu já venho. Pode me dar a roupa do meu irmão, vou deixar lá em cima e você pode se sentar e ficar à vontade. — Pegou a sacola das minhas mãos e subiu praticamente correndo as escadas.

Se me lembrava bem, na última vez que estivera naquela casa havia levado alguns remédios, e senhora Young comentou que quem estava doente era Mayumi, irmã mais nova de senhor Young. Infelizmente, não havia sido atenta o suficiente para confirmar para que serviam os remédios. Entretanto, Mayumi parecia totalmente saudável, então dei de ombros.

Alguns minutos mais tarde, senhora Young desceu até metade das escadas e acenou para que eu percebesse sua presença. Levantei-me do sofá e fiz uma reverência leve, o que arrancou um sorriso de seu rosto enrugado.

— May está pedindo sua ajuda, ela não sabe o que vestir. Pode subir um pouquinho? — pediu em japonês, e concordei indo até a senhorinha grisalha.

Assim que a alcancei, ela pediu:

— Ela está bem animada em sair com você, se puder apenas me ligar para buscá-la caso seja necessário, ficaria muito mais tranquila, querida. —

Eu sorri.

— Pode ficar despreocupada, eu a devolverei onde a encontrei — disse, e ela concordou, apontando-me a porta do quarto da filha.

Bati duas vezes antes de entrar.

— O que acha dessa roupa? — perguntou, e avaliei antes de opinar.

Ela optou por um vestido de alcinhas finas e um belo decote em v em um tom vermelho carmim, com tecido brilhante. Curto, deixava suas longas pernas à mostra. Sorri muito contente, parecia uma pessoa totalmente diferente, uma mulher de fato.

— Está perfeita! No carro, Naomi te ajuda a se maquiar, senão vamos nos atrasar — disse, e ela concordou enquanto abria uma das portas do guarda roupas, remexendo entre os cabides.

— Não me sinto confortável com essa roupa, mas como é um evento importante, acho que é adequado — explicou, enquanto retirava um sobretudo preto e o passava pelos braços com habilidade.

Senhora Young nos deu um beijo no rosto e desejou que nos divertíssemos. Antes de sairmos da casa, garanti que faríamos como ela instruiu.

Naomi quase deu um pulo no banco do carro quando Mayumi entrou logo atrás de mim e apresentei as duas rapidamente.

— Mayumi, esta é Naomi, minha melhor amiga. Naomi, esta é a irmã do senhor Young. — As duas trocaram um longo olhar antes de estenderem a mão e se cumprimentarem.

No caminho, ajudamos Mayumi a se maquiar, mas, como já esperava, Naomi ficou bastante tímida e mal conversou.

Ela era um mulherão quando estava minimamente alcoolizada, entretanto era bastante tímida, principalmente na frente de outras meninas ou desconhecidos. Então, aproveitei meu lado descarado e a carisma natural que Mayumi estava demonstrando para tentar deixar minha amiga mais confortável.

Afinal, quanto mais pessoas incríveis tivermos ao nosso redor, melhor.

Mayumi e eu fomos para os nossos devidos lugares na primeira fila, um local de muito privilégio, enquanto Naomi foi fazer suas coisas. Como ela era a responsável, só poderia imaginar que estava uma loucura enorme nos bastidores.

Os outros convidados foram chegando e aos poucos foram ocupando os seus lugares. Algum tempo depois, a iluminação diminuiu para o início do evento.

— Acho que deveríamos desligar os celulares, não? Para não atrapalhar

— Mayumi perguntou e concordei, retirando meu aparelho da bolsa e colocando-o no modo silencioso.

Por conviver há anos com Naomi, não tive muita escolha se não ser aguçar meus olhos para a moda. Não era minha área de *expertise* — na verdade Naomi era responsável pela compra de noventa por cento das roupas que eu tinha —, mas a convivência me ensinou a ter noção de combinações de cores e peças que funcionavam bem no meu corpo. Sendo assim, não consegui identificar muito bem todas as referências do desfile, mas via todo o potencial dos designs e comentava o tempo todo com Mayumi sobre minhas

peças preferidas, e ela fazia o mesmo.

Foi muito divertido e consegui identificar o gosto da jovem ao meu lado, o que seria muito útil caso precisasse comprar algum presente para ela no futuro.

No final do desfile, quando as modelos entraram na passarela e abriram espaço para uma Naomi vermelha e tímida, todos explodiram em palmas muito merecidas.

*

— À Naomi, a melhor estilista da cidade e que fez esse desfile incrível!

— gritei com os braços erguidos, segurando a taça delicada da margarita que pedi. Naomi e Mayumi brindaram enquanto ríamos da situação.

Dei um gole enorme na bebida e lambi os lábios para saborear o sal que ficou por lá, agradecendo a Deus pelo amargor do destilado. Naomi optou por seu bom e velho Cosmopolitan, enquanto Mayumi escolheu uma cerveja *long neck*.

— Eu estava tão nervosa, não sei como consegui subir na passarela no finalzinho, todos olhando para mim… Foi difícil — Naomi comentou, enquanto apoiava sua taça de volta na mesa do bar em que estávamos.

O lugar estava abarrotado de gente, mas o mais importante: gente bonita e educada. Porque ninguém merece ficar no meio de todo aquele calor humano com pessoas desagradáveis.

— Mas você se saiu muito bem, estava maravilhosa — Mayumi comentou. — Não entendo muito sobre moda, mas gostei de várias das peças e até comentei com Hyuna.

Concordei com um aceno.

— Fica tranquila, Mimi, foi tudo perfeito! — garanti, e minha amiga pareceu relaxar um pouco.

— Você deveria ir lá em casa qualquer dia, posso te dar algumas peças do desfile. Vão ficar perfeitas, já que as medidas são bem próximas — Naomi disse para a mais nova, e concordei. Ela era alta e magra o suficiente.

Já era a segunda vez que constatava seu perfil para modelar.

— May, você poderia tentar carreira como modelo, né? Acho superválido, Naomi poderia ajudar com isso — comentei, e a menina abriu um sorriso enorme.

Antes que ela pudesse responder, um cara aproximou-se da nossa mesa e percebi que ele faria uma abordagem, então dei uma analisada rápida: alto, atlético, cabelos castanhos no lugar, barba feitinha e um sorriso decente.

— Uau, como meninas tão parecidas podem ter gostos tão diferentes? —

perguntou, apontando sua *long neck* em direção às nossas bebidas, e revirei os olhos abertamente.

Ele era mais bonito calado.

— Como um rapaz com a sua aparência pode ser clichê ao ponto de dizer que três asiáticas são iguais? — perguntei, dando mais um gole em minha bebida gelada. O cara ficou levemente desconcertado, mas respirou fundo antes de continuar.

— Admito que a abordagem foi pífia, mas só porque estou bem nervoso, já sua amiga aqui é muito linda — respondeu, gesticulando em direção a Mayumi, e sorri para ela, que mordeu o interior do lábio, fazendo novamente aquele beicinho fofo de morrer. — Você acha que ela me daria uma chance?

— perguntou-me, e dei de ombros.

— Você deveria perguntar para ela — Naomi respondeu com um sorrisinho, e imaginei que a bebida estava fazendo algum efeito para ela se envolver voluntariamente na conversa.

O rapaz se virou para May, que a essa altura estava rindo sem graça, de bochechas coradas.

— E então, mereço uma segunda chance para tentar te impressionar? —

perguntou com um sorrisinho conquistador nos lábios, e eu estava rindo sem parar. Adorava esse tipo de situação.

— É que você não faz muito o meu tipo… *Desculpe*. — Mayumi respondeu, e caí na gargalhada. Coitado do menino!

— E qual é o seu tipo? — ele perguntou, ainda tentando.

May lançou um olhar significativo em direção a Naomi, demorando um

pouco. Ao olhar para minha melhor amiga, ela piscou para mim e entendi nosso código para intervir.

A mais nova precisava de ajuda. Então, fui até o rapaz, segurei seu ombro gentilmente e fiz uma carinha triste.

— Amigo, nós tentamos, você realmente não faz o tipo dela. Podemos finalizar por aqui? — perguntei, e ele suspirou derrotado, saindo de perto da

nossa mesa. — Ele é uma gracinha, acho que combina contigo — comentei, e May deu longos goles, finalizando sua *long neck* e batendo o fundo da garrafa na mesa.

Arregalei os olhos para a cena.

— Ele é o total oposto do meu tipo — respondeu, olhando para garrafa em sua mão. Soltou um suspiro e sorriu para mim. — Preciso de mais uma dessas.

Dei de ombros, afinal não poderia forçá-la a gostar de ninguém. E, sinceramente, ela poderia ter uma preferência por asiáticos, ou loiros, enfim, tentei não pensar muito sobre aquilo.

Decidimos animar um pouco mais as coisas e viramos alguns *shots* de tequila antes de ir para a pista de dança na parte de trás do bar. A noite estava muito divertida e agradeci aos céus por ter ido levar as roupas do meu chefe, porque havia adorado sua irmã e a noite, que já seria maravilhosa apenas com Naomi, ficou extraordinária com Mayumi conosco.

Dançamos como se não houvesse amanhã e aproveitei para me livrar de todo o estresse do trabalho, pois estava há meses sem sair para me divertir, já que o senhor bonitão não me deixava descansar nem nos finais de semana.

No meio da madrugada, decidimos parar e ir embora. Já estávamos bêbadas e cansadas, então paguei a conta e fomos para a rua em busca de um táxi.

Enquanto esperávamos, Mayumi estava abraçada com Naomi para dividirem seu sobretudo, já que minha melhor amiga havia esquecido o seu no local do desfile. Sorri para a cena, sabendo que tínhamos encontrado mais uma florzinha para nosso jardim.

Percebi que tinha ficado o dia todo sem tocar no celular e, quando

desbloqueei o visor, quase tive um treco ao ver que haviam mais de cinquenta ligações perdidas do meu chefe.

Como se tivesse adivinhado que eu estava com o celular na mão, senhor Young ligou novamente e quase pulei de susto, sem saber o que poderia ter

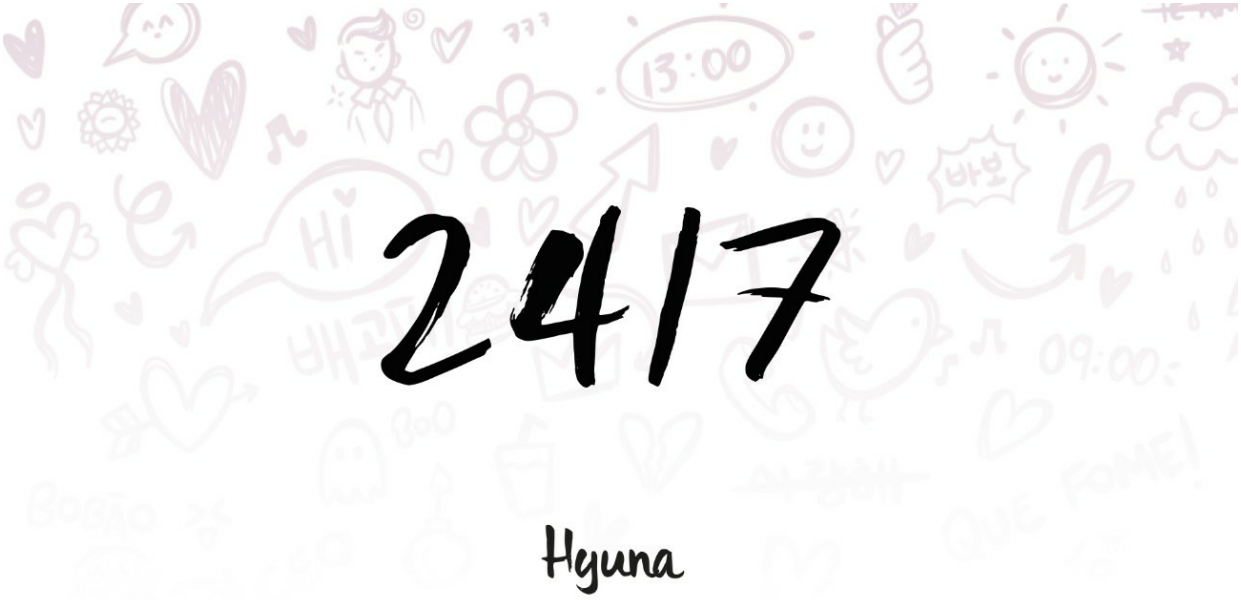
acontecido para ele me ligar às três da manhã.

Pigarreei para tentar me recompor antes de atender a ligação.

— *Você perdeu o juízo?* — gritou do outro lado da linha, e arregalei os olhos para as meninas, que conversavam alheias a minha situação.

Até pensei em fazer uma piadinha, mas seu tom nunca havia sido tão desesperado e, pela primeira vez, tive medo da reação do meu chefe.

O que eu fiz dessa vez?



— *Você está me ouvindo? Onde você está?* — perguntou com raiva, e fechei os olhos sem saber o que fazer para evitar aquilo.

Mas no fundo sabia que não tinha como.

— Estou na rua. O que houve? — perguntei com a voz trêmula e tentei me convencer de que era pelo frio e não por estar assustada com a sua explosão repentina.

— *Onde você está?* — perguntou pausadamente, e suspirei sabendo que não poderia mais enrolar.

— Em frente ao *Volts* esperando um táxi para ir para casa.

— *Minha irmã está com você?*

— Claro — respondi, olhando para ela.

— *Estou indo até aí* — disse, e desligou em seguida.

Corri para as meninas para contar o que tinha acabado de acontecer.

Mayumi arregalou os olhos, desesperada, e soltou Naomi, que também parecia em choque.

— Ai meu Deus, ele vai me matar. — Tamanho era o choque que mal percebemos quando começamos a falar em nossa língua materna. Lembrando agora, desde que o rapaz deixou a mesa nos sentimos à vontade para isso.

— Ele não vai te matar, ele vai me matar. Eu não ouvi quando ligou, tinham mais de cinquenta chamadas perdidas e provavelmente algo grave aconteceu. Não quero ser demitida ainda — choraminguei, batendo o pé no chão audivelmente, sabendo que aquela reação exagerada era devida ao álcool, mas não conseguia me focar o suficiente para clarear minha mente.

— Hyuna, você precisa ser forte! Não pode deixar que ele te veja dessa maneira, tente se recompor — Naomi disse, e concordei, tentando respirar fundo.

Pouquíssimo tempo depois, sua BMW parou no meio fio bem em frente a onde estávamos. Senhor Young desceu do carro e não sei se era o efeito Erik Lee Young ou o álcool, mas ele estava incrivelmente lindo.

Meu chefe deu a volta apenas para abrir a porta do passageiro sem expressão alguma em seu rosto.

— Entre — ordenou autoritariamente, e May se desenroscou de Naomi com os olhos cheios de lágrimas, entrando no carro. Ele fechou a porta em

seguida e olhou para mim.

Senti um arrepio por toda espinha pelo olhar gélido que me dirigia, e engoli em seco enquanto ele andava em minha direção. Senhor Young parou a alguns centímetros de distância e podia sentir o calor de seu corpo próximo ao meu.

Inevitavelmente, olhei em seus olhos e depois para sua boca, mas sabia que isso só desencadearia uma reação ruim.

— Vinte e quatro por sete. Foi essa a proposta que Laura fez e que você aceitou. Totalmente disponível, e eu passei horas ligando para você. Horas.

Se fosse uma emergência, eu poderia contar com você? — perguntou retoricamente, e baixei a cabeça enquanto ouvia o sermão. — Sua função foi substituir Laura, e uma das coisas que eu esperava é que você fosse profissional o suficiente para aprender tudo sobre mim. Como é que você vai até a minha casa e traz minha irmã para um lugar desse? Você não sabe o risco em que a colocou? Não consigo acreditar no quão irresponsável você foi — finalizou, suspirando cansado.

Apertei os lábios juntos, pois não sabia o que tinha feito de tão grave.

— Não tinha perigo nenhum, nós fomos a um desfile de moda e viemos dançar um pouco, só isso — respondi, encarando-o, e ele fechou os olhos numa tentativa de se acalmar.

— Não tem perigo para você, mas Mayumi está doente e poderia desmaiar a qualquer momento. Você mal consegue formar uma frase agora, quem dirá cuidar da minha irmã desacordada. Eu nem consigo explicar o quanto estou decepcionado — disse num tom mais brando, e senti meus olhos se encherem d'água. Funguei e olhei para longe, para que ele não me visse abalada.

Eu não queria decepcioná-lo.

— Eu não sabia que ela ainda estava doente. Sua mãe ficou tão feliz quando viu que estávamos saindo que não pude perceber que tinha algo de errado… — expliquei. — May também não pareceu mal, ela estava tão feliz o tempo todo… Desculpe-me — pedi sinceramente por tê-lo magoado, mas ainda não entendia por que ele estava tão chateado se May estava bem.

— Vou te dar uma única chance, Hyuna, só uma. Em respeito à Laura,

porque ela deve ter visto algo em você que eu não consigo ver. Espero que aproveite bem — disse, e entrou em seu carro, saindo logo em seguida, deixando-me na madrugada sem ter o que responder.

*

Não consegui pregar os olhos nem por um minuto depois de chegar em casa. Enrolei-me numa bolinha bêbada e miserável em minha poltrona preferida, enquanto observava o nascer do sol.

Sabia que estava praticamente em um estado catatônico, entretanto não conseguia pensar em nada além das palavras de senhor Young. Nunca tinha me sentido tão mal em decepcionar alguém. Até porque nunca me havia me importado com opinião de ninguém antes, então a situação toda estava sendo difícil de digerir, principalmente pela sensação de vazio que continuava crescendo em mim.

Com o passar das horas, comecei a sentir minha mente se limpar de maneira gradativa. Isso me ajudou a entender que havia falhado em não me interessar ou me aprofundar na vida do meu chefe, mas, conforme ficava sóbria, mais confusa ficava sobre a tal doença de Mayumi, afinal, ela esteve bem o tempo todo e se divertiu bastante conosco.

Lá para o horário do almoço, Naomi saiu do quarto com uma toalha enrolada no cabelo molhado e agachou-se em minha frente com o olhar preocupado.

— Você ainda está pensando sobre isso ou está se martirizando por algo que não tinha como você saber? — perguntou, e suspirei, finalmente me mexendo.

Espreguicei-me e senti um alívio em minhas costas doloridas pela posição em que estava.

— Não faz sentido nenhum, May não parecia doente. Você viu, certo?

— perguntei, e ela confirmou com um aceno. — Ele não precisava falar comigo daquela maneira. Não fui atrás de saber cada detalhe da sua vida

para dar a ele alguma liberdade… — Divaguei.

— Na verdade, você não foi atrás porque estava mais interessada no corpo do homem do que na vida dele, em quem ele realmente é… Mas está tão claro que isso não vai funcionar para vocês dois, por que você continua se

enganando dessa maneira? — perguntou, e a encarei sem reação alguma.

— Me enganando? — perguntei.

— Hyuna, pelo amor de Deus. Eu vi a maneira que você o olhava mesmo quando ele estava gritando contigo. Você está apaixonada por ele e a única maneira de você consertar tudo é se abrindo para esse sentimento. Já passou da hora de superar essa sua fase rebelde sem causa e procurar alguém que goste de você também. Já está há meses tratando o homem como um pedaço de carne e não dá uma chance para compreender seu sentimento —

Naomi respondeu, e eu não sabia o que responder para sua afirmação absurda.

— Eu? Apaixonada? Com certeza não — retruquei, levantando-me da poltrona irritada.

Amava Naomi e ela me conhecia como ninguém, mas ela era sensível demais para entender o que eu sentia por Erik Lee Young. Eu só queria que a gente transasse de novo e Naomi jamais entenderia isso.

— Você lembra daquilo que seu pai sempre dizia: a pior mentira é aquela que nos convencemos a acreditar. Acorda antes que você perca seu emprego e o homem que gosta — Naomi avisou, enquanto eu entrava no banheiro para lavar toda aquela porcaria do meu corpo e da minha mente.

Eu não estava me convencendo de uma mentira e um conselho do meu pai seria o último que eu seguiria nesse momento.

Lavei bem o cabelo para afastar o cheiro de bar e a água corrente ajudou a pensar. Precisava conversar com meu chefe estando sóbria. Não tinha sido uma briga justa, já que eu não estava em meu estado normal.

Conversaria com ele no dia seguinte, após o expediente, assim teria tempo o suficiente para preparar uma defesa que não fizesse minha bunda coreana ser demitida.

Saí do banho com a toalha enrolada no cabelo e me enrolei num robe de camurça bem quentinho e, querendo ou não, um pouco sexy para ficar em casa. Mas Naomi jamais permitiria que comprasse um roupão confortável demais.

Indo em direção a cozinha para buscar um pouco de água, percebi que

Naomi estava em pé diante da porta do apartamento e fui até lá.

— O que houve? — perguntei, e quase caí dura para trás quando vi meu chefe parado do lado de fora da minha casa. Sua expressão de irritação estava tão nítida que me irritou também. — Posso te ajudar? — perguntei sem paciência.

Senhor Young piscou em surpresa e suspirou.

— Podemos conversar? — perguntou, claramente incomodado, e cruzei os braços sobre a barriga, ainda incrédula com a presença dele ali. — Posso entrar ou vai me deixar aqui fora para sempre? — perguntou, e revirei os olhos.

— Vou buscar algo para almoçarmos, ok? Volto já — Naomi disse e saiu do apartamento para dar alguma privacidade a nós dois.

Belo momento para ela ser tão perceptiva.

Dei as costas para o homem à minha frente e fui para a cozinha pegar a água que tanto queria. Ouvi a porta se fechar e os passos pesados entrarem no lugar atrás de mim. Enchi um copo com água para mim e o olhei sem expressão.

— Quer beber alguma coisa? — perguntei, enquanto o homem se encostava numa das pilastras da cozinha e enfiava a mão nos bolsos do jeans que usava.

Por que eu estava sendo educada?

— Água serve — respondeu. Enchi um copo e o entreguei em sua mão.

Seus olhos não deixaram os meus e, assim que bebemos todo o conteúdo encarando um ao outro, suspirei, impaciente.

— O que o senhor quer? — perguntei.

— A gente precisa conversar sobre o que houve ontem.

— Eu concordo, mas estava planejando fazer isso amanhã, quando tivesse tempo suficiente para usar a minha competência bizarra de perdoar as pessoas que me magoam — retruquei.

— Hyuna, estou aqui numa missão de paz. Não estou arrependido do que disse ontem, mas, se não viesse aqui te pedir desculpas, minha irmã me

odiaria para o resto da vida, e eu não posso conviver com isso — explicou.

— Você não se arrepende? Então o que diabos veio fazer na minha casa? Tentar me humilhar mais um pouco? — perguntei irritada. — Não sei se você percebeu, mas não sou de aceitar que façam esse tipo de coisa comigo. Ontem agi como uma idiota porque estava bêbada e preocupada com May, mas se está pensando em fazer o mesmo agora, é melhor tirar seu cavalinho da chuva porque estou totalmente sóbria e vou poder me defender muito bem.

Senhor Young segurou a cabeça com as mãos, irritado com tudo o que eu estava falando, mas não tinha o que ser feito. Ele quem tinha começado.

— Só vim aqui pedir desculpas e você está tornando tudo mais difícil do que precisa ser. Não pode simplesmente aceitar que tudo que fiz foi por estar desesperado procurando pela minha irmã e a única pessoa que deveria me atender e me ajudar nesses casos era a responsável pelo sumiço dela? —

perguntou.

Tentei entender o que ele estava dizendo.

— Sua mãe sabia que ela estava comigo.

— Mamãe achou que vocês tinham ido a um desfile, mas as horas passaram e estávamos tentando contato com minha irmã e ela não atendia.

May está doente, Hyuna. Se ela não atende o celular é porque está desmaiada e impossibilitada de atender — explicou, e começou a andar de um lado para o outro enquanto pensava.

Pelos dias que havia passado com ele, sabia que aquilo significava que estava preocupado e apreensivo, então meu coração falhou novamente e me senti mal por ele, quando deveria estar gritando umas boas verdades.

— O que ela tem? — perguntei com receio e me sentei no sofá da sala.

Tirei a toalha da cabeça, deixando os cabelos ainda úmidos soltos para terminarem de secar naturalmente.

Senhor Young se sentou comigo e suspirou antes de responder.

— Ela sofreu um acidente há alguns anos e eventualmente tem desmaios. Nem os médicos sabem explicar bem o que acontece, mas seu cérebro se desconecta por alguns segundos e ela perde a consciência. May

estava há meses sem ter nenhum, mas no dia que pedi para você levar os remédios, a encontramos desmaiada no meio do corredor de casa, então estamos muito apreensivos sobre isso esses dias — compartilhou, e me senti uma idiota por não saber daquilo. — Os médicos dizem que beber pode desencadear crises, assim como música alta ou lugares muito abafados, enfim, tudo o que vocês fizeram ontem.

— Eu não sabia, realmente não sabia — admiti sem saber o que fazer para consertar aquilo.

Eu sabia que não dava para desfazer o que tinha acontecido, mas poderia tentar melhorar as coisas.

— Ela me contou tudo, Hyuna. Explicou que você a convidou e que se divertiram, e me bateu muito no carro por ter gritado com você. — Senhor Young riu sem ânimo, e sorri imaginando a cena.

— Então ela também tem um lado agressivo, bom saber — comentei.

Ele sorriu para mim. — O senhor vai me proibir de sair com ela? —

perguntei, e ele gesticulou negativamente.

— Não posso te proibir de fazer nada, vocês já são adultas o suficiente para entender as consequências das suas escolhas. Só peço que nunca mais desligue essa merda de telefone, principalmente se estiver com a minha irmã, ok? — perguntou, e abri um sorriso enorme.

— Prometo! — disse e estendi o dedo mindinho em sua direção, para oficializar o compromisso.

Senhor Young olhou para a minha mão e sorriu.

— Quantos anos você tem? — perguntou ironicamente. Puxei sua mão, ergui seu mindinho e o enrosquei ao meu.

— Não existe idade para uma promessa de mindinho, senhor Young. O

senhor deveria saber disso — expliquei com um bom humor repentino.

Vê-lo sorrir, algo que era raro, causava esse efeito sobre mim.

— Você deveria parar de fazer isso — disse repentinamente, e pisquei sem entender.

— Fazer o quê? — perguntei.

— Me chamar de "senhor Young". Parece errado quando você fala, fico irritado todas as vezes — respondeu. Podia sentir minha boca se abrindo pela surpresa do que ele havia falado.

Ele tinha acabado de me dar permissão para chamá-lo pelo nome?

— Então tenho permissão para te chamar de Erik? — perguntei esperançosa, e meu chefe abriu um sorriso de parar o trânsito.

— Erik soa bem melhor na sua boca — respondeu, e então percebi que nossas mãos continuavam juntas e que ele olhava diretamente para a minha boca.

Esse era o momento ideal para tentar algum movimento, mas não tive coragem. Não depois de perceber o avanço que fizemos. Então, me levantei do sofá, mantendo nossas mãos juntas.

— Agora que tudo foi esclarecido, acho que vou atrás de Naomi, porque estou morrendo de fome — disse em tom de despedida, o que fez com que ele se levantasse do sofá e ficasse em pé diante de mim.

— Acho que já vou indo, então — respondeu, e sorri ao o acompanhar até a porta.

— Tchau, Hyuna — despediu-se com um sorriso, e tentei demonstrar o quanto estava abalada por seu charme.

— Tchau, Erik — disse devagar, o que fez com que ele mordesse o lábio inferior, chamando toda a minha atenção para aquela parte de seu corpo.

Precisava ser forte e não cair na tentação para fazer alguma investida, eu havia *prometido*.

— Você tem sido muito forte esses dias, mas não tenho todo esse autocontrole — meu chefe disse antes de segurar meu rosto e afundar sua boca na minha.

Fui pega tão desprevenida que arquejei pela surpresa, mas não me dei ao luxo de reclamar.

Passei os braços ao redor de seu pescoço e retribuí o beijo, já que estive sedenta por aqueles lábios por tanto tempo. Erik deslizou a mão pela minha cintura apertando o local, trazendo-me para mais perto enquanto encostava minhas costas na parede.

Cada toque era fogo puro, incendiando cada parte do meu corpo. Ainda assim, conseguia sentir um frio na barriga que me arrepiou por completa. Sua boca conseguiu desencadear um choque térmico que só aquele homem era capaz de fazer. Jamais me cansaria da sensação que ele causava em mim.

Eu nunca teria o suficiente de Erik Lee Young e, naquele momento, não queria ter.

Emergência

Hyuna

Cada centímetro do meu corpo implorava por mais contato com a pele de Erik, enquanto mentalmente uma sirene reluzente e barulhenta tentava me alertar para que me afastasse dele.

Apesar de ser racional na maior parte do tempo, esforcei-me para ignorar aquele aviso que meu cérebro gritava, afinal, ele estava bem ali em

meus braços, beijando minha boca e depois cada centímetro do meu pescoço, descendo até o decote exposto pelo roupão. Mas aquilo já não parecia ser suficiente para Erik, que segurou uma das pontas do laço em minha barriga; seus olhos só deixaram os meus quando ele puxou vagarosamente a fita o suficiente para meu corpo ficasse à sua vista.

Seu olhar de desejo acendia cada vez mais o calor entre nós. Quando seus dedos tocaram com muito cuidado a minha barriga e ele afastou o tecido quente do roupão o suficiente para deixar meu seio exposto, Erik engoliu em seco, parecendo admirado e contrariado. Então, abocanhou com cuidado, deslizando a língua vagarosamente pelo meu mamilo eriçado.

Afundei as unhas em seu cabelo sedoso, arquejando em busca de ar, mas logo sua boca voltou à minha, e gemi quando ele mordeu de leve meu lábio inferior, sugando-o em seguida. Meu corpo estava totalmente entregue àquele momento, mas sentir algo vibrando em minha coxa conseguiu fazer

com que eu me distraísse momentaneamente para entender o que estava acontecendo.

Com muito esforço, afastei-me de Erik. Sua testa enrugada de dúvida quase fez com que voltasse para onde estávamos, entretanto, tentei ser mais forte que meus hormônios e respirei fundo, buscando ar antes de falar com ele, que, como eu, ainda estava atordoado.

— Acho que seu celular está tocando — disse, e ele bateu a mão nos bolsos até encontrar o aparelho, suspirando com raiva.

— Que ótimo momento para ser interrompido — resmungou, enquanto olhava para a tela do aparelho. — Espero que seja uma emergência gigantesca para que você esteja me ligando num domingo quando está de licença — reclamou, e ergui uma sobrancelha de surpresa.

— Laura? — sussurrei, e ele concordou com um aceno. Enquanto ouvia o que a mulher dizia, seus olhos foram arregalando, o que me deixou apreensiva. — O que houve? — perguntei. Ele se afastou de mim e só então percebi que ainda estávamos grudados, que uma de suas mãos ainda estava em minha cintura. Senti um frio repentino quando ele me soltou. Aproveitei a deixa para fechar novamente o roupão; estava começando a me sentir ligeiramente exposta.

— Ok, esse é um ótimo motivo. Onde Bill está? — meu chefe questionou e, depois de uma pausa, continuou: — Em primeiro lugar, fique

calma. Em alguns minutos estarei aí. Em segundo, lugar tente não gritar comigo, isso só vai me irritar e me atrasar. *Estou indo* — disse antes de desligar o celular. — Preciso ir.

— O que houve? — perguntei novamente.

— Laura está sentindo muita dor e Bill está jogando golfe com o pai e não atende o celular. Estou indo para lá — respondeu já colocando a mão na maçaneta, mas o segurei antes que ele fosse embora.

— Me dê um minuto, vou com você — pedi e corri para o quarto para colocar a primeira roupa que vi pela frente.

Corremos para o carro e voamos até o Brooklyn. Com certeza ele receberia uma multa alguns dias mais tarde, então fiz uma anotação mental para lembrar que havia sido uma emergência.

Por um motivo que não entendi, senhor Young tinha as chaves do portão do prédio e subimos sem sermos anunciados. A porta do apartamento estava destrancada e Erik foi entrando e olhando em cada cômodo, enquanto gritava o nome de Laura.

Ouvimos a resposta vinda do banheiro e corremos até lá, abrindo a porta e dando de cara com Laura sentada no vaso sanitário segurando a barriga com uma expressão de dor que apertou meu coração.

— O que você está sentindo? — perguntei, enquanto segurava um lado de seu corpo para ajudá-la a ficar de pé; Erik cuidou do lado oposto.

Laura fungou e umedeceu os lábios secos e trêmulos.

— Estou sentindo muita dor, não sei explicar, só me tirem daqui… —

choramingou, e concordei com um aceno. Olhando para sua perna, percebi que havia uma longa mancha escurecendo o tecido esverdeado da calça de moletom que usava.

— Laura, eu acho que sua bolsa estourou… — comentei, e a mulher apalpou a área. Quando retirou sua mão, consegui ver a mancha clara de sangue e senti meu coração acelerando.

O que eu deveria fazer?

Olhei para Erik, mas ele estava totalmente pálido, olhando fixamente para a mão da grávida entre nós. Assim que ela botou os olhos nele, começou

a empurrá-lo para fora do banheiro.

— Saia daqui agora. Hyuna não vai conseguir cuidar de nós dois sozinha

— Laura ordenou, e Erik concordou sem expressão, saindo do banheiro e me deixando confusa, mas não tinha tempo a perder.

— Erik, pegue outra roupa para ela e algumas toalhas. Não esqueça os documentos, não demore! Vou descendo com ela para o carro — gritei, enquanto tentava sustentar o peso da mulher que era bem mais alta que eu.

Fomos cuidadosamente até o elevador e tentei me lembrar das horas que passei assistindo *Grey's Anatomy* e *Dr. House*, mas aquelas maratonas não haviam me preparando o suficiente para saber o que fazer, então apenas continuei tentando acalmá-la para chegarmos a tempo no hospital.

Quando estávamos chegando na rua, ouvi os passos de Erik correndo.

Ele destravou o alarme do carro e colocamos Laura com cuidado no banco de trás, indo para o hospital.

A loira começou a chorar de dor novamente e tentei falar o que pude para acalmá-la. Erik mal encostou o carro em frente ao hospital e desceu correndo em direção à recepção para buscar ajuda. Sem demora, vieram dois enfermeiros para tirá-la do carro. Colocaram-na numa cadeira de rodas e seguimos atrás, enquanto eles gritavam informações pelo caminho, pedindo remédios e para que chamassem um doutor que não consegui entender o nome.

Depois de realizarem a triagem, um médico veio conversar conosco.

— A bolsa da paciente realmente rompeu e o sangue nesse caso é comum, mas a coloração do líquido amniótico indica que pode ter algo errado com o bebê, principalmente por ter acabado de entrar na trigésima sexta semana de gravidez. Ela está tendo contrações desde ontem, então indico que seja feito o parto o quanto antes, pelo histórico da paciente e pelo bem do bebê. Ela se recusa a fazer o procedimento enquanto o marido não chegar, mas não sei se temos tanto tempo assim — o médico explicou.

— Vou tentar convencê-la, doutor — Erik garantiu e segurou em meu ombro, fazendo-me encará-lo. — Preciso que você traga Bill para cá o quanto antes. Pode fazer isso para mim? — pediu e, pela primeira vez, vi medo em seus olhos. Concordei.

— Onde ele está jogando golfe? — perguntei.

— No *Bethpage State Park Golf*. — Ergui uma sobrancelha, pois sabia que ficava em Long Island e não conseguiria ir até lá e voltar em menos de quatro horas. Então, suspirei, pois sabia que teria que pedir um favor.

Eu odiava pedir favores.

— Vou cuidar disso. Me dê uma hora — garanti e, por algum motivo que não consegui entender, dei um selinho em Erik antes de me afastar para fazer a ligação. Saí sem esperar por sua reação, mas fazer aquilo me deu a dose de coragem que precisava para fazer o que tinha que ser feito. Depois de alguns minutos, a ligação foi atendida pela inconfundível voz da minha mãe falando em coreano.

— *O que aconteceu para minha filhinha ligar para mim sem que eu precisasse implorar por dias?* — perguntou em tom de brincadeira e meu coração amoleceu um pouco.

— Preciso de um favor urgente. Não pergunte o porquê, só me ajude, ok? Depois te explico com calma — pedi com a voz trêmula.

— *Qualquer coisa por você, meu amor* — respondeu, e agradeci a Deus pela mãe compreensiva que tinha.



Estava paralisado com tudo o que havia acontecido até o momento.

A noite mal dormida por causa da preocupação com Mayumi, a briga com Hyuna — e o *beijo* —, além de Laura estar em trabalho de parto bem em

minha frente.

Os médicos não podiam dar remédios, então vez ou outra ela gritava de dor, o que me deixava aflito, pois não sabia o que fazer nessas situações.

Quando ela o fazia, arrependia-me de ter pedido para Hyuna buscar Bill, já que eu não sabia lidar com essas situações.

Sentei-me na cadeira ao lado da minha amiga de anos e tentei não olhar muito para seu rosto suado e contorcido de dor. Era muita coisa para mim.

— Onde ele está, Erik? — Laura perguntou choramingando, e tentei segurar sua mão para acalmá-la.

— Hyuna foi buscá-lo e disse que o traria em uma hora. Essa é sua *deadline*. Se não chegarem em uma hora, iremos fazer isso sem ele, ok? Não podemos arriscar sua vida ou a da bebê — expliquei, e ela sorriu sem ânimo.

— Por um acaso ela tem um teletransporte e eu não estou sabendo? Ela vai levar no mínimo duas horas até Long Island, Erik. Não quero ter esse bebê sozinha, preciso que ele esteja aqui comigo — gritou irritada.

— Ela vai dar um jeito. Mas, se não der tempo, eu vou entrar com você

— disse, e ela revirou os olhos.

— Quase desmaiou quando viu um pouquinho de sangue hoje cedo, não quero você atrapalhando meu parto com o trauma que se recusa a tratar —

retrucou, e respirei fundo, pois não era o momento para falarmos sobre isso.

Eu poderia fazer aquilo por ela, ser forte, entrar lá e ajudar a trazer uma criança ao mundo, mas sentia um tremor percorrer meu corpo só de imaginar todo o sangue que poderia estar envolvido…

Sacudi a cabeça, afastando aquele pensamento, e apertei sua mão mais forte.

— Uma hora, Laura. Só aguente uma hora, ok? — pedi, e ela concordou, fechando os olhos com força.

Cada milésimo de segundo parecia se arrastar enquanto estávamos naquele hospital e, para não deixar Laura ansiosa, não tentei ligar para Hyuna ou para Bill. Caso não desse tempo, faríamos o que fosse necessário.

Pareceu uma eternidade quando o doutor abriu as cortinas da sala de triagem e deu um sorriso fraco. Era isso, não tinha dado tempo, ela precisava

ir.

Apesar de ouvirmos todos os xingamentos possíveis saindo da boca de Laura, o doutor conseguiu explicar a situação e ela concordou em irmos para a sala de cirurgia. Então, algumas enfermeiras levaram-na para fazer todo o processo preparatório, além de me instruir a higienizar as mãos, colocar todas as roupas de proteção adequadas, como luvas, máscara e saquinhos de proteção para os pés e cabelos.

Laura tinha acabado de tomar a anestesia e estávamos aguardando o médico chegar quando senti meu celular vibrando e o atendi prontamente.

Havia um barulho muito forte de vento e Hyuna precisou gritar por cima desse ruído para que eu pudesse ouvi-la.

— *Já começou? Estamos muito atrasados?* — perguntou.

— Estamos esperando o médico na sala de cirurgia, onde você está? Que barulho é esse? — questionei, e percebi que Laura olhava em minha direção.

— *Estamos literalmente no hospital, peça cinco minutos para o médico, Bill está descendo!* — Hyuna gritou e desligou em seguida. Abaixei a máscara para sorrir para Laura. Nem precisei dizer nada, ela sabia que Bill tinha chegado e pareceu aliviada.

Devido às normas do hospital, tive que deixar a sala de cirurgia; apenas um acompanhante era permitido. Eu poderia ver todo o processo através de uma

grossa janela de vidro em um corredor no lado oposto ao da sala. Não encontrei Bill pelo caminho, mas Hyuna já estava no tal corredor quando me posicionei para ver o parto.

Em algum momento, ela amarrou os cabelos em um rabo de cavalo que deixou seu pescoço à mostra e tentei não lembrar da sensação de beijar sua pele exposta. Aquele era um momento familiar e foi totalmente inapropriado ter esse tipo de pensamento.

Assim que me ouviu chegar mais perto, abriu um sorriso meigo, deixando suas maçãs do rosto expostas. Apertei os lábios para não sorrir de volta. Quem não a conhecia como eu poderia facilmente se enganar e imaginar que nela tinha apenas doçura e inocência, quando na verdade Hyuna era uma deliciosa contradição. O semblante angelical poderia se tornar a maior perdição de um homem em meio segundo.

Eu precisava ter muito cuidado com essa mulher. Não conseguia pensar racionalmente quando ela estava por perto e não era mais um adolescente para ficar afetado pelo seu charme.

— Vejo que pontualidade não é o seu forte — provoquei, e a sua irritação ficou nítida. Entretanto, ela respirou fundo antes de me olhar sorrindo.

— Sinto muito que tenha atrasado sete minutos para procurar e buscar seu melhor amigo num campo de golfe, em Long Island, e trazê-lo de volta são e salvo para presenciar o nascimento de sua primeira filha. Não vai mais acontecer, senhor Young — ironizou e apontou para o vidro a nossa frente.

— Agora, podemos prestar atenção? Sempre quis ver um parto assim de perto.

Então, já estava dispersa com toda a movimentação na sala de cirurgia.

Só o rosto era angelical. Ela havia propositalmente me chamado de

“senhor Young” algumas horas depois de ter admitido que me irritava, uma contradição muito divertida de lidar.

Tentei focar mais no rosto de Laura do que no restante do ambiente, assim evitaria todo o desconforto do sangue. Ainda assim, não estava preparado para a emoção de ver o doutor entregando a neném ensanguentada e roxa para uma das enfermeiras, que habilidosamente limpou a maior parte da bebê e a entregou para Laura.

A essa altura, ela sorria e chorava, enquanto Bill beijava a cabeça da criança apoiada no peito de sua esposa. Sorri abertamente, pois nunca imaginei ver algo assim pessoalmente.

Ouvi um fungado baixo e olhei para o lado a tempo de ver Hyuna limpar uma lágrima da bochecha e acenar para os nossos amigos com um sorriso trêmulo. Fiquei preocupado.

— Você está bem? — perguntei, tocando de leve seu ombro.

Ela me encarou com os olhos ainda marejados e concordou num gesto rápido; entretanto, apertou os olhos e fez um beicinho enquanto usava as mangas do moletom amarelo que usava para secar as lágrimas que caiam ao choramingar.

Incomodado com a situação, puxei seu corpo para mais perto do meu e a abracei na tentativa de ajudar de alguma maneira.

— Qual é o problema? O que você tem? — perguntei exasperado. Ouvi sua risada trêmula abafada pelo tecido da minha roupa e ela se afastou um pouco para me olhar.

— Eu estou bem… Desculpe, só fiquei emocionada. Foi muito fofo, né?

— explicou, e sorri com a doçura, pois imaginava que não duraria muito tempo.

— Foi sim, bastante — concordei olhando na direção da sala.

Tinha a abraçado para que se acalmasse, mas o sorriso presunçoso de Bill e o olhar de advertência de Laura estampavam que eles tinham uma opinião totalmente diferente sobre o que aconteceu. Como os conhecia há anos, sabia

que aquilo significava que teríamos uma longa e entediante conversa mais tarde.

*

Decidimos dar um pouco de privacidade a mais nova família de Nova York, então Hyuna sugeriu que fossemos até a cafeteria do hospital para comer alguma coisa. O que fez com que eu me lembrasse que sua amiga havia saído para comprar comida alguns minutos antes de toda a confusão acontecer, logo, ela estava faminta.

Quando a garçonete veio anotar nosso pedido, já tinha em mente o que comeria, enquanto Hyuna ainda folheava o cardápio à procura de mais alguma opção.

— Quero um croissant de quatro queijos e um capuccino grande, por favor — informei, e a moça anotou de prontidão.

— Sem canela — Hyuna resmungou, ainda olhando para o cardápio. —

Capuccino sem canela para ele, por favor — informou, finalmente olhando para a garçonete. — Vou querer um suco de laranja, esse pão de batata recheado e uma minipizza, por favor — finalizou com um sorriso educado.

Ela havia se lembrado da minha alergia quando nem mesmo eu estava preocupado com aquilo. Abri a boca teatralmente para irritá-la.

— Como alguém do seu tamanho pode comer tanto assim? — perguntei,

fingindo indignação, e Hyuna riu abertamente.

— Por sua culpa, eu não como desde ontem à noite. Acho que caberia um processo trabalhista, talvez? Vou conversar com a Spencer, do jurídico, para entender melhor meus direitos — retrucou de bom humor, e tive que rir.

— Meu contrato é totalmente à prova de processos — respondi, e ela piscou de uma maneira engraçada.

Eu nem sabia como descrever a expressão de divertimento que ela ostentava.

— Spencer fez Harvard, senhor Young. Nada é impossível para quem cursou direito em Harvard — avisou, e eu não conseguia parar de rir. — Não ria! Vou tirar muito dinheiro do senhor nesse processo, melhor começar a colocar alguns bens no nome de laranjas — continuou, e não conseguia olhar para ela sem querer tocá-la.

Desde quando ela era tão divertida? E quando me tornei o tipo de homem que apreciava essa personalidade atrevida? Por que não conseguia fazer a raiva do dia anterior aparecesse nesse momento para acabar com todo esse questionamento?

Nossa interação foi errada desde o início, nada foi convencional ou planejado. Sentia-me frustrado por não conseguir agir normalmente quando ela estava por perto, xeretando minhas conversas ou sendo petulante em suas respostas. Quando abria um sorriso doce, tudo isso parecia bobagem. Quando ela me provocava, de repente não me importava mais em quebrar uma das minhas regras de ouro: não me envolver com pessoas do trabalho, principalmente se reportassem a mim.

Assim que acabamos de comer e paguei pela conta — a contragosto de Hyuna, que se ofereceu para pagar —, decidimos ir ver a bebê antes que os parentes de Bill e Laura começassem a chegar.

Hyuna já entrou no quarto estendendo os braços na direção da criança, como se ela fosse um ímã, e abriu um sorriso enorme assim que Bill colocou a neném em seu colo.

A bebê ainda usava o cobertor do hospital, pois eu havia esquecido de levar a mala que Laura tinha deixado preparada, mas não me culpei por aquilo, estávamos todos muito preocupados para lembrar. Os pais de Laura

trariam mais tarde quando viessem.

Cumprimentei Bill com um forte abraço e dei alguns tapinhas em suas costas enquanto o parabenizava pela filha recém-nascida. Hyuna já estava distraída conversando em coreano com a neném e tentei não olhar muito em sua direção.

— Fico muito aliviado que tenha dado tudo certo. Quando Hyuna apareceu no campo, imaginei que fosse coisa sua, mas ela só me explicou o que houve no caminho para cá. — Bill explicou. — Acho que não queria me preocupar…

— Por que eu sempre sou culpado? — provoquei, e ele deu de ombros.

— Só você teria coragem de atrapalhar meu jogo de golfe, não seja dramático.

Continuamos conversando animadamente, enquanto Laura e Hyuna falavam sobre a neném. Em algum momento, Bill encarou-as de olhos arregalados.

— Repita o que você acabou de dizer — pediu a Hyuna, que o olhou confusa.

— Ah… Eu estava falando para Laura que, como vocês dois são loiros naturais e têm essa boa aparência, ela terá que se preparar para ter uma filha adolescente tão bonita quanto a Serena de *Gossip Girl*… Por quê? Você não gosta da personagem? — perguntou.

Bill abriu um sorriso enorme, indo em sua direção. Pegou a bebê no colo e sorriu para ela.

— Serena? — perguntou em expectativa para a filha.

Ri audivelmente. Ele esperava que ela respondesse?

Entretanto, a bebê grunhiu, e todos no quarto se entreolharam admirados.

— Amor, o que você acha? — Bill perguntou a Laura, que sorriu em resposta. — Ela parece com Serena.

Quando a neném deu outro grunhido baixo, todos fizemos um audível

“awn”, porque realmente foi fofo.

Hyuna, Bill e eu olhamos em expectativa para Laura, que pensou por um momento antes de dar de ombros.

— Como eu posso negar se ela já está respondendo pelo nome? Vai ser Serena — concordou, e comemoramos em conjunto.

O que, infelizmente, fez com que Serena se assustasse e começasse a chorar, mas Bill já parecia ter a habilidade necessária para acalmar a filha e ficamos despreocupados.

Apesar de todas as dificuldades, aquele dia ficaria marcado para sempre em nossas memórias. Nada era mais recompensador do que ter o privilégio de presenciar um momento tão especial na vida dos meus melhores amigos. E

não podia deixar de agradecer, mesmo que relutante, pelo papel que Hyuna protagonizou no nascimento dessa criança.

Era o tipo de conexão que nunca poderia ser desfeita. Eu não poderia mais negar que ela já estava envolvida nas partes mais importantes da minha vida.



Na segunda-feira logo após o nascimento de Serena, senti praticamente um ímã me puxando para o Brooklyn.

Depois de finalizar minhas atividades do dia, tomei um táxi até a casa da senhora Young. Fiquei pensando o dia todo sobre sua preocupação com May

e precisava pedir desculpas.

Assim que anunciei minha presença, a senhorinha fez questão de ir abrir a porta para mim. Estava apreensiva para começar a falar. Algo em seu olhar doce me lembrava de minha própria mãe e fiz uma anotação mental de que deveria visitá-la.

Inclinei-me numa reverência demorada e pedi desculpas em inglês, coreano e em japonês. Não sabia qual dos métodos amoleceria seu coração, mas tinha que tentar, certo?

— Deixe disso. Venha, entre um pouco. Está bem frio aí fora — ela respondeu, puxando-me para dentro de sua casa.

Como pude prever, ela me carregou até a cozinha e colocou água para ferver na chaleira. Suspirei aliviada, pois estava bem ansiosa com esse momento.

— Eu preciso muito saber se a senhora vai me perdoar pelo que houve.

Realmente adorei ter saído com May e não quero que isso prejudique a nossa amizade — confessei. A senhora sentou-se ao meu lado e me olhou com um sorrisinho contido.

— Eu já te desculpei. Mayumi é uma mulher, não posso me preocupar tanto toda vez que ela sair de casa. Quem ficou uma fera foi Erik. Desde que meu marido faleceu, ele se sente responsável por todos nós. — Suspirou, perdida em pensamentos. — Meu menino teve que amadurecer tão rápido…

Agindo como se fosse pai da própria irmã.

— Imagino… Ele era muito novo quando o pai faleceu? — perguntei com cautela.

Senti que poderia estar sendo indiscreta, mas, depois dos últimos acontecimentos, faria questão de descobrir tudo que fosse possível sobre Erik.

Sendo bem realista, eu *queria* saber tudo sobre ele.

— Ele tinha acabado de fazer dezessete, May tinha apenas quatro anos.

Foi muito difícil para ele lidar, principalmente porque não tínhamos condições na época — comentou, e já não parecia estar mais no mesmo cômodo que eu, perdida em seu passado. — Erik começou a trabalhar tão

cedo, mas não permiti que fosse prejudicado e o ajudei a pagar a faculdade.

Olhava para ela e sentia meu coração pesado. Eu tinha a sensação de que ele já havia nascido com condições, mas saber de sua história ajudava a entender o porquê de ser tão exigente e não aceitar falhas. Erik tinha conquistado tudo o que tinha com muito esforço e tinha conseguido dar uma vida confortável para sua família. Era bem mais que um chefe cretino; eu deveria saber que ele tinha muita coisa em jogo.

Depois de tomarmos o chá, decidimos conversar sobre coisas mais leves, então senhora Young compartilhou algumas histórias engraçadas sobre a infância de Erik e May. Até tentei ver a garota, mas ela tinha um compromisso com Erik todas as segundas-feiras naquele horário e decidi ir embora sem demora.

Mal vi meu chefe naquele dia e até estava agradecida por aquilo. Ainda não sabia como lidar com o beijo, nem com o fato de ter chorado em sua frente. Não que estivesse com vergonha e nem nada do tipo, só precisava colocar a cabeça no lugar antes de mais nada.

Como já estava no Brooklyn, liguei para Laura e perguntei se poderia ir até o hospital ver Serena. Ela aceitou de prontidão e disse que estava entediada, já que Bill havia ido para casa resolver algumas coisas.

*

Não me considerava uma pessoa maternal, mas estava apaixonada pelos olhinhos azuis de Serena. Não conseguia parar de olhar seu rostinho minúsculo e seus dedinhos que apertavam meu indicador com firmeza.

Continuava sussurrando elogios em coreano; afinal, era uma língua mais sonora e delicada que o inglês. Parecia apropriado.

— Eu achei que você tinha vindo aqui para me tirar do tédio — Laura reclamou, e sorri sem graça. — O que você tanto fala para ela, hein?

— Estou dizendo que ela é linda, que vai ser muito inteligente e que eu vou matar todos os idiotas que tentarem magoá-la — expliquei.

Soprei um beijo para a neném sonolenta em meus braços.

— Espero que seja isso mesmo… — ameaçou. — Mas, Hyuna, apenas por curiosidade, você pode me explicar como trouxe Bill a tempo? Ele

mudou de assunto várias vezes quando perguntei.

Olhei-a desconfiada e dei de ombros. Ela estava jogando verde ou Bill realmente manteve sua palavra?

— Eu fui de helicóptero — assumi, e ela arregalou os olhos.

— Deve ter custado muito caro — retrucou. Neguei.

— Na verdade, não paguei nada. Uma… *amiga* me devia um favor —

menti.

— Entendi… E por que você foi com Erik na minha casa? Vocês estavam juntos quando liguei? — perguntou, e a encarei com a expressão vazia.

Ela realmente me daria outra bronca?

Eu precisava esclarecer as coisas com ela se quisesse ficar em paz com meu chefe. Pelo que percebi, eles tinham uma amizade profunda e, mesmo sendo petulante e egoísta, deveria dar alguma explicação a ela.

— Ele estava na minha casa quando você ligou, por isso me ofereci para ajudar — admiti, e ela inclinou o rosto com preocupação.

— Hyuna… — advertiu. Suspirei, tentando formular o que diria.

— Eu já te disse antes, mas sinto que preciso enfatizar o fato de que tenho muito dinheiro — respondi. — Só quero ficar com Erik mais uma vez, então, por favor, não brigue comigo, ok? Fiz minha parte, ele quem me beijou primeiro — confessei, e fechei os olhos, percebendo a burrada.

Por que eu tinha que ter uma boca tão grande? Arg.

Laura bufou e cruzou os braços sobre a barriga, pensativa.

— Eu *sabia* que estava acontecendo alguma coisa! Aquele cara de pau teve a coragem de tentar me enganar… — resmungou.

— Quem tentou te enganar? — perguntei.

— Erik. Mas eu o conheço como ninguém. Quando vi a forma que ele te abraçou, sabia que tinha acontecido alguma coisa — concluiu com um sorriso convencido. — Só não entendo por que ele esconderia algo assim de mim.

— Bom, talvez eu tenha uma parcela de culpa sobre essa parte — admiti

envergonhada. — Depois daquele dia em sua casa, nós discutimos porque achei que ele havia espalhado por aí que ficamos juntos. Mas já foi tudo esclarecido. — Tentei mudar de assunto.

— Não, nem ouse tentar! Pode me falar tudo. Estou cansada de estar por fora — ameaçou, e apertei os lábios com força, sem saber se realmente deveria dizer algo. — Pode começar desde o início. Estou esperando —

ordenou.

Não sei se foi sua personalidade forte ou o fato de estar com sua filha em meus braços, mas decidi contar a ela, com detalhes, tudo o que estava acontecendo. Não sabia se poderia confiar nela, mas, pela maneira com que se importava com Erik, decidi que valia a pena arriscar.

Fora que queria continuar brincando com Serena mais um pouco e desconfiava que se não abrisse o jogo, ela acabaria me chutando para fora daquele quarto.

Laura ouviu todos os detalhes atentamente e não fez nenhuma pergunta.

Riu dos momentos tensos, mas chorou de rir quando contei sobre a provocação do carro.

— Olha, Hyuna, sinto que te devo desculpas, porque você é uma pessoa muito determinada. Em sua posição, eu já teria acabado com a raça dele —

brincou. — Mas falando sério agora, entendi a conexão de vocês. Ele parece estar aberto a aceitar esse sentimento também…

Do que ela estava falando?

— Aberto a qual sentimento? — perguntei.

— Ao seu, oras — retrucou.

— Você não ouviu nada do que te disse? Não tenho sentimentos por ele!

Não me faça dizer coisas obscenas na frente de Serena… — respondi irritada.

Laura me olhou com ternura e isso me assustou até a próxima geração.

Por que diabos uma mulher com aquela personalidade me olharia desse jeito?

— Mas é claro que tem. Você não tem uma quedinha por Erik, você tem um *tombo*. Apenas aceite isso e conquiste logo esse homem, estou cansada do trabalho que aquelas mulheres me dão — respondeu.

Senti calafrios com suas palavras. Eu não estava apaixonada por ele, por

que ninguém aceitava isso?

Quando estava pronta para retrucar novamente, Bill abriu a porta do quarto e entrou segurando uma mala, sorrindo assim que me viu.

— Olá, coreana — cumprimentou, e sorri.

— Amor, me tira uma dúvida: Hyuna está apaixonada por Erik? —

Laura perguntou. Encarei-a irritada.

O que ela estava fazendo?

Bill nos olhou desconfiado e finalmente suspirou.

— Tenho minhas dúvidas. Mas pode apenas ser a personalidade dela —

ele respondeu, e revirei os olhos.

— Vocês são loucos — resmunguei em coreano.

— Enfim, não vou mais te perturbar com isso *por hoje*, mas você deveria admitir o que sente ou o esquecer de vez. Erik já tem problemas demais, não seja mais um — Laura disse.

Depois disso, não sentia mais vontade de permanecer no hospital. Como estava ficando tarde, acabei me despedindo para ir embora. Relutante, entreguei Serena de volta para os pais.

Entrei no elevador e liguei para Naomi, queria avisar que em alguns minutos chegaria em casa. Saí distraidamente em direção à recepção e acabei trombando com um homem que entrava no elevador.

Olhei para seu rosto com esperança, mas constatei que não o conhecia e pedi desculpas.

Por que estava esperançosa? Quem eu esperava que fosse?

As palavras de Laura não saíam da minha cabeça, mas de jeito nenhum estava apaixonada pelo meu chefe. Só fiquei desapontada por não o ter encontrado no hospital.

Eu realmente estou ficando maluca, pensei, incomodada, enquanto ia em direção à saída. Do lado de fora, decidi chamar um táxi, mas, olhando os carros que chegavam, senti uma ansiedade repentina, como se soubesse que algo estava para acontecer.

Quando uma BMW parou no meio fio, senti meu coração acelerando e mordi o lábio com força para tentar impedir o frio na barriga que teimava em aparecer. A porta se abriu e Erik saiu em câmera lenta. Como quem sentia minha presença, olhou diretamente para mim e engoliu em seco.

Podia jurar que o tempo tinha parado naquele momento, enquanto aquele homem incrível olhava intensamente para mim. Erik sorriu e, assim que deu um passo em minha direção, senti como se meu coração fosse explodir. Contorci-me, segurando o peito, sem saber como lidar com aquela sensação.

Pude vê-lo correr até mim e senti quando segurou em meu rosto, perguntando se eu estava bem. Sua voz parecia distante, mas sentir seu toque acalmou meu coração desesperado e entorpeceu cada parte do meu corpo.

— Hyuna, está me ouvindo? Você está bem? — Continuou perguntando, preocupado.

Apesar de querer me inclinar em sua direção e tocar seus lábios, limitei-me a perguntar a única coisa que não conseguia entender:

— *O que você fez comigo?* — perguntei em coreano. Erik pareceu confuso.

— Do que você está falando? — questionou desesperado.

— Por que meu coração está tão acelerado? *O que você fez?* —

perguntei.

Seu olhar preocupado ainda me fitava e senti meu corpo amolecer, enquanto Erik me segurava pela cintura e me levava de volta para o hospital.

Não entendia o que estava acontecendo. Minhas pernas estavam fracas, meu coração estava tão acelerado que achei que fosse explodir, minha audição estava distante e me sentia desligada do universo ao meu redor.

Senti quando uma enfermeira me colocou numa das macas da sala de emergência e começou a tirar minha pressão, enquanto outro enfermeiro acendia uma lanterna irritante nos meus olhos e os dois trocavam informações que não consegui ver sentido.

Finalmente me colocaram numa das camas e fecharam as cortinas ao meu redor, colocaram-me no soro e pediram que aguardasse o médico para

verificar melhor o que estava havendo. Conseguia ouvir o insistente apito do monitor cardíaco que, aos poucos, foi diminuindo de intensidade e voltei a respirar melhor.

Em tempo, entrou uma médica com cara de cansada e sorriu para mim, perguntando se eu estava me sentindo melhor.

— Eu estou ótima agora. Na verdade, nem entendi o que houve —

confessei, e ela concordou enquanto observava as anotações que os enfermeiros fizeram.

— Pela sua ficha médica, não consta nenhum problema cardíaco, então vou te deixar em observação pelas próximas horas, apenas para excluirmos algumas suspeitas de taquicardia. Mas, basicamente, sua pressão subiu bastante, então tente ficar tranquila e relaxar, ok? — Concordei com um aceno e ela me deixou sozinha.

Finalmente olhei ao redor, percebendo que Erik não estava por lá. Por um mísero segundo, me perguntei se havia imaginado sua presença ali. Mas como não estava sobre o efeito de nenhum alucinógeno, me senti mais confortada. Era impossível que eu tivesse imaginado tudo aquilo.

Lembrando-me do que perguntara para ele, tive certeza de que eu era uma idiota completa. Que culpa ele poderia ter na minha pressão arterial?

Erik deve estar me achando uma doida.

Algumas horas mais tarde, quando já estava morrendo de tédio, a médica voltou para ver como eu estava. Sorri abertamente e pedi para ser liberada.

— Vou apenas tirar você do soro, ok? Também vou pedir para você acompanhar a pressão nos próximos dias. Caso o quadro se repita, marque uma consulta imediatamente — instruiu, tirando a agulha do meu pulso.

Ouvi a cortina se abrir e olhei para aquela direção a tempo de ver meu chefe na frente da cama, preocupado e com a testa franzida daquela maneira que fazia com que eu me sentisse muito adolescente por encará-lo.

De repente, senti todo aquele frio na barriga voltar e meu coração se acelerar novamente. O monitor cardíaco parecia uma escola de samba de tão rápido que apitava, desmascarando meu coração desesperado.

Erik deu um passo na minha direção, mas a médica o impediu, pedindo que ele esperasse um momento do outro lado. Ela chamou minha atenção para seu próprio rosto e perguntou como eu me sentia.

— Parece que minha barriga está congelando, mas minhas mãos estão suadas e meu coração está a ponto de explodir — expliquei, e ela me observou atentamente enquanto os "*PIS*" do aparelho finalmente diminuíram.

O que estava acontecendo?

— Qual é o nome do seu acompanhante? — perguntou.

— Erik Young — respondi desconfiada.

— Senhor Young, pode voltar aqui por um minuto? — a doutora pediu e, assim que ele apareceu em minha frente, senti toda aquela ansiedade novamente.

A doutora começou a rir e a encarei desesperada. O que ela estava fazendo?

— Seu diagnóstico é mais simples do que eu imaginava. Senhor Young, peço que a acompanhe até em casa hoje, mas, caso o quadro seja recorrente, é melhor ela consultar um especialista — instruiu, e meu chefe concordou.

— Devo procurar um cardiologista ou generalista? — perguntei, e ela riu para mim.

— Seu problema de coração só vai se resolver num terapeuta ou na cama, uma vez que ele é a causa — sussurrou em meu ouvido e inclinou a cabeça em direção ao meu chefe.

Pisquei sem acreditar que ela realmente tinha falado aquilo.

Erik era o culpado pelo meu problema de coração?

Responsabilidade

Hyuna

De todas as vergonhas que havia passado na vida, nada se comparava a sensação de ter uma médica plantonista dizendo que meu quadro de taquicardia era causado pela presença do meu chefe.

Eu sabia que sua aparência influenciava meu corpo de maneira muito positiva, mas nunca poderia imaginar uma reação tão drástica, muito menos uma doutora confirmando que aquilo era possível.

Antes de sair do hospital, ela me indicou alguns terapeutas e assegurou que, se o homem não pudesse corresponder aos meus sentimentos, o ideal seria procurar ajuda para que aquilo não piorasse.

Dava para acreditar numa coisa tão ridícula assim? Quem nesse mundo tinha taquicardia porque o chefe gostosão apareceu bem na hora que mais queria vê-lo?

Para piorar minha situação, obviamente que ele insistiu em me deixar em casa, o que neguei veemente, mas Erik literalmente jogou-me por cima de seu ombro e me enfiou em seu carro. Por esse motivo, eu estava encarando a paisagem de braços cruzados e morrendo de raiva, enquanto o homem ao meu lado ostentava um sorrisinho confiante para me irritar.

Apesar de discordar da médica, não queria olhar muito em sua direção, já que meu coração realmente se acelerava quando fazia isso. Então, me limitei a parecer irritada e não dar bola para sua brincadeira. Mas claramente ele não me deixou em paz por tanto tempo.

— Você sabe o que a médica me disse? — Erik perguntou, e revirei os olhos, imaginando que viria alguma provocação em seguida. — Ela disse que tenho que tomar mais cuidado com a forma que ajo ao seu redor, porque eu poderia fazer com que você tivesse um ataque cardíaco, acredita? —

perguntou ironicamente, e mordi o lábio para não sorrir.

— Vou ter que concordar com a doutora. Você tem esse hábito de aparecer bem na minha frente, do nada — retruquei. Erik riu.

— O que eu achei mais interessante foi seu coração voltar a acelerar assim que me viu — continuou, ignorando totalmente minha provocação. —

Dessa maneira, vai ser bem difícil acreditar quando você disser que não está se apaixonando por mim.

Ele estava propositalmente tentando me tirar do sério?

— Já disse que não me apaixono fácil — respondi. Ele suspirou pesadamente, o que me fez olhá-lo.

— Se você diz… — respondeu, prestando atenção na estrada à frente.

Com seu cotovelo no apoio do carro, senhor Young deslizava o dedo por seu lábio, hábito que descobri ser recorrente, principalmente quando estava preocupado. Mesmo querendo evitar, não pude deixar de me sentir satisfeita em saber que ele estava assim por minha causa.

Apesar disso, não queria vê-lo assim por mais tempo, então pigarreei

para chamar sua atenção.

— Amanhã levarei a conta do hospital para que o senhor faça o reembolso — informei em tom formal.

— Por que você faria isso? — perguntou, e sorri vitoriosa.

Era mais fácil brincar quando ele cooperava.

— Se a médica disse que meu problema de saúde é causado por você, sinto te informar, mas é uma doença causada pelo trabalho árduo que venho fazendo. Nada mais justo que se responsabilizar pela sua funcionária doente

— dramatizei, e Erik riu.

— Você está brincando, certo? — questionou, e arregalei os olhos, fingindo incredulidade.

— Não acredito que um homem rico como o senhor esteja sendo mão de vaca. Você precisa se responsabilizar pelas reações que causa — retruquei, morrendo de vontade de rir.

Sua expressão de inconformidade era hilária.

— Como você espera que eu continue rico se tiver que pagar todas as suas despesas médicas? — perguntou, e tive que pigarrear para não sorrir.

— Ah, que sorte que sou uma pessoa muito saudável. Assim, o senhor não terá muitos gastos comigo. — Sorri travessa.

Senhor Young revirou os olhos, mas consegui ver que ele estava se segurando para não sorrir. Para mim, já era uma vitória. Só queria que ele não ficasse tão preocupado com uma taquicardia leve.

Assim que estacionamos em frente ao meu prédio, agradeci pela carona e desci do carro. Ouvi quando Erik veio atrás de mim e sorri quando ele pediu que eu o esperasse, mas me recompus antes de encará-lo.

— Você está melhor mesmo? — perguntou preocupado, e engoli em seco, sentindo meu coração traiçoeiro começar a protestar novamente.

Eu precisava tirar aquele homem de perto de mim, senão morreria.

— Estou sim, não se preocupe. Até amanhã, Erik — respondi sorrindo.

Entretanto, o homem segurou em meu pulso, impedindo-me de entrar no

prédio. Em um movimento rápido, me puxou para mais perto do próprio corpo e encostou os lábios nos meus.

Pisquei sem entender que porra ele estava fazendo comigo enquanto estava quase morrendo do coração. Então, o empurrei para longe e levei a mão ao meu peito, exasperada.

— O que você está fazendo? — perguntei sem ar, e Erik enfiou as mãos nos bolsos da calça, antes de sorrir.

— Estou me responsabilizando — respondeu e foi embora.

Demorei uns dez segundos para sair do estado catatônico em que estava.

Considerava-me uma pessoa muito discreta com assuntos pessoais, mas, assim que entrei em casa, saí em busca da minha melhor amiga para falar o que tinha acontecido. Ela não estava em lugar nenhum e, agoniada, joguei-me no sofá.

Fechei os olhos com força, sentindo meu coração lentamente se acalmar, lembrando-me do toque preocupado de Erik e da sensação da sua boca na minha.

Soquei o estofado com força e choraminguei quando percebi a besteira que fiz em afastá-lo, ao invés de convidá-lo para entrar. Mas me convenci de que era para o melhor, afinal, eu provavelmente morreria caso ele me olhasse por muito mais tempo.

*

No dia seguinte, estava me sentindo muito melhor do coração; contudo, minha cabeça que estava a mil. Por isso, resolvi preencher meus minutos de tranquilidade da manhã para ligar e tentar conseguir alguns contratos para a Thousand Corp.

Não que isso fizesse parte do meu trabalho, mas eu era uma *hunter* nata, não poderia deixar esse talento ser desperdiçado. Após uma rápida conversa com Bill, senti que era algo que eu poderia fazer para ajudar a área na situação

em que estávamos, ele só me pediu que mantivesse todos os contatos e status atualizados no *software*.

Por isso, estava mandando e-mails e ligando para praticamente todos os meus amigos e conhecidos que poderiam ter uma demanda, por menor que

ela fosse.

Mesmo contra minha vontade, decidi conversar com Octavio, que obviamente insistiu para almoçarmos juntos, devido àquele favorzinho da Mariah Carey.

Eu estava pronta para recusar, mas peguei senhor Young encarando-me com um sorriso contido várias vezes durante o dia, o que me assustou de uma maneira bizarra. Num dia, ele me afasta e me evita; no outro, me beija e fica me encarando? Não fazia nenhum sentido.

Como ainda estava abalada com sua presença, sabia que precisaria de uma desculpa minimamente aceitável para não almoçar com Erik, Bill e Charlie, como normalmente fazemos. Então, aceitei o convite e passei a manhã toda no telefone tentando agendar mais algumas reuniões.

Como previsto, Octavio passou uma hora falando sobre uma subcelebridade que conheceu no último show do Bruno Mars, mas o deixei confortável para dar meu bote e questionei se ele não conhecia alguma empresa que precisava do nosso tipo de trabalho. Ele disse que verificaria e me avisaria, então, antes que tentasse voltar para o tópico anterior, fingi receber uma mensagem importante e dei o fora do restaurante.

Nem consegui me sentar assim que voltei do almoço e senhor Young me gritou de dentro de sua sala. Entrei receosa e parei a uma distância segura.

— Você já finalizou aquele relatório de despesas da contabilidade? —

perguntou, e lembrei que ainda faltava confirmar alguns pagamentos.

— Estou quase finalizando, vou verificar as de Bill e aí podemos marcar um horário essa semana para confirmar as suas — respondi, e ele concordou.

— Preciso disso até quarta-feira, eles estão me pressionando —

informou, e apertei os lábios juntos, tentando me lembrar como estava sua agenda naqueles dias.

— Não acho que o senhor tenha horário para discutirmos isso até quarta-feira. — Erik sorriu, convencido.

— Então vamos fazer isso amanhã depois do expediente — sugeriu, e ergui uma sobrancelha, impressionada.

Ele estava abrindo seu horário sagrado para mim? Pelo seu olhar

presunçoso, podia imaginar que queria me torturar depois da cena do hospital e suspirei concordando.

Antes de sair da sala, tive uma ideia brilhante.

— Mas você que vai pagar o jantar — disse. Ele sorriu, concordando com um aceno. — E vai contar como hora extra — completei. Erik fechou a cara na mesma hora.

Assim, pude voltar tranquila para minha mesa. Entretanto, não poderia dizer que meu coração estava bem, porque ele não estava acostumado com toda essa gentileza por parte do meu chefe.

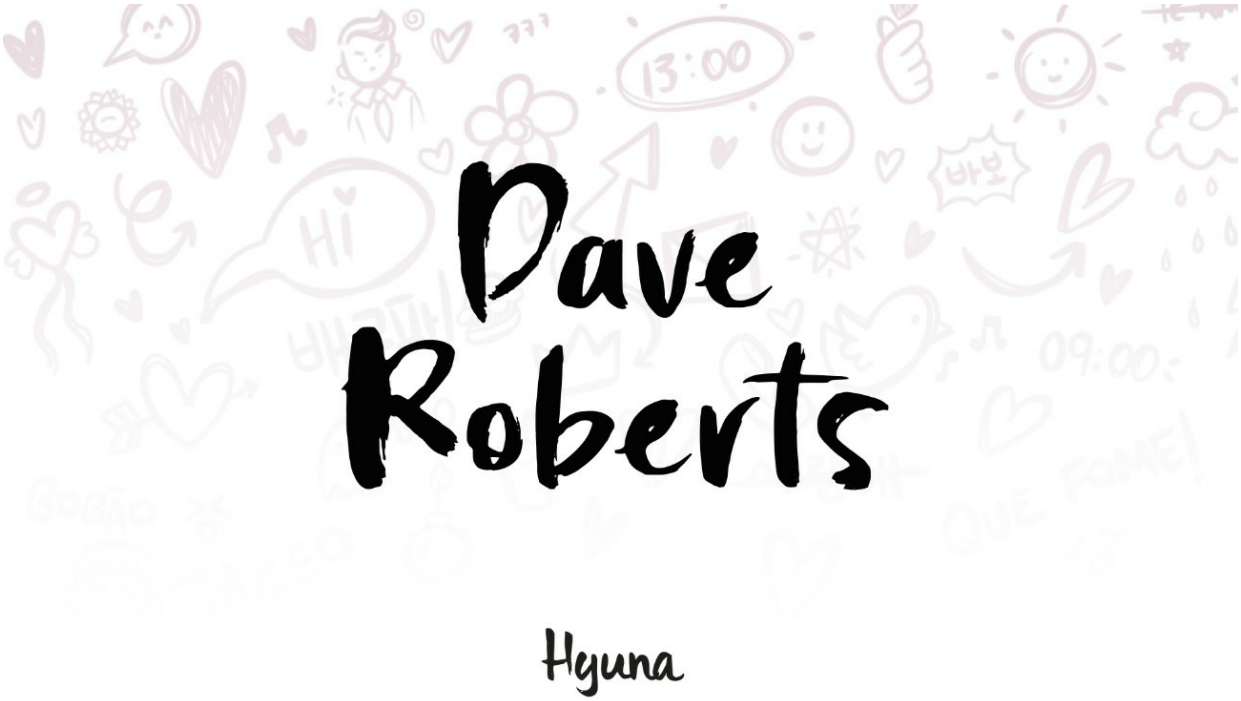
Se não tivesse um relatório e horas extras, aquilo poderia ser considerado como um encontro?

Ouvi meu celular tocando e corri para atendê-lo. Sorri abertamente ao ver que quem me ligava era o ilustre Dave Roberts, meu ex-chefe.

Enquanto conversávamos animadamente para marcar um jantar naquele mesmo dia, um dos rapazes da entrega do prédio veio deixar as correspondências do senhor Young e, para a minha surpresa, havia um lindo e enorme arranjo de rosas brancas com um cartão delicado indicando que era para Erik.

Como uma boa secretária, abri o cartão, surpreendendo-me com um único símbolo, que significava “trinta” em coreano.

O que aquilo significava? Será que Senhor Young tinha uma admiradora secreta? Trinta era um código secreto ou uma piada interna? Ou era apenas um cliente?



A noite estava começando a ficar mais fria quando finalmente cheguei ao restaurante. Dave era muito exigente quanto aos locais que frequentava, por isso optamos pelo bom e velho Adagio.

O ambiente refinado contava até mesmo com um pianista para entreter os convidados e servir de trilha sonora aos casais que se aventuravam num encontro romântico. As luzes baixas, os estofados clássicos e os pratos quatro estrelas eram os maiores atrativos para aqueles que tinham muito dinheiro para gastar ou queriam impressionar alguém. No caso de Dave, as duas opções eram verdade, mas já imaginava que aquilo estava por vir.

Informei à *hostess* o nome da reserva, e ela me acompanhou até uma das mesas, onde o homem me aguardava enquanto lia atentamente algum manuscrito em sua frente. Sorri pela nostalgia.

Assim que me aproximei, ele se levantou sorrindo e me cumprimentou com um beijo em cada lado do rosto. Sentamo-nos e nos olhamos sem dizer uma palavra por alguns minutos. Seu sorriso presunçoso, e muito familiar, fazia com que conversássemos sem precisar abrir a boca.

Suspirei pesadamente e, após isso, nós dois caímos na risada com o clima finalmente sendo quebrado. Era bom ouvir sua voz.

— Senti falta da sua risada — comentou, e sorri abertamente.

— Imagino que sentiu, suas insistentes mensagens me fizeram ter uma leve noção disso — retruquei de bom humor, e o cinquentão riu em resposta.

— Mas vou admitir que não sinto falta da sua petulância — brincou, e dei de ombros. — Te conheço, Hyuna, do que você precisa? — perguntou, e revirei os olhos.

Ele sabia que eu detestava papo furado, também sabia que eu detestava ser previsível a seus olhos. Dave era um dos profissionais mais incríveis que conheci em toda a minha vida, não poderia deixar de admirá-lo, mas sua presunção em relação a mim foi um dos fatores que me fez pedir transferência para a área de aquisição da Forbes.

— Já que você pulou toda a parte divertida, acredito que podemos ir direto aos negócios. Mas antes, um pouco de vinho, não? — Dave sorriu, sabendo exatamente o que fazer.

Pediu uma garrafa do meu vinho preferido, que veio a calhar ser um dos mais caros da casa. Ele sabia que apenas uma taça bastava, mas sua insegurança insistia que ele tentasse me impressionar.

Estava aí o lado negativo em ter uma baixa autoestima: você era obrigado a gastar muito mais que o necessário, mesmo sabendo que não conseguiria se sentir bem com aquilo.

Quando estávamos servidos, decidi colocar todas as cartas na mesa.

— Estou trabalhando na Thousand Corp — expliquei, e ele concordou como se estivesse dando notícias antigas. — Preciso muito da sua ajuda, porque

tenho menos de um mês pra entregar algum grande contrato e não estou com muita sorte.

— Por que você deveria entregar contratos se é *apenas* a assistente daquele asiático idiota? — perguntou, e me irritou o tom com que se referiu a Erik. Sem contar que percebi sua ênfase na minha ocupação.

— Primeiro, você sabe melhor que ninguém que não sou apenas uma assistente. Segundo, por acaso você o conhece? — perguntei.

Dave deu de ombros com sua melhor expressão de deboche e lembrei do porquê de estar hesitante em vê-lo.

— Você se esqueceu do que faço para viver? — perguntou, e fiz um biquinho derrotado.

Ele era a porra do editor-chefe da Forbes, meio óbvio ele conhecer alguém do calibre de Erik. O que me levou a uma dúvida.

— Erik saiu na Forbes? Sério? — questionei impressionada.

— Duas vezes. Não me espanta que você não saiba disso, não ouviu nenhum dos conselhos que te dei — provocou. — Se ainda tiver o objetivo de ser uma empresária e quiser elevar a NK a um novo patamar, você precisa começar a ser mais curiosa, Hyuna. Como pode ser assistente de um homem sem nem saber as competências dele? Nem sempre a sorte vai estar ao seu lado. Isso poderia ter manchado seu currículo — Dave repreendeu em um tom terno, quase parental.

A NK é o ateliê que Naomi e eu fundamos e que leva as iniciais do seu nome, já que ela é a designer por trás da marca. Investimos muito tempo,

dinheiro e esforço naquele empreendimento, não poderia me dar ao luxo de ser teimosa e ignorar um conselho vindo de alguém tão experiente.

Concordei com um aceno, pois ele já era a segunda pessoa dizendo aquilo em menos de um mês. Eu realmente precisava ser mais incisiva em descobrir os detalhes sobre quem estava ao meu redor. Mas justamente pelo meu passado, não queria fazer esse tipo de coisa.

— Você sabe que isso é difícil para mim — resmunguei, e o homem à minha frente colocou sua mão em cima da minha num gesto de carinho.

Retirei a minha rapidamente, olhando ao redor, incomodada com o toque repentino. Dave respirou fundo com meu gesto, e bebi o restante do vinho que estava na taça antes de servir mais um pouco.

— Podemos falar do que realmente importa agora? — perguntei, mudando totalmente de assunto. — Preciso da sua ajuda.

— Você precisa de um contrato, simples assim? — questionou, e concordei.

— Sei que vocês não vão mudar de prédio e nem mesmo construir uma nova filial, mas se você puder enjoar de alguns andares ou quiser repaginar a arquitetura do lugar, me avise — instruí, e ele concordou.

— Vou ver o que consigo fazer. Talvez nada muito grande, mas só o nosso nome já deve valer de algo — respondeu, e agradeci mentalmente por isso. — Só não entendo sua pressa, por que isso é tão importante?

— Porque nossos principais contratos estão congelados, dando todo o tipo de problema que você possa imaginar. Daqui a algumas semanas, entregaremos os resultados do último semestre e, se a situação ainda estiver assim, provavelmente seremos todos demitidos — respondi.

Entretanto, o homem à minha me olhou desconfiado.

— Até o seu chefe? — perguntou, e estranhei a pergunta.

— Acho possível — respondi.

— Não passou pela sua cabeça que, sendo um homem daquele potencial, alguém pode estar propositalmente sabotando os contratos? — perguntou, e inclinei a cabeça por um momento, pensando na possibilidade.

Lembrei das palavras de Bill na última reunião do Grencyal Bank sobre parecer que eles propositalmente estariam dificultando o processo e fiquei apreensiva. Não havia pensado na possibilidade de alguém querer ganhar

algo com nossa perda, mas eu deveria imaginar algo assim, afinal, era o mundo corporativo.

— Não consigo pensar em ninguém que faria isso. Erik é difícil, mas não lembro se tem algum inimigo… — divaguei. Dave riu, e não entendi sua reação.

— Você pode ter certeza que alguém que saiu na Forbes duas vezes tem inimigos ou, pelo menos, concorrentes que fariam tudo para estar em seu lugar — explicou. — Você deveria ligar para o Ryan — sugeriu, e eu o encarei de cara fechada.

— Não vai acontecer.

Dave deu de ombros.

— Você precisa aprender a separar sua vida profissional da sua vida pessoal. Ryan é um excelente profissional e você sabe disso. Espero que ouça meus conselhos — respondeu, e mostrei a língua para ele, para aliviar um pouco a tensão.

— Nunca ouvi e não vai ser agora que vou começar, Dave, principalmente no que se refere a Ryan — respondi, irredutível. — Vamos comer? Me dando o que beber assim de barriga vazia, vou assumir que esteja tentando me embebedar para abusar do meu corpinho — brinquei, e Dave riu abertamente.

— Você é impossível! Mas estava com saudade desse seu jeito —

confessou. — Falando nisso, tenho um convite para um evento muito exclusivo no Hotel Magnific. Vai ser esse final de semana. Espero que você possa me acompanhar, pelos velhos tempos — sugeriu, e sorri, pensando numa travessura.

— Vou pensar no seu caso — respondi de bom humor.

— Dei a entender que era opcional? Desculpe-me, minha querida. Você vai comigo ou nada de contrato com a Forbes — esclareceu com um sorriso presunçoso.

Revirei os olhos, mas não poderia deixar de me animar com a ideia de ir a um evento como esse, onde teriam muitas pessoas influentes e poderia promover de maneira sutil a NK.

— Ok! Já que você está pedindo tão gentilmente, eu irei, mas hoje a conta é sua, meu amigo. — Sorri docemente para ele.

— Eu pagaria se não soubesse quem você é, mas pelo menos um de nós dois precisa evoluir, não? — retrucou, e bufei.

Ele havia feito tudo aquilo de propósito, e choraminguei sabendo que escolheria os pratos mais caros da casa. Meu bolso estava sofrendo por antecedência.

O restante da noite foi tranquilo e decidimos conversar sobre o que vinha acontecendo desde que saí da empresa para trabalhar na Thousand Corp, além de me dar maiores detalhes sobre o evento no Magnific. Seria um evento beneficente, para arrecadação de doações para duas ONGs que tinham, respectivamente, a missão de custear os estudos de jovens com potencial, mas que não tinham condições financeiras, e inserir esses jovens em situação de risco ao mercado de trabalho.

Por isso, me senti inclinada a realmente ir e até fazer uma doação, o que me impressionou, já que nunca senti vontade antes.

Algo estava me fazendo compactuar com a causa, só não sabia exatamente o que poderia ser.



Passei o dia todo agoniada pelas palavras de Dave sobre alguém estar realmente querendo prejudicar o meu chefe, ou, pior, toda a empresa.

Seja qual fosse a opção, eu não poderia permitir. Erik havia se mostrado um profissional impecável que, mesmo tendo um gerenciamento ambíguo de pessoas, conseguiu provar por “A mais B” que conseguia extrair o melhor

dos seus subordinados. Eu havia visto isso claramente ao fazer o relatório dos seus últimos cinco anos de gestão.

Mas, mesmo contra a minha insistente tendência a rebeldia, segui uma fração do conselho do meu ex-chefe e procurei as matérias sobre Erik, tanto as da Forbes, que eram as mais notórias, quanto a de outros sites.

Na Forbes, sua primeira aparição foi tímida, porém relevante, sendo citado em terceiro lugar como “Estrangeiros que mais faturaram em solo americano em 2015”. Arregalei os olhos ao ver a quantidade de zeros e ri com humor, lembrando de que ele estava supondo que ficaria pobre ao pagar minhas despesas médicas.

Mão de vaca!, pensei, divertida.

A segunda aparição o destacou na capa da Forbes em que Daniel Hant era o assunto principal. A matéria citava meu chefe como referência em gestão

intercontinental, onde usava o melhor dos costumes orientais e os aplicava ao cotidiano ocidental com maestria. A matéria continha citações de Erik e também do Anthony Beak, atual CEO da Thousand Corp. Os gráficos demonstrando a evolução do faturamento da empresa após sua contratação deixaram claro toda a sua competência e provavam que seu modelo era vantajoso e aplicável.

Sorri orgulhosa ao perceber o homem que ele era e fiquei ainda mais animada ao saber que alguém assim estava demonstrando interesse por mim.

Admitia ser uma pessoa que valorizava a atração física, mas meu maior fetiche era competência profissional. Isso sim realmente me impressionava.

Antes de sair para almoçar, entregaram mais um buquê de flores para Erik e decidi comprar um vaso para colocá-lo junto ao anterior. Apesar de ele ser um homem, as flores eram lindas e dariam mais vida ao seu escritório. Ao voltar, coloquei cada buquê num dos pequenos vasos de vidro e não ousei jogar fora os cartões, apesar do insistente incômodo no peito sobre aquilo.

*

No final da tarde, Erik saiu de sua sala para ir embora e parou em minha mesa. Encarei-o sorrindo, de prontidão, ele olhou ao redor antes de sorrir de volta. Meu coração perdeu uma batida e voltou a bater descontrolado; desviei a atenção para realinhar uma pilha de papéis na mesa.

— Vamos? — perguntou, e o encarei, sentindo minhas bochechas esquentarem.

O que está acontecendo comigo?

— Ainda preciso finalizar umas coisinhas — menti, e Erik bufou.

— Vamos logo, Park. Não tenho a noite toda e esse relatório é para sexta-feira — respondeu em tom autoritário. Engoli em seco e mordi o lábio, bloqueando meu notebook e o guardando em minha bolsa.

Como de costume, me despedi das pessoas que ainda estavam no escritório, enquanto íamos com calma até o elevador. Ficamos em silêncio total.

Mesmo tendo outras pessoas no cubículo, elas pareciam se sentir intimidadas ou admiradas pela presença de Erik.

Fiquei ainda mais impressionada quando ele pediu que buscassem seu carro e, quando o questionei, ele disse que iríamos a um lugar especial.

Só podia dizer que meu coração parecia descontrolado demais para o meu gosto. Antes de me isolar do mundo em seu carro, respirei profundamente, pedindo ajuda a qualquer força divina que possa existir para que eu não desmaiasse de novo.

O trânsito estava fluindo bem para o horário e, quando cruzamos a ponte do Brooklyn, realmente fiquei curiosa sobre onde iríamos, mas Erik disse que eu entenderia assim que chegássemos. Finalmente encostamos em frente ao Fya's Burger, a hamburgueria em que ele admitira se lembrar de mim.

Entrei no restaurante aconchegante e o cheiro de batata frita no ar me fez perceber que já estava com fome. Sentamo-nos numa das cabines mais reservadas e fui abrindo minha bolsa para pegar o notebook.

— O que você está fazendo? — Erik perguntou, e o encarei de olhos arregalados.

Ué, não era óbvio?

— Pegando meu notebook para fazermos o relatório — respondi, segurando ao máximo meu tom de deboche.

Meu chefe retirou um envelope do bolso de seu casaco e o entregou para mim.

— Já está feito, minha parte e a do Bill. Te mandei por e-mail antes de sairmos — explicou, e o encarei desconfiada.

— Se já está pronto, qual o propósito de virmos para cá? — perguntei e, quando ele deu de ombros, abri minha boca em surpresa. — Não vai me dizer que… era uma desculpa para termos um encontro? — sugeri e sorri em contentamento.

Parece que o jogo virou, não é mesmo?

Erik sorriu antes de revirar os olhos.

— Você é muito confiante — retrucou.

— É tudo culpa dos meus pais, me criaram muito bem — respondi com um sorriso divertido. — Mas falando sério, por que viemos aqui, então? Você está se sentindo nostálgico ou finalmente vai superar sua regra de ouro para nos divertimos de novo? — perguntei na intenção de incomodá-lo, afinal, não era justo que eu fosse a única afetada por sua presença.

— Hyuna, você já pensou na possibilidade de que eu possa apenas gostar da sua companhia sem qualquer outro interesse? — perguntou. Pensei por um momento antes de chiar.

— Eu acreditaria se você não tivesse voluntariamente me beijado nas duas últimas oportunidades em que ficamos sozinhos fora do escritório —

expliquei, e seu sorriso contido fez com que eu me sentisse envergonhada por falar a verdade. — Mas se não é isso, qual o motivo?

— Eu estava com vontade de comer o hambúrguer daqui e, como você também gosta, decidi te chamar. Por que você está pensando demais sobre isso? — questionou. Mordi o lábio para não falar alguma bobagem.

Como eu poderia explicar que sua presença influenciava cada vez mais o meu corpo, e não de uma maneira sexual, mas sim como uma doença que me dava náuseas e fazia minhas mãos suarem. Nem precisava mencionar a situação do meu coração.

Finalmente suspirei, cansada de pensar e sentir tudo aquilo. Era ridículo que não soubesse lidar com um homem. Sou Hyuna Park, não existe algo que não consiga fazer.

Decidi, então, cortar o assunto por ali. Chamei um garçom, que

prontamente anotou nosso pedido, mas o olhar curioso do meu chefe me fazia ter vontade de me contorcer inteira. Por que ele dificultava tudo com

aquela expressão maravilhosa?

— Fui convidado para o evento de caridade que vai acontecer no Magnific nesse final de semana e quero que você vá comigo — Erik comentou.

Ele poderia pedir mais educadamente, não?

— Infelizmente terei que recusar — respondi polidamente, e ele ergueu as sobrancelhas em surpresa.

— Por quê?

— Vou acompanhar outra pessoa nesse evento, mas com certeza vamos nos encontrar por lá. Então, não precisa ficar triste, você vai me ver usando um vestido de gala do mesmo jeito — brinquei um pouco, afinal, o clima estava meio tenso.

Percebi pelo cenho franzido que ele estava muito incomodado, só não sabia se era por ter brincado sobre me ver ou por ter dito que iria com outra pessoa. Quando pensei nessa segunda opção, senti meu coração bem feliz.

Será que ele estava com ciúmes? Meu humor melhorou na hora.

— Com quem você vai? — perguntou, e não pude evitar de demonstrar minha satisfação em estar certa.

— Um velho amigo — respondi, fazendo charme. Erik bufou e cruzou os braços, incomodado.

— Por que você está escondendo o nome do seu amigo? — perguntou, e dei de ombros.

— Vou com Dave — esclareci, e ele contorceu a boca em desgosto.

— Dave Roberts? *Sério?* — questionou incrédulo. Concordei com um aceno desconfiado. — Não acredito que você vai deixar de ir comigo, seu atual chefe, para ir com aquele velho prepotente — retrucou, e gargalhei, porque não podia concordar mais.

Claro que preferia ir com ele! Mas Dave me convidou primeiro e eu já havia aceitado; seria muito rude cancelar agora. Entretanto, seu descontentamento ainda era demasiado.

Novamente, me peguei pensando se ele estava com ciúmes.

— Você está com… ciúmes? — sussurrei em coreano, e meu chefe fechou os olhos, irritado, enfiando os dedos no cabelo. Achei que ele os arrancaria pela raiz.

Reação bem exagerada para alguém que não sentia nada.

Voltei a gargalhar como nunca antes. Senti lágrimas se formarem, então inclinei o rosto para cima e abanei os olhos para dramatizar um pouco mais.

Erik Lee Young, o chefe frio e calculista, terceiro estrangeiro mais rico em solo americano, aclamado pela Forbes por sua gestão rígida, estava, claramente, sentindo ciúmes de mim, uma coreana maravilhosa, mas de rosto muito comum para Nova York.

Quanto mais pensava sobre todas as suas características, mais engraçado ficava, afinal de contas, há alguns dias ele mal olhava na minha cara por vergonha do que fizemos; agora, estava abertamente demonstrando ciúmes.

Aquele era o segundo melhor dia da minha vida.

Só parei de rir porque Erik já estava com a cara fechada e o garçom apareceu com nossos lanches. Começamos a comer em silêncio, mas, toda vez que me lembrava da sua irritação, dava uns pulinhos contentes na cadeira e sorria abertamente pra ele, que a esta altura já tinha desistido de me ignorar e já estava começando a demonstrar um pequeno sorriso em resposta.

— Você poderia levar May em meu lugar, ela ficou super empolgada quando falei pra ela sobre o evento — sugeri numa tentativa de pacificar a situação, apesar de querer muito torturá-lo mais um pouco.

— Ela não vai gostar do ambiente. É bem mais profissional do que May está acostumada, ela se sentiria deslocada no meio das pessoas que vão estar lá — explicou e me encarou emburrado — *Você* deveria estar me

acompanhando. Geralmente Laura vai comigo nesses eventos. Mas não, *Dave Roberts* é sua primeira escolha — ironizou. Apoiei o queixo numa das mãos, admirando seu bom humor.

Quando eu poderia imaginar que Erik se abriria dessa maneira para mim? Há alguns dias, nem imaginava poder chamá-lo pelo primeiro nome, mas desde que nos beijamos no meu apartamento, as coisas mudaram

radicalmente entre nós.

— Por que está me olhando assim? — perguntou, e senti minhas bochechas esquentarem.

— É que agora você parece duzentos por cento mais bonito do que quando nos conhecemos — admiti, sentindo minhas mãos tremerem.

Ele abriu a boca, mas não soube o que falar, e escondi o rosto com as mãos, sentindo-me uma adolescente idiota se confessando para o menino mais popular da escola. A diferença nesse caso é que ele era um dos meninos mais populares do país, então tentei não me martirizar tanto.

Abri um pouco os dedos para olhá-lo, e seu sorriso completamente aberto para mim fez com que eu perdesse o ar.

Então, decidi que aquela era a hora de sair daquele lugar, antes que fizesse algo que pudesse me arrepender mais tarde.

— Levando em consideração que a conta será sua, vou te poupar alguns dólares e pular a sobremesa — disse depois de me recompor. Terminei de beber meu milkshake e sorri educadamente para Erik, que ainda ostentava seu sorriso de parar o trânsito. — Até amanhã, Erik — despedi-me.

— Fique mais um pouco — pediu assim que levantei, e o encarei em dúvida, sentindo meu coração martelar cada vez mais forte.

— Você está pedindo isso como meu chefe ou como meu colega? —

questionei, mas a segunda opção pareceu amarga em minha boca. Afinal de contas, parecia errado presumir que nossa relação fora do escritório era só

aquela. Mas qual outra opção eu tinha?

— Estou pedindo como um homem que quer passar mais tempo com uma mulher — respondeu sincero. O tom grave e intenso de sua voz fez com que meu coração protestasse.

Eu tinha duas opções: ficar, ver no que aquilo poderia dar e lidar com qualquer coisa que acontecesse depois, ou ser racional e fugir de um homem que causava todo esse rebuliço no meu coração. Engoli em seco e apertei a alça da bolsa com força para ver se me dava a motivação certa de evitar alguma bobagem.

— Boa noite, Erik — despedi-me com dificuldade e marchei para fora

do estabelecimento antes que ele pudesse insistir, pois sabia que não seria capaz de dizer não duas vezes.

Não ousei olhar para trás no meu caminho para fora. Por uma grande sorte, estava passando um táxi naquele momento e fiz sinal para entrar. Ao passar o endereço para o motorista, me atrevi a olhar para o restaurante e, pela janela, encarei diretamente o meu chefe. Ele me deixou perceber o quanto estava chateado com minha atitude.

Senti meus olhos arderem e interrompi o contato visual enquanto o táxi se afastava do Fya’s, que a este ponto já não era mais o meu restaurante pós-balada, mas o lugar em que Erik, por duas vezes, abriu-se para mim.

Magnific

Erik

Finalmente o dia do evento no hotel de Daniel chegou e, mesmo não querendo admitir, estava ansioso.

A causa era muito importante para mim, já que teria a oportunidade de ajudar jovens que passaram pelo mesmo que eu, então tinha me preparado

para fazer uma contribuição significativa.

Hyuna e eu não conversamos nada que não fosse sobre trabalho nos últimos dias e não posso reclamar de seu profissionalismo, já que ela continuava eficiente o suficiente para marcar um horário em um excelente alfaiate no Queens para preparar o smoking sob medida que eu usaria no evento. Entretanto, me incomodava o quanto ela conseguia separar o que aconteceu do nosso dia a dia.

Não poderia reclamar. Eu havia pedido por aquilo, mas, desde o dia que nos beijamos em seu apartamento, comecei a sentir uma repentina vontade de passar mais tempo com ela. De conhecer quem realmente era por debaixo daquela fachada provocativa e que fingia não se abalar por nada.

Como um adolescente desesperado, tentava a qualquer custo conseguir um momento sozinho com Hyuna desde então. Sabia, bem no fundo, que o estresse estava falando bem mais alto do que deveria, mas com toda a

confusão que vinha acontecendo na Thousand Corp, não havia tempo e nem oportunidade para conseguir relaxar um pouco.

Bill continua dizendo que não é desculpa suficiente, já que sempre mantive alguns contatos para esses momentos, entretanto, não dava para explicar para ele que não estava mais com vontade de sair com outras mulheres sem confessar o que houve entre Hyuna e eu no mesmo dia em que sua filha nasceu. Era difícil manter segredos dele, mas, como sabia que ele acabaria contando para Laura, decidi manter aquilo só para mim. Ninguém mais precisava saber. Talvez fosse exatamente por esse motivo que eu estava tão obcecado por ela. Cheguei a convidá-la para o evento e, para minha completa surpresa, ela já havia sido convidada pelo crápula do Dave Roberts.

Não era ciúmes, como ela havia sugerido, nem de longe. Mas ele tinha uma reputação entre as pessoas do meu círculo de social. Dormira com *todas* as suas secretarias e subordinadas. Era comum para alguns homens nessa posição mais alta da hierarquia, no entanto, imaginar que Hyuna se submeteu àquilo me tirava o juízo. Ela era competente demais para ser assistente; ainda assim, levando em conta sua personalidade mais liberal, não duvidava que tivesse feito por vontade própria e não por causa do antigo emprego.

E aí sim eu sentia algo parecido com ciúmes.

Com um suspiro, terminei de me arrumar e saí de casa para não perder o

horário que havia marcado com minha acompanhante naquela noite.

Nunca gostei de ostentação, mas me permiti uma extravagância atípica naquele dia especial e decidi usar um brinquedinho que comprei com muito gosto. Só de desativar o alarme do carro, ele chamou a atenção de alguns condôminos que transitavam pela garagem. Levando em consideração que era um loft confortável em frente ao Central Park, não poderia estar mais satisfeito no efeito que a reluzente *Ferrari 812 Superfast* vermelha causava.

Permiti-me desfrutar do som majestoso que seu potente motor produzia antes de finalmente sair em direção a noite de Nova York.

O carro quase suplicava para que acelerasse, mas o tráfego da cidade não me permitia ultrapassar os setenta quilômetros por hora. Decepcionante.

Estacionei em frente ao prédio já conhecido e avisei por mensagem a Isabelle que havia chegado. Não demorou muito para que ela aparecesse usando um vestido de gala azul *royal* em um tecido que parecia ser cetim, pois reluzia em resposta a qualquer estímulo de luz. Os cabelos loiros caiam em cascatas encaracoladas, adornando o pesado colar de pedrarias que chamava a atenção para o profundo decote em v. Enquanto ela descia vagarosamente as escadas, percebi que o vestido ainda contava com uma fenda até a altura da coxa, mas não chegava a mostrar as áreas mais críticas.

Desci apenas para abrir a porta do carro para ela, que em resposta sorriu, beijando cada lado do meu rosto. Isabelle me segurou pelo colarinho do smoking e já estava preparado para afastá-la quando ela me encarou significativamente com seus olhos azuis, desfez o nó da minha gravata e o consertou. Sorri agradecido, pois não conseguia deixar a gravata borboleta perfeita.

Não consegui evitar de lembrar do atrevimento de Hyuna quando precisei ir à reunião do Grencyal Bank e propositalmente pedi que ela me ajudasse com a gravata. Sei que fui maldoso em fingir que não sabia dar o nó, mas precisava confirmar de alguma maneira se realmente era a mesma garota da noite da boate. Sua provocação, contudo, acabou me deixando ainda mais convicto.

Afastei aquele pensamento e contornei o veículo.

— Quase não te reconheci com o cabelo loiro. Gosto mais da cor natural

— comentei assim que nos acomodamos no banco do carro. Isabelle sorriu delicadamente.

— Erik, você era o único a gostar da cor natural. Desde que me dispensou, não tenho motivos para continuar te agradando, tenho? —

provocou, pousando a mão em minha coxa. Segurei-a com delicadeza e sorri em cumplicidade enquanto a retirava dali.

— Você está certa, mas podemos aproveitar a companhia um do outro como bons amigos — sugeri, espantado que tenha realmente dito aquelas palavras.

— Claro que podemos.

O Hotel Magnific realmente fazia jus ao nome. Todos os detalhes tinham sido cuidadosamente preparados, desde a entrada, o hall e o salão de festas que estava decorado à altura dos mais influentes nomes do país.

Daniel havia se superado.

Após Isabelle e eu posarmos para algumas fotos para a imprensa, paramos para conversar com várias pessoas até finalmente adentrar o salão onde a arrecadação aconteceria. Uma banda de jazz tocava ao vivo, preenchendo o salão com uma melodia delicada, mas ainda assim descontraída.

Estava conversando com Rachel, CEO de uma marca famosa de cosméticos, quando avistei o anfitrião do evento vindo em nossa direção com um sorriso no rosto. Ele pediu licença a Rachel antes de me oferecer um firme aperto de mão e, depois de apresentar Isabelle, o cumprimentei.

— Devo te parabenizar, excelente festa — comentei.

— Cuidei de cada detalhe de perto, mas não vou mentir, tive uma ajuda especial — respondeu, enfatizando a última parte.

Os anos negociando com Hant me deram a entender que ele falava sobre alguém muito importante. Homem interessante.

— E quando você vai entrar no clube dos CEOs? Cá entre nós, já passou da hora de Anthony se aposentar — comentou, e tive que sorrir. Ele sempre fora observador.

— Minha intuição diz que vai ser antes do planejado — respondi.

Percebi que Daniel se distraiu com alguma movimentação atrás de mim e, o mais disfarçadamente possível, olhei naquela direção apenas para ver Dave Roberts entrando no lugar ostentando toda a sua postura velha e prepotente.

Hant nos pediu licença para recepcionar o editor-chefe da Forbes, que segurava Hyuna pela cintura.

Ela usava um vestido delicado com corpete delineado e brilhante. A saia se abria delicadamente em poucas camadas leves de um azul sutil e perolado, quase cinza. O cabelo estava preso em um coque, que dava uma visão privilegiada de seu pescoço e deixava claro que o foco de sensualidade da peça eram as costas completamente à mostra. Enquanto ela conversava com o anfitrião da festa, seu sorriso delicado fazia com que cada pessoa que passava ao redor quisesse a observar com admiração.

Não pude deixar de compará-la a loira ao meu lado. Enquanto Isabelle recebia olhares de puro desejo da maioria dos homens, e alguns descontentes de suas respectivas acompanhantes, Hyuna tinha o efeito oposto. Todos os olhos pareciam automaticamente se voltar para ela, que andava confiante e carismática, como se estivesse entre amigos. Os olhares eram de curiosidade e admiração. Eu sabia que não era por ela estar com Dave, mas sim por estar estonteante e por demonstrar fazer parte daquele ambiente refinado, como se fizesse aquilo desde muito cedo.

E estava linda.

— É ela, não é? — Isabelle perguntou discretamente, olhando na mesma direção que eu. Tive certa dificuldade em desviar o olhar, mas o fiz com curiosidade. — A mulher que fez com que você se afastasse de mim —

explicou, e tive que rir.

— Ela está apenas substituindo Laura — expliquei. — Você sabe que as únicas pessoas que podemos culpar por isso somos nós mesmos.

Ela sorriu com cara de deboche, jogando o cabelo por cima dos ombros.

— Eu sei, eu sei… Não estamos juntos porque somos apenas bons amigos. Sua amada vem vindo aí — disse disfarçadamente, e a encarei em reprovação.

Mas me virei sorrindo, enquanto apoiava uma das mãos delicadamente

nas costas de Isabelle.

— Ora, ora, ora, se não é o excelentíssimo Erik Young — Dave cumprimentou, ainda alguns passos longe, fazendo um barulho desnecessário.

Sorri educadamente, mas já queria quebrar a cara dele.

— Dave Roberts, é sempre um prazer te encontrar — respondi com meu melhor rebolado comercial. — Isabelle, este é o editor-chefe da Forbes.

Dave, esta é Isabelle — apresentei.

— Encantado em conhecer uma mulher tão bonita — Dave galanteou, enquanto segurava a mão da minha amiga e depositava um beijo ali.

Apertei os lábios para não rir, mas Hyuna não conseguiu e precisou disfarçar com uma tosse. Assim que me olhou, sabia que eu a tinha pego no flagra. Sempre pegava.

Pisquei em cumplicidade e ela se adiantou a se apresentar.

— Sou Hyuna, assistente temporária de senhor Young. É um prazer —

cumprimentou antes de beijar cada lado da bochecha de Isabelle. — Eu simplesmente amei o seu vestido! Valentino? — elogiou animada, e quase sorri ao imaginar que ela poderia estar sendo cínica.

— Você tem olhos afiados. Sim, é um Valentino, última coleção. Mas preciso te elogiar também. Seu vestido é sexy e delicado ao mesmo tempo.

Nunca vi nada igual. Quem é o designer? — Isabelle perguntou educadamente.

Mas, conhecendo-a como conhecia, sabia que estava se sentindo insegura por não saber e sua próxima aquisição seria algo daquele designer.

Mulheres.

— É da Naomi Kang, minha melhor amiga por sinal. Por isso, tive a honra de receber um modelo exclusivo por um preço bem bacana —

compartilhou. — Vamos pegar algumas bebidas? Aproveitamos para deixar os meninos conversarem — Hyuna sugeriu para a loira, que concordou de prontidão.

Isabelle assustou-se quando Hyuna entrelaçou seus braços, como amigas do fundamental, praticamente arrastando-a através do salão até o bar.

— Elas são bem diferentes. Como água de torneira e um vinho refinado

— observou Dave. — Não me espanta nada que Hyuna tenha nos deixado sozinhos para fazer propaganda do seu próprio negócio. Sempre tão focada

— continuou dizendo. Olhou-me cínico, como de costume.

— Não sabia que ela tinha o próprio negócio — respondi a contragosto.

Isso apenas alimentaria ainda mais seu ego já inflado, mas estava curioso.

— Aposto que tem muitas outras coisas sobre ela que você não sabe.

Não como eu sei — provocou, deixando a frase propositalmente ambígua. Se não fosse um homem pacífico, provavelmente teria perdido a cabeça.

— Ainda assim, ela te deixou para trabalhar para mim — retruquei, sorrindo.

Não que fosse uma competição, mas, se fosse, eu teria ganhado naquele momento. Dave precisou engolir em seco antes de sorrir educadamente e se aproximar um pouco mais.

— Ela também vai te deixar, Erik. Assim que enjoar de você —

retrucou. — Mas me diga, ela já começou a demonstrar interesse? As intermináveis horas extras, sempre procurando motivos para te tocar, provocando abertamente e sorrindo com inocência depois… Melhor ainda, as caronas! Hyuna sabe bem como se divertir em um carro — sussurrou perto do meu ouvido, e tive que serrar os dentes para não socar aquele filho

da puta. Dave colocou a mão no meu ombro como se fosse meu melhor amigo dando-me um conselho antes de terminar. — Hyuna é uma *hunter* profissional Erik, e ela está caçando. Assim que descobrir o seu jogo e conseguir o que quer, vai te largar tão naturalmente quanto a sua respiração.

Não leve para o lado pessoal, meu caro amigo. Ela é quem ela é — finalizou seu monólogo com um sorriso falso assim que percebeu as meninas voltando com bebidas em ambas as mãos.

Eu ainda me contorcia por dentro com suas palavras, e ver Hyuna sorrindo em cumplicidade para mim deixou-me confuso. Queria tê-la como jamais quis alguém antes, mas ouvir outro homem falando assim sobre ela conseguia me tirar totalmente dos eixos.

— Um *whisky* escocês para o senhor Roberts e uma *vodka* russa legítima para senhor Young. Sem canela, claro. — Hyuna piscou, enquanto entregava a Dave sua bebida.

— O que houve? — Isabelle perguntou disfarçadamente ao me entregava o meu copo, e gesticulei negativamente. Ela sabia que precisava deixar pra lá.

— Se me dão licença, vou cumprimentar alguns amigos — Dave disse educadamente, e Isabelle sorriu em resposta. Antes que eles se afastassem, toquei o ombro de Hyuna para chamar sua atenção.

Seus olhos arregalados para meu toque quase me fizeram rir. Ela continuava assustada com a brincadeira do hospital.

— Podemos conversar? — pedi, e ela apertou os lábios juntos, mania que percebi que tinha sempre que precisava fugir de alguma situação. Que ela usava quando precisava mentir.

— Preciso fazer um favor a Naomi, pode ser mais tarde? — perguntou, e concordei a contragosto.

Desde quando ela perdia uma oportunidade de ficar a sós comigo?

Durante grande parte daquela noite, conversei com muitas pessoas influentes. Umas, eu já conhecia; a outras, fui apresentado, e fazia o mesmo

com Isabelle. Afinal, ela estava ali para conseguir novos contatos e não teria lugar melhor para estar perto de pessoas tão influentes.

Ainda assim, não conseguia deixar de observar Hyuna, que, incrivelmente, tomava a acompanhante de todas as pessoas que Dave parava para conversar. Tive que dar razão ao imbecil e concordar que ela realmente estava focada em promover sua empresa. A cada acompanhante, ela passava no bar para pegar uma bebida, então estava começando a me preocupar que ela estivesse ficando bêbada e passasse mal, ou que de alguma maneira se prejudicasse em frente àquelas pessoas. Se ela tinha pretensão de trabalhar em outro lugar além da Thousand Corp, pagar vexame naquele lugar aniquilaria suas chances pela metade.

Mas o que realmente me preocupou foi quando ela se afastou de todas as pessoas e foi sozinha até uma das aberturas para a grande sacada que dava uma visão privilegiada da cidade e um homem a seguiu até lá, fechando as portas duplas atrás de si.

Queria ir verificar se estava tudo bem, entretanto, pareceria patético caso ela tivesse combinado algo com ele. Respirei fundo e prometi a mim mesmo

que esperaria cinco minutos e, se ela não saísse, tomaria alguma providência.



A arrecadação de fundos havia sido a minha maior jogada de marketing até o momento para promover NK, marca de Naomi e que eu administrava, além de ter investido um bom capital inicial.

Fui com esse *mindset*: promover NK através do maravilhoso vestido que Naomi criou especialmente para mim e, obviamente, beber de graça.

Aproveitei a influência de Dave e o ambiente, pois era aquele público-alvo que queria. Elogiei cada vestido de cada convidada no evento, literalmente, apenas para elas devolverem o elogio e abrir uma brecha para falar sobre Naomi. Eu era cara de pau e também era mulher. Sempre foi ótimo conhecer um designer promissor logo no seu início, pois se paga barato por um modelo exclusivo, além da licença poética em poder se gabar falando

“fui uma das primeiras clientes".

Tudo estava perfeito.

Não podia deixar de mencionar o pequeno inconveniente em ter que cumprimentar Erik, logo após o pequeno incidente no Fya’s, ainda mais ao ver a beldade que estava com ele. Mas como ela era alguém que usava um vestido de alguns milhares de dólares, tive que engolir o incômodo desconhecido e fazer o que fui ali para fazer.

Em pouco tempo de conversa, consegui entender que ela não tinha condições para comprá-lo. Sua postura, a maneira que falava sobre a coleção que ela pouco conhecia, me deu a percepção que precisava para entender que Erik havia comprado para ela e, no mínimo, ela escolhera o único designer que sabia por alto.

Não que fosse um crime querer um legítimo Valentino, afinal, tenho bom gosto, mas havia uma diferença sutil entre querer um e poder comprá-lo, e querê-lo como algo inalcançável. Esse era o caso de Isabelle, e perceber isso me atingiu como uma onda, pois me fez lembrar da conversa que tive com Erik após jantarmos na casa de Laura.

Ele confessou que só deixava mulheres interesseiras chegarem perto, pois eram as mais fáceis de se livrar. Isso significava que ele estava cansado de mim e eles estavam juntos?

O incômodo que essa percepção causou quase me tirou do meu foco e precisei beber duas taças de espumante para tentar aliviar o peso em meus ombros e o incômodo no meu peito. Entretanto, o incômodo me perseguiu durante toda a noite e, toda vez que conseguia disfarçadamente olhar para os dois juntos sorrindo e conversando com outras pessoas, a sensação se intensificava.

Quando Dave distraiu-se o suficiente para não ficar igual uma barata tonta me procurando, peguei uma nova taça de champanhe e fui até a varanda do lugar. Tudo o que eu precisava era um pouco de ar fresco sem aquele insistente jazz romântico que incentivava Isabelle a tocar disfarçadamente a mão ou os ombros de Erik.

Segurei o peitoril largo com uma mão e com a outra apoiei a taça, suspirando pesadamente.

Concordava que Nova Iorque não era nenhuma referência em ar fresco, mas só de ouvir o fluxo da cidade novamente e ver as pessoas andando e se divertindo lá embaixo, conseguia acalmar meu coração um pouco. Dei um gole na bebida e fechei os olhos, ouvindo os sons da cidade misturando-se à música da festa e, para meu completo desespero, ouvi a música cessar com o clique das portas de acesso sendo fechadas.

Senti meu coração desesperado protestar assim que pensei na possibilidade de ser Erik, mas o inconfundível som daquela voz fez com que todo o meu corpo congelasse no lugar.

— Sentiu minha falta, meu amor? — perguntou delicadamente, e precisei reunir toda a minha coragem para não me jogar daquela varanda.

Ao invés disso, virei-me sobre meu calcanhar para encarar o homem que eu vinha me empenhando ao máximo para não encontrar.

Ryan Baker estava bem ali, parado em minha frente, com as mãos nos bolsos do smoking caríssimo e ostentando um sorriso convencido que era novidade para mim. Mas não poderia me martirizar, afinal, se ele mentiu sobre uma coisa, poderia muito bem ter mentido sobre todas elas.

Virei-me novamente para a cidade e apoiei os cotovelos ali, sentindo-me derrotada, mas com uma centelha de esperança de que ele fosse embora sem causar estragos. Entretanto, Ryan aproximou-se imitando meu gesto e ficou me encarando com um sorriso contido, até que finalmente o encarei de cara fechada.

— Eu esperava que você já tivesse usado seu superpoder pra me perdoar

— brincou, e bufei audivelmente antes de dar um gole em minha bebida.

— Imagino que você esteja passando muito tempo com Dave —

observei, e o negro ao meu lado concordou com um aceno. — Deu para

perceber a irritante mania em supor que ainda me conhece bem, sendo que não nos vemos ou nos falamos há anos — retruquei.

— Desculpe, Hyuna, não foi minha intenção parecer presunçoso. Você me conhece o suficiente para saber que não sou assim — pediu, e ergui uma sobrancelha, segurando-me para não rir.

— Não te conheço, Ryan. Conheço o personagem que você criou para me esfaquear pelas costas. Se me der licença, tenho uma contribuição milionária para fazer — disse, finalizando meu espumante e segurando a barra do vestido em direção a porta.

— Hyuna, espere! — Ryan gritou, fazendo-me parar no lugar. — Nós precisamos conversar sobre o que houve na Coreia. Sinceramente, você precisa entender meus motivos — pediu. — Por favor?

Senti o pouco que restava do meu autocontrole descer pelo ralo e marchei até o homem em minha frente com raiva.

Ele realmente me achava burra?

— Sei exatamente os seus motivos! Todos têm um preço, não é mesmo?

Você me usou e me expôs por alguns dólares e agora está *tão* arrependido, já que descobriu que se estivesse comigo poderia ter infinitamente mais. Se

você não se importou em estar ao meu lado quando não sabia quem eu era, por que acha que acreditaria em qualquer coisa saia da sua boca agora? —

perguntei retoricamente.

— Você sabe muito bem que seu pai jamais aceitaria que você ficasse com alguém como eu. Que não tem um nome, nem uma família e nem uma fortuna para agregar ao seu império — ralhou. — Você sabe que te amei de verdade e que ele cuidou de tudo para nos afastar. E conseguiu.

Ri sem humor nenhum, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

Ryan sabia que culpar meu pai era a melhor maneira de me desarmar, no entanto, eu não era mais a menina inocente que ele conheceu no outro lado do planeta. Ele não tinha direito nenhum de falar do meu pai quando havia seguido às suas ordens para início de conversa.

— O único culpado pelas merdas que aconteceram é você. Não seja leviano em terceirizar sua responsabilidade, Baker. Se você realmente me amasse, saberia que a opinião do meu pai pouco importa para mim. Se tivesse

se interessado por mim, pela pessoa que sou, saberia do fundo do seu coração que eu teria largado tudo por você. Mas *você* não ficaria comigo se não tivesse mais o dinheiro da minha família em jogo — admiti, sentindo o gosto amargo da verdade em minha garganta.

Ryan parecia perplexo demais para responder, afinal, eu nunca havia explodido assim, nem mesmo quando descobri a verdade.

— Eu não tinha ideia. Não posso mudar o passado, mas a gente pode tentar de novo. Você sabe que fomos feitos um para o outro, a gente tem tanto em comum… Nós nos dávamos tão bem, não teria como fingir a conexão e o clima que rolava entre a gente. — Ryan aproximou-se o suficiente para tocar meus ombros e deslizar os dedos pelos meus braços, antes de segurar minhas mãos.

Seus olhos brilhavam enquanto ele encarava meus lábios em expectativa. Mesmo com todo o álcool que corria em meu sangue, tive um momento de lucidez que me deu a clareza que precisava para fazer a coisa certa.

Abracei o homem à minha frente com força e tentei não chorar quando ele fez o mesmo, mas perceber, com toda a certeza do mundo, que não sentia mais nada por ele foi libertador.

— Não sinto mais o mesmo por você — sussurrei. — Realmente espero que você seja feliz com outra pessoa e não cometa o mesmo erro de novo.

Mas no meu coração não tem mais lugar para você — concluí, sentindo um peso saindo dos meus ombros.

Perceber que eu já não sentia mais nada por Ryan fez com que aliviasse a dor de um pedaço em mim que nem lembrava estar machucado.

Ouvi o som da música aumentando de novo e tive que fazer certa força para que o homem afrouxasse o aperto o suficiente para que pudesse olhar para trás.

Erik segurava a porta e encarava a cena sem expressão. Quando nossos olhos se encontraram, senti meu coração perder uma batida. Foi como se pudesse ler toda a confusão que estava se formando em sua cabeça e a mágoa em seu peito.

Afastei-me totalmente de Ryan, que tentou me fazer ficar, mas que

ignorei, marchando em direção a Erik, que voltou para a festa de cabeça baixa. Corri o máximo que o salto e vestido permitiam atrás dele.

— Erik, espera! — pedi em um tom contido, afinal, estávamos numa festa, mas ele continuou em direção a Isabelle.

Então realmente tive que correr até alcançá-lo e o segurei pelo braço com delicadeza. Seu olhar estava fixo no chão, mas ao finalmente levantá-los em direção aos meus, senti toda aquela frieza que ele me direcionava nos meus primeiros dias de trabalho. E doeu como cair de um prédio. Senti meus olhos arderem pela surpresa em vê-lo assim depois do que passamos.

— Erik, posso explicar, não é o que você está pensando — disse, e me arrependi assim que as palavras saíram da minha boca.

Essa era a frase mais ridícula que alguém que havia sido pega numa situação ambígua poderia dizer.

— Não estou pensando em nada, Park. Preciso voltar para Isabelle, ela está me esperando — disse sem ânimo, e precisei segurá-lo para que não se afastasse, o que fez com que ele ficasse ainda mais irritado.

— Por favor, me deixa te explicar — pedi e, quando senti a negativa se formando, puxei-o pelo braço até uma das portas laterais que imaginei ser o banheiro do local. Assim que entramos, girei a chave, trancando-nos lá dentro.

— O que você acha que está fazendo? Me entregue a chave — exigiu com raiva, e enfiei a pequena peça dourada dentro do corpete apertado do vestido.

Erik bufou com a cena e tentei não rir da sua reação exagerada, mas o álcool finalmente parecia ter feito efeito.

— Você sabe que eu jamais tiraria a chave daí sem sua permissão, então vou te dar exatamente trinta segundos para falar o que quer. Após isso, considerarei que posso fazer o que bem entender com você — ofereceu, sem dar chance para pudesse retrucar, e decidi usar sabiamente minha chance.

— Ele é meu ex e queria uma chance para ficarmos juntos de novo. Mas eu o dispensei depois de jogar algumas verdades em sua cara — falei o mais rápido que pude, em coreano, levando em consideração que alguém poderia

estar do lado de fora ouvindo.

— Você tem um método engraçado para dispensar homens interessados

— retrucou cínico, e pensei em como explicar melhor.

— Eu só o abracei, apenas isso, em consideração aos velhos tempos —

expliquei. Erik enfiou as mãos nos bolsos e se manteve indiferente.

— Entendo. Agora abra a porta — enfatizou irritado, e me sentia exasperada para convencê-lo da versão certa do que tinha acontecido.

Da minha versão dos fatos.

No entanto, ele parecia irredutível e frio, como se eu não fosse nada para ele. O oposto de tudo o que ele vinha sendo nos últimos dias. Cruzei os braços sobre o peito e desviei os olhos marejados, mirando o chão. A última coisa que precisava naquele momento era me expor daquela forma.

— Não sei nem por que estou perdendo meu tempo tentando te explicar o que houve, sendo que não vai mudar nada entre nós, já que você sairá daqui e passará a noite com a sua amiga com pernas de três quilômetros —

retruquei sem paciência.

Erik ergueu a sobrancelha em surpresa e sorriu de lado.

— Isabelle é a médica da minha irmã. Tivemos algo há algum tempo, mas somos apenas amigos agora. Então não, não iremos passar a noite juntos

— explicou, e me senti mal por supor que ela era uma daquelas mulheres que ele havia comentado.

Como eu pude deixar o incômodo em vê-la com Erik cegar minha razão? Como pude supor que só por ser linda e ter um corpo espetacular, além de uma grande simpatia, significava que era uma mulher interesseira?

— Ok, admito que fui um tanto injusta com ela — comentei. — Mas se consigo acreditar em você, como não pode acreditar em mim? — questionei, e Erik pigarreou incomodado.

— Eu estava lá, Hyuna. Vocês estavam se beijando — respondeu a contragosto. — Peço desculpas se atrapalhei o seu momento, não precisa mais se explicar — finalizou, segurando meu olhar desesperado.

Eu tinha noção daquilo, que não tinha nenhuma obrigação em esclarecer nada, mas eu queria que ele soubesse e que confiasse em mim. Queria que

Erik me entendesse e voltasse a sorrir.

— Se eu estivesse o beijando, pode ter certeza que esse batom não estaria intacto — brinquei fazendo um bico contorcido, na esperança que ele pudesse rir.

E ele o fez, e aquele som animou meu coração acelerado. Dei um passo em sua direção e tomei coragem para entrelaçar os braços ao redor de seu pescoço, sorrindo abertamente para o seu perfume incrível, sentindo o calor do seu corpo próximo ao meu.

— Desde que lembrei de como nos conhecemos, venho sonhando acordada com o dia em que finalmente pudesse ficar com você de novo, então me desculpe se estraguei tudo quando abracei Ryan. Mas te garanto que é você, Erik Lee Young, que não sai da minha cabeça nem por um segundo

— admiti, sentindo sua postura ceder, permitindo que seus dedos deslizassem por minhas costas desnudas, provocando um arrepio por todo meu corpo. —

Você pode me desculpar, Erik? — perguntei, perdendo a noção das palavras que falava, enquanto o homem maravilhoso na minha frente acariciava meu corpo e seus olhos escuros pareciam desvendar cada segredo da minha alma.

— Fica difícil continuar com raiva quando você fala meu nome dessa maneira — respondeu com a voz rouca.

Talvez fosse o álcool, a minha pequena confissão ou tudo aquilo junto em um pequeno e luxuoso banheiro. Finalmente, tomei iniciativa e beijei Erik como vinha desejando durante todo esse tempo e meu coração fraco vinha me distraindo o suficiente para me afastar.

Nossos lábios trabalhavam em conjunto para sorver todo o desejo que emanava do outro e nossas mãos não pareciam ter contato suficiente no meio de toda a roupa entre nós. Quando consegui deslizar minha língua por sua boca, foi como disparar um alarme de incêndio.

Erik me segurou pela bunda, levantou-me do chão e me colocou sentada na pia de mármore gelado. Com urgência, afastou as camadas de tecido do vestido para acariciar e apertar minhas coxas. Sua boca despertava arrepios

por toda a minha pele e, quando afastou sua boca da minha para beijar meu pescoço, arqueei meu corpo para lidar com a sensação que ele causava.

Desabotoei seu smoking e o joguei no chão para sentir os músculos dos

seus braços, enquanto ele habilidosamente cuidava de cada centímetro do meu corpo. Quando fiz menção em abrir os botões de sua camisa, Erik se afastou e segurou minhas mãos.

— Nós vamos precisar sair daqui e encarar um salão com duzentas pessoas — explicou com dificuldade, e sorri ao entender exatamente o que ele queria dizer.

— Seu desejo é uma ordem, senhor Young — sussurrei em seu ouvido.

Deslizei as unhas pelo seu abdômen definido, mirando nas suas áreas baixas, e desafivelei o cinto, desabotoando sua calça sem qualquer pudor.

Enfiei uma das mãos dentro da sua cueca, segurando-o enquanto pulsava para mim. Sorri vitoriosa ao sentir o efeito que tinha sobre seu corpo e ele esmagou novamente nossos lábios juntos, enquanto eu o estimulava devagar.

Erik afastou-me o suficiente para deslizar uma das mãos sob a renda fina da minha calcinha, que a esta altura estava encharcada. Seus dedos brincavam com minha pele inchada e gemi quando introduziu seu dedo na minha abertura molhada, vagarosamente, aproveitando cada pequeno estímulo que arrancava do meu corpo.

Choraminguei no momento que ele se afastou, mas quase cheguei ao ápice quando Erik deslizou lentamente para dentro de mim. Seus olhos brilhantes e injetados de luxúria encaravam-me e arrancaram um alto gemido da minha boca. Meu chefe precisou beijar-me novamente para impedir que meu grito de prazer nos entregasse. Como se estivesse esperando por aquele momento há muito tempo, ele acelerou os movimentos, fazendo-me ir à loucura, e entrelacei as pernas atrás de suas costas, prendendo-o a mim, sem dar qualquer chance de escapatória.

Erik não deixava nossos olhos se desconectarem por muito tempo, mesmo quando mordiscava meu pescoço ou segurava firmemente em minha cintura

para intensificar as investidas. Senti todo o meu corpo se contorcer e precisei morder meus lábios com força para não gritar enquanto alcançava o clímax. Erik sentiu meu corpo estremecer ao seu redor e aumentou a intensidade das estocadas. Não demorou para sentir todo o seu prazer se derramando quando ele chegou ao ápice de seu prazer.

Erik segurou meu rosto entre as mãos como se eu fosse uma joia rara e beijou-me com uma doçura que arrancou um sorriso contente dos meus

lábios. Eu queria muito mais dele, não estava nem perto de estar satisfeita. E

ele também não deu indícios de que queria se afastar.

— Precisamos sair daqui. — Fui a primeira a falar, com dificuldade, e ele concordou. Afastamo-nos a contragosto.

Meu batom e meu coque estavam destruídos, então precisei soltar o cabelo e torci para que ninguém percebesse a diferença. Antes de entregar a chave para Erik, ousei em segurar sua mão e encará-lo com timidez repentina.

Ele estava se divertindo com todo o meu constrangimento e eu não sabia como lidar com aquela situação, já que normalmente optaria por ir para o lado oposto ao que ele escolhesse. Entretanto, eu queria continuar aquilo de onde paramos, mais algumas vezes, assim conseguiria finalmente me livrar de todo aquele desconforto em meu coração.

Então, tomei a coragem necessária para pedir de maneira sincera exatamente o que meu coração queria.

— Vamos para algum lugar distante, só você e eu, apenas por hoje? —

pedi com o coração apertado, com medo que ele pudesse recusar. — Venha embora comigo, por favor?

Erik encarou-me com curiosidade e testa enrugada. Com certeza, era minha perdição. Por que ele tinha que ter uma expressão tão maravilhosa quando estava em dúvida?

Encarei-o esperançosa, enquanto ele parecia calcular todas as possíveis variáveis em meu pedido, e, finalmente, suspirou, puxando-me para mais perto de si. Sorriu confiante.

— Vou com uma condição — propôs, e sorri, incentivando que continuasse. A esse ponto, não poderia tentar bancar a difícil, e ele sabia que eu toparia qualquer coisa. — Sem perguntas. Vou fazer tudo do meu jeito.

Topa? — questionou, e apertei os lábios juntos antes de concordar com um aceno.

— Topo — respondi sem rodeios, o que fez com que ele risse antes de selar nossos lábios, surpreendendo-me.

— Tenho o lugar perfeito em mente. Te encontro em dez minutos em frente ao hotel — instruiu, e entreguei a ele a chave para destrancar a porta.

Meu sorriso poderia ser visto a quilômetros de distância. Estava tão ansiosa e feliz que teria morrido naquele mesmo momento se não soubesse que ficaríamos juntos de novo daqui a alguns minutos.

Até tentei me repreender por ter sido tão fácil, mas a quem eu queria enganar? Estava obcecada pelo homem e, como a cama já estava feita, por que me martirizar se desde o começo a minha intenção era me deitar nela?

Berkshires

Hyuna

O jazz continuava tocando quando saí do banheiro. Por motivos de segurança, esperei cinco minutos antes de deixar o cômodo, tentando parecer o mais natural quanto fosse possível.

Mesmo lutando contra, olhei ao redor do salão e avistei Erik conversando com a loira que tinha duas vezes a minha altura. Apesar de ele ter dito que ela era médica de sua irmã, não consegui afastar totalmente a sensação estranha que sentia quando olhava para os dois juntos. O que me consolou naquele momento foi saber que, apesar dos dois estarem sorrindo, eu era o motivo para Erik estar feliz, e adorava fazer brotar qualquer felicidade em seu rosto.

Do outro lado do salão, localizei Dave. Não era surpresa nenhuma para mim que Ryan estivesse junto. Respirei fundo, decidida a terminar aquela noite ao lado do único homem que realmente me interessava. Cheguei até lá com um sorriso aberto, afinal, eu já havia esclarecido as coisas com Ryan.

Não tinha por que bancar a rancorosa, já que não o era.

Ryan ergueu uma sobrancelha ao me avaliar dos pés à cabeça, mas optou por desviar o olhar, incomodado. Será que ele tinha percebido?

Claro que percebeu, ele é Ryan Baker.

— Onde você se meteu? — Dave perguntou sem rodeios, afinal não havia muitos segredos entre nós três. Então, abertamente, ignorei sua pergunta.

— Vim me despedir, estou indo embora — falei, fingindo cansaço.

Podia ver o esforço de Ryan para não me contestar. — Como já entreguei minha contribuição e conversei com todas as mulheres que tive oportunidade, considero que minha missão foi cumprida. Espero que você honre nosso combinado, Dave — enfatizei e sorri da maneira mais doce que pude, antes de finalmente virar-me para ir embora.

Dave ia protestar, mas Ryan o impediu, então precisava me lembrar de agradecê-lo depois. Passei na chapelaria para retirar minha bolsa e casaco antes de ir para a frente do hotel.

O clima fresco fez com que o vento espalhasse meus cabelos por todo o lado. Enquanto esperava por Erik, finalmente senti toda a ansiedade pela loucura que estava fazendo, mas estava animada na mesma proporção. Mal percebi quando comecei a apertar cada um dos dedos da minha mão, sem saber o que fazer.

Depois de alguns minutos, uma Ferrari vermelha buzinou e o vidro se

abaixou, revelando Erik lá dentro. Dei uma boa olhada no carro e fingi espanto ao entrar.

— Vai me dizer que é uma tentativa de me impressionar? — sugeri, enquanto nos afastávamos do hotel.

Erik desviou o olhar da estrada para me olhar com cara de deboche por um momento.

— Pareço o tipo de homem que precisa de um carro para impressionar uma mulher? — perguntou.

Dei de ombros.

— Considerando que você está na meia-idade e que sou onze anos mais nova… — Fingi ponderar e propositalmente deixei a resposta aberta.

Erik freou o carro audivelmente, fazendo com que nossos corpos fossem projetados para frente; não fosse o cinto de segurança, eu estaria com a testa inchada nesse momento. Encarei-o, assustada. Ele estava irritado.

— Essa já é a segunda ofensa em dez segundos de conversa. É assim que você pretende me tratar depois de abandonar um evento como aquele para fazer sua vontade? — questionou, e arregalei os olhos, preocupada.

Por que eu tinha que ser assim?

— Me desculpe, Erik. Juro solenemente não mencionar novamente que você está passando pela crise de meia-idade — respondi no modo automático, e ele me encarou com raiva novamente.

Maldito espumante!

Entretanto, Erik sorriu de lado e voltou a dirigir como se nada tivesse acontecido, então não entendi muito bem qual era a dele. Provável que na verdade ele quem estivesse brincando o tempo todo. Que coreano sacana!

Erik dirigiu com cuidado por toda a cidade, mas, quando tomou uma das saídas em direção à via expressa, finalmente conseguiu sentir a potência do carro que tinha em mãos. De fato, era um desperdício andar com uma máquina daquelas na cidade. Ela tinha potência e queria ser livre, não era justo limitar sua capacidade.

Como prometi que não faria perguntas, não tinha ideia de onde

estávamos indo e pegar a estrada tinha um efeito calmante sobre meu corpo.

Adicionando isso ao fato de ter bebido todas e transado na festa, mal notei quando peguei no sono encostada na janela fria.

Com um pulo, senti uma porta ser fechada, então olhei ao redor por ter acordado assustada. Percebi que estávamos no estacionamento de uma das lojas do Grupo Vival. A unidade ficava na beira da estrada, mas a construção era grande e aristocrática como a família por trás da marca. Logo em seguida, Erik entrou no carro e riu da minha expressão.

— Já estamos chegando, parei para comprar algumas coisas — explicou, e concordei com um aceno, levando uma mão até a boca para bocejar.

— Onde vamos? O que você comprou? — perguntei curiosa, e ele sorriu vitorioso como se esperasse por aquilo.

— Sem perguntas, lembra? — respondeu, e fiz um bico em desagrado.

— Sim, senhor — retruquei, fingindo mau humor, mas não consegui sustentar aquilo por muito tempo.

Eu ainda estava tão animada! A essa altura, eu esperaria o amargo arrependimento que aquela decisão teria sobre mim, no entanto, nunca havia me sentido mais contente apenas por estar no mesmo carro que um homem.

Também precisava dar o braço a torcer. Não era qualquer homem. Era Erik Lee Young, diretor de uma das maiores empresas do mundo, possuidor de uma fortuna memorável e dono de uma bundinha deliciosa. Sendo assim, acalmei meu coração. Ele era merecedor dessa mudança súbita de hábito.

Em algum momento tomou uma saída da via expressa e passamos por uma pequena cidade, que estava praticamente adormecida pelo horário. Por isso, só consegui me localizar quando passamos pela construção circular do Hancock Shaker Village de jardins perfeitos cobertos por pequenas gotículas de água que reluziam pelo reflexo dos faróis.

Não que eu fosse uma expert em arte, mas vez ou outra permitia que Naomi me carregasse pelos museus afora. Coisa de artista apreciar outros artistas para ter inspiração. No entanto, aquilo me permitiu saber que estávamos numa pequena cidade de Massachusetts.

Depois de contornarmos a cidade, adentramos uma rua estreita, de

paralelepípedos, com árvores protuberantes que serviam de muro pelo caminho sinuoso. Finalmente, entramos numa trilha, dirigindo calmamente pela floresta, até que consegui ver a silhueta de um pequeno chalé na beira de um imenso lago, que refletia a lua e as árvores ao seu redor. Mesmo no escuro da noite, a visão era espetacular.

Erik estacionou e me ajudou a descer no meio das folhas caídas. Eu protestaria, mas meu salto fino afundou instantaneamente na terra úmida e o agradeci com um sorriso. Subimos os degraus da entrada do chalé e ele procurou pela chave nos vasos de planta no chão. Achando-as, abriu a porta com facilidade e acendeu as luzes.

— Pode entrar, vou buscar as coisas no carro — Erik disse, e olhei ao redor da pequena casa de madeira.

Não tinham divisões de cômodos, a sala era aberta para a cozinha e os dois ambientes se dividiam por uma mesa de madeira com dois longos bancos de cada lado, como aquelas de acampamentos. Num dos cantos, ao lado da janela que dava para o lago, havia uma lareira habilidosamente esculpida com pedras acinzentadas de diversos tamanhos e formatos.

Todos os móveis pareciam antigos e confortáveis. Era a sensação de acampar, mas com pequenos luxos, como micro-ondas e um aparelho moderno de som. Só havia outras duas portas, que imaginei serem respectivamente do quarto e banheiro.

Sorri com aquela imagem. Era um lugar simples e aconchegante.

Entretanto, estava morrendo de frio. Então, tirei os saltos sujos e os deixei do lado de fora, e entrei no lugar, apertando um pouco mais o casaco ao redor do meu corpo. Então, decidi abrir as portas dos armários da cozinha, em busca de uma chaleira. Estava a enchendo de água quando Erik entrou.

Ele colocou algumas sacolas em cima da mesa antes de vir até mim.

Sorri, colocando a água para ferver, e me virei para o homem.

— Já está se sentindo à vontade? — perguntou, e concordei, sentindo minhas bochechas vermelhas.

Eu nem tinha perguntado se poderia fazer aquilo. Nem sabia se teria chá.

Meu Deus.

— Desculpe, tenho o hábito de me fazer confortável em qualquer lugar

— admiti, tímida.

Erik sorriu e tentei não perder o ar com aquela visão.

— Estou apenas te perturbando — respondeu, e concordei, sem saber o que falar naquele momento. — Imaginei que estaria muito frio aqui, então passei no mercado para comprar roupas mais apropriadas e comida —

explicou.

— Parece que você pensou em tudo. — Sorri. — Onde fica o chá? —

perguntei, abrindo novamente cada uma das portas do armário sobre a pia.

Nas pontas dos pés, enxerguei uma pequena caixinha de chá verde e me estiquei para pegar, entretanto, Erik a pegou com facilidade antes que pudesse alcançá-la.

— Termino aqui, coloque uma roupa quente — instruiu, e eu até protestaria se não estivesse tremendo de frio.

Procurei nas sacolas e encontrei uma calça de camurça preta, uma camiseta básica branca e um moletom grosso preto. Além disso, Erik conseguiu lembrar de pegar algumas calcinhas e um sutiã, todos bem básicos da cor preta, e meias. Também pegou roupas e cuecas para ele, e me questionei por quanto tempo dormi sozinha no carro.

Aproveitei sua distração com o chá para averiguar as outras sacolas e me assustei um pouco: jaquetas impermeáveis, dois pares de tênis, toucas e até um cachecol. Nas demais sacolas, havia comida e senti meu coração se esquentar em meio a todo o gelo do pequeno lugar.

Como Erik poderia ter pensado em tudo isso sozinho? Por que não havia me acordado para ajudar?

Juntei todas as coisas que pareciam minhas em um montinho na ponta da mesa e, imperceptivelmente, levei a unha do polegar entre os dentes, com aquela mania horrível de roê-las por não saber o que fazer.

Eu deveria tirar a roupa ali no meio da sala ou ir até o banheiro? Olhei de soslaio para o homem que, para a minha surpresa, estava de braços cruzados avaliando-me de olhos encolhidos. Engoli em seco.

— Você está bem? — perguntou preocupado, e mordi o lábio antes de responder.

— Estou… — gaguejei. — Acho que ainda estou um pouco alta pela bebida — menti para disfarçar o desconforto em não saber o que fazer em sua frente.

Como poderia explicar que não sabia o que fazer estando finalmente a sós com ele? Ainda mais quando fora um pedido meu? Ele me acharia uma doida completa.

— Por que você insiste em mentir quando pode falar a verdade? —

questionou, e pisquei sem saber o que fazer.

Suspirei pesadamente, pois nem mesmo eu tinha uma boa resposta para sua pergunta. No entanto, eu queria que ele entendesse que não era algo grave, mas sim minha incapacidade de lidar com o que estava acontecendo entre nós.

— Não sei como agir perto de você — sintetizei.

Erik caminhou até mim e sorriu convencido antes de segurar uma mecha do meu cabelo entre os dedos. Acompanhei cada movimento atentamente para tentar antecipar qualquer que fosse seu próximo passo.

— Hyuna, você está há meses passando a maior parte dos seus dias comigo e, pior, provocando-me durante todo esse tempo. Agora quer que eu acredite que não sabe como agir? — perguntou retoricamente e soltou os fios que segurava. — Eu deveria ter te dado crédito antes, você joga muito bem

— concluiu, e senti como se cada palavra fosse um balde de água fria.

Desde o início, tratei-o como uma caça, um animal exótico que queria muito conseguir para a minha coleção, e dei a ele todos os indícios que era o

esporte e a conquista que me importavam. E agora, Erik sentiria que todos os últimos acontecimentos não eram reais e que faziam parte do meu estilo de vida.

Que ele era apenas mais um.

Ainda assim, ele fez a minha vontade e fugiu comigo quando pedi. Para chegar no nosso porto seguro e eu continuar fazendo o que sempre fiz: fugir das situações conflituosas, inventando qualquer desculpa esfarrapada.

Eu não queria, de jeito nenhum, que ele sentisse como se aquilo fosse apenas um jogo como era no início. Mas não sabia se teria coragem o

suficiente para baixar minha guarda e abrir a ele aquilo que nem eu sabia o que era.

Erik podia sentir toda a confusão nos meus olhos, tive certeza disso, já que pude ouvir em minha língua natal toda a chateação por não estar sendo sincera.

Como poderia ser possível saber o que ele pensava e ter a convicção de que também sabia o que se passava em mim? Era isso o que chamavam de telepatia?

— Você sabe que não estou jogando agora. —Tentei acalmá-lo. — E

sabe também que não tenho ideia de como me abrir. Se eu soubesse, não mentiria — admiti, sentindo cada parte do meu corpo tremer, imaginando que ele pudesse não acreditar em minhas palavras.

— Como eu poderia saber? — perguntou, cético.

— Da mesma maneira que eu sei, apenas te olhando, que está chateado comigo — expliquei, e sua confusão ficou nítida. — Prometo falar tudo sobre o que você quiser saber. Sem mais mentiras. O que for necessário para você entender que não tenho mais a intenção de jogar — ofereci.

Erik ponderou minhas palavras e torci que ele aceitasse.

— Coloque uma roupa quente. Vou acender a lareira, você está tremendo — respondeu, e concordei com um aceno.

Erik se afastou para aquecer a casa e não tive outra ideia senão pegar as roupas e ir até uma das portas para me trocar.

Por sorte, era o banheiro, e assobiei baixo percebendo novamente um ponto de contraste no ambiente. Lá, tinha uma clássica e espaçosa banheira, não daquelas hidromassagens, mas a de imersão, e sorri lembrando que no meu antigo banheiro, na casa dos meus pais. Eu tinha uma parecida.

Então, decidi enchê-la de água. Afinal, precisava mesmo de um banho para clarear a cabeça. Abri o registro, deixando os fortes jatos de água quente preencherem o espaço, e toquei a água para regular a temperatura. Procurei nas gavetas do gabinete da cuba e finalmente encontrei um frasco com sais relaxantes e, lendo o rótulo, tive um misto de sentimentos bons ao ver que era o cheiro predominante da casa de Erik.

Quando a água estava pronta, retirei o casaco e deslizei as alças do vestido. Antes de entrar na banheira, tomei coragem para colocar a cabeça para fora do banheiro em direção a sala, mas a lareira ficava no meu ponto cego.

— Erik, preparei um banho quente. Se quiser me acompanhar, acho que tem espaço suficiente — disse lá de dentro e apertei os lábios juntos, rindo da minha investida.

Afinal de contas, Erik estava certo: eu não tinha motivos para estar estranha, estava fazendo exatamente o que queria. Eu só tinha que aproveitar bem seu corpinho lindo e tentar seguir em frente.

Erik apareceu na porta sorrindo e com a camisa branca cheia de marcas sujas do que chutei ser serragem.

— Achei que não fosse me chamar — respondeu, desabotoando a camisa devagar, e tentei respirar com aquela visão.

— Por mais que eu esteja confusa, não quero me privar de aproveitar esse momento com você — expliquei. — Prometi e vou tentar não mentir, mas

você vai precisar me ajudar. Combinado? — perguntei, erguendo um mindinho para ele, que riu desacreditado.

— Como você consegue fazer promessa de mindinho estando pelada bem na minha frente? — perguntou, olhando-me dos pés à cabeça, e finalmente lembrei que havia tirado o vestido.

Ao menos a lareira estava funcionando e eu não estava mais com tanto frio.

Ou talvez fosse a visão de seu peitoral atlético insinuando-se por entre os botões que ele abria que estivesse me deixando com súbito calor.

— Você tem problemas com nudez, senhor Young? — provoquei, terminando de abrir os botões de sua camisa e o ajudando a tirá-la dos braços.

Ele suspirou quando deslizei as unhas sobre seu peito despido e senti cada pelo de seu corpo se arrepiar.

— Nenhum problema… — sussurrou, deslizando a mão da minha cintura até as costas, aproveitando para me puxar para mais perto de si.

Encarei-o sem fôlego, sentindo suas mãos quentes em contato com meu

corpo sensibilizado.

Uma de suas mãos fez o caminho até meu pescoço e Erik segurou meu queixo entre seu indicador e polegar, inclinando meu rosto para olhá-lo mais de perto. Sua boca estava próxima à minha, tão convidativa e suculenta. Eu havia provado do que aqueles lábios eram capazes de fazer com meu corpo e fechei os olhos, dando total permissão para que o homem à minha frente pudesse me beijar.

Erik encostou de leve na minha boca, quase imperceptivelmente, um leve roçar dos nossos lábios, e abri os olhos para encará-lo, em dúvida. Seu sorriso divertido estava em conflito com seus olhos desejosos.

— Você sabe o que vai acontecer quando nos beijarmos, não sabe? —

perguntou, e acenei que sim, mesmo sem entender o sentido de sua hesitação.

— Estamos no meio do nada, Hyuna, sem ninguém por perto. Não precisamos acelerar as coisas e transar em um banheiro, de novo — explicou, e gargalhei com sua fala.

Ele estava tão certo sobre isso. Afinal, as duas vezes em que tivemos oportunidade, fizemos no banheiro.

— Vamos com calma, temos todo o tempo do mundo — Erik disse antes de acariciar meu cabelo.

Terminou de retirar suas roupas e entrou na água quente com cuidado, oferecendo-me a mão em expectativa.

Sorri com a visão daquele homem incrível despido bem na minha frente e segurei sua mão para ter apoio para entrar na banheira junto com ele, posicionando-me entre suas pernas.

Aconcheguei-me em seu peito e seus braços me cercaram, enquanto Erik acariciava meus ombros, barriga e pernas, até se arriscando a tocar de leve meus seios sob a água quente.

Apesar de não termos transado, seu toque preciso e delicado liberava uma descarga magnética por todo o meu corpo, e estar ali com ele, daquela maneira, fez com que eu pudesse respirar tranquila depois de muito tempo.

Caindo

Hyuna

Eu era uma pessoa muito fácil de lidar. Tinha uma personalidade divertida e não media esforços para satisfazer qualquer que fossem os meus desejos.

Prova disso foi demonstrar a Erik, mesmo contrariada, que queria ficar a sós com ele. Aquele pedido tinha sido difícil de fazer, pois, de uns tempos

para cá, cada pequeno gesto seu parecia chamar minha atenção. E o mais assustador era que não eram somente seus traços físicos, mas também seus gestos demonstrando cuidado e seu humor, que estranhamente era muito divertido e provocador, o oposto ao que ele demonstrava no escritório.

Enquanto estava aninhada em seu peito, submersa na água, não conseguia formar uma frase sequer. Suas mãos habilidosas acariciavam e massageavam cada parte de meu corpo que pudessem encontrar e, mesmo que aqueles simples toques despertassem cada célula do organismo, Erik não demonstrou ter nenhuma intenção sexual ali.

Ele estava tão excitado quanto eu, porém, contentou-se em dividir aquele momento ambíguo sem avançar nenhum sinal.

Apesar de ser um gesto simples, causou um reboliço em minha cabeça e principalmente em meu coração. Nunca me senti tão bem e tão confusa ao mesmo tempo. Por que ele tinha que me fazer sentir tantas coisas ao mesmo tempo?

Assim que a água começou a perder seu calor, decidi que era melhor sair e colocar uma roupa quente, senão poderia pegar um resfriado. Erik pareceu entender o que eu havia pensado e se ofereceu para sair primeiro e pegar toalhas para nós. Assim que saiu, senti um vazio enorme onde antes seu corpo estava colado ao meu. Mas ele rapidamente voltou com uma grande toalha e, assim que saí da banheira, ajudou a me enrolar no tecido macio.

Encarei-o, analisando cada centímetro de seu maxilar que parecia ter sido esculpido por mãos talentosas. Seu nariz delicado enfatizava ainda mais seus lindos lábios entreabertos, sua pele bronzeada contrastava tão bem com seus cabelos escuros e seus olhos, negros e profundos, tentavam decifrar cada pedaço da minha alma.

Naquele momento, percebi que Erik poderia ter de mim o que quisesse.

Enquanto olhava em seus olhos, tão sinceros e ligeiramente curiosos, sabia que não haveria nada no mundo que não pudesse fazer por ele. Engoli em seco, sabendo que algo fundamental havia mudado em mim.

Pousei a mão direita sobre seu coração, notando que batia tão desesperado quanto o meu, e não tive outra alternativa senão ficar nas pontas dos pés para encostar nossos lábios em um beijo delicado. E enquanto minha boca tocava a sua, pude sentir nossos corações entrando em uma sintonia

própria.

O sentimento que fluía entre nós era ensurdecedor, fogo puro sob as nossas peles, mas por baixo de todas aquelas camadas de desejo, podíamos sentir o frio na espinha que o medo daquela descoberta causava. Conectar-me a Erik desde o início trouxe essa sensação única em meu corpo, mas só naquele momento pude perceber que não era somente algo físico.

Se Naomi me ouvisse falar sobre isso, diria que nossas almas haviam se conectado.

Afastei nossos corpos com dificuldade. Erik ostentava seu semblante de dúvida, como nunca havia visto antes; a confusão fazia com que ele parecesse mais leve, como um garoto.

— Qual é o problema? — perguntei, preocupada, e Erik piscou algumas vezes antes de respirar fundo. Ele parecia tão perdido.

— Estou surpreso. Não conhecia esse seu lado — admitiu, e sorri abertamente.

— Tem muitas coisas sobre mim que você ainda não sabe… — respondi com delicadeza. Erik sorriu com a minha afirmação.

— Quero saber cada detalhe sobre você — disse com sinceridade, e não consegui ver nenhuma maldade em sua colocação.

— Pode me perguntar o que quiser, vou responder tudo — ofereci, e Erik sorriu com aquilo.

A lareira realmente tinha feito o ambiente ficar quente e ainda mais aconchegante. Então, vestimos as roupas que Erik comprara mais cedo e fiquei muito orgulhosa ao ver que tudo servia perfeitamente.

Pela terceira vez, vi meu chefe usando roupas informais, o que quase me fez chorar de felicidade. No trabalho ele era frio, calculista e irredutivelmente severo, mas esbanjava todo o *sex appeal* que sua postura agressiva trazia.

Fatalmente sexy. Enquanto aqui, num chalé no meio da floresta, usava calça de moletom e uma blusa xadrez forrada. Seus cabelos estavam sem gel e caíam graciosamente sobre sua testa, dando um ar jovem e atrevido ao homem à minha frente.

Ele estava incrivelmente doce e sensual, se é que aquela combinação era

possível para alguém com sua personalidade. Eram praticamente duas pessoas diferentes e, ao invés de aquilo me preocupar, apenas esquentou ainda mais meu coração.

Erik era frio com todos, mas conseguia ser carinhoso comigo.

Sentei-me no tapete felpudo perto da lareira para ajudar a secar meu cabelo mais rapidamente, enquanto aquele pecado de homem se ofereceu para fazer algo para comermos.

Já era madrugada, ele deveria estar morrendo de sono, mas ainda assim parecia tão energizado quanto eu. Depois de alguns minutos, me chamou para comer e nos sentamos um de frente para o outro na longa mesa de madeira.

Ele sorria para a panela fumegante entre nós.

— Sou um cozinheiro de mão cheia, mas estou com fome demais para fazer algo mais elaborado. Espero que goste de lámen — explicou, e sorri usando a concha para me servir um pouco.

— Não conheço nenhum coreano que não goste — respondi divertida e usei os hashis para remexer o conteúdo no meu prato enquanto soprava para esfriar. Experimentei o caldo industrial, mas ainda assim fechei os olhos, deliciando-me com o sabor. — Isso me traz lembranças — comentei em coreano, finalmente começando a comer.

— Quais lembranças? — Erik perguntou enquanto comia sua porção.

— Praticamente vivi de lámen quando fui para a Coreia. Era uma das únicas coisas que eu conseguia comprar — respondi.

— Mas não foi você que me disse que tinha muito dinheiro? Por que só conseguia comprar lámen? — perguntou, mas incrivelmente não foi cínico como esperei.

Mordi os lábios, já preparada para inventar algo, mas prometi que não mentiria mais. Suspirei.

— É uma longa história… — disse e me remexi no assento, incomodada. Erik cruzou os braços e me encarou, desafiador.

— Nós temos tempo — retrucou, e fiz um bico derrotado.

— Minha família tem muito dinheiro e desde pequena fui criada para herdar a fortuna dos meus pais. Então, você deve imaginar que estudei nos

melhores colégios do país desde o berçário. Por isso tenho tanta facilidade com línguas estrangeiras, desde cedo estive enfiada em salas de aula —

expliquei, e Erik finalmente voltou a comer.

— Compreensível —comentou, e continuei o discurso que nunca imaginei contar para mais ninguém na vida.

— Meu pai queria muito um menino, mas minha mãe teve muita dificuldade em engravidar, então, quando eu nasci, ele se contentou em me criar como um. Minhas primas distantes faziam aula de música, costura e ballet, enquanto eu aprendia línguas, política e gestão financeira. Não que isso tenha mudado muito sobre mim, apenas fez com que eu quisesse cada vez mais minha independência e conquistar as coisas pelo meu próprio esforço. Tive tudo que o dinheiro poderia comprar, mas não tinha liberdade para fazer as coisas que eu queria e, em algum momento, percebi que não tinha mais ideia de quem eu era, já que tudo o que fazia era obedecer às vontades do meu pai — expliquei, sentindo como se tudo aquilo tivesse acontecido há apenas alguns dias.

Sorri fraco antes de continuar.

— Então, aos dezoito, fiz o SAT e consegui uma boa pontuação. Não era o suficiente para Columbia ou Yale, mas papai daria um jeitinho —

comentei. — Mas a verdade é que eu queria fazer uma longa viagem pelo mundo. Estava cansada de estudar e tive uma briga feia com o velho quando ele me pediu para fazer coisas que eu não queria, enfim, você deve imaginar toda aquela baboseira piegas da garota rica com pais que querem que ela vá para a faculdade — acrescentei humorada.

Isso arrancou um sorrisinho de Erik, que comia tranquilamente.

— Então, tomei coragem suficiente para pegar algum dinheiro que tinha guardado, comprei a passagem e fui para Seul com a cara e a coragem. Tive que alugar um apartamento minúsculo e procurar emprego sem nenhuma graduação, então acabei trabalhando de garçonete por alguns meses até fazer as provas para ingressar na faculdade, mas essa parte você já sabe… —

divaguei. — Como fugi de casa, obviamente não podia esperar ajuda dos meus pais, e na verdade eu nem queria, então trabalhei muito para pagar o

empréstimo estudantil que fiz, além de sobreviver. Por isso vivi de lámen até me formar — finalizei e sorri sem mostrar os dentes para o homem a frente.

— Seus pais não tentaram te trazer de volta? — Erik perguntou, e dei de ombros.

— Tentaram de tudo, mas não puderam me achar tão facilmente, já que usei uma outra identidade e passaporte para comprar as passagens e para o contrato do apartamento — expliquei.

— E depois de finalizar a faculdade, você voltou voluntariamente para a vida que tinha? Cansou da Coreia? — perguntou, e precisei respirar fundo antes de respondê-lo.

— Eu não ia voltar, mas infelizmente cometi um pequeno erro com a identidade que escolhi e Ryan, aquele rapaz da festa, acabou me encontrando a mando do meu pai — confessei e, se não tivesse conversado com ele hoje, provavelmente ainda estaria me remoendo de raiva.

Erik franziu o cenho em dúvida quando citei Ryan.

— Seu pai contratou seu ex para te encontrar? Ele não sabia onde você estava desde o início? — questionou.

— Na verdade, eu o conheci na Tailândia, já que tinha o hábito de viajar pela Ásia quando tinha oportunidade. A essa altura, já estava usando meu próprio nome e ele conseguiu me encontrar pelo cartão de crédito —

expliquei. — Ele me enganou desde o começo, fingindo estar interessado em mim e no final das contas contou para o meu pai onde eu estava morando.

Erik assimilava cada palavra com cuidado, e coçou o queixo, inquieto.

— E como foi o reencontro com seus pais? Imagino que foi difícil ficar alguns anos sem se ver — perguntou.

— Foi… intenso. Sentia muita saudade deles, principalmente da minha mãe, mas estava feliz na Coreia da maneira que estava vivendo. Então, imagina o susto ao chegar no meu apartamento num belo dia e dar de cara com meu pai

olhando para meus móveis com desdém. — Mordi o lábio, lembrando de toda a confusão que senti naquele momento. — Só voltei porque ele me convenceu que a saúde da minha mãe não estava boa, mas coloquei alguns limites. Não queria que ele influenciasse na minha carreira aqui — disse, e Erik ouvia atentamente.

— Entendi… E o ex? Qual foi o desfecho? — perguntou, tentando

mostrar indiferença, mas algo me dizia que ele estava um tanto enciumado.

— Bom, a essa altura não tinha ideia que eu era um trabalho para ele.

Então, como uma boba, voltei para o país, *com ele*. — Lembrei, levemente enojada. — Só fiquei sabendo porque Dave já o havia contratado antes e, de alguma maneira, soube que meu pai foi o mandante e que era tudo uma farsa.

Se não fosse Dave, eu não saberia que Ryan só queria me dar mais um golpe, então sou muito grata a ele por isso — confessei, encarando meu prato.

Falar tudo isso em voz alta apenas dava mais certeza de como eu havia sido boba em acreditar em Ryan naquele tempo. Talvez de fato ele tenha começado a fantasiar com uma vida a dois entre nós, mas nunca vou acreditar que realmente me amou.

— Se Dave não tivesse me feito entrar em contato com Ryan para resolver um pequeno problema quando eu ainda era sua assistente, não teria sido capaz de juntar os pontos — pensei em voz alta.

Depois de alguns segundos em completo silêncio, encarei Erik em busca de alguma resposta. Seu olhar parecia preocupado em minha direção, quase irritado, e não entendi o que havia dito para desencadear aquilo.

— O que fiz agora? — perguntei com cuidado, e Erik deu um pequeno sorriso de lado em resposta antes de esticar seu braço sobre a mesa para alcançar minha mão livre.

Seus dedos tocaram os meus de forma carinhosa antes que ele segurasse minha mão com cuidado. Seus olhos demonstravam preocupação e não sabia

bem o que estava acontecendo.

— Não fez nada. Só fiquei pensando no que disse sobre aquele imbecil da Forbes — explicou, e ainda não entendia sua postura em relação a Dave.

Por que eles não se gostavam, afinal?

— O que você ficou pensando? Pode me explicar por que vocês agem assim em relação ao outro? — perguntei.

Erik parecia realmente irritado agora, no entanto, sua mão não deixou a minha e ele parecia bastante confortável com o toque.

— Não sei como ele age em relação a mim, mas não gosto do quão dissimulado ele consegue ser. Estou espantado com como você continua

sendo grata a um homem que tinha a possibilidade de proteger seus sentimentos e ainda assim optou pela conveniência de tirar seu ex-namorado do seu caminho, te magoando no processo — explicou, e sentia cada vez mais sua inconformidade fluir em sua voz.

Tentei analisar o que ele dizia e mesmo assim não conseguia entender muito bem onde queria chegar.

— Acho que não estou acompanhando seu raciocínio — comentei, esperando mais explicações.

Erik se levantou do seu lugar e deu a volta na mesa para se sentar ao meu lado. Usou suas mãos para me fazer virar de frente para ele naquele longo banco de madeira e, pelo mísero momento em que suas mãos estavam tocando meus joelhos, perdi um pouco da concentração que havia conseguido ganhar.

— Dave fez de propósito, já que, se você não estivesse com seu ex, seria bem mais fácil conseguir o que queria — explicou, e pisquei sem entender.

— O que ele queria? — perguntei com cuidado, finalmente entendendo o que ele queria dizer.

Mas eu precisava confirmar aquela dúvida, precisava ter a certeza de que uma das poucas pessoas que me conheciam de verdade não tivesse me manipulado.

— Você — respondeu sem rodeios e seus olhos brilharam com intensidade. — E talvez seja irracional e cedo demais para dizer, mas perco a cabeça só de imaginar aquele cretino colocando as mãos em você… —

continuou entredentes. Seus olhos refletiam toda a frustração que sentia.

Tentei levar tudo o que ele tinha falado em consideração e lembrei de cada detalhe daquele dia com vividez. Como já estava se tornando comum nos últimos dias, percebi que havia deixado algo passar bem debaixo do meu nariz.

Parecia tão óbvio agora que Dave já sabia sobre mim antes mesmo que tivesse a oportunidade de fazer a entrevista. Mesmo tendo me formado com honras, não tinha experiência suficiente para o cargo que teria e, pela primeira vez, consegui colocar os pingos nos is.

Não só Dave havia me feito encontrar Ryan de propósito para que terminássemos, mas também podia ver claramente que meu pai quebrou sua promessa pouco tempo depois de tê-la feito.

O homem que se dizia meu pai havia usado sua influência para me colocar no lugar certo, na hora certa e com a pessoa certa. Ele sabia que se me indicasse de cara, eu não aceitaria o emprego, então articulou tudo para que me aplicasse ao processo seletivo e, no final, conseguisse o emprego.

Tudo aquilo que eu me orgulhava de ter conseguido com meu próprio esforço e formação de repente já tinha virado poeira nas mãos daquele velho astuto que não aceitava perder. Toda a confiança que vinha construindo durante todos os últimos anos não passava de uma farsa.

Encarei Erik, sentindo meu coração pesado. Seus olhos, que agora a pouco estavam irritados, tornaram-se preocupados. Provavelmente eu não estava fazendo uma cara boa. Por um segundo, pensei na possibilidade de que meu pai tivesse feito o mesmo com a vaga de Erik. Eu tinha até medo de perguntar.

A essa altura do campeonato, podia imaginar as mãozinhas gordas e traiçoeiras do meu pai mexendo os pauzinhos em cima da cabeça do meu chefe, que, através das cordas, se mexia como uma marionete conforme as instruções.

E se tudo, desde o começo, tivesse sido ideia dele? Se Erik se aproximou de mim, depois me contratou, e tudo o que tinha feito até então fosse armação? Se tudo o que havia acontecido entre nós não passasse de um joguinho para ele? No final das contas, teria apenas feito o mesmo de sempre: aberto meu coração para a pessoa enviada pelo meu pai. Eu me magoaria novamente.

Só percebi que estava chorando quando senti as lágrimas quentes rolando silenciosamente pelo meu rosto. Erik estava cada vez mais exasperado ao ver meu estado e, quando me olhava assim, ficava ainda mais doloroso imaginar que ele poderia estar mentindo.

Abaixei a cabeça, quebrando nosso contato visual. Seria demais para mim pensar sobre aquilo enquanto ele estava me encarando tão sinceramente.

— O que está acontecendo? — perguntou. Quando escondi o rosto

molhado entre as mãos para disfarçar um soluço, Erik me puxou pela cintura, levantando-me do banco. Colocou-me sentada na mesa à sua frente. —

Hyuna, por favor, não faça isso comigo.

Ele segurou em meus braços, tentando afastar minhas mãos para avaliar meu rosto, com preocupação. Tentei olhar para longe, mas Erik segurou meu rosto para que o encarasse.

Estava mortificada e envergonhada por chorar daquela maneira na sua frente, principalmente quando tínhamos finalmente começado a nos entender.

Mas todo aquele dia tinha sido um turbilhão de emoções para mim.

Estar com Dave, o confronto com Ryan, aquela loira maravilhosa ao lado de Erik, além de transar com Erik, fugir com Erik, abrir meu coração para Erik

e finalmente descobrir mais sobre mim mesma, tinha desestruturado toda a força que achei que tivesse.

Num piscar de olhos, a Hyuna, mulher independente e corajosa que não se abalava por nada e nem ninguém, transformou-se novamente na menina que fazia todas as vontades do pai e depois chorava trancada no quarto que daria inveja em muitas princesas. Em alguns segundos, fui da pessoa mais desapegada do mundo para a garota que não sabia fazer nada sem ajuda.

Tentei respirar fundo e secar o rosto com a manga do moletom, entretanto, as lágrimas teimavam em continuar aparecendo. Quando finalmente tomei coragem para encarar Erik, sentia cada célula do meu corpo tremer com medo da possibilidade das minhas suspeitas estarem certas.

Se havia sentido toda aquela dor em pensar ser possível, não queria estar sóbria para sentir a dor real caso estivesse certa.

— Ele te pediu para se aproximar de mim, não é? Queria saber o que ele teria a te oferecer a essa altura… — perguntei, sentindo minha voz tremer, e Erik era a personificação de uma interrogação.

— Do que você está falando? Dave nunca me pediu nada — respondeu confuso, e suspirei, lembrando que a maior parte das assimilações haviam sido feitas na minha cabeça. Isso explicava por que ele estava genuinamente confuso.

— Não Dave, meu pai — disse, apontando para mim mesma. — Meu pai pediu que você me contratasse, não pediu? — perguntei, ainda sem chão,

e Erik encarava meus olhos como se estivesse falando uma língua totalmente diferente da sua.

Ficou em silêncio por alguns segundos e, em determinado momento, pareceu finalmente entender o que eu estava perguntando. Apesar dos meus medos, como ele poderia ser tão lindo assim de perto?

Erik segurou cada lado do meu rosto delicadamente e usou seus polegares para secar as lágrimas que caiam deliberadamente. Seus olhos refletiam minha confusão, entretanto, consegui sentir o quanto ele desejava me passar

segurança. Sentia-me hipnotizada pela forma que conseguia entendê-lo apenas olhando em seus olhos intensos.

— Jamais faria algo assim — assegurou e sua voz soou bem mais firme do que eu poderia imaginar. — Sei o que é vir do nada, Hyuna, e aprecio as pessoas que tem capacidade de lutar para chegar onde querem. Então, preciso que você acredite em mim. Seja lá quem seu pai for, nem ele e nem ninguém nunca me pediu para te contratar como um favor. Confiei cem por cento na avaliação de Laura e cada dia que tive a oportunidade de passar ao seu lado serviu para confirmar que você tem muito mais talento do que era necessário para fazer seu trabalho — disse. Sentia cada palavra se fortificar dentro de mim com sua convicção.

— Então você não está aqui hoje tentando me conquistar para me dar um golpe, certo? — questionei, e ele negou veemente.

— Não, não estou aqui tentando te dar um golpe, mas admito que não te trouxe para cá com a melhor das intenções — provocou.

— Qual era sua intenção? — questionei, tentando controlar meu sorriso.

— A princípio, eu queria terminar o que começamos na festa — admitiu com um sorriso provocativo de parar o trânsito. — Porém, a cada minuto que passo te conhecendo melhor, sinto que preciso te lembrar que não tem problema em não saber lidar com os próprios sentimentos. Que você precisa de alguém para te dizer que gosta de você independente de quem seja sua família ou do seu dinheiro. Sei melhor que ninguém a sensação de ser traído e usado e ter medo de confiar novamente, então, se você quiser, posso ser esse alguém — Erik ofereceu, cheio de expectativas em seus olhos, e eu não sabia como poderia responder àquilo. — Se você me deixar, posso ser a pessoa em quem você pode confiar e que não vai te apunhalar pelas costas.

Senti cada pelo do meu corpo se arrepiar com suas palavras. Seu olhar sincero dava toda a confiança que eu precisava para aceitar sua proposta e, mesmo que estivesse apavorada com a possibilidade de ele estar mentindo, não conseguia formar uma negativa.

Seu corpo quente tão perto ao meu, logo depois de abrir meu coração e derramar as lágrimas mais sinceras que havia chorado em anos, dificultava que pensasse racionalmente. Então, novamente toquei em seu peito, sentindo suas batidas num ritmo forte, mas tão seguro que não havia possibilidade de falsidade.

Beijei seus lábios com medo e ternura, e Erik acariciou meu rosto molhado com a ponta dos dedos. Seu beijo alcançava todos os segredos guardados no fundo da minha alma e fazia com que não parecessem tão ruins, afinal.

A sensação de estarmos juntos, naquele momento tão sensível, esclareceu completamente aquilo que eu mais temia sentir na minha vida. No entanto, era inadiável admitir que estava completamente apaixonada por Erik e, mesmo que fosse difícil ou aterrorizante, não havia nada que ele pudesse pedir que eu negaria a ele a partir daquele momento.

Mesmo que ele estivesse me usando ou mentindo, já estava completamente entregue àquele sentimento ardente que pensava ser impossível de acontecer fora das novelas românticas. Estava em queda livre e, naquele chalé em frente a um lago, finalmente abri meu coração para o meu chefe coreano.



O medo que sentia fluir através da minha espinha aos poucos dava lugar ao calor aconchegante e convidativo que as palavras de Erik causaram em mim.

Não sabíamos muito mais o que dizer depois de tê-lo beijado. Aquele ato despretensioso fez com que eu chegasse a uma conclusão sobre o que

considerava ser apenas uma obsessão.

Talvez estivesse impressionada demais com o turbilhão de emoções daquela noite, mas, enquanto nossos lábios estavam selados, percebi que Erik também compartilhava daquele sentimento. No entanto, nenhum de nós sentiu a necessidade de falar em voz alta.

Sinceramente, se ele me sentisse da forma que eu o sentia, seria mesmo necessário dizer as palavras quando aquele beijo falou por nós?

Eu era o tipo de mulher que aceitaria transar com Erik novamente em qualquer hora ou lugar, porém, ele me surpreendeu novamente ao afastar nossos lábios com cuidado e acariciar meus cabelos com um sorriso contido que exemplificava perfeitamente o momento que compartilhamos: estávamos felizes com a descoberta, mas no fundo temíamos e esperávamos o pior.

Por isso, não relutei quando ele segurou minha mão e me conduziu até o sofá, destravando o encaixe que o tornava largo o suficiente para nos acomodar. Assim que me deitei, Erik jogou uma manta quente sobre meu corpo, apagou a luz e se juntou a mim.

O estalar da lenha na lareira e os grilos cantando em algum lugar entre as árvores criaram o ambiente perfeito para admirar seus traços delicados na luz baixa que o fogo emanava. Atrevi-me a delinear as extremidades de seu rosto com a ponta dos dedos, enquanto Erik acariciava meu cabelo com cuidado. Nenhuma palavra foi dita entre nós pelo resto da noite, então mal notei quando cedi ao cansaço que teimava em fechar meus olhos e tive a melhor noite se sono da minha vida.

Quando acordei no dia seguinte, me sentia ligeiramente perdida. Olhei em volta e encarei a lareira, que agora já acomodava as cinzas da noite anterior. Percebi também Erik embalando minha cintura num abraço e senti seu corpo relaxado junto às minhas costas.

Relembrei de tudo que tinha acontecido, desde que cheguei à festa com Dave até o momento que tive a confirmação de que, no final das contas, Naomi, Laura e Bill estavam certos todo esse tempo. Eu só não tinha percebido.

Tomando bastante cuidado, fechei os olhos novamente e fingi ainda estar dormindo para me virar de frente para seu peito. Como não queria correr

o risco de ele perceber o ato infantil, permaneci de olhos fechados por mais alguns segundos, e só então tomei coragem para olhar para Erik.

Sempre achei piegas quando enfatizavam a beleza de alguém dormindo, mas naquele dia paguei minha língua. A luz do dia que atravessava as longas janelas iluminava as suas feições e o semblante despreocupado no sono transformaram aquele homem na visão mais linda que tive a oportunidade de apreciar.

Fiquei assim por um tempo, enrolada em seus braços, até ouvir um celular tocando à distância; me sobressaltei pelo susto. Erik sentiu a movimentação e me segurou ainda mais apertado. Apesar de ter adorado a sensação, sabia que poderia ser uma emergência. Com cuidado, me desvencilhei do seu abraço e procurei pelo celular. Encontrei-o no meio das sacolas de compras, em cima da mesa, e percebi que era o aparelho de Erik, sinalizando uma ligação de Mayumi.

Pensei em atender, mas no final das contas era seu celular pessoal e não sabia se ele gostaria que May, ou qualquer outra pessoa, soubesse que estávamos juntos.

Então, levei o aparelho até ele e o acordei com delicadeza. Quando abriu seus olhos, pareceu perdido e olhou ao redor antes de focar em mim. Sorri, tentando fazer com que se sentisse melhor, e ele me devolveu o sorriso manhoso de um garoto sonolento.

— May estava te ligando — disse e entreguei o celular em sua mão. —

Vou aproveitar e ligar para casa.

Antes de me levantar, Erik segurou em minha mão, fazendo-me encará-lo. Seus olhos faziam a pergunta que eu mesma tinha medo de fazer em voz alta.

— Você…? — Apesar de ter dito apenas uma palavra, sabia exatamente o que ele queria dizer.

“Você está apaixonada por mim?”, era o que seus olhos tentavam saber.

Confirmei com um aceno, sentindo-me tímida em admitir aquilo.

— Nós precisamos esclarecer alguma coisa? — perguntou, e a resposta já estava na ponta da minha língua.

— Nós podemos, mas você realmente acha necessário? — perguntei.

Erik sorriu abertamente antes de soltar minha mão.

— Vou ligar para minha irmã — disse, e sorri com aquela visão.

— Diz que mandei um beijo — brinquei e fui ao banheiro procurar minha bolsa. Enquanto procurava meu celular entre as maquiagens, pude ouvir Erik dizer onde estava em coreano e, no final, mandar o beijo.

Ouvi atentamente quando ele riu da resposta de May e disse que explicaria melhor no dia seguinte. Sentia meu coração palpitando, mas não de maneira dolorosa.

O restante daquele dia passou como o sonho de uma adolescente apaixonada. Apesar do tempo frio, o dia amanheceu com o céu aberto e o sol iluminava todo o ambiente. Erik preparou nosso café da manhã e, enquanto conversamos sobre as coisas mais aleatórias possíveis, admirei a simplicidade de sua beleza. Finalmente ele estava despreocupado e feliz ao meu redor, e aquilo era mais do que poderia querer um dia.

Conversamos animadamente sobre a vida na Coreia e decidimos focar na parte boa ou engraçada. Erik não falou sobre sua adolescência difícil ou a perda do pai, e sabia que aquele não era o momento. Ele estava tentando me animar novamente e me senti agradecida por tê-lo por perto. Erik comentou

sobre suas notas perfeitas e até mesmo o tempo em que se arriscou em tentar atuar, no entanto, desistiu rapidamente da ideia de ter pessoas gritando seu nome por aí. Não parava de sorrir.

Depois disso, me chamou para passear na beira do lago e a visão era espetacular. Andamos de mãos dadas, despreocupados e alheios a tudo o que poderia estar acontecendo no restante do universo, focados apenas em aproveitar ao máximo aquela oportunidade.

No final da tarde, nos sentamos num banco na varanda do chalé e vimos o sol se pôr lentamente atrás das árvores e refletir toda sua cor no lago à nossa frente.

Erik passou um dos braços pela minha cintura e me apoiei em seu ombro. Usei minhas mãos livres para segurar a sua e, admirando a bela vista, decidi compartilhar o que estava pensando.

— Estou assustada — disse e o senti se mexer para olhar para mim. —

Todas as vezes que me senti tão feliz assim, algo ruim aconteceu — admiti, e Erik me afastou do seu peito para olhar em meus olhos.

— Coisas ruins acontecem com todo mundo, o tempo todo. Então, acho que o melhor que podemos fazer é nos agarrar no que estamos sentindo agora e aproveitar ao máximo, porque quando o momento ruim chegar, se é que vai chegar, teremos energia suficiente para pensar em como sobreviver a ele —

Erik sugeriu com convicção e acariciou meu rosto.

Sabia que compartilhava do mesmo medo que eu, apesar de não saber o motivo, mas ele estava certo. Não poderia estragar o presente sentindo medo de algo que nem sequer havia acontecido.

Sentei-me em seu colo e o abracei com força, deliciando-me com seu perfume. Agarrei-me a Erik como estava me agarrando àqueles sentimentos, somente assim teria força suficiente para enfrentar a dificuldade que sentia em me abrir.

Infelizmente tivemos que ir embora da casa do lago, até porque acordaríamos cedo no dia seguinte. Então, Erik me deixou em casa antes de seguir seu caminho. Eu estava com as roupas quentinhas que ele havia me comprado e, mesmo tentando fazer com que subisse para que tivéssemos um momento adulto, por assim dizer, Erik voltou a dizer que tínhamos todo o tempo do mundo.

Aquilo só não me deixou muito chateada, porque ele teve a atitude de me beijar calorosamente antes de ir embora, então aquela sensação doce e excitante me fez ter calma para aguardar a próxima oportunidade. Que esperava que fosse tão logo quanto possível, afinal de contas, senti-lo em mim era mais viciante que qualquer droga.

Entrei em casa à procura de Naomi, decidida a contar as novidades, mas, como nos últimos dias, ela não estava e fiquei confusa. Ela não tinha o hábito de ficar fora de casa à noite, principalmente sem me avisar. Disquei o número da minha melhor amiga e aguardei que ela atendesse. Entretanto, a voz do outro lado não foi a de Naomi, mas outra também já conhecida.

— Mayumi? — perguntei, e a garota riu do outro lado da linha.

— *A própria!* — respondeu.

— Naomi está contigo? Por que ela não atendeu? — perguntei.

— *Ela está aqui em casa. Como fomos abandonadas nesse final de semana, decidimos nos divertir juntas* — May provocou, e sorri vendo os traços que puxou do irmão.

— O que vocês estão aprontando sem mim?

— *Fazendo uma longa maratona da última temporada de Pretty Little Liars* — contou, surpreendendo-me.

— Pode dizer para Naomi que ela é uma vaca traidora! Ela prometeu me esperar!

— *Não vou ofender minha companheira de séries, se resolvam amanhã*

— retrucou de bom humor.

— Chata… Ela vai dormir por aí? — perguntei, e May concordou. —

Ok, diz para ela que só vou perdoar porque a amo.

Percebi quando May afastou o celular da orelha e sussurrou para a Naomi:

“Eu vou te perdoar porque eu te amo”.

Arregalei os olhos só de imaginar a expressão confusa que Naomi deveria estar ostentando naquele minuto e ouvi o estalo do tapa que ela deu em Mayumi, entretanto, as duas riam animadamente e fiquei mais tranquila por ver que elas estavam se dando bem.

Combinamos de nos encontrar no final de semana seguinte para maratonar alguma coisa. Dessa vez seríamos nós três, afinal, eu tinha muitas novidades para contar para as duas e só esperava que Mayumi ficasse feliz pela minha descoberta sobre seu irmão, senão a chance de Erik e eu darmos certo diminuiria a zero.



Não foi nada fácil dormir naquela noite. Não parei de pensar sobre o que aconteceu em nenhum segundo e só consegui pegar no sono quando já estava quase amanhecendo.

Apesar disso, me sentia renovada e pronta para enfrentar um novo dia de trabalho. Também havia me convencido que daria um jeito de ficar com Erik naquele dia. Onde? Também não tinha ideia, mas fui preparada para provocá-

lo até que ficasse desconfortável. Esse era exatamente o tipo de relacionamento que eu esperava que nós tivéssemos e precisava investir naquilo, certo?

Por isso, fiz uma maquiagem leve, mas caprichei usando uma saia preta apropriada para o ambiente e uma camisa de seda perolada para dar o toque profissional ao look. Finalizei com um terninho delicado e um salto alto preto. Vesti um sobretudo por cima devido ao frio da estação e saí com o humor renovado de casa.

Naquela manhã dei bom dia para todas as pessoas que cruzavam meu caminho, estava tão animada que não conseguia colocar em palavras, além de estar determinada a conseguir o que queria. Comprei o capuccino de Erik e o jornal no modo automático, estava ansiosa para chegar na empresa.

Como cheguei cedo, havia poucas pessoas no escritório. Uma delas era Charlie e ele veio me cumprimentar, enquanto eu deixava as coisas de Erik em sua sala.

— Bom dia, Park, vim trazer o seu convite para o casório — disse, estendendo o delicado envelope que ostentava em letras cursivas e delicadas os nomes “Barbara Edwards e Charles Henderson”.

Apesar de não ser uma expert em caligrafia, consegui ver semelhanças entre aquela letra e a do cartão que enviaram para Erik na semana anterior.

Senti um arrepio na mesma hora.

— Obrigada… — respondi no modo automático, enquanto alisava as letras em relevo dourado. — Onde você fez esse cartão? — perguntei.

— Não tenho ideia. Barbara cuidou de tudo com minha mãe e minha sogra, mas posso perguntar. Por quê? Já estão pensando em se casar? —

Charlie perguntou, e arregalei os olhos em sua direção.

— Não… O quê? — gaguejei. — Do que você está falando? Só preciso de um lugar de confiança para criar os convites do próximo desfile da Naomi

— menti e, apesar de seu sorriso presunçoso ainda estar presente, Charlie pareceu acreditar na minha desculpa esfarrapada.

Será que ele sabia sobre Erik e eu? Sempre tomei cuidado para não deixar explícito quais eram minhas intenções ao redor de outras pessoas, entretanto, poderia ter falhado. De alguma maneira, não pensei na

possibilidade de que Erik tivesse contado algo. Charlie podia ser bem perceptivo quando queria.

— Vou conseguir o contato para você, mas já adianto que é uma fortuna.

Estou ficando cada dia mais pobre com esse casamento, Park —

choramingou, e ri com seu desespero.

Ainda estávamos conversando sobre o casamento quando Erik chegou com sua habitual cara fechada e postura de homem de negócios que fazia com que eu perdesse o juízo.

— Preciso que você veja com o RH os horários das entrevistas, quero que faça a triagem com Bill — disse para mim antes de entrar na sua sala, e concordei. Ele enfiou a cabeça para fora da porta de vidro novamente. —

Charlie, você não tem o que fazer? Pare de atrapalhar a Hyuna — ralhou, e Charlie e eu rimos em cumplicidade antes de ele se levantar e voltar para sua mesa.

Rapidamente, consultei a agenda para informar os compromissos que Erik teria no dia e bati na porta de sua sala antes de entrar.

Erik me encarava de cenho franzido, sua habitual carranca de mau humor, e me senti um pouquinho chateada por ele continuar me tratando da mesma maneira depois do que passamos naquele final de semana. Então,

comuniquei seus compromissos daquele dia e, por alto, o que mais já tinha preparado para aquela semana. Ele acenou positivamente, assimilando todas as coisas que falava. Esticou a mão até sua preciosa bola de futebol americano para passar o objeto de uma mão para a outra.

— Preciso organizar uma festa — disse assim que finalizei, e o encarei surpresa.

Erik dando uma festa? Aquilo sim era assustador.

— Qual é a ocasião? — questionei.

— Despedida de solteiro do Charlie. Você sabe quem chamar e acredito que vá escolher um local adequado — explicou, e tive que rir.

— Espere um minuto, Charlie realmente te deixou responsável pela despedida de solteiro dele? — perguntei rindo. Erik fechou ainda mais a cara para mim e pigarreei para recobrar a postura.

— Sim, deixou. Por que tanto espanto? — questionou, e tomei coragem de me aproximar mais de sua mesa, sentando-me na cadeira em sua frente.

— Não me leve a mal, mas… Você não é bem uma referência em farra e diversão — disse com cuidado, enquanto deslizava o indicador pela mesa.

Erik suspirou cansado e abriu a boca em descrença.

— Sou muito divertido, Hyuna — retrucou, e sorri animada.

— Mas não gosta de farra o suficiente para saber o que os meninos esperam de uma despedida memorável — respondi.

— É para isso que tenho você! Sei que entende dessas coisas — Erik respondeu fingindo irritação, mas sentia que ele já estava com vontade de rir.

Fiquei feliz por saber que isso não tinha mudado.

— Qual vai ser meu *budget*?

— Dois mil — respondeu, e fiquei pasma.

— Como você pode ser tão mão de vaca? Dois mil dólares não pagam nem a roupa que estou usando hoje — provoquei e, quando achei que fosse revirar os olhos, ele sorriu divertido.

Era tão bom vê-lo sorrir assim pela manhã, também era raríssimo. Então aproveitei minha visão do paraíso.

— Como você consegue comprar essas roupas de marca? Não te pago tão bem assim — provocou.

Ele já imaginava que as roupas eram compradas com o dinheiro dos meus pais. Como um homem bonito daqueles podia ser maldoso? E, pior ainda, como euzinha poderia estar apaixonada por alguém daquele jeito?

Eu nem conseguia ficar com raiva.

— Então acho que mereço um aumento. Preciso manter meu estilo de vida, sabe — retruquei, fingindo desinteresse, enquanto organizava seu suporte para canetas.

— Concordo que mereça, mas não posso te dar um aumento agora.

— Por que não? — perguntei, fazendo um biquinho mimado, e Erik se inclinou sobre a mesa para tirar minha mão de suas canetas. Aproveitou a

deixa para acariciá-la delicadamente.

— Porque é antiético que eu te dê um aumento agora que estamos juntos

— Erik sussurrou em coreano, e seus olhos refletiram o sorriso que ele abriu para mim.

Pisquei sem entender muito bem o que ele havia acabado de dizer. Erik realmente disse “agora que estamos juntos” ou ouvi errado? Não sabia bem a expressão que estava fazendo naquele momento, mas deveria ser hilária, visto que Erik começou a rir abertamente. Mesmo sentindo meu rosto totalmente quente e meu coração acelerado, copiei seu gesto e rimos juntos.

Mesmo assim, acabei tampando o rosto com as mãos. Estava tão chocada e envergonhada que não sabia onde enfiar a cara.

— Como você espera que eu trabalhe normalmente depois de ouvir isso?

— perguntei. Erik continuava achando graça da situação.

— Você é uma mulher esperta, tenho certeza de que vai dar um jeito —

provocou e se endireitou em sua cadeira, voltando para sua postura de chefe mal-humorado extremamente sexy.

— Nos vemos mais tarde? — perguntei com expectativa, levantando-me da cadeira.

— Hoje é segunda, dia da May. Amanhã? — perguntou, e concordei sorrindo.

Antes de sair de sua sala, fiz uma leve reverência, tentando lembrar ao meu corpo que estávamos no trabalho e precisava me concentrar. Até tentei focar no e-mail que lia, mas depois da segunda tentativa falha, sabia que precisava extravasar um pouco de toda a felicidade que estava dentro de mim e arranjei uma desculpa qualquer para passear pelo escritório. Andar ajudaria com toda certeza.

Parei para falar com uma das coordenadoras do andar sobre qualquer coisa que veio na cabeça, antes de finalmente acabar na mesa de Bill, que estava no celular assim que cheguei. Rapidamente finalizou a ligação e sorriu para mim, batendo as mãos ritmicamente sobre a mesa.

Ele tinha muita energia durante a manhã, então era a pessoa certa para ajudar.

— Bom dia, coreana.

— Bom dia, papai. Como vão as coisas? — perguntei.

— Essa noite consegui dormir três horas inteiras, então só alegria. E o que houve com você? Estou sentindo uma tensão atípica — observou, e apertei

os lábios juntos, sabendo que não deveria falar demais.

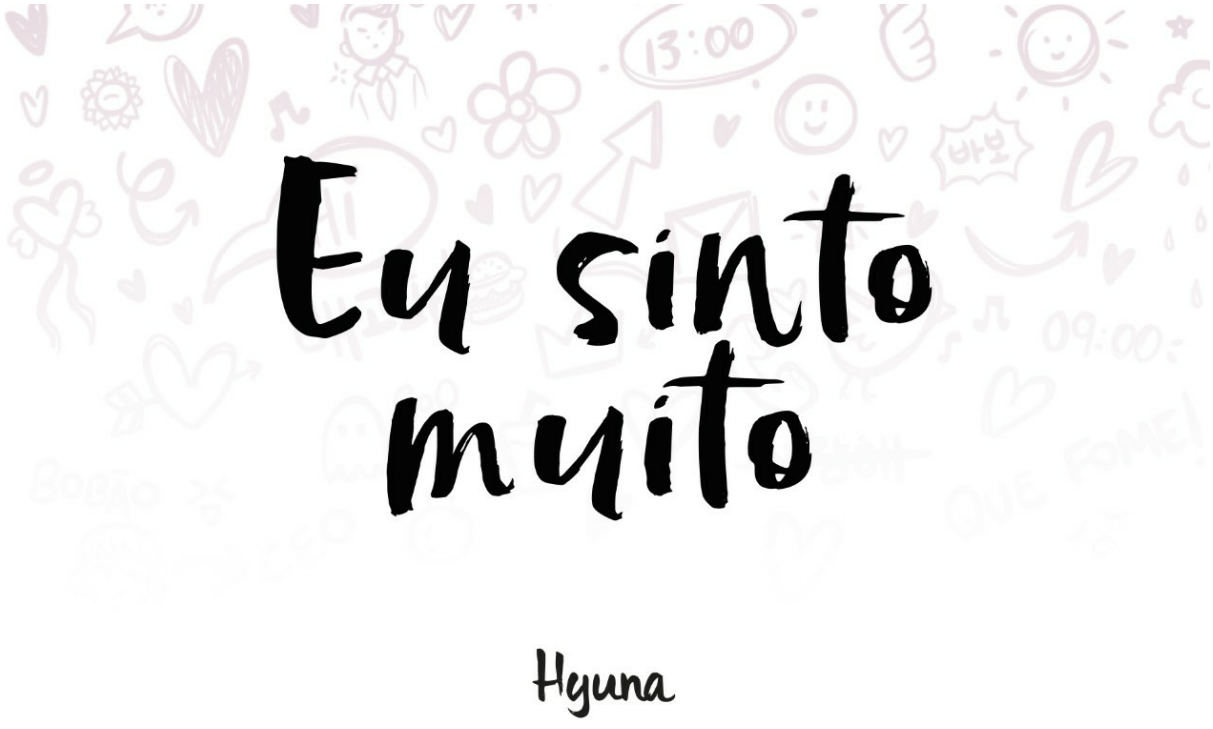
Afinal, Bill era o melhor amigo de Erik, então ele que teria que dar as notícias.

— Só estou precisando de uma boa distração.

— Veio no lugar certo, porque tenho fotos novas da Serena, você vai amar — disse, pegando seu celular.

Agradeci a Deus por ter Bill por ali. Ele sabia que algo tinha acontecido, mas foi um anjo em não perguntar nada e apenas me ajudar.

Naquele momento, senti que a melhor decisão que tomei na vida foi ter vindo trabalhar na Thousand Corp.





Hyuna

Naquela semana, dediquei boa parte do meu tempo para o planejamento da despedida de solteiro de Charlie e, depois de muitas provocações dramáticas, finalmente consegui que Erik liberasse um *budget* com que pudesse fazer algo bacana.

Conhecendo Charlie, sabia que ele gostaria de uma despedida bem porra louca para compensar o período sabático do casamento. Não que eu acreditasse que ele fosse se tornar fiel porque, convenhamos, estamos falando de Charles Henderson, mas faria a minha parte para tentar ajudar com que ele dedicasse seu pênis descontrolado única e exclusivamente para sua futura esposa.

Por isso, decidi que deveria organizar uma viagem de dois dias para Las Vegas. Para isso, também precisei da aprovação de Erik, já que faria com que ele, Bill, Andrew, José e Charlie ficassem fora do escritório durante um dia inteiro. Foi a parte mais difícil, mas não havia nada no mundo que eu não fosse capaz de conseguir quando estava focada

Tirando, obviamente, ficar com Erik quando bem entendesse. O homem continuava me tratando como sempre no escritório, mas conseguimos nos ver duas vezes após o expediente e, mesmo sugerindo que fôssemos para

minha casa, Erik conseguiu fugir com desculpas esfarrapadas. Desconfiava que ele estava tentando me provocar ao máximo, assim como fiz com ele, e aquilo estava me deixando maluca por dois motivos.

O primeiro era que ainda não tinha contado para as meninas sobre a novidade, o segundo era que eu o desejava ardentemente desde o momento que coloquei meus olhos nele. Não poderia me sentir mais frustrada, entretanto, estava feliz por conseguir passar algumas horas do dia ao seu lado conversando informalmente. Também me sentia abatida pensando na possibilidade de ter algo acontecendo que ele não se sentisse à vontade para me contar, mas tentei me tranquilizar de que era apenas o seu gênio provocador tentando me desestabilizar.

Na sexta-feira, ele até tentou me levar para sair e senti que aquela poderia ser minha chance. Contudo, já havia combinado com as meninas que dormiríamos na casa de Mayumi, então recusei educadamente, sentindo-me vitoriosa por dentro. Eu sabia ser má quando era necessário. Nem fiz hora

extra naquele dia, precisava contar as novidades em voz alta e buscar ajuda com a pessoa que me conhecia melhor, e ainda teria o bônus de estar com a pessoa que mais conhecia Erik. Sem contar que ficaríamos bêbadas e faríamos maratona da última temporada do reality show *Ex on the Beach*, então não poderia ser mais perfeito.

Naomi insistiu que precisávamos fazer compras primeiro, então marcamos com May e nos encontramos algum tempo depois numa das lojas preferidas da minha amiga.

Mayumi foi a primeira a chegar, e eu logo depois. Abracei a menina com força.

— Eu já te elogiei hoje? Como você consegue ser tão linda? —

perguntei a May, que jogou os longos cabelos sobre os ombros fazendo charme, sorrindo depois.

— Ainda não, mas pode ficar à vontade — respondeu. — Onde está a nervosinha? — questionou, e dei de ombros.

— Naomi não é muito pontual, mas já deve estar chegando. Mas por que o apelido? — perguntei, jogando papo fora.

— Ela não gosta muito das minhas brincadeiras. No final de semana passado, perdi a conta de quantas vezes ela me bateu só porque fiz uma brincadeira ou outra — contou rindo. — Mas gosto do jeitinho dela, então essa reação apenas me dá gás para provocar ainda mais.

— Ah, que sensação estranha, você é igual seu irmão… Eu fugi da empresa para ficar longe dele e me deparo com a sua versão feminina —

retruquei, esfregando as mãos nos braços, fingindo estar arrepiada de medo.

May fechou a cara e me encarou de cima. Quase tive um treco com a semelhança entre os dois. Quando percebeu minha cara de assustada, voltou a rir.

— Eu o imito bem, né? — perguntou animada e respirei aliviada.

— Muito! Acho que mudei de opinião, você seria uma excelente atriz —

disse.

— Você está tentando roubar minha modelo promissora? — Naomi perguntou e nos viramos a tempo de vê-la se aproximar com as mãos nos

bolsos do casaco.

Apertei os lábios, sendo pega no flagra.

Ops.

— Ser atriz paga melhor — provoquei, e Naomi me deu um tapa no braço. Esfreguei o local dramaticamente.

— Você está se tornando uma mulher agressiva — resmunguei. May deu risada enquanto cumprimentava Naomi com um abraço.

— Eu não sou agressiva, Hyuna. Estou apenas pensando no que é melhor para a nossa empresa.

— E eu estou sendo gentil com a nossa amiga — disse, imitando seu tom de repreensão, o que fez com que nós três caíssemos no riso — Vamos lá?

Dirigimo-nos para a primeira loja. Naomi e eu dividimos um favoritismo pelas roupas da Gucci, então foi nossa primeira parada. Como era de se esperar, eu apenas dizia o que gostava ou não, mas era Naomi quem fazia o trabalho pesado analisando as combinações, lembrando do que já tínhamos em casa e usando tudo ao seu redor para se inspirar. Seus olhos brilhavam para as roupas, assim como os meus brilhavam após finalizar alguma reunião complicada.

Assim que Naomi acabou nossas compras, foi a vez de unirmos nossos esforços para renovar o guarda-roupa de Mayumi, que veio com essa intenção.

Fizemos com que a mais nova entrasse e saísse de dezenas de roupas em cada loja que passávamos. Sentia-me tão leve e feliz por ter um momento como aquele. Éramos três mulheres adultas, brincando como adolescentes nas lojas mais prestigiadas do mundo e improvisando desfiles para receber aprovação das outras.

Quando não havia mais espaço suficiente para sacolas, decidimos que era hora de parar, então fomos para casa de Mayumi. Até fizemos menção a comer em algum lugar, mas Naomi estava tão elétrica que decidiu cozinhar para nós. Aceitei imediatamente. Ela era muito boa na cozinha, mas geralmente não tinha muito tempo para isso, então era mais uma vitória para

aquele dia que estava me surpreendendo positivamente.

Assim que chegamos, senhora Young veio nos receber e ajudar com as sacolas. Fiz uma reverência, seguida por Naomi assim que entramos.

— Hyuna, quanto tempo que não te vejo! — cumprimentou, e sorri timidamente para a minha… Ai, Jesus. Sogra? Eu não estava sabendo lidar.

— Naomi, querida, um prazer te receber de novo. Eu não sabia que você tinha uma amiga tão bonita, Hyuna, ela parece a protagonista de uma novela de época — a senhorinha elogiou. May e eu rimos com Naomi ficando roxa de vergonha.

— Eu concordo, mas vou ter que confessar que a senhora tem sua própria atriz em casa. May tem um dom natural, espero que ela invista nisso

— respondi, e ela encarou a filha com curiosidade.

— Ela aprendeu a ser descarada com o irmão, mas a beleza veio de mim. — Senhora Young piscou e sorriu, fazendo suas bochechas ficarem ainda mais protuberantes. Tive que rir novamente.

O descaramento claramente vinha no DNA.

— Pare de me envergonhar na frente das minhas amigas! — May reclamou, mimada. — Vamos cozinhar — chamou, e a seguimos de prontidão.

Naomi amarrou os cabelos e vestiu um avental, antes de pedir ajuda para senhora Young sobre onde ficavam os ingredientes que ela precisava. Depois disso, a minha — ai meu Deus — sogra nos deixou sozinhas para conversarmos.

Minha melhor amiga nasceu para usar as mãos. Sua habilidade com os desenhos e a costura sempre foram excepcionais, mas não se limitava somente ao seu ofício. Naomi cozinhava muito bem, em um nível que não era profissional, mas tão gostoso e natural quanto a comida de uma avó carinhosa. Dava gosto olhar enquanto ela cozinhava.

May e eu observamos atentamente enquanto ela picava alguns temperos tão rapidamente que me preocupei que pudesse cortar os dedos. O olhar atento de May a qualquer movimento de Naomi me fez sorrir, pois dava para perceber o quanto ela havia se apegado a minha melhor amiga. Talvez elas tenham construído uma amizade mais profunda do que eu tive a oportunidade

em relação a May. Aquilo era bom, principalmente agora que Erik e eu estávamos juntos. Lembrei-me que precisava contar a novidade para elas.

— Eu preciso contar uma coisa para vocês — falei automaticamente. —

Naomi, por gentileza soltar a faca — provoquei, e ela me mostrou a língua, fingindo estar irritada.

— Eu sabia que tinha algo acontecendo — Naomi sussurrou, enquanto destampava uma das panelas fumegantes para remexer o conteúdo.

— Erik e eu ficamos juntos de novo — falei rápido e encarei as duas com expectativa.

Naomi deu um pulinho de felicidade e sorriu abertamente, fazendo sua dancinha da vitória. Não era novidade que ela era a maior *shipper* de nós dois. May, por sua vez, pareceu demorar para assimilar minhas palavras e, quando o fez, me encarou sem humor. Comecei a ficar apreensiva que ela não tivesse gostado da novidade e, pior, que não me aprovasse para ficar com seu irmão mais velho. No final das contas, May sorriu e passou o braço ao redor dos meus ombros, abraçando-me.

— Erik está sempre um passo à frente — resmungou, sorrindo. — Mas fico feliz, ele realmente gosta de você — May confessou, e me senti tímida, pois se ela sabia sobre aquilo, queria dizer que tinham conversado sobre mim.

— Estamos bem, certo? Eu morro de medo só de imaginar que você poderia não aprovar… — admiti, e May sorriu docemente.

— Não consigo pensar em alguém melhor para ele do que você, Hyuna.

A única coisa que espero é que você não se afaste por conta dele — ameaçou.

— Ela não é assim, May. Apesar de ter esse jeitinho, Hyuna jamais colocaria um homem na frente das suas amizades — Naomi me defendeu, e concordei.

— Então estamos bem, docinho — May respondeu, piscando para mim.

Continuamos conversando e contei a May toda a história entre Erik e eu.

No fim das contas, ela já sabia de algumas coisas, mas através do ponto de vista de Erik, e foi divertido a forma como elas ouviam atentamente cada detalhe e riam como se fosse um filme de comédia cada vez que contava uma parte mais vergonhosa.

Comemos a deliciosa comida de Naomi e fomos nos arrumar para assistir à nova temporada de *Ex on the Beach*. Vestimos nossos pijamas combinando, um mimo que nos permitimos durante as compras, e tiramos uma selfie para registrar aquele momento. May ligou a enorme TV da sua sala e, assim que estávamos bem equipadas com pipoca e algumas cervejas, começamos a assistir.

Rimos e comentamos cada episódio enquanto bebíamos. Em determinado momento, fui até a cozinha para buscar mais cervejas e senti meu celular vibrando no bolso da calça de camurça. Erik tinha mandado uma mensagem.

O que você está fazendo?

Me divertindo.

E você?

Me perguntando por que estou sozinho em uma sexta-feira à noite.

Sorri com sua provocação e, enquanto digitava uma resposta, ele continuou.

Onde você está?

Na sua casa.

Não estou te vendo.

Encaminhei a foto com as meninas e aguardei enquanto os pontinhos de sua digitação deram lugar a sua resposta.

Vocês são impossíveis!

Boa noite, Hyuna.

Boa noite, senhor Young.

Provoquei antes de bloquear o celular e voltar para a sala com as cervejas nas mãos. Fiquei mais tranquila por Erik saber onde eu estava.

Bebemos bastante e, quando finalmente acabamos a temporada, já era de madrugada, então fomos nos organizar para dormir. Senhora Young preparou três *futons* no chão do quarto de May. Apesar de ter sua cama disponível, queríamos ficar juntas até nesse momento e nos acomodamos no escuro para dormir.

Estava quase pegando no sono quando Mayumi perguntou se eu estava dormindo. Respondi negativamente.

— Preciso te contar uma coisa, mas preciso que você seja muito compreensiva. Você promete não me julgar e nem se afastar de mim? —

sussurrou, e me apoiei num dos cotovelos para oferecer o mindinho em sua direção.

May retribuiu aquele pequeno gesto que era tão importante pra mim.

— Eu prometo! O que houve? — perguntei sussurrando. May olhou por cima dos ombros para confirmar se Naomi estava dormindo e me perguntei o que seria para que ela não quisesse que Naomi soubesse. — Naomi não pode saber? — perguntei, e ela gesticulou negativamente.

— Só não quero acordá-la. Ela já sabe, mas acho que você não, então sinto que preciso esclarecer isso para que a gente possa seguir em frente com a nossa relação — respondeu, e percebi que ela estava enrolando.

Cada segundo que demorava mais para falar, mais aflita eu ficava, pensando nas piores hipóteses.

— Desembucha, mulher — sussurrei agoniada. Mayumi respirou fundo, tomando coragem.

— Eu gosto de você — disse com expectativa, e pisquei sem entender.

— Eu também, mas pare de enrolar e diga logo — pedi, e ela se sentou em seu colchão improvisado.

— Você não está entendendo. Eu realmente gosto de você, como mulher, e estou me sentindo tão culpada por me sentir assim, principalmente depois do que aconteceu entre meu irmão e você. Só queria que soubesse como me sinto, mas isso não vai mudar nada entre nós. Só precisava dizer em voz alta e tenho certeza de que vai passar logo — sussurrou tão rápido que precisei me esforçar para compreender.

Levei alguns segundo para dar sentido às suas palavras e, quando finalmente entendi, lembrei-me do dia em que saímos pela primeira vez e ela comentou que aquele rapaz era o oposto do seu tipo. Na época, imaginei que era o oposto em aparência, mas agora, com essa confissão, percebendo a forma como reagiu quando contei sobre Erik, tudo ficou mais claro.

— Você é…? — perguntei, e ela concordou, deitando-se novamente.

Fitou o teto, puxando o cobertor até o pescoço.

— Eu sinto muito, Hyuna, de verdade. A última coisa que quero é ser um problema. Vou apoiar vocês cem por cento e, daqui a alguns meses, nós vamos rir lembrando disso — respondeu, e eu realmente não tinha ideia de como me portar depois daquilo. — Não se sinta culpada, tenho o mau hábito de me apaixonar por meninas que não gostam de meninas, e Erik e eu temos um gosto muito parecido para mulheres — May continuou com bom humor.

Sabia que no fundo estava sendo difícil para ela admitir aquilo e eu tinha tantas perguntas! Só não sabia o que era adequado realmente dizer. Só queria confortá-la de alguma maneira.

— Sua mãe e Erik sabem? — perguntei.

— Que sou lésbica? Mamãe desconfia, mas nunca chegou a dizer em voz alta… Erik sabe. Como eu disse, temos um gosto parecido para mulheres, então vez ou outra acontecia essa mesma situação. Quando eu era mais nova, a gente brigava bastante por isso — comentou rindo, e me senti um pouco mais tranquila por ela levar aquilo na esportiva.

— Queria te confortar de alguma maneira, um abraço, talvez? —

perguntei, e Mayumi riu abertamente.

— Melhor não — respondeu rindo, e a acompanhei, percebendo o problema da minha oferta.

Deitei novamente e levei um tempo para voltar a dormir. A confissão de May não saía da minha cabeça e eu não tinha ideia de como lidar com aquilo.

A minha sorte foi que ela foi muito madura e deixou claro que me apoiaria com Erik, mas precisava entender como lidaria com aquilo daquele momento em diante.

Queria pode ajudá-la a perceber que seu sentimento não passava de uma quedinha temporária, só não sabia como fazer aquilo e manter a nossa amizade intacta.



Apesar do estranhamento inicial, percebi que May não tinha tido muito contato com outras meninas ultimamente. Ela terminou o colégio e não teve a oportunidade de fazer uma faculdade, pois estava na época mais crítica da sua condição.

Erik não podia arriscar deixá-la ir e não ter alguém de confiança disponível para cuidar dela enquanto ficava fora para estudar. Aquele conhecimento só me fez entender que talvez ela não estivesse de fato interessada por mim, mas sim por ter sido a primeira a bater na sua porta e a convidado para sair depois de um longo tempo sozinha em casa. Também não podia deixar de lado o quanto eu era bonita, mas sinceramente essa é apenas uma pequena parcela dos requisitos que as mulheres realmente levam em consideração para gostar de alguém. De qualquer maneira, me esforcei para manter o clima amigável e confortável como no dia anterior, afinal, éramos amigas e pretendíamos continuar sendo.

Tomamos café da manhã conversando animadamente e Naomi tentava persuadir May para que tentasse modelar no seu próximo desfile, mas ela continuava relutante.

— É apenas um teste e tenho certeza que você vai se divertir — Naomi disse.

— E se eu tiver uma convulsão? Tenho medo de acabar estragando seu desfile sem necessidade… — May confessou, triste.

Naomi abraçou May, sorrindo.

— Se você passar mal, vou estar lá para salvar você, criança. — Naomi tentou tranquilizá-la.

— Eu já disse que não sou criança! — retrucou, fazendo um biquinho, e rimos todas juntas. — Mas falando sério, não acho que Erik vai concordar, então no final das contas é melhor eu nem tentar — continuou.

— Se o problema for seu irmão, posso tentar convencê-lo — ofereci, e May tentou disfarçar um sorriso esperançoso.

— Vocês são impossíveis… — resmungou. Não consegui conter o riso ao perceber, mais uma vez, o quanto eles eram parecidos.

Naomi precisava ir até o ateliê e eu precisava cuidar de algumas burocracias da parte administrativa também, então decidimos não demorar muito para ir

embora. Naomi e May já estavam fazendo planos para sair no dia seguinte e fiquei contente por elas estarem cada vez mais próximas.

Antes de irmos, nos despedimos de senhora Young, que estava no

jardim na parte de trás da casa organizando algumas mudas de plantas, cantarolando baixinho uma antiga música japonesa.

— Viemos dar tchau para a senhora. Obrigada pela hospedagem —

Naomi agradeceu, fazendo uma reverência, e imitei o gesto.

— Desculpe pela bagunça! — completei.

— Imagina! Voltem mais vezes, a casa fica animada quando vocês estão por aqui — confessou, sorrindo, e acenamos, enquanto nos dirigíamos de volta para a porta de entrada.

Naomi e Mayumi se abraçaram com força ao se despedirem, e fiz o mesmo, sabendo que talvez fosse pior tratá-la de forma diferente do habitual.

May nos acompanhou até o portão, enquanto aguardávamos o táxi que pedimos chegar. Nesse meio tempo, uma van branca de uma floricultura parou em frente à casa e um rapaz jovem e moreno desceu, segurando uma prancheta. Abriu a porta traseira do veículo, retirando um buquê de rosas brancas que fez com que minha atenção focasse ali em cada movimento.

Quando o rapaz se aproximou sorrindo, mal consegui disfarçar meu olhar desconfiado para o arranjo em sua mão, que era exatamente igual aos dois que Erik havia recebido naquela semana.

— Boa tarde! Essa entrega é para o senhor Young — o rapaz anunciou, e senti um arrepio subir por minha espinha.

— Ele não se encontra, mas pode deixar comigo — May ofereceu, avaliando o buquê com uma das mãos, enquanto assinava o recibo.

O táxi buzinou, estacionando logo atrás da van, e Naomi foi em sua direção enquanto eu encarava o rapaz, pensando no que fazer.

— Com licença… — pedi com a voz fraca. O menino sorriu de prontidão. — Você pode me dizer quem enviou isso? — perguntei, e ele negou com um gesto.

— Foi um pedido anônimo, então não sei quem encaminhou. Desculpe não poder ajudar melhor. — Concordei, sentindo-me completamente anestesiada. Antes que ele pudesse ir embora, tirei uma foto da van, pois tinha o nome da floricultura e eu precisava confirmar minhas suspeitas.

— Hyuna, o que foi isso? — May perguntou. Apertei os lábios juntos,

sem saber se realmente deveria preocupá-la com minhas loucuras.

— Você se importa de confirmar se nesse cartão está escrito trinta em coreano? — pedi, e May abriu o delicado cartão desconfiada. Após ler seu interior, concordou. Senti novamente aquela sensação horrível de que algo ruim estava prestes a acontecer. — Vocês já tinham recebido outra dessas antes? — perguntei.

— Que eu saiba é a primeira vez. Por quê? O que houve? — perguntou preocupada.

— Hyuna, vamos! O moço está nos esperando… — Naomi gritou com a porta do táxi aberta.

— Nada… Me faça um favor e não entregue isso para Erik ainda, ok?

Prometo te contar assim que tiver mais informações — pedi a Mayumi, corri até Naomi e entrei exasperada no táxi.

Seu olhar de preocupação apenas fez com que me sentisse ainda mais inclinada a fazer o que nunca imaginei que faria na vida.

Precisava de respostas e, pela primeira vez, não me sentia apta para buscá-las sozinha. Encarei Naomi, procurando pelo apoio que sabia que só ela poderia me dar naquele momento.

— Preciso ligar para Ryan — disse com dificuldade. Naomi riu até perceber que eu realmente estava falando sério.

— Hyuna, o que aconteceu? — perguntou, e gesticulei negativamente, pois não queria falar aquilo em voz alta.

— Não posso contar nada agora, só preciso de coragem para ligar para ele — disse, enquanto enviava uma mensagem para Dave, pedindo o contato do meu ex-namorado.

Não demorou muito para que estivesse com o número. Naomi segurou minha mão, dando-me apoio, e liguei sem pensar muito. Minha dificuldade naquele momento não era por ter que falar com ele novamente, mas sim pelo medo de que descobrisse que algo ruim estava acontecendo.

Depois de dois toques, Ryan atendeu.

— *Achei que você nunca mais me ligaria* — disse, e percebi o seu tom de chateação.

— Preciso muito da sua ajuda. Podemos nos encontrar agora? —

perguntei, e o ouvi suspirar do outro lado da linha.

— *Adagio em vinte?* — Ryan propôs.

— Já estou a caminho — confirmei e desliguei, dando instruções para que o taxista me deixasse no Adagio primeiro e depois levasse Naomi, já que era a melhor logística a partir do Brooklyn.

Desci quase correndo do carro, prometendo novamente a Naomi que daria mais detalhes em casa. Informei meu nome para a recepcionista, que me acompanhou até a mesa de Ryan. Ele bebia um copo de whisky confortavelmente enquanto me esperava, e eu sabia que já tinha percebido minha presença antes mesmo que pudesse tê-lo visto. Quando me sentei em sua frente, ele já enchia uma taça de vinho para mim. Deslizei as mãos pelos cabelos, respirando fundo, preparando-me para despejar todas as informações para ele.

— Antes que você comece, quero que saiba que entendi e aceitei que você me dispensou, então nem se preocupe em esclarecer novamente e só me fale o que você precisa — explicou, e agradeci por ele estar sendo profissional.

— Preciso te contratar para descobrir algo — disse sem rodeios, e ele ergueu uma sobrancelha em surpresa. — Não é sobre mim, mas sobre o meu chefe.

Ryan afastou o olhar por um momento e, quando me encarou novamente, percebi que estava chateado. Como imaginei, ele tinha percebido sobre Erik e eu, mesmo que tivéssemos tomado os cuidados necessários para disfarçar no evento.

— Você é cruel, Hyuna — comentou, e fechei os olhos para não perder a paciência.

— Eu não estou tentando me vingar, Ryan. Tem alguém o ameaçando de uma maneira estranha e preciso entender qual a dimensão da coisa, e sei que você é o melhor. Pode me ajudar, por favor? — pedi, e ele concordou, suspirando.

Contei para ele todos os problemas que estavam acontecendo na empresa, além de explicar sobre as flores iguais com mensagens idênticas.

Ryan ouviu tudo atentamente e pediu que mostrasse a foto da van para que ele começasse pela floricultura.

— Eu admiro sua intuição, mas não acho que as duas coisas estejam conectadas. Você tem alguma suspeita? Uma ex-namorada, um amigo chateado, um ex-sócio, familiar querendo fortuna? — perguntou, e neguei com um gesto.

— No escritório, todos sentem medo dele, mas o admiram no fundo.

Sobre ex-namoradas, só conheci a loira que estava com ele no evento. Seu nome é Isabelle e ela é médica, não sei muito mais que isso — contei, e Ryan sorriu.

— Eu nem vou perguntar por que ele estava com a ex no evento…

Enfim, me dê um dia. Assim que descobrir quem comprou as flores, as coisas vão ficar mais fáceis — Ryan respondeu.

Apesar de ter insistido para que o acompanhasse no almoço, recusei, pois precisava que ele começasse o quanto antes, fora que tinha coisas para resolver no ateliê com Naomi.

Então, saí do restaurante ansiosa, mas com esperança que fosse apenas uma admiradora secreta ou *stalker* maluca, e não alguém que realmente quisesse fazer mal a Erik. Prometi a mim mesma que faria o que fosse preciso para protegê-lo de quem quer que fosse.



Eu sempre me esquivei. Era uma das minhas mais preciosas habilidades e também meu maior defeito. Dava um jeitinho aqui e ali, fugia por um lado e mentia pelo outro.

Nunca lutei.

Sempre fugi.

Era assim que eu era, apesar de toda a confiança que construí nos últimos anos.

Entretanto, tinha ciência de que precisava mudar e evoluir algum dia, só não queria que fosse daquela forma. Então, quando Erik me ligou e me convidou para sair naquele domingo, inventei todas as desculpas que poderia para não precisar vê-lo antes que Ryan desse notícias.

Erik sabia ser persuasivo, mas no final acabou concordando que não nos veríamos naquele dia, e fiquei um pouco mais tranquila.

Então, decidi que resolveria as coisas do ateliê para me distrair e realmente mergulhei no trabalho, que era a única coisa que realmente conseguia me manter focada e longe de qualquer outra confusão.

No meio da tarde, Ryan me ligou.

— *Eu encontrei uma coisa. Quem comprou as flores, usou um cartão de crédito em nome de Britney Johnson. As outras duas compras anteriores foram feitas pelo mesmo cartão. Você conhece?* — perguntou, e tentei lembrar de cada pessoa que já conheci na vida. Suspirei.

— Pelo nome não consigo me lembrar…

— *Estou te mandando algumas fotos que encontrei na internet. Estou tentando achar alguma conexão entre ela e Young, te ligo assim que souber mais alguma coisa.*

Finalizei a ligação e abri as fotos da tal Britney. Era uma mulher jovem, na casa dos vinte, morena de cabelos longos e um corpo escultural. As fotos pareciam de redes sociais, mas me deixaram ainda mais confusa. Ela era linda, mas não me lembrava de já tê-la visto antes. Avisei isso para Ryan com uma mensagem e bufei, encostando a testa na escrivaninha do meu quarto.

Talvez fosse apenas uma ex tentando chamar a atenção ou alguém interessada. Por um mísero segundo, pensei na possibilidade de perguntar para Erik, mas anulei aquilo na mesma hora. Ele me acharia uma psicopata ciumenta. Então, até que tivesse algo realmente substancial em mãos, não poderia falar de toda aquela loucura.

Ouvi a campainha tocar e me levantei para abrir a porta, já que Naomi havia saído de novo com May. Encontrei Erik do outro lado do olho mágico, esperando de braços cruzados e cara fechada. Afastei-me da porta devagar, teria que fingir que não estava.

— Hyuna, eu sei que você está em casa, seu porteiro me contou que você não saiu — disse, e revirei os olhos pensando na bronca que daria no senhor Riviera por isso. — Estou vendo sua sombra por debaixo da porta —

avisou, e precisei respirar fundo antes de abrir e encará-lo de cara fechada.

Erik sorriu abertamente assim que botou os olhos em mim e tentei muito não me derreter inteira.

— Estou ocupada com coisas do ateliê — disse com a voz fraca.

— Posso ajudar. Não sei se já te contei, mas sou diretor de uma empresa enorme — respondeu com o bom humor que vinha daquela metade dele que só funcionava quando estávamos a sós.

Apesar de estar tentada a deixá-lo entrar, não sabia se conseguiria manter tudo aquilo em segredo. Não queria que ele me achasse uma doida.

— Você ficou a semana inteira me chamando para vir para cá e agora que estou aqui não quer me deixar entrar. O que está acontecendo? —

perguntou. Mordi o lábio, pensando no que faria.

— Eu sei… Só preciso resolver algumas coisas e se você estiver aqui, tenho certeza de que não vou conseguir focar — respondi. Não era completamente mentira.

Erik me encarava desconfiado, e eu sabia que não conseguiria negar mais uma vez, então desejei muito que ele entendesse e fosse embora para me deixar conspirar sozinha. Entretanto, passou por mim, entrando no lugar e, mesmo com meu protesto, fechou a porta do apartamento e me encostou na porta, segurando minha cintura. Ele encarava minha boca e meus olhos, avaliando minha reação, mas ficava difícil pensar racionalmente quando

sentia seu corpo quente pressionado contra o meu.

— Isso não é justo… — resmunguei derrotada.

Erik beijou minha bochecha e o encarei surpresa quando percebi seu olhar preocupado.

— Sei que tem alguma coisa acontecendo, mas não precisa me falar nada agora. Eu te disse que seria a pessoa em quem você poderia confiar, então, se quiser me dizer, vou ouvir e te ajudar, porém, se esse não for o melhor momento, não precisa me afastar — disse, e sorri para aquele gesto.

Eu estava, literalmente, investigando sua vida e ele estava me apoiando cegamente. O final de semana na casa do lago acabou nos conectando mais do que eu estava preparada para admitir.

— Eu prometo te contar assim que resolver — respondi, e ele concordou com um sorriso ainda preocupado.

Deslizei os braços ao seu redor, abraçando-o com força, enquanto afundava a cabeça em seu peito. Tentei extrair dali coragem suficiente para resolver aquela merda toda o mais rápido possível, para que nada de ruim acontecesse com ele. Ficamos abraçados por alguns segundos, mas eu poderia ficar daquela maneira por toda a tarde. Afastei-me de Erik e, segurando-o pela mão, o arrastei até meu quarto. Peguei meu notebook e me sentei na cama, convidando-o para se juntar a mim com dois tapinhas no colchão. Quando o fez, dei espaço para que encarasse a tela.

— Eu passei a tarde toda organizando as finanças para mandar para a contabilidade, mas agora que você está aqui, acho que posso pedir uma ajudinha para rever alguns indicadores. O que acha? — perguntei, e Erik me encarou com admiração. Finalmente, sorriu, tomou o aparelho do meu colo e começou a avaliar os dados que estavam expostos.

— Quando vocês abriram o ateliê? — perguntou, sem tirar os olhos da tela.

— Oficialmente, tem dois anos, mas ele já estava funcionando na Coreia desde o último ano da faculdade — expliquei. Apesar do seu olhar focado, sabia que tinha prestado atenção.

Aqueles meses trabalhando com ele me fizeram saber daquele detalhe.

— Vocês estudaram juntas? — perguntou.

— Não… Ela estudava moda e eu administração, mas em um dos projetos do último ano precisava fazer uma parceria com alunos de outras universidades para criar uma empresa. Como a sala toda estava indo para tecnologia, fui para a moda. Naomi e eu nos apaixonamos à primeira vista —

brinquei e vi seu sorrisinho se insinuando. — Estruturei o plano de negócios, Naomi criou os designs e, quando menos esperávamos, algumas alunas do último semestre quiseram que ela fizesse modelos exclusivos para a formatura. Depois disso, Naomi criou linhas mais básicas de roupas, mas o glamour é o que ela mais vende, então decidimos focar nisso nos últimos meses — finalizei e encarei curiosa quando Erik começou a digitar.

— E vocês têm cuidado de tudo sozinhas esse tempo todo?

— Sim… O que você está fazendo? — perguntei, e Erik me deu espaço para olhar os comentários que fazia enquanto lia.

— Isso é bom, Hyuna. Tem vários pontos de melhoria, claro, mas está bem estruturado. Fico me perguntando como nosso RH não tentou te recrutar para outra área, sinceramente — comentou, e senti minhas bochechas esquentarem.

Não tinha elogio melhor que ser reconhecida por meu trabalho, aquele que eu não tinha nenhuma obrigação e fazia por acreditar no potencial da minha amiga. Erik fez menção em voltar seus olhos para o computador —

viciado em trabalho como era, não conseguia evitar —, mas o impedi, tirando o notebook de seu colo e o colocando em cima da escrivaninha novamente.

Erik observava cada movimento atentamente, até que parei em sua frente e acariciei seu rosto, deslizando a mão por seu cabelo sedoso, desfrutando da sensação dos fios entre os meus dedos. Enquanto olhava em seus olhos, só conseguia me perguntar como alguém poderia ser tão bonito.

Então, o beijei calmamente, encostando minha boca na dele com cuidado.

Quando ele levou as mãos até a minha cintura por debaixo do tecido da camiseta que usava, senti todo meu corpo reagir ao toque da sua pele.

Inclinei-me sobre ele, fazendo-o se deitar na cama, e fiquei por cima de seu corpo enquanto intensificava o beijo. Cada pelo do meu corpo se eriçou, sentindo suas mãos acariciando minha pele exposta na cintura, passando por minha bunda até as coxas, e já não tinha preocupação no mundo que

conseguisse me afastar da deliciosa sensação que Erik causava.

Primeiro, me livrei da minha camiseta e dei espaço para que ele pudesse fazer o mesmo. Seguimos peça por peça até estarmos completamente despidos, encarando com desejo cada pequeno detalhe do outro. Então, Erik inverteu nossa posição com um movimento firme e ficou sobre mim, voltando a me beijar intensamente e a explorar meu corpo com mãos urgentes. Afastou nossas bocas para beijar meu pescoço e fez seu caminho através da minha pele. Erik não era apressado, na verdade, parecia propositalmente ir firme e devagar para me enlouquecer. Quando abocanhou um dos meus seios, não consegui impedir o gemido de contentamento que saiu dos meus lábios. Alternou entre lamber e mordiscar cada seio, apertando o outro com muito mais descontrole que sua boca demonstrava. Erik sempre me causava sensações distintas com o quanto conseguia fazer com que seu toque incendiasse minha pele, ao mesmo tempo em que causava um arrepio frio por toda a minha espinha.

Viciante e delicioso.

Quando pareceu satisfeito, voltou a descer sua boca pela minha barriga com uma calma que estava me enlouquecendo e finalmente chegou ao alvo que estava mirando esse tempo todo. Abriu minhas pernas com cuidado e acariciou a parte interna da minha coxa, arrancando-me um suspiro ansioso.

Erik me olhava intensamente, seus olhos escuros queimavam de desejo e admiração enquanto analisava cada centímetro do meu corpo.

Nunca havia me sentido tão nua. Tão exposta. Tão desprotegida. Nunca havia me entregado de maneira tão íntima quanto naquele momento.

Estava irrevogavelmente vulnerável diante do seu olhar que desvendava cada centímetro da minha alma. Eu estava tão assustada, porém também me sentia contemplada. Poderia atingir o ápice só de encarar seus olhos.

Erik voltou sua atenção para o meio das minhas pernas e sorriu satisfeito com a expressão mais sacana que já havia me dirigido. Repentinamente, deslizou seu polegar pela minha boceta molhada. A surpresa pelo toque fez com que eu tentasse fechar as pernas para controlar os tremores que já queriam me consumir, entretanto, Erik segurou minha coxa firmemente e me encarou com aquela expressão de predador sorrindo e, sem aviso, afundou o rosto na minha entrada, lambendo vagarosamente toda a minha extensão,

devagar, provando e se deliciando com a sensação. Xinguei, tentando controlar um pouco da minha afobação. Não podia acreditar que já queria gozar sendo que mal havíamos começado!

— Adoro a sua boca suja — Erik murmurou contra a minha pele quente, encarando-me. — Não segure, Hyuna. Quero você gozando para mim até não aguentar mais.

Nunca imaginei que meu chefe fosse ser um perito em sacanagem, mas a vida era uma caixinha de surpresas e eu não podia estar mais contente por perceber que, mais uma vez, Erik era tudo o que eu queria.

Quando sua boca voltou a me tocar e seus olhos escuros me encararam com uma ordem implícita para que deixasse minhas preocupações de lado, apenas segui suas instruções e deixei que meu corpo sorvesse todas as sensações que sua boca causava em contato com a minha pele sensível e inchada. Enquanto Erik deslizava a língua vagarosamente pela a minha boceta, não conseguia mais racionalizar toda a confusão de prazeres que sentia. Obedecendo à sua instrução como um mantra, permiti que o clímax me consumisse completamente, enquanto gritava e sentia meu corpo todo tremer e expulsar todo o meu gozo com avidez descontrolada.

Demorei tanto para me acalmar de novo que me sentia mole e esgotada.

Entretanto, Erik não tinha intenção de parar por ali, então apenas respirei fundo e sorri, travessa, antes de me preparar para o inevitável: eu o faria

sentir todo o descontrole que ele havia acabado de me fazer experienciar.

*

Todas as vezes em que tive a oportunidade de ficar com Erik houve essa imensa dificuldade em me afastar do magnetismo que seu corpo causava.

Entretanto, nas últimas vezes precisei me afastar devido ao lugar que estávamos.

Mas não agora.

Não tínhamos motivos para nos afastar, nenhum impeditivo além do desejo e disposição. Por isso conseguimos desfrutar cada vez que transamos e só paramos porque, choquem, eu estava exausta. Pela primeira vez, me culpei mentalmente por ser sedentária ao ponto de não conseguir continuar mesmo ainda não matando minha vontade.

A verdade é que nunca mataria toda a minha vontade de ficar com Erik, por mais que tivesse passado os últimos meses prometendo a mim mesma que ficaria com ele apenas mais uma vez e seguiria em frente. No final das contas, Naomi estava certa. A pior mentira era aquela da qual tentávamos nos convencer.

Erik percebeu meu estado depois da última rodada e, após alguns minutos me recuperando, ele decidiu tomar um banho. Quando apareceu novamente, o encarei com olhos suplicantes.

Eu o queria tanto.

— Não me olhe assim… — ele disse depois de voltar do banheiro com uma toalha na cintura. A minha toalha.

Suspirei.

— Acho que preciso fazer algum exercício, meu corpo não consegue dar conta da minha vontade. Isso é tão frustrante — choraminguei, enquanto Erik se deitava ao meu lado e dava espaço para que me aconchegasse em seu peito.

— Você deveria correr comigo de manhã, vou todos os dias antes do trabalho — propôs, e não pude evitar o sorriso. Ele estava me convidando para passar mais tempo juntos.

Eu poderia facilmente morrer.

— Topo — disse tão rápido que Erik soltou uma risada automaticamente, mas foi diminuindo aos poucos, olhando-me com cuidado.

— Eu devo estar ficando louco — respondeu. Apoiei-me num dos cotovelos para olhá-lo melhor.

— Por quê?

— Quebrei minhas promessas de ouro por você — disse, e me sentei completamente sem entender.

— Quais promessas?

— Primeiro, fiquei com alguém do trabalho que reporta direto para mim.

Jurei que não faria isso — explicou. — Segundo que você gosta de *reality shows* da MTV e isso é algo que eu não posso me perdoar por admirar —

continuou e começamos a rir juntos. Deus, quando passei a adorar aquele som?

— Em minha defesa, preciso te lembrar que você também gosta desses *realities*. Mas falando sério, qual é a segunda promessa? — perguntei, e ele acariciou meu cabelo antes de sorrir.

— Que eu não me apaixonaria por outra garota rica e mimada — disse, e levei algum tempo para digerir suas palavras.

Ele estava se confessando ou me ofendendo? Apesar de sua voz soar maravilhosamente bem ao admitir estar apaixonado, seu tom provocador ao me chamar de mimada me enlouqueceu.

Estava quase soltando um gritinho feliz quando repassei a frase na minha cabeça e percebi uma palavra assustadoramente interessante.

“Outra”.

Engoli em seco e baixei a cabeça, olhando para minhas mãos em meu colo. Eu não tinha o direito de ficar com ciúmes, mas aquela palavra pareceu acender uma lâmpada no fundo da minha cabeça. Talvez fosse minha intuição de *stalker*.

— Outra? — perguntei, sem ter coragem para olhar para ele. Não queria entregar minha real preocupação e não conseguiria mentir encarando o profundo escuro dos seus olhos.

— Hyuna, eu acabei de dizer que estou apaixonado por você e é essa a sua primeira pergunta? — retrucou, ainda de bom humor, e arrisquei a olhá-lo de soslaio. Seu sorriso presunçoso estava aberto e ele parecia mais feliz do que irritado.

Parecia contente por imaginar que eu estava sendo ciumenta.

— Você que me disse que eu deveria saber tudo sobre você —

resmunguei.

— Continuo achando que deve. Vamos lá, pergunte o que você quer tanto saber — ofereceu e, ainda sem o encarar, falei:

— Eu já te contei minha história, mas ainda não me contou muita coisa sobre você. Só quero te conhecer. — Não era mentira. A minha única urgência era minha insistente intuição dizendo que dali eu encontraria algo

maior.

— Vou contar tudo, mas com uma condição: também tem algo que quero confirmar — ofereceu, e concordei de imediato.

Ele sorriu, estendendo os braços para que eu me deitasse novamente em seu peito. Aconcheguei-me novamente em seu calor.

— Eu comecei a trabalhar bem cedo para pagar a faculdade e tive a sorte de ser contratado como temporário numa empresa grande de logística, então me esforcei bastante e fui efetivado no final do contrato. Aprendi a gostar do meu trabalho, assim seria mais fácil suportar a pressão sem desistir, afinal, minha família precisava de mim e eu ainda tinha um empréstimo estudantil para pagar… Depois de alguns meses, surgiu a oportunidade de me candidatar para uma vaga em outra área para ganhar melhor e fui sem pensar duas vezes. Foi assim que acabei descobrindo minha aptidão na área comercial. Foi uma loucura no início, mas a cada mês ganhava mais confiança e era cada vez mais notado. Em dois anos, eu já era coordenador de uma equipe, mas queria mais. Finalmente tinha pago meu empréstimo estudantil e queria dar uma casa própria para minha mãe, então precisava de dinheiro. Novamente me candidatei para a promoção, mas mesmo que eu fosse a pessoa mais indicada e com melhores resultados, o presidente acabou dando o cargo para a filha que tinha acabado de voltar do exterior.

Erik suspirou e encarei seu rosto perfeito.

— Você deve ter se sentido muito injustiçado — supus, sentindo-me triste, mas Erik sorriu de lado antes de continuar.

— No princípio, não. Como não nasci numa família rica, era normal perder oportunidades por conta dos cargos que eram dados pelas conexões.

Fiquei transtornado quando começamos a trabalhar diretamente um com o outro e eu tinha que reportar para uma pessoa que não entendia nada da função, nem da área e nem do negócio. Nós sempre discutíamos, já que ela tomava decisões ridículas sem consultar ninguém quando não tinha conhecimento para aquilo. Depois do primeiro semestre desastroso da sua gerência, todos acabaram perdendo comissão e isso atrasou os planos da casa, então joguei tudo para o alto, fui confrontá-la e enumerei todas as merdas que ela havia causado. Ela ouviu tudo calada e no final apenas disse “então vamos fazer o seguinte: no próximo semestre você está no comando e todos

vão reportar para você, inclusive eu. Se superar o antigo recorde de resultados, o cargo será seu.”.

Não sabia quem era a tal pessoa, mas ela foi muito esperta nesse sentido.

Mas dar o cargo? Uau.

— Aceitei de prontidão, mesmo sabendo que aquilo era uma maneira dela parecer ainda melhor na empresa. Para resumir, consegui engajar toda a equipe, até porque estava todo mundo de saco cheio da Stella agindo impulsivamente. Então, no final do semestre, entregamos o dobro do recorde da empresa, foi insano! Eu mal dormia apenas para conseguir a posição —

disse, e o encarei percebendo que seu tom de voz praticamente mudou. Erik parecia perdido nas próprias memórias. Também anotei mentalmente o único nome que ele havia revelado.

Stella não era um nome comum para se usar na Coreia.

— E então você conseguiu o cargo? — perguntei, e ele confirmou com um suspiro.

— Consegui sim. De alguma maneira, ela fez com que o pai me desse a gerência, alegando que precisava aprender mais comigo, então fui promovido oficialmente e ela se tornou minha subordinada durante aquele período. Por causa do presidente, nós sempre acabávamos tendo que ficar juntos até mais tarde ou viajar juntos a negócios. Não sei se você quer ouvir em detalhes, mas acabamos ficando juntos uma vez e as coisas começaram a sair de controle — disse.

Eu não queria saber.

Nem morta.

Não sabia se conseguiria lidar com ele falando apaixonadamente sobre outra mulher. Imaginei que ele tivesse entendido, pois continuou.

— Eu não tinha intenção nenhuma de me envolver com ela, mas acho que tinha que acontecer. Ficamos juntos por alguns meses, mas sempre brigávamos por motivos infantis. Cada dia que passava, eu percebia como ela agia em relação às outras pessoas e o quanto era manipuladora, por isso, quando minha mãe me confessou abertamente que não gostava dela, eu tive

certeza de que precisava acabar com aquilo antes que ficasse mais complicado — comentou, e não vou mentir que senti uma satisfação imensa

ao saber que senhora Young não gostava da tal Stella. Claramente uma sogra sem falhas. — Quando finalmente terminei tudo, foi muito bizarra a forma que ela me olhava como se nada tivesse acontecido. Ameaçou me demitir da empresa.

— Que cretina! — resmunguei com raiva. Que tipo de pessoa faria algo tão baixo só para ficar com alguém?

— Pois é… Eu não poderia perder meu emprego por causa da minha família, mas não poderia aceitar algo assim. Então, recusei e disse que ela poderia fazer o que quisesse, mas que não ficaria mais com ela depois daquilo. Stella saiu do restaurante normalmente, como se nada tivesse acontecido, e não tive notícias da empresa, daí considerei que a raiva dela já tinha passado e fui trabalhar normalmente. Mas, assim que cheguei, o presidente estava fazendo uma reunião para anunciar que Stella seria a vice-presidente. Ela foi falar comigo assim que a reunião acabou para confirmar se eu havia mudado de ideia e, quando eu disse que não, ela apenas me entregou uma carta de demissão e disse “é melhor você ir embora enquanto estou te dando a chance de não ser humilhado na frente de todos, mas não pense que vai ser fácil se livrar de mim”. Eu me senti numa novela mexicana.

Erik parecia cada vez mais incomodado com o que contava. Acariciei seu peitoral, fazendo círculos imaginários com as pontas dos dedos.

Queria confortá-lo, mas eu mesma estava irritada com a história. Deve ter sido tão humilhante para ele.

— Como não tinha muita escolha, apenas entreguei a carta no RH e nem me despedi de ninguém. Fiquei uns dias num hotel para colocar a cabeça no lugar e quando me senti pronto para voltar para casa e para procurar um emprego, recebi uma ligação do hospital dizendo que May havia sofrido um acidente de carro. Entretanto, não havia sido um acidente qualquer. Ela tinha saído com Stella para passear, já que não sabia que nós tínhamos terminado, e ficou mais de uma semana em coma pelos ferimentos. Sinto desespero

todas as vezes que lembro de como Mayumi estava ensanguentada, até hoje tenho pesadelos com a cena — disse com a voz embargada.

Encarei seu rosto e percebi como seus olhos estavam marejados. Senti vontade de chorar na mesma hora. Era por isso que ele tinha medo de sangue… Eu odiava a sensação de vê-lo tão magoado.

— Ela não teve um único arranhão, Hyuna. Enquanto minha mãe sofria no hospital olhando para a filha desacordada, ela teve a audácia de vir falar comigo oferecendo ajuda, quando ela havia sido a culpada. Ela ia todos os dias até o hospital só para me ver miserável e parecia gostar. Eu a odiei tanto que abri uma investigação sobre o acidente só para comprovar que ela havia feito de propósito para me atingir. Conseguiram várias provas. A caixa preta do carro, câmeras das ruas e prédios ao redor. Ela passou num farol vermelho assim que percebeu um carro vindo na direção do banco do passageiro. Foi horrível.

Apertei ainda mais os braços ao seu redor tentando confortá-lo.

— Como alguém pode fazer uma coisa dessas? Mayumi não tinha nada a ver com isso, por que ela faria isso? — perguntei retoricamente sentindo meu coração cada vez mais apertado pelo que ele havia passado.

— Ela queria acabar comigo. Stella achava que se tirasse tudo de mim, seria mais fácil para eu me humilhar e voltar para ela. Deixei claro que não voltaria e a mandei para a cadeia pelo acidente, também pedi uma ordem restritiva para que ela não se aproximasse da minha família, mas, por causa dos contatos do pai, ela saiu no mesmo dia e fez um acordo para apenas ir para uma clínica psiquiátrica. Mas também não durou muito tempo, em três meses ela estava fora e fez com que seu pai acabasse com minha reputação na Coreia. Eu não conseguia trabalhar em lugar nenhum, eles sempre me encontravam e de repente eu era dispensado. Por isso, vim para cá trabalhar.

Comecei praticamente do zero, ganhando bem menos, mas ao menos estava longe da área de influência daquela família. E aqui estou eu alguns anos depois, tentando compensar os momentos difíceis que minha irmã sofreu pelo meu erro estúpido de me envolver com esse tipo de pessoa.

— Você não teve culpa nenhuma, Erik, não tinha como saber que ela era uma psicopata. Está indo tão bem e sua família tem muito orgulho de você.

— disse, olhando em seus olhos. — Mas me diga uma coisa: você ainda tem contato com ela? Ela ainda tenta te prejudicar? — perguntei, e ele negou.

— Às vezes ela encontra meu endereço e tenta me abordar, mas a última vez foi há alguns meses, por isso saí da casa da minha mãe. Não queria que ela encontrasse aquele lugar e perturbasse minha família — respondeu. —

Bom, agora você já sabe do meu passado complicado.

— Obrigada por confiar em mim — respondi, e ele sorriu, dando-me um beijo suave. — Aliás, qual é o sobrenome dela?

Erik encolheu os olhos, desconfiado.

— O que você vai aprontar? — perguntou, e revirei os olhos.

— Não sou uma criminosa, Erik, mas como você disse que a família dela é influente, talvez eu a conheça — justifiquei, e era verdade.

Mas também precisava daquilo para que Ryan conseguisse investigá-la.

— Stella Kim. A família é dona da Gangnam Log. Você conhece? —

perguntou, e neguei.

— Conheço a empresa, mas nunca conheci a herdeira… — comentei, percebendo que a empresa não era grande o bastante para que meus pais se importassem em me apresentar. Ainda assim, tinha uma grande influência, por isso precisava tomar bastante cuidado.

Estava torcendo para que as flores não tivessem relação com a tal Stella, afinal, aquilo significava que ela já havia descoberto a casa de May, e tinha certeza de que Erik não se perdoaria se acontecesse algo com ela novamente.

Principalmente se fosse pelas mãos da mesma pessoa.

Apesar de ter desejado que ele não tivesse ido até o apartamento, foi produtivo saber da sua história, fora o fato de que ele havia se declarado.

Assim que lembrei de suas palavras, comecei a rir.

— O que foi?

— Estou tão feliz que nem consigo acreditar que estamos assim… Quem diria que o excelentíssimo senhor Young ia acabar se apaixonando por uma mera assistente — provoquei, sentando-me em seu colo.

— Você não é uma mera assistente, Hyuna — disse, e ergui as sobrancelhas em surpresa.

— O que eu sou, então? — perguntei. Ele segurou em minha cintura para me trazer para mais perto e me dar um selinho. Sorri em resposta.

— Você é doce, Hyuna. Mesmo ostentando essa postura atrevida de quem não liga para nada, você se importa de verdade — disse, olhando profundamente em meus olhos.

Senti os meus olhos arderem pela surpresa das suas palavras e o abracei com força para esconder as lágrimas silenciosas que desciam pelo meu rosto por estar escondendo minhas suspeitas dele naquele momento. Mas eu era assim, faria qualquer coisa para proteger quem eu amava.

— Preciso te perguntar algo que não sai da minha cabeça — ele disse, e sequei os olhos antes de me afastar para encará-lo. — Por que você ficou com Dave? Não consigo entender sua motivação — perguntou incomodado, e pisquei sem entender suas palavras.

— De onde surgiu isso? — perguntei curiosa, e seu olhar desconfortável me lembrou que ele conversou com Dave no Magnific. — O que aquele cretino anda falando sobre mim? Nunca tive nada com ele — disse com raiva.

Que porra Dave estava falando por aí?

— Por que nunca ficaram juntos? Pelo que ele me disse, vocês eram bem íntimos — Erik comentou, desviando os olhos, e percebi o quanto aquilo

estava mexendo com ele.

Já havia passado da hora de colocar Dave em seu devido lugar.

— Nós éramos íntimos, sim, mas não a esse ponto. Fui criada assim, Erik. Não dou o que as pessoas querem de mim, eu conquisto aquilo que quero — confessei. — Ele sempre agiu como se fosse muito fácil me ter a qualquer momento, por isso nunca me interessei.

Erik parecia assimilar minhas palavras com cuidado e, depois de um longo suspiro, sorriu aliviado.

— Você é uma jogadora, tinha me esquecido que gosta da conquista —

provocou, e dei um selinho nele.

— O que vem fácil dura pouco e perde a graça — respondi, e Erik sorriu de lado.

— Como eu fui bem difícil, acho que você vai precisar lidar comigo por bastante tempo.

Encarei seus lábios, sentindo que meu corpo já estava preparado para mais uma rodada, assim como o dele, que começava a reagir sobre o meu.

— Essa é a intenção — respondi antes de unir nossas bocas em um

longo e intenso beijo.

Destino

Hyuna

Assim que Erik, relutantemente, foi embora da minha casa, liguei para Ryan para dar o nome da tal Stella e pedi que ele me mandasse tudo o que pudesse encontrar sobre ela. Ele disse que tentaria encontrar uma conexão

entre ela e a tal Britney que comprou as flores e me ligaria no dia seguinte.

Pela manhã, encontrei Erik no Central Park para corrermos juntos, como havíamos combinado no dia anterior, pois precisava ficar perto dele e ao mesmo tempo me distrair o suficiente para não ligar para Ryan a cada cinco minutos.

Erik me ensinou alguns alongamentos básicos antes de finalmente começarmos a correr. Mal pude conversar devido ao esforço que estava fazendo, mas ele parecia mal se incomodar com a velocidade ou as paradas abruptas para descansar. Na verdade, ele parecia de bom humor, coisa rara para o período da manhã. Para mim, seu estado de espírito leve já era suficiente. Ele me deixou em casa para me trocar e combinamos de nos encontrarmos na empresa no horário de sempre.

Tive que me arrumar bem rápido para não atrasar e assim que saí na rua, o encontrei totalmente arrumado e me esperando de braços cruzados encostado no seu carro.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei sorrindo, e ele deu de ombros.

— Vim te dar uma carona até o trabalho — respondeu, abrindo a porta do carro para mim, e entrei, sentindo-me quente por dentro.

— Ainda preciso comprar os jornais e o café — disse assim que Erik deu partida.

— Seu chefe é bem exigente — provocou.

— Você nem imagina o quanto… — sussurrei.

— Vamos comprar juntos — ofereceu, e neguei com um gesto.

— E também vamos chegar juntos no escritório? Achei que tivéssemos que ser discretos.

— Nós temos que ser, mas não tem nada de errado em chegar junto com seu chefe uma vez na vida — respondeu.

Acabei dando de ombros. Já estávamos trabalhando juntos há meses agora, não era tão estranho assim chegar com ele uma vez ou outra.

Compramos o seu capuccino sem canela e os jornais juntos antes de ir para o escritório. Tentei muito mesmo disfarçar o sorrisinho bobo na minha cara,

mas foi impossível. Erik, por sua vez, conseguia separar bem as coisas e estava sério, mas pela primeira vez em algum tempo ele não estava de mau humor.

Assim que chegamos no andar, percebi que Bill já estava na empresa.

Assim que botou os olhos em mim, se levantou e foi em direção à minha mesa; chegamos lá juntos. Antes mesmo que pudesse dar bom dia, ele abriu a porta da sala de Erik e gesticulou para que entrássemos.

Olhei meu chefe de soslaio, mas ele parecia tão perdido quanto eu.

Assim que Bill fechou a porta e em seguida as persianas, botou a mão na cintura e suspirou, encarando-nos.

— Conheço essa expressão. — Bill apontou para Erik, que apenas ergueu um pouco o canto dos lábios. Ele estava tentando não rir. — Puta merda vocês dois. Não sei nem o que dizer — confessou, e apertei os lábios para não rir do seu desespero.

— Se não sabia o que dizer, por que toda a comoção? — Erik perguntou.

— Eu já sabia que isso aconteceria, só não sabia que me sentiria assim quando acontecesse. Por que vocês não me falaram nada? Só chegaram aqui juntos com cara de pós-sexo. Meu Deus, Erik, ela não tem nem trinta anos e você já quer acabar com a vida dela… — Bill disse, e aí sim não conseguimos mais segurar a risada.

Erik e eu caímos na gargalhada com o espanto de Bill, mas grande parte era de desespero. Ele não havia contado ao melhor amigo? Tínhamos dado tão na cara assim?

— Por que você está agindo assim? Você queria que eu ficasse com ela

— Erik retrucou, humorado.

— Eu sei! Estou tão confuso. Metade de mim está feliz por você e a outra está puta porque acho que Hyuna merece alguém melhor. Deus — Bill respondeu, e Erik jogou sua bola de futebol americano na cara do amigo, que finalmente riu, quebrando um pouco da preocupação de que ele estivesse falando sério.

— Você é o meu melhor amigo, deveria se preocupar comigo e não com ela — Erik respondeu. — E por um acaso conhece algum homem melhor que

eu?

— Você quer que eu fale em ordem alfabética ou de nascimento? Se for de nascimento, vou barrar todos que tenham mais de trinta e cinco —

provocou, e eu sorri.

Bill era a melhor pessoa do mundo.

— Ok, chega vocês dois. Temos muito trabalho a fazer. Inclusive, Bill, preciso repassar o cronograma da despedida de Charlie, você vai ficar no comando — disse, e ele concordou.

— Por que ele vai ficar no comando e não eu? — Erik perguntou, e sorri antes de responder.

— Você não vai saber como divertir os meninos, senhor Young —

respondi. Bill começou a rir atrás de mim, saindo da sala.

— Eu sei como *te* divertir — provocou, dando um passo para mais perto, e, ao invés de recuar, me aproximei ainda mais, fazendo com que ele olhasse ao redor para confirmar se não tinha ninguém vendo.

— Mal posso esperar pelo dia que você vai me divertir bem em cima dessa mesa — sussurrei, e bati com a unha no vidro de sua mesa para enfatizar ainda mais minha provocação.

Erik engoliu em seco e umedeceu os lábios, chamando toda a minha atenção para sua boca. Sentia meu corpo todo reagir só de lembrar da sensação dela no meio das minhas pernas.

— Preciso que você marque as entrevistas com os finalistas das entrevistas que fez com o Bill — Erik respondeu, e precisei fechar os olhos com força para me lembrar onde estava.

Sim, eu tinha o hábito de passar dos limites, mas sua respiração alterada e seus olhos injetados de desejo demonstravam que ele estava tão abalado quanto eu pela brincadeira. Ainda assim, Erik preenchia a cota da responsabilidade na nossa relação e era melhor assim, senão eu transaria com ele bem ali no meio da sala de vidro na frente dos demais funcionários.

Respirei fundo para acalmar meu coração antes de fazer uma leve reverência e sair da sala. Aquele homem acabaria com meu coração qualquer dia desses.

Depois de repassar todo o cronograma da despedida de solteiro com Bill, organizei as coisas do trabalho e, pouco antes do almoço, recebi uma ligação de Ryan. Tentei ao máximo disfarçar com quem estava falando.

— *Estou te encaminhando o que encontrei sobre Stella por e-mail* —

disse sem rodeios.

— E a tal Britney?

— *Estou na cola dela, mas ainda não encontrei nenhuma ligação entre as duas. Ela era modelo e agora parece mais uma acompanhante. Mas temos uma situação* — disse devagar, e pedi que ele contasse. — *Ela fez novas compras pelo site da floricultura, um arranjo para o escritório, outro para a casa dos Young, um para a casa da antiga secretária e mais um para você* —

finalizou preocupado.

— Para mim? — perguntei exasperada e olhei ao redor sem saber o que estava acontecendo. — Por que Laura e eu receberíamos essa merda?

— *Talvez esteja mirando em vocês para atacá-lo… Ela está saindo do apartamento, vou segui-la, falo com você mais tarde.*

Finalizei a ligação me sentindo completamente exposta e amedrontada.

Olhei ao redor automaticamente para ver se alguém me observava, mas estava tudo normal. Quase pulei de susto quando meu celular notificou uma mensagem. Olhei rapidamente para ver que era de Erik me chamando para almoçar e mordi o lábio antes de responder que precisava resolver um problema.

Olhei para dentro da sua sala, dei um sorrisinho fraco para que ele não ficasse preocupado e saí do escritório. Sem ter para onde ir, acabei pegando um táxi e, no modo automático, pedi que ele fosse até o ateliê.

Naomi me encarou surpresa quando entrei no lugar, e eu sorri. Pedimos comida para almoçar por lá mesmo e assim que estávamos minimamente

confortáveis, contei para ela sobre minhas suspeitas. Ela ouviu tudo em silêncio, como sempre fazia, apenas acenando com a cabeça de leve.

— Você me acha louca? — perguntei.

— Sim — ela respondeu, e sorri fraco. — Mas acho que quando se refere a pessoa que gostamos, tendemos a ser mais cuidadosos mesmo. Você

quer o proteger e isso é algo que só quem realmente se importa faria.

— Eu realmente gosto dele, *unnie* — choraminguei, e Naomi acariciou minha mão por cima da mesa. — Ryan me mandou um arquivo com as informações dela, mas não tive coragem de abrir.

— Eu vou ler para você. Onde está? — ofereceu, e sorri fraco, entregando o envelope com as páginas impressas.

Naomi abriu com cuidado e folheou as páginas, lendo o mais rápido que podia. Quando finalizou, me encarou preocupada.

— Acho que você deveria falar sobre isso com o Erik. Acredito que vocês dois juntos vão conseguir resolver isso mais fácil. Essa Stella realmente parece alguém que você deveria tomar cuidado… Como alguém poderia propositalmente tentar machucar uma criança? — Naomi questionou com os olhos marejados, e não pude evitar de secar uma lágrima.

Ela tinha se apegado a May muito mais do que eu, então era difícil para ela saber da verdade sobre seu acidente. Em pensar que nós tínhamos sido irresponsáveis o suficiente para levar a mais nova para um ambiente que poderia desencadear novas convulsões.

— Pelo que diz aqui, ela estudou em NYU na mesma época que você, Hyuna. Você não a conheceu? — perguntou, e neguei. Naomi me mostrou as fotos impressas e senti meu coração pesado.

Quanto mais olhava para a foto, mais me lembrava da mulher. Por fim, a reconheci e me lembrei dela. Ela estava fazendo pós-graduação ao mesmo tempo que eu, era alguns anos mais velha e, como tínhamos algumas aulas em comum, acabamos nos conhecendo por causa de alguns colegas.

Eu a conheci por conta do pessoal da turma. Não acredito que me envolvi com esse tipo de pessoa — respondi de cabeça baixa.

— Isso é um ponto positivo, Hyuna. Você a conheceu, então vai ser mais fácil se aproximar sem que ela desconfie que vocês estão juntos, e aí pode tirar a dúvida. Mas ainda acho que deveria contar tudo isso para Erik, ele merece saber o que está acontecendo — Naomi aconselhou, e concordei, sentindo meu coração apertado.

— Enquanto eu não tiver certeza, não posso dizer. Então me prometa

que não vai contar nada a ele ou a May — pedi, e ela concordou.

— Eu prometo, mas se eu sentir que isso vai te machucar de alguma maneira, não vou poder esconder.

Voltei para o escritório com minhas energias completamente sugadas e, quando o entregador deixou o quarto arranjo de flores, o joguei diretamente no lixo antes que Erik pudesse vê-lo.

Sentia-me tão culpada por ter conhecido aquela mulher alguns anos antes, pois não senti nada de errado em sua relação. Na verdade, foi o oposto.

Stella tinha um carisma elegante e uma personalidade divertida. Gostei dela de cara.

E ela gostou de mim.

Duas herdeiras entediadas e estudando para fugir dos problemas que nós mesmas havíamos criado, mas nenhuma sabia sobre a família outra. Muito menos que amaríamos o mesmo homem. Como o destino de três pessoas poderia estar tão entrelaçado a esse ponto? No final da tarde, Ryan me mandou uma mensagem ao mesmo tempo em que o telefone da mesa tocou.

Por isso, atendi a ligação primeiro enquanto lia a mensagem.

— *Boa tarde, aqui é Britney e eu gostaria de marcar uma reunião com o Senhor Young* — respondeu a voz do outro lado da linha, e senti um mal-estar na mesma hora ao passar os olhos pela mensagem de Ryan.

“Britney está trabalhando para Stella.”

— Qual o motivo da reunião? Quem é o solicitante? — perguntei, tentando disfarçar o tremor na voz.

— Reunião com a senhorita Kim para realinhar os termos do contrato do serviço de logística — respondeu educadamente.

“Elas acabaram de se encontrar numa cafeteria”

— Isso pode ser alinhado com o jurídico, vou te passar os contatos —

tentei mudar de assunto.

— Senhorita Kim especificou que a reunião precisa ser feita diretamente com ele e que ele concordaria se soubesse que foi um pedido dela. Pode verificar os horários, por favor? — pediu, e engoli em seco, lendo a última parte da mensagem de Ryan.

“Ela está em Nova York, Hyuna. Realmente acho que ela esteja envolvida no caso das flores. Vou tentar conseguir mais informações. Tome cuidado, por favor.”

— Qual é o primeiro nome da senhorita Kim? — pedi com o que restava da minha esperança de que aquilo fosse apenas uma coincidência.

— Stella Kim — respondeu, e respirei fundo antes de verificar na agenda no modo automático. Marquei a reunião para sexta-feira no horário do almoço no Adagio.

Propositalmente marquei o encontro para o dia em que Erik estaria a milhares de quilômetros de distância e incomunicável devido à despedida de solteiro de Charlie. Queria encará-la de frente, sozinha, e entender qual era sua real intenção.

Ela o queria de volta? Queria prejudicá-lo? Só queria aborrecê-lo? Seja o que fosse, eu colocaria um fim definitivo naquilo na sexta-feira e desejei aos céus que me dessem forças para conseguir resolver aquilo sem ter que preocupar Erik.

Aeroporto

Hyuna

A despedida de solteiro de Charlie estava cada vez mais próxima, então entrei de cabeça na revisão dos últimos detalhes. Pela terceira vez. Eu realmente queria que ele tivesse uma experiência incrível e sossegasse depois do casamento.

Também fiz algumas alterações no cronograma para que eles estivessem muito ocupados a partir do horário do almoço de sexta-feira. Não queria correr o risco de Stella conseguir entrar em contato com ele quando percebesse que eu iria em seu lugar.

Consegui arrumar desculpas muito convincentes para não ver Erik fora do escritório aquela semana e, devido à viagem, ele também precisou adiantar muita coisa no trabalho. Dei graças aos céus que não precisaria mentir olhando em seus olhos. Sentia-me tão culpada por esconder aquelas informações dele, mas como não tinha ideia das intenções de Stella, no final das contas nem havia muito o que dizer além de que eu era uma doida ciumenta que estava apavorada de perder a pessoa que mais gostei na vida.

Na quinta-feira, não tive muita escapatória, já que o voo era à noite e havia prometido que o levaria até o aeroporto para nos despedirmos. Por isso, ao final do expediente tomamos um táxi juntos, por motivos de eu nunca ter aprendido a dirigir, então não teria como trazer seu carro de volta. Isso

obviamente deu espaço para que ele pudesse me atormentar com aquela informação.

— Vinte e sete anos e não saber dirigir… E se houver uma emergência?

— perguntou sorrindo.

— Dependendo da emergência, eu chamo os bombeiros ou a polícia.

Não é algo tão grave assim, nunca precisei aprender — resmunguei, e Erik acariciou meu cabelo antes de me dar um beijo na bochecha.

— Às vezes me esqueço que você costumava ser rica — provocou de novo, e precisei rir.

Eu continuava rica, só não queria tocar no dinheiro que meus pais me davam.

— Esqueci de te avisar, mas já providenciei seu smoking para o casamento. Vou entregar na casa da sua mãe — disse, mudando de assunto, e ele concordou.

— Qual cor? — perguntou.

— Acho que é cinza, não consegui identificar muito bem pela foto que o alfaiate me mandou, mas pode ficar tranquilo informei a cor que Barbara pediu — respondi.

— E qual a cor do seu vestido? Temos que combinar. — Encarei Erik em surpresa.

Ele literalmente estava me chamando para o acompanhar no casamento faltando menos de cinco dias?

— O que houve com Isabelle? Ela não vai mais com você? — perguntei, fingindo desinteresse.

— Faz algum sentido que eu vá ao casamento de Charlie com alguém que não seja você? — perguntou, e não consegui evitar de sorrir.

— Você deve estar louco por me avisar em cima da hora. Sorte sua que Naomi é minha amiga e eu já devo ter uns dez modelos de vestidos praticamente prontos — respondi.

— Falando nela, ontem eu a encontrei na casa da minha mãe — Erik falou, e senti meu estômago dar uma volta imaginando a dificuldade que minha amiga deve ter tido para esconder as coisas dele. Ela era tão sincera que sabia que tinha sido difícil.

— Por isso ela passou a noite fora, então… Ela tem passado mais tempo lá do que em casa — respondi.

— Eu me desculpei pelo dia que busquei May no bar e gritei com você

— disse, e o encarei orgulhosa. Ele conseguia ser tão sensível quando queria.

— Nós conversamos um pouco. Ela parece uma boa pessoa e May está mais alegre agora, até minha mãe parece mais tranquila quando ela está lá. Então queria te agradecer por apresentar as duas, a amizade de vocês tem surtido efeitos positivos na minha família… Sinceramente, não sei nem como explicar o quanto me preocupo com ela todos os dias, mas saber que vocês também estão por perto me tranquiliza um pouco — Erik disse, e senti meus olhos marejados.

Nossas vidas estavam cada vez mais conectadas e era incrível ver a mudança de sua atitude em relação a mim. Ele estava me agradecendo por ser amiga de sua irmã e por Naomi estar se apegando a ela. Quando eu o imaginaria fazendo algo assim?

No aeroporto, o acompanhei até fazer o check-in. Os meninos haviam combinado de se encontrarem já no portão de embarque, então também fui com ele até onde seria permitido entrar. Quando chegamos na fila para

revista, Erik se virou para mim, preocupado.

— Tem certeza que vai ficar tudo bem com todos nós fora do escritório?

— perguntou, e acenei positivamente. — Posso deixar para ir amanhã à noite se for preciso.

— Fica tranquilo, vou cuidar de tudo por aqui. Apenas vá e se divirta por mim. — Tentei tranquilizar, mas ele ainda parecia incerto.

Acariciei seu rosto sorrindo e encostei nossos lábios. Erik passou um dos braços pela minha cintura e usou a outra mão para segurar meu pescoço.

Aprofundamos o beijo ali mesmo, no meio do aeroporto. Enquanto o beijava, tentei tirar forças para o que enfrentaria no dia seguinte, mas, mesmo sendo o melhor beijo que havia provado na vida, sentia minha intuição gritar que algo não estava certo. Então aproveitei aquele beijo como se fosse o último e só nos afastamos quando ouvimos alguns gritos em uma voz conhecida reagindo à cena. Assim que me afastei, já estava rindo com a visão de Charlie correndo pelo aeroporto e gritando que não acreditava no que estava vendo. Dei uma última boa olhada para Erik sorrindo.

— Confie em mim, vou cuidar de tudo por aqui. Apenas vá logo —

disse, e ele concordou.

— Qualquer problema me ligue, ok? Se cuida — pediu, afastando-se, e concordei enquanto acenava.

Erik precisou passar o braço pelos ombros de Charlie para evitar que ele viesse falar comigo e ri da cena. Estava tranquila sabendo que eles se divertiriam enquanto eu cuidava de Stella. Se tivesse sorte o bastante, aquilo seria apenas uma maneira de marcar território. Então fui para casa para me preparar para o que aconteceria no dia seguinte.



Em vinte e sete anos de vida, consegui chegar a algumas conclusões sobre os meus maiores atributos, fossem qualidades ou defeitos. O primeiro deles era o fato de que eu era extremamente teimosa quando colocava algo na cabeça, então não conseguiria largar o osso fácil de qualquer coisa que

realmente decidisse que queria fazer ou conquistar. Também detestava perder, e essa competitividade me tornou o tipo de gente que poderia passar por cima de qualquer pessoa para conseguir o que queria. Entretanto, sempre tive um pequeno senso de responsabilidade, então nunca prejudiquei ninguém propositalmente para ter algo. Nunca. Às vezes, ao longo do caminho você acabava topando com alguém difícil demais ou que tinha muito a perder, mas como eu precisava provar a qualquer custo minha capacidade e competência em ser independente, tinha certeza que nem sempre fizera as melhores escolhas. Sabia que teria que lidar com as consequências dos erros que cometi para conquistar minha liberdade. Só esperava que aquele encontro com Stella não fosse uma forma bizarra do universo me punir por querer viver a vida do meu jeito.

Cheguei bem cedo ao escritório porque praticamente não dormi a noite inteira. Fiquei esperando Erik avisar que havia chegado em segurança em Las Vegas e depois disso só consegui dormir por alguns minutos pingados.

Durante a manhã, me certifiquei de avisar a todos que estaria disponível caso precisassem de alguma coisa e me desliguei um pouco da preocupação do encontro apenas para resolver as coisas no trabalho.

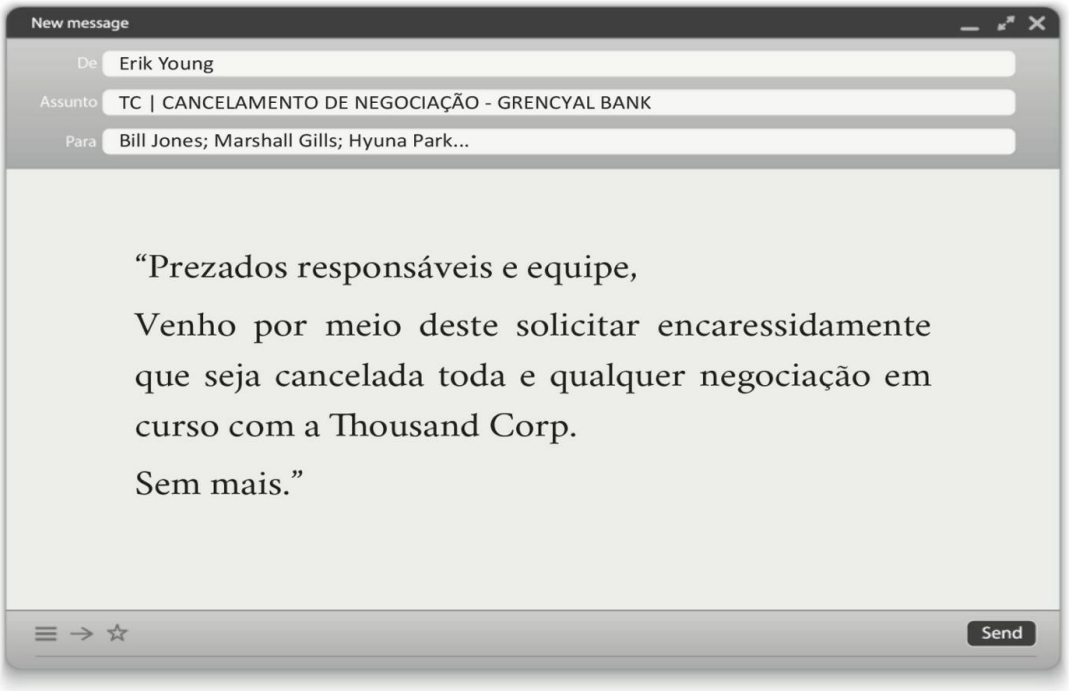
Estava uma correria enorme, já que em poucos dias teríamos a apresentação dos resultados do semestre. Eu estava pessoalmente lidando com alguns contratos, como o da Forbes e de uma empresa que Octávio indicou. Sentia-me mais segura cuidando das coisas eu mesma e serviria como uma bela distração até o horário da reunião com Stella.

Por algum motivo que não soube entender totalmente, certifiquei-me de avisar a Ryan o que faria e onde. Precisava que ele usasse aquele encontro a nosso favor para tirar qualquer dúvida que tivéssemos. Ele me deu algumas dicas e insistiu que eu tentasse gravar a conversa para o caso de algo dar errado, o que achei um completo exagero da sua parte.

Apesar de ter ficado ansiosa desde que descobri com quem estava lidando, eu tinha essa frieza quando se tratava de resolver alguns assuntos, afinal de contas, mesmo que não quisesse admitir, eu era a filha do meu pai e o senhor Park havia me ensinado como ser exatamente quem eu precisava ser hoje.

Mais ou menos às dez da manhã, fui notificada com um novo e-mail em nome de Erik e olhei assustada para o relógio. Era impossível que ele pudesse

mandar qualquer coisa, já que havia planejado um passeio pelo deserto e o sinal por lá era muito instável. Mas ele poderia ter programado para que a mensagem fosse encaminhada automaticamente. Entretanto, o título me causou arrepios apenas quando percebi que todos os envolvidos da negociação, a diretoria das duas empresas e até mesmo o nosso CEO estavam em cópia.



Pisquei sem entender o que havia acabado de ver. Li dez vezes sem conseguir respirar e continuei encarando a tela estática, até que todos os telefones do escritório pareceram começar a tocar de uma única vez, inclusive todas as linhas do meu PABX e a linha direta da sala de Erik. Na mesma hora, usei o celular para tentar falar com ele, sem sucesso. Bill, Charlie, Andrew e até José estavam na mesma. Todos desligados ou fora de área.

Quando os outros funcionários começaram a aparecer na minha mesa querendo alguma resposta para dar para quem estivesse ligando, pedi que reunissem todos os envolvidos na negociação numa das salas de reunião em dez minutos. Nesse meio tempo, tentei novamente ligar para os meninos, mas continuavam incomunicáveis.

Minha última opção foi ligar para Ryan. Não queria ter que envolvê-lo ainda nas coisas do escritório, mas era urgente. Ele pediu que eu passasse os dados de acesso do meu e-mail para que seu “contato” pudesse verificar se havia sido agendado ou se alguém havia acessado por outro local. Não pensei duas vezes e encaminhei tudo por mensagem antes de ir até a sala de reunião, que a este ponto estava com mais de dez pessoas.

Spencer, do jurídico, estava pálida, mas sabia que eu precisava ser um ponto de confiança naquele momento, por isso entrei sorrindo no local e todos os cochichos cessaram.

— Bom dia, pessoal, imagino que todos vocês já sabem o porquê de estarmos aqui hoje — comecei, mas um dos meninos de engenharia protestou.

— Eu não estou entendendo mais nada. Num dia, ele pede que a gente faça qualquer coisa para fechar o contrato, e no outro o cancela sem mais nem menos, colocando toda a empresa em cópia? Que sentido isso faz? —

perguntou, e suspirei, sentindo uma iminente dor de cabeça começar a se formar bem no centro da minha testa.

— Eu vou marcar uma reunião com o pessoal do banco para tentar reverter isso ainda hoje, entretanto, preciso que vocês continuem sendo enfáticos em dizer que não têm novas informações e pedir que eles venham falar comigo, ok? — pedi, e todos concordaram, mas sentia que eles ainda queriam protestar. Não entendia o que estava impedindo aquilo.

— E o que devo falar para os meus superiores? — Spencer perguntou.

— Vou aproveitar o horário do almoço para tentar entender o que houve e em seguida vou conversar com todos eles. Vou marcar um horário assim que acabarmos aqui. Mais alguma dúvida? — perguntei, olhando para todos os rostos insatisfeitos e, quando ninguém se manifestou, agradeci a todos e saí apressada em direção à minha mesa. Ouvi um par de saltos correndo para me acompanhar e olhei por cima dos ombros para Spencer, que finalmente me alcançou quando já estava me sentando em meu lugar. Não tinha tempo a perder.

— Hyuna, eu estou achando isso muito estranho. Senhor Young estava obcecado por esse contrato, não faz sentido nenhum que isso aconteça somente alguns dias antes da entrega de resultados do semestre.

Concordei com um aceno, enquanto marcava uma reunião com os chefões das áreas para após o almoço para esclarecer algo que eu nem sabia o que era.

— Fora que aquele erro grotesco de ortografia vai me incomodar até a próxima geração. Sei que ele é gringo, mas nunca tinha o visto errar algo básico assim antes — a advogada confessou, enquanto eu já procurava por passagens para a Flórida naquele mesmo dia.

Seu comentário me pegou desprevenida.

— Qual erro? — perguntei, abrindo o e-mail novamente. Ela deu a volta na mesa para apontar para a palavra.

— Está vendo bem aqui? Está escrito encarecidamente com dois *esses.*

Sou um pouco surtada com erros de ortografia — disse, e encarei a palavra com curiosidade.

Ele sempre usava essa palavra nos seus e-mails, no entanto, nunca de maneira errada.

Erik não errava.

Nunca.

Dei uma busca rápida na lupa do gerenciador dos e-mails, filtrando apenas os enviados por Erik com a palavra “encarecidamente”. Só no último mês foram mais de quatrocentos resultados. Quando busquei pela grafia

errada, apareceu apenas um: o próprio e-mail da morte. Respirei aliviada e sorri para a mulher ao meu lado; ela parecia ter entendido exatamente a mesma coisa que eu.

— Spencer, você é um gênio — disse, enquanto selecionava os e-mails para imprimi-los junto aos prints das pesquisas e os resultados das buscas. —

Preciso que você junte tudo isso para mim até o horário da reunião com os chefões, pode me ajudar, por favor? Ainda tenho que procurar uma passagem para a Flórida — pedi, e ela concordou de prontidão.

— Fica tranquila, Hyuna. Vou pessoalmente cuidar disso, afinal, pode ser um crime. Se alguém mandou isso se passando pelo diretor Young, então

teremos que lidar com uma investigação completa — informou, e concordei com um aceno.

— Obrigada — disse sinceramente, e ela se afastou, indo até minha impressora organizar tudo o que eu havia impresso.

Marquei uma reunião com a diretoria do banco que havia recebido o e-mail para as oito da noite. Eram no mínimo três horas de voo até Miami, cidade da atual sede do banco, fora o trânsito do horário do *rush*. Quando não consegui nenhum voo por estar muito em cima da hora, sabia que teria que ligar para mamãe.

Eu me sentia horrível por continuar ligando apenas para pedir favores, mas era uma emergência e seria do maior interesse possível dela me ajudar.

Sabia que alguma das suas amigas não se importaria em emprestar um jatinho. Estava ligando para ela quando o pop-up da reunião com a senhorita Kim subiu na tela e quase tive um ataque por ter esquecido do encontro.

Ainda tem mais essa, pensei.

Assim que mamãe atendeu carinhosamente, como sempre fazia, senti um peso nos meus ombros. Comecei choramingando em coreano, enquanto pegava minha bolsa para ir ao restaurante.

— Mamãe, alguém está tentando acabar com a empresa — disse, entrando no elevador com pressa.

— *Qual empresa, querida?*

— Você sabe que estou trabalhando na Thousand Corp, mentir nunca foi

seu forte — resmunguei, e ela riu do outro lado. Sua voz tinha um efeito calmante sobre o meu corpo, sempre tivera. O que não era surpresa, afinal, ela era a minha mãe.

— Tudo bem, confesso que seu pai comentou comigo. Fiquei muito feliz quando soube e estou mais ainda em ver o quanto você está preocupada que alguém possa estar tentando prejudicar a empresa. Minha Hyuna está

finalmente amadurecendo… — disse orgulhosamente, e suspirei. Imaginei que sua reação seria aquela. Também consegui confirmar que meu pai já sabia onde eu estava e que ficou satisfeito ao ponto de não tentar me tirar de lá.

Óbvio que ele não tentaria me tirar de lá e foi por esse motivo que aceitei sua delicada sugestão de começar a trabalhar em alguma empresa do grupo.

— Mamãe, prometo ir para casa para conversarmos melhor sobre isso pessoalmente, mas preciso urgentemente ir para Miami. Tenho uma reunião muito importante às oito e não consegui nenhum voo. Pode me ajudar? —

pedi sem delongas.

— *Você sabe que não consigo te dizer não… Vou providenciar tudo, me dê uma horinha* — garantiu, e suspirei mais aliviada enquanto atravessava o saguão até a rua para pegar um táxi.

— Obrigada, mamãe — disse sinceramente, e sua risada do outro lado da linha conseguiu acalmar completamente meu coração desesperado.

— *Tudo por você, meu amor* — disse antes de desligar. Aquela era a maneira dela de me confortar.

Aquela frase, por mais simples que fosse, era sincera e queria dizer duas coisas.

A primeira, que ela realmente faria tudo por mim. Por amor. Sem medir esforços.

A segunda, que eu tinha que resolver o que quer que fosse de maneira definitiva. Ela sabia que eu era uma guerreira, foi assim que me criou, e não poderia estar mais grata por ser sua filha naquele momento.

*

Ao chegar no Adagio, informei o nome da reserva e a *hostess* me acompanhou até a mesa. De longe a vi sentada com toda a elegância que esbanjava desde que nos conhecemos na NYU. Assim que me aproximei da

mesa, ela levantou o olhar em minha direção e pareceu genuinamente surpresa. Sorriu abertamente.

Um sorriso contagiante demais para alguém que havia tentado matar uma criança.

Sorri de volta e a cumprimentei com um abraço, fingindo não saber de nada.

— Hyuna, quanto tempo! — disse.

— Não acredito que realmente é você. Por onde esteve? Você desapareceu do mapa — perguntei, e ela deu de ombros sorrindo.

Eu sabia ser falsa quando era preciso e agradeci ao meu pai pelas aulas de diplomacia coreana.

— Sabe como é… Precisei voltar para Coreia para assumir meu cargo de volta, meu pai estava sobrecarregado — disse, e concordei. — Mas o que faz aqui? — perguntou, e sorri docemente.

— Eu estou aqui para a nossa reunião. Sou assistente temporária do senhor Young — expliquei, e o sorriso em seu rosto se contorceu um pouco.

— *Você* é a assistente temporária? — perguntou, e concordei, finalmente sentando-me na cadeira em frente a sua. Enquanto Stella se sentava, percebi o quanto ela estava se esforçando para manter a boa postura.

— A vida realmente é cheia de surpresas agradáveis. Entretanto, fui muito enfática ao esclarecer que a reunião teria que ser com ele pessoalmente.

— Eu sei e peço desculpas por isso, mas o senhor Young teve que fazer uma viagem de emergência e pediu que viesse em seu lugar para resolvermos as questões do contrato — respondi, e Stella me encarou com desconfiança.

A dualidade entre seu sorriso doce e seu olhar frio me causou um arrepio na espinha. Precisei fazer muita força para não demonstrar que havia percebido a sua mudança de comportamento. Eu sabia bancar a burra, mas estava sobrecarregada com tudo o que havia acontecido naquele dia.

Stella ergueu a mão, chamando um garçom, e pediu um vinho e seu

prato. Quase ri da sua péssima escolha. Tinha esse hábito horroroso de julgar as pessoas que faziam com que me sentisse ameaçada. Fiz o meu próprio pedido e, assim que ele se afastou, Stella voltou a me olhar daquela maneira assustadora.

— Acho que você está mentindo para mim, Hyuna. Ele jamais mandaria outra pessoa para lidar comigo — respondeu, e fingi dúvida.

— Você conhece o senhor Young? — perguntei despreocupadamente, e ela fez um movimento suave com a cabeça para jogar o cabelo para trás.

— Conheço muito bem — respondeu com o sorriso voltando a se insinuar em seus lábios bem a tempo de o garçom voltar e nos servir os vinhos que havíamos pedido.

— Bom, peço desculpas se atrapalhei o encontro de vocês, apenas segui o protocolo, já que ele precisou viajar — respondi o mais profissionalmente que pude.

— Imagino que ele continue sendo bem exigente, só estou surpresa por você ter voltado a ser assistente. Estava tão empenhada em se livrar do senhor Roberts e, quando finalmente consegue o que quer, volta a fazer exatamente aquilo que tentava fugir… Mas o ser humano é assim mesmo, dá um passo para frente e dois para trás — disse. Se não tivesse recentemente descoberto sua verdadeira face, poderia apenas imaginar que ela estava brincando.

Mas não.

Ela estava se segurando para não me ofender e fazia isso de maneira velada. Entretanto, precisava admitir que ela não parecia mais tão elegante quanto na minha memória.

— Eu precisava de algo temporário e que pagasse bem enquanto me preparava para entrar de cabeça na minha empresa. Tenho um estilo de vida para manter — respondi, e ela acenou positivamente, tomando mais um gole.

— Entendo… Então, se Laura ainda está de licença maternidade, significa que você tem lidado com as mulheres, certo? — perguntou, fugindo completamente do assunto.

— Quais mulheres?

— As do Erik, tipo Rebeka, Elise ou aquela médica loira e alta, como é o nome mesmo? — perguntou, parecendo se esforçar para lembrar o nome.

— Isabelle? — sugeri, e me arrependi assim que ela sorriu.

— Então você sabe do que estou falando.

— Acredito que sim, mas não tive que lidar com nenhuma mulher até o momento. Senhor Young não parece ter se envolvido com ninguém desde que comecei a trabalhar lá — respondi, e Stella mordeu os lábios, calculando alguma coisa.

— Eu realmente gosto de você, Hyuna. Gostei desde o início porque senti que tínhamos muito mais coisas em comum do que falávamos em voz alta, mas nunca imaginei que você poderia ser baixa o suficiente para ficar com um homem só pelo dinheiro. Devo admitir que estou decepcionada —

Stella disse indignada, e pisquei sem entender a súbita mudança de atitude.

— Você está maluca? — perguntei, segurando a vontade de rir.

— Chega, Hyuna. Eu estava me divertindo um pouco enquanto observava a sua cara de pau em fingir que não dorme com ele. Agora me cansei. Acho que devemos falar de negócios — respondeu, mudando completamente sua postura elegante para uma cara fechada que nunca havia visto em seu rosto.

— Foi exatamente isso que vim fazer.

— Esperava que Erik viesse pessoalmente, porque realmente não quero fazer o que estou prestes a fazer, mas ver a sua cara mentindo para mim foi a gota d'água. Achei que fôssemos amigas, mas agora que você está dormindo com ele, sinto que preciso cuidar de você primeiro para conseguir o que quero.

— O que você quer? — perguntei, tomando mais um gole do meu vinho.

Estranhamente, estava calma como um pequeno lago num dia de verão, e sabia que aquilo tiraria ainda mais sua paciência. Falar com minha mãe tinha esse efeito sobre mim.

— Eu o quero de volta — respondeu como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Bom, isso não vai rolar. Então, devemos seguir para o próximo

tópico? — perguntei, e Stella ergueu a sobrancelha em surpresa.

— Você é uma gracinha bancando a boa moça que acha que pode salvar o namorado, mas você já deve ter descoberto que meus métodos são bem efetivos — respondeu.

— Tentar matar uma criança de doze anos realmente deu muito certo da última vez — retruquei, tentando não perder a postura.

— Eu era nova e ingênua naquela época, não faria algo assim novamente. Até porque descobri que a melhor maneira de desestabilizar alguém é fazendo com que todos que são importantes se afastem por vontade própria — disse, e ela começou a mexer em sua bolsa. De lá, tirou uma pasta com vários papéis dentro e um envelope branco. — Como deve imaginar, sou sistemática, por isso, vou tirar tudo dele aos poucos e por ordem de importância. Primeiro, esse emprego patético e, de brinde, o fiel escudeiro.

Depois, vem você, e por último a amada irmã. Não sei se você percebeu, mas mandei um presentinho para todos os lugares que vou destruir caso você não se afaste dele — disse com calma.

Pisquei, finalmente surpresa. As flores realmente eram um presságio de algo ruim e não poderia estar me sentindo pior em perceber aquilo. Também senti meu coração se acelerar quando finalmente consegui conectar as coisas.

O caso do Grencyal só poderia ser coisa dela.

— Então foi você que mandou aquele e-mail ridículo em nome de Erik?

— perguntei, ainda segurando minha postura intacta.

Ela deu de ombros.

— Eu? Claro que não… Você ficaria impressionada se soubesse a quantidade de pessoas que o querem fora daquela empresa. Não foi difícil encontrar alguém motivado a me ajudar — disse naturalmente.

Lembrei quando Dave me disse a mesma coisa e só então entendi que Stella precisava ser impedida antes que causasse maiores estragos. Ela empurrou o envelope em minha direção e bateu com a ponta das unhas nele audivelmente. Abri-o e vi algumas notas de cem perfeitamente empilhadas.

Folheei-as com cuidado, rindo com desdém.

— Aqui tem o quê, uns vinte mil dólares? Se eu continuar com Erik, vou conseguir muito mais que isso — provoquei, colocando o dinheiro de volta

no envelope e o apoiando na mesa. Stella deu de ombros.

— Você é uma mulher esperta. Considere isso como um presente e volte para o velho da Forbes. Tenho certeza que ele ficaria muito contente em bancar seus mimos — respondeu, e precisei me esforçar muito para não voar no pescoço da cadela.

De onde esse povo tirava a ideia de que eu era interesseira? Eu era areia demais para o caminhão de Erik? Ou só porque era alguns anos mais nova que ele?

— Tão mão de vaca… Ouvi dizer que você é uma herdeira na Coreia, deve ter muito dinheiro para me convencer. — Tentei manter a postura mais um pouco, e Stella riu abertamente.

— É com essa ladainha que você ganha a vida? Fiquei levemente preocupada quando soube que era a brilhante Hyuna quem estava dormindo com ele, mas olhando para sua ganância, agora vejo que Erik precisa mais da minha ajuda do que poderia imaginar. Cercado por abutres que só querem se aproveitar dele, enquanto eu posso fazer com que todos os seus sonhos virem realidade. Fico triste em perceber que não é nem um terço da mulher

que achei que fosse. Uma pena para você e um ponto para mim, não acha? —

perguntou, e estava realmente esperando por uma resposta. Como se Deus realmente estivesse ao meu lado, ouvi meu celular tocar dentro da bolsa ao mesmo tempo em que o garçom apareceu com nossos pratos. Fiquei ainda mais tranquila quando vi que era Ryan.

Torci para que ele entendesse minhas mensagens subliminares, pois eu sentia que poderia fazer uma besteira a qualquer momento, mas a intuição de que algo mais grave poderia acontecer me atingiu tão forte quanto suas ofensas disfarçadas.

— Não é uma boa hora, estou numa reunião importante — disse baixo, olhando para a mulher à minha frente de soslaio.

— *Como estão indo as coisas por aí? Você está gravando a conversa?*

— perguntou.

— Infelizmente ainda não consegui — respondi de maneira formal para disfarçar.

— *Faça o seguinte: não finalize a ligação e deixe o celular na mesa*

com o visor para baixo. Vou gravar a ligação, ok? — sugeriu, e realmente agradeci a Deus por aquilo.

— Estamos combinados então, te retorno mais tarde. — disse, e segui a instrução de Ryan de colocar o aparelho na mesa com a tela para baixo.

Stella parecia ver graça em tudo que eu fazia. Até quando comecei a remexer o conteúdo do meu prato sem vontade nenhuma de comer ela parecia satisfeita.

Eu queria arrancar aquele maldito sorriso de seu rosto.

— Perdeu a fome, *amiga?* — perguntou cínica, e sorri provocativa.

— Você causa esse efeito e tenho certeza de que não é só em mim —

respondi.

Ela deu uma garfada em seu prato, deliciando-se com o sabor. Como alguém que propositalmente estava tentando sabotar a vida da outra poderia comer tão tranquilamente assim? Será que ela dormia em paz à noite?

— Não adianta tentar me ofender, Hyuna, já te disse o que eu precisava.

Quero você longe dele. Não é negociável. Quanto antes você se afastar, menos medidas drásticas terei que tomar — disse autoritariamente. —

Aproveite que ainda estou sendo generosa em consideração à nossa amizade.

— Isso não vai fazê-lo voltar para você — respondi.

— É aí que você se engana, querida amiga. Erik sempre volta para mim

— disse satisfeita, e sorriu assim que percebeu minha expressão de deboche.

— Ele não deve ter te contado isso, certo? Assim que ele se cansa das mulheres como você, ele volta a me procurar, porque entende o que de fato é bom para ele. Sejamos sinceras, você não está nem perto do nível dele —

finalizou, e considerei aquilo um grande e desesperado blefe.

Sorri abertamente com sua última colocação. Ela estava certa sobre essa parte, mas foi burra o suficiente para me subestimar e ignorar uma pesquisa básica sobre mim. Essa seria a minha vantagem. Enquanto ela não soubesse quem eu era, estaria um passo à frente. Enquanto ela me considerasse como mais uma interesseira na vida de Erik, eu conseguiria bolar alguma saída.

— E se eu recusar? — perguntei.

Stella se limitou a abrir sua pasta, procurar por uma folha impressa

específica e me entregá-la. Li o conteúdo rapidamente e senti meu coração parar por alguns segundos e, quando finalmente voltou a bater, estava tão

desesperado que senti as lágrimas queimando meus olhos.

Era uma solicitação de deportação para Mayumi com assinatura e carimbo, alegando que ela estava ilegalmente vivendo no país sem trabalhar ou estudar.

— Só preciso fazer uma ligação e uma dessas será imputada no sistema do governo. Em três dias, minha cunhadinha será mandada de volta para a Coreia, sozinha e precisando de um emprego para sobreviver. Não sei se já te disse, mas minha família é bem influente e seria uma infelicidade gigantesca caso ela tivesse dificuldades em sobreviver em um país que funciona com base na minha vontade — explicou, e cada palavra parecia cavar fundo um ódio em meu coração.

Como ela poderia fazer algo assim com a pessoa que amava? Como aquilo poderia ser amor?

— Ele nunca vai ficar com você se souber que você foi a responsável por isso — respondi, sentindo minha voz vacilar pela primeira vez.

Ela sorriu e tirou mais um papel da sua pasta. O conteúdo era exatamente o mesmo, a única diferença era o nome de Naomi. O motivo: enriquecimento ilegal por sonegação de impostos.

— Acho que tomei providências suficientes para conquistar sua confiança e seu silêncio — disse calmamente, enquanto sentia minhas mãos tremerem. Stella riu abertamente quando eu, incapaz e abalada como estava, deixei uma lágrima cair dos meus olhos. — Ah, eu não queria estar na sua pele, Hyuna. Vai ser bem difícil escolher entre continuar com Erik, salvar sua melhor amiga ou impedir que a irmã do seu amado seja mandada para longe dele injustamente. — Stella se divertia cada vez mais com o meu desespero.

Uma sádica fodida e ridícula. Eu nunca havia sentido tamanho ódio e impotência ao mesmo tempo e sabia que aquele era um sentimento que jamais conseguiria perdoar. Por nada. Nem usando meu superpoder bizarro de ser trouxa.

Aquilo era demais para mim.

— Como você conseguiu essa ordem de deportação? — perguntei,

sentindo cada partícula do meu corpo tremer.

— Não há nada nesse mundo que o dinheiro não possa comprar, sabe —

respondeu orgulhosa.

— Nunca vai conseguir comprar o afeto de Erik — disse, e ela deu de ombros.

— Isso eu mesma resolvo. Agora que você já foi devidamente avisada sobre o que precisava saber, espero que tome a decisão certa. Por ser sua amiga e realmente gostar de você, vou deixar que se despeça dele. Uma semana, Hyuna, é tudo o que você tem antes que eu comece a agir. Espero que faça a coisa certa e impeça que tantas pessoas saiam magoadas só porque você quer dar um golpe do baú — finalizou. — O almoço é por minha conta.

— Piscou, tirando algumas notas de sua carteira e deixando-as em cima da mesa. Fez questão de guardar a maldita pasta antes de ir, mas deixou que ficasse com as duas páginas. Obviamente eram cópias.

Antes que ela passasse por mim, segurei-a pelo braço e olhei profundamente em seus olhos. Toda a raiva e desprezo que sentia dentro de mim eram projetados para ela, mas precisava perguntar, por desencargo de consciência.

— Se eu terminar tudo com ele… — comecei, e ela sorriu docemente.

Como a porra de um raio de sol.

— Eu vou cancelar tudo o que tinha planejado. Bom, tudo menos o emprego. Você deve entender que tive que barganhar algumas coisas. Mas sim, a cunhadinha e sua amiga ficarão sãs e salvas — disse e, mesmo sabendo que não poderia confiar naquilo, concordei acenando e deixei que ela fosse embora.

Assim que ela saiu porta afora, já estava com o rosto enfiado nas mãos, chorando desesperada, enquanto todos no lugar me olhavam preocupados.



O vazio que sentia escoou toda a minha felicidade.

Pareceria bobagem, entretanto, imaginei desde o começo que algo ruim aconteceria. Odiei-me por ter desenvolvido um senso intuitivo tão forte depois de já achar que era madura. Claramente, eu não era. Constatar aquilo abalou totalmente minhas estruturas emocionais.

O pior de tudo era que aquela vaca havia me chantageado usando as

pessoas que mais amava no mundo. Quem ela achava que era? Por que ela imaginava, nem que fosse por meio segundo, que fazendo aquilo conseguiria Erik de volta? Ele já a odiava profundamente só pelo que ela tentou causar a Mayumi, imagine se soubesse o que está tramando agora…

Eu estava de mãos atadas. Não poderia arriscar a carreira da minha melhor amiga e nem a de Erik, não me permitiria fazer isso. Não me perdoaria se eu tivesse a oportunidade de proteger aqueles que eu amo e ainda assim optasse por seguir a minha vontade egoísta de namorar meu chefe.

Quando finalmente me toquei que havia muita coisa para resolver em tão pouco tempo, peguei o celular. A ligação ainda estava rodando e chamei pelo nome de Ryan.

— Graças a Deus, já estava indo para aí ver o que tinha acontecido —

respondeu aliviado.

— Ryan… Eu não me importo com o que você faça, qual dos seus contatos você use e nem porra nenhuma. Quero saber quem foi que a ajudou com o e-mail do banco o quanto antes — disse, sentindo aquela crescente raiva se formar no meu peito.

— *Eu já estou fazendo isso, Hyuna. Desde que ela te ameaçou abertamente, comecei a mobilizar minha equipe* — informou.

— Também quero saber se a informação das deportações realmente é verdadeira ou se foi apenas um blefe. Estou te mandando as fotos agora. Vou dar meu jeito para resolver a situação do e-mail, mas o quanto antes você me der um nome, mais cedo vou saber em quem focar minha raiva — disse sem ânimo, enquanto pegava minha bolsa para ir embora.

— *Eu vou, prometo* — garantiu. Mesmo sabendo que confiar em Ryan geralmente não acabava muito bem, não podia me enganar naquilo, já que ele realmente era o melhor no que fazia. Se precisasse me arriscar de novo confiando nele, que ao menos fosse para conseguir resolver essa situação de merda que Stella havia criado.

— E, Ryan? — chamei. — Se você abrir o bico para o meu pai sem me avisar antes, juro por tudo que é mais sagrado que vou acabar com você —

enfatizei, e ele concordou do outro lado antes de desligar.

Voltei para a empresa e Spencer me aguardava na minha mesa com várias pastas divididas, finalizando um Yakisoba numa caixinha de papelão.

Abri as pastas, vi que ela havia impresso alguns dos e-mails que citei e dividiu por todos os chefões que iriam à reunião. Enquanto íamos para a sala de reuniões, ela me contou que tinha feito uma apresentação mostrando as buscas e a agradeci imensamente.

Assim que os gerentes e diretores que estavam em cópia no e-mail estavam devidamente acomodados, dei uma boa tarde e comecei a falar, de pé, enquanto andava aparentando estar calma.

O que eu claramente não estava.

— O intuito dessa reunião é apenas para esclarecer que o e-mail que vocês receberam não foi enviado pelo senhor Young. — Antes que pudessem protestar, continuei. — Como podem ver dentro das pastas, senhor Young usa constantemente uma palavra em específico, mas sempre a escreveu corretamente. Entretanto, nesse e-mail foi a única vez que a palavra estava com a ortografia incorreta — expliquei, passando a maior segurança que consegui tirar de dentro de mim.

Spencer se juntou a mim e passou o slide para uma pesquisa com alguns números. Aguardamos suas explicações.

— De acordo com estudos das mais renomadas universidades do mundo, assim que uma pessoa aprende a grafia para uma palavra, é praticamente impossível mudar aquela forma. Por isso, quando aprendemos a escrever uma palavra da maneira errada, sempre vamos escrevê-la do modo incorreto automaticamente, para somente depois lembrar a ortografia usual — disse, com sua postura pomposa de advogada formada em Harvard. — Por esse motivo, junto às pesquisas que os senhores já viram, chegamos à conclusão de que o e-mail não foi autoria do senhor Young e provavelmente foi uma maneira direta de ataque à imagem da empresa e ao seu plano de negócios —

finalizou.

— Tudo isso é muito interessante, mas não podemos ignorar que foi problemático e vai impactar os resultados tão perto do fechamento semestral.

O pior é que nem na empresa ele está para corrigir o erro — respondeu um dos diretores, se me lembrava bem, da área de projetos.

— Entendo que estejam inseguros, mas já marquei uma reunião com a

diretoria do banco para ainda hoje e vou esclarecer todas essas questões com eles pessoalmente — respondi.

— Qual é a credibilidade que a senhorita poderia oferecer numa situação dessas? Se não me engano, é apenas uma temporária na empresa — uma voz

masculina com um sotaque pesado apontou bem atrás de mim, adentrando a sala.

Virei-me naquela direção e fiz uma reverência leve ao perceber que a voz pertencia a Anthony Beak, CEO da Thousand Corp. Sua postura anciã de asiático quase me impediu de retrucar, no entanto, estava surpresa por ele não me reconhecer. Também fiquei impressionada com o quanto ele foi indelicado na sua colocação, tentando me desmerecer.

— Sim, sou assistente do senhor Young temporariamente, mas também sou formada por uma das universidades mais prestigiadas da Coreia do Sul, que é referência mundial em educação e em gerenciamento empresarial, além de ter especialização pela NYU em aquisição e anos de experiência na área comercial em empresas de renome, como a Forbes — respondi, o mais educadamente que pude. — Tenho experiência suficiente para lidar com essa questão e tenho a confiança do senhor Young e de toda a equipe. Além do mais, Spencer e eu fomos as únicas dispostas a nos mobilizar para resolver a situação antes que tomasse proporções maiores. Isso não conta? — perguntei, e o silêncio foi palpável.

Sabia que havia um enorme elefante na sala, mas não podia e nem tinha forças o suficiente para aturar novas humilhações, principalmente de um homem que deveria se lembrar de mim e abaixar a bola. A postura do senhor Beak continuou intacta, enquanto ele avaliava as minhas palavras. Por fim, suspirou cansado.

— E qual é sua estratégia para reverter a situação? — perguntou.

— Vou ser tão sincera quanto a política da empresa me permitir, essa é a única maneira de conquistar a confiança novamente. Uma vez que eles entendam a gravidade da situação, vou virar o jogo ao nosso favor, senhor —

respondi mais educadamente dessa vez, e o senhor sorriu em descrença absoluta.

— As crianças se tornaram confiantes nos últimos dias — respondeu, rindo, e os demais o acompanharam por pura educação. Afinal, não teve

graça nenhuma. — Vocês estão tão confiantes de que não foi o diretor Young, mas alguns e-mails não serão provas suficientes para acalmar o coração de bancários. — disse, e concordei com um aceno.

Eu sabia daquilo, mas o que mais poderia fazer?

— Já começamos a agir nesse sentido, senhor. Mobilizei as equipes de TI, controles internos e antifraude para realizarem uma investigação mais profunda para descobrirmos o quanto antes quem é realmente culpado —

Spencer disse, e a encarei admirada.

Ela havia se adiantado bem mais que eu.

— Vocês abriram uma investigação interna com a permissão de quem?

— Senhor Beak perguntou e, quando achei que Spencer recuaria, deu um passo à frente.

Go, girl!

— Seguimos as regras e políticas da empresa, senhor. Diz claramente que qualquer funcionário tem autonomia para iniciar uma investigação uma vez que seja comprovado que existe um risco real para a empresa e que as áreas envolvidas concordem em participar a investigação — ela explicou.

— Só eu acho que é uma comoção muito grande para o problema? —

Senhor Beak perguntou aos demais diretores, que pareciam divididos.

— Na verdade, eu acho que seja a melhor opção. Mesmo que de fato tenha sido o diretor Young, precisamos de uma confirmação e provas para, no mínimo, solicitar uma demissão por justa causa — respondeu a diretora de RH.

Esse não era o caminho que queria que aquela reunião tivesse tomado, mas sabia que Erik não havia feito aquilo, então estava tranquila. Mas como Stella tinha muitas artimanhas, fiquei com medo de que aquilo pudesse ser um tiro pela culatra.

— Então, estamos esclarecidos, certo? Assim que tivermos novas informações, voltaremos a nos reunir. Obrigada a todos por separarem um tempo para essa questão — agradeci e nem esperei que me dispensassem, afinal, a reunião era minha. Eu os havia liberado.

Precisava lembrar de agradecer Spencer depois, já que ela havia se

preparado muito bem em tão pouco tempo, mas precisava me apressar para ir até Miami resolver as coisas com o Grencyal Bank. Então, liguei para mamãe para confirmar se havia conseguido o que pedi. Como sempre, ela conseguiu resolver a questão em tempo, também mandou um motorista me aguardar na Thousand Corp para me levar até o aeroporto, onde usaria um jatinho para ir até a Flórida. Sentia-me exausta e levemente enjoada, já que meu estômago não lidava muito bem com o nível de estresse que eu me encontrava naquele momento. Sentia a queimação cada vez mais forte, mas não ousei em parar em farmácia nenhuma, não poderia arriscar um atraso nessa reunião.

Também precisava usar todos os meus neurônios para descobrir uma maneira de resolver aquela situação. Eu não me conformaria em apenas resolver a questão do e-mail. Desde o início, percebi diversos erros na negociação, mas prometi a mim mesma que não faria nada até que houvesse uma situação extrema. Bom, essa situação extrema chegou e eu precisava resolvê-la ou me sentiria culpada pelo resto da minha vida.

Chegando no aeroporto, mesmo estando de salto corri até a área de check-in dos voos particulares e, sem muita demora, fui conduzida até a aeronave. Achei que mamãe tivesse pedido como um favor para alguma das suas amigas *socialites*, mas me impressionei quando percebi que a lateral ostentava em *hangul* dourado o nome do grupo da minha família. Senti-me estranhamente orgulhosa por saber que tinham alcançado aquele patamar nos Estados Unidos…

O Cheon Group era um dos maiores conglomerados na Coreia há quatro gerações, mas expandiram internacionalmente havia apenas vinte e oito anos.

Sim, praticamente a minha idade, mas não era uma mera coincidência, afinal, ser a herdeira coreana de um grupo internacional só perdia para ser uma herdeira de um grupo coreano, mas com todos os direitos civis de um cidadão americano. A minha vida inteira foi premeditada bem antes que eu tivesse nascido.

Contudo, comecei errando pelo simples fato de ser mulher. Podia imaginar claramente a decepção do meu pai ao saber que nunca teria um filho forte de quem pudesse se orgulhar, desde o princípio ele precisou se contentar comigo. Eu era o que havia restado da esperança de fazer que a empresa chegasse nas metas estipuladas pelo meu avô, que comandava o grupo antes de papai.

Acomodei-me numa das confortáveis poltronas e suspirei massageando as têmporas enquanto uma aeromoça super educada informou que decolaríamos em vinte minutos e que minha mãe havia preparado algumas mudas de roupa para que eu pudesse me trocar. Disse também que poderia usar o banheiro para tomar um banho, se quisesse.

Aquiesci, sentindo meus olhos arderem. Apesar de o meu pai só se importar com o que seria bom para o grupo, mamãe só se importava com aquilo que seria melhor para mim. Ela também me conhecia o suficiente para saber que precisaria de um banho e roupas novas. Queria poder abraçá-la naquele momento e perguntar o que deveria fazer, mas eu era uma das razões por toda a bagunça, então o máximo que poderia fazer era resolver sem incomodar tanto a minha família.

Ouvi a notificação do meu celular com uma mensagem sucinta de Ryan, acompanhada de uma foto:

“As ordens de deportação são reais e já estão no sistema aguardando aprovação.”

Na foto, vi a situação de vários nomes e o status ao lado de cada uma delas. Mayumi e Naomi estavam como “em análise”. Senti meu coração se apertar tão forte que não pude evitar de deixar as lágrimas rolarem pelo meu rosto. Estava otimista com a possibilidade de que aquilo fosse um blefe, mas não era.

Agora, a vida de Mayumi, Naomi e Erik dependiam das minhas decisões. Por isso, soube que precisava de uma maneira efetiva de neutralizar Stella, pois temia que, assim que soubesse que estava fazendo o impossível para salvar o emprego de Erik, mandasse uma das duas de volta para a Coreia sem chance de volta. Provavelmente Mayumi, e eu não me perdoaria se aquilo acontecesse.

Levei um susto quando meu celular tocou novamente e vi o nome de Erik estampado no visor. Pigarreei e ajeitei a postura para disfarçar a voz de choro. Torci para que conseguisse mentir perfeitamente.

— Acabei de receber sua mensagem e mais dezenas de outras pessoas…

O que está acontecendo? — perguntou diretamente, e suspirei, tentando forçar um sorriso no meu rosto. Afinal, dava para ouvir um sorriso pelo telefone.

Expliquei a questão para ele de modo sucinto, deixando alguns detalhes de fora, como sua ex-namorada psicopata ameaçando a nossa felicidade.

Também contei do que Spencer e eu descobrimos e que estava a caminho de Miami naquele instante. Ele ouviu tudo sem questionar e suspirou pesadamente no outro lado da linha.

— *Me passe o endereço deles, vou para lá resolver isso* — respondeu.

— Erik, eu já estou indo. Você não vai conseguir chegar a tempo —

respondi.

— *O que você quer que eu faça, Hyuna? Que eu vá para um cassino e encha a cara, enquanto alguém tenta sabotar a minha empresa?* —

perguntou retoricamente.

Não pude deixar de sentir uma centelha de orgulho por ele considerar que a TC era sua. Se já considerava, era mais um motivo para resolver as coisas para ele. O quanto antes.

— Sim, é exatamente isso que quero que faça. Sei que não foi você quem mandou o e-mail e estou indo resolver a questão, já que você não conseguiria chegar a tempo. Então, por favor, confie em mim. Vou resolver isso — pedi.

— *Que tipo de homem eu seria se te deixasse resolver essa questão sozinha? Era o meu nome no maldito e-mail* — retrucou exasperado, e suspirei, sabendo que teria que apelar se quisesse fazer aquilo do meu jeito.

— *Oppa…* — chamei em coreano, usando a voz um tiquinho mais anasalada, como qualquer menina faria na Coreia ao falar com seu namorado.

— Eu vou resolver isso para você, ok? Confie em mim, por favor — pedi da maneira mais confiável e doce que consegui em nossa língua secreta.

— *Isso é golpe baixo, Hyuna. Você não precisa resolver isso sozinha* —

Erik respondeu, mas sua voz já estava mais branda. Sorri fraco.

— Prometo resolver tudo isso para você, custe o que custar — garanti e o ouvi chiar do outro lado da linha. — Aproveite sua viagem e cuide dos meninos — pedi. Depois de alguns segundos, Erik finalmente suspirou em derrota. No final das contas, ele era racional e sabia que era a melhor opção no momento.

Antes que pudesse desligar, Erik me chamou.

— *E, Hyuna?*

— Sim?

— *Eu…* — Fez uma pausa e finalmente continuou. — *Hm, boa sorte na reunião* — disse usando aquele seu lado doce que só aparecia quando estava comigo. Agradeci e desliguei rapidamente para que finalmente pudéssemos decolar.

Aproveitei os mimos que mamãe disponibilizou e tomei um banho rápido. Troquei a roupa por uma um pouco mais formal e optei pelo scarpin preto

altíssimo que ela enviara. Mamãe sabia que tudo que eu precisava para me sentir forte e confiante era um bom par de sapatos altos. Quanto mais alto o salto, maior era a confiança. Refiz minha maquiagem cuidadosamente para não borrar nada com os pequenos solavancos do avião. Usei o tempo restante para acessar os documentos referentes à negociação e verificar os pontos que poderia utilizar ao nosso favor. Quando o piloto anunciou que estávamos a alguns minutos de pousar, eu já tinha meu *pitch* praticamente preparado. Os detalhes, deixaria por conta do improviso para não parecer uma leitura chata.

Assim que aterrissamos, liguei novamente meu celular para checar se havia novidades e, como aquele dia já tinha provado, sempre teriam. Por isso, nem me surpreendi quando o celular começou a vibrar com uma ligação de Ryan.

— Acabei de pousar — respondi diretamente.

— *Ótimo, porque acabei de descobrir uma coisa interessante* — disse, e pedi que continuasse. — *Quando Stella te ameaçou, coloquei alguém em sua cola para ver se descobria alguma coisa, mas minha intuição falou mais alto e pedi que um dos meus amigos voltasse a seguir Britney* — comentou.

— Desembucha logo, Baker — falei sem paciência.

— *Acontece que essa tarde ela se encontrou com o CEO da sua empresa no saguão de um hotel* — disse, e arregalei os olhos.

— Eles são amantes? — perguntei exasperada, novamente julgando uma mulher por sua aparência.

— *Parece que sim, Hyuna, e essa era a conexão que a gente precisava.*

Tenho quase certeza de que ele é a tal pessoa que Stella confessou ter barganhado. Britney foi o intermediário — Ryan explicou. A única coisa que se passava pela minha cabeça era sua atitude na reunião, tentando me desqualificar ao invés de designar alguém melhor para ir no meu lugar.

O velho cretino além de não me reconhecer, ainda me instigou a, de fato, tomar as rédeas da situação, justamente por achar que eu não conseguiria reverter a situação ao nosso favor. Entretanto, ele havia mexido com a

mulher errada e agora dividia um lugar privilegiado no meu ranking do ódio com Stella.

Anthony Beak tentou acabar com a carreira e reputação de Erik, mas eu cuidaria pessoalmente para que o tiro saísse pela culatra. Ele não perdia por esperar.



Desejava ter força suficiente para contar, em detalhes, tudo o que houve depois que finalizei a ligação com Ryan. No entanto, eu havia ativado o modo fria e calculista, que não via nada na minha frente que não fosse minha própria vontade. Naquele momento, a única coisa que me importava era salvar a posição de Erik e acabar com o velho Beak, CEO da TS, e com

Stella, a ex psicopata e assassina de criancinhas.

Na verdade, não seria suficiente para mim apenas manter a posição de Erik. Eu queria e ansiava pela vingança. Nunca perdoaria ninguém que tentasse prejudicar aqueles que eu amava. Jamais. E o erro dos meus dois inimigos foi me subestimar. Logo eu. Parecia até coisa de louco. Como poderia me ofender tanto por ter sido considerada como uma pessoa normal se foi a minha própria decisão viver daquela maneira? No final das contas, papai poderia estar certo: ninguém realmente renuncia ao status da posição quando precisa dele e, naquele momento, eu precisava.

Já imaginava as coisas que meu pai me convenceria a fazer quando pedisse aquilo que era a minha vontade, e não me importaria de fazer nenhuma delas se garantisse que Erik, Naomi e Mayumi continuassem seguros. Corri atrás da minha própria felicidade por tempo demais, então aquela era minha oportunidade de crescer e ser uma pessoa melhor, ser alguém que abria mão das próprias vontades para fazer outro alguém feliz.

Entretanto, não significava que seria fácil abandonar o egoísmo pelo qual sempre vivi.

Passei mais de duas horas seguidas em reunião com o Grencyal Bank.

Nos primeiro vinte minutos, resolvi o mal-entendido do e-mail e, no tempo restante, negociei do zero a prestação do serviço. Foi estressante, difícil e avassalador; afinal, eu estava lá sozinha contra as pessoas mais influentes daquela empresa. Porém, nada era impossível quando eu realmente colocava algo na cabeça. Quando tudo parecia do meu agrado e bem encaminhado, propus que fôssemos jantar num restaurante da escolha deles, por conta da casa. Era o mínimo que poderia fazer depois da bagunça que o nosso próprio CEO causou.

Eu mesma nem toquei na comida, meu estômago inquieto não me deixou fazer muito mais que beber duas taças de vinho e finalmente me despedir de todos, alegando que precisava voltar para Nova York para um compromisso. Deixei a conta paga com mais alguma margem para que se divertissem.

Quando deixei o restaurante e chamei um táxi para voltar para o aeroporto, mandei uma mensagem para Erik dizendo que havia resolvido tudo e que falaria com ele no dia seguinte, quando ele voltasse de Las Vegas.

Aproveitei para ligar para Spencer e dizer de maneira sutil para que ela

verificasse o quanto antes a diretoria e os *C levels* da empresa, assim, teríamos a confirmação de que o CEO estava envolvido até os olhos naquele maldito e-mail. Quando ela perguntou se eu desconfiava de alguém, realmente não tive outra opção senão dizer diretamente.

Ela ficou incomodada, a princípio, mas concordou que a reação do CEO

Beak foi muito suspeita. Disse que me avisaria caso tivesse novidades. Antes do jatinho decolar, encaminhei uma mensagem para Ryan para marcar um encontro no dia seguinte, já que precisaria saber de tudo que ele descobriu antes de falar com meu pai. Depois disso, cochilei um pouco, mas meu coração estava tão aflito que acordava o tempo todo ansiosa, como se pudesse ter alguma ideia que fosse resolver tudo milagrosamente.

Para minha sorte, Naomi não estava em casa e pude me deitar e chorar abertamente sem que ela se preocupasse comigo.

Como não pude pregar os olhos, apenas levantei cedo e tomei um banho demorado para renovar as energias, já que precisaria delas. Enfiei-me numa roupa decente e fiz uma maquiagem um pouco mais elaborada que o habitual para disfarçar as olheiras. Ryan apareceu no apartamento algum tempo depois disso e, enquanto olhava ao redor dos cômodos, parecia impressionado.

— Eu sei que o que você está pensando, mas não, não teve um dedo do dinheiro deles aqui. Foi tudo Naomi e eu — disse, enquanto entregava uma caneca de café para ele e me sentava no chão, na sua frente. A mesinha de centro estava entre nós com alguns papéis, fotos e um notebook.

— Fico feliz que você tenha conquistado suas coisas sem eles… —

respondeu, e concordei com um aceno.

— Você conseguiu alguma solução para a deportação das meninas? —

perguntei, e ele negou com um suspiro.

— É muito arriscado usar meus contatos para resolver isso. Como eles não são exatamente de dentro do governo, isso tudo pode ricochetear de volta em vocês, e aí a situação pode ficar ainda mais complicada.

— Não posso me dar ao luxo de correr esse risco, por isso preciso do máximo de provas que tiver contra o senhor Beak… Estou indo conversar com papai — disse, e Ryan me olhou desconfiado.

— Você sabe que se pedir a ajuda dele… — começou, mas o interrompi

antes que terminasse.

— Eu sei, mas não temos outra solução, temos? — perguntei retoricamente.

— Não até quarta-feira — respondeu, e ergui uma sobrancelha sem entender. — Vai me dizer que não percebeu? Quarta-feira é dia trinta, como nos bilhetes das flores. Também é a tal da reunião do conselho para apresentação dos resultados do semestre. Oportunidade perfeita para sugerir a demissão do seu chefe — explicou pacientemente, e bati com a palma da mão na testa.

Como eu não tinha me tocado daquilo? Era tão óbvio!

Não tinha mesmo tempo a perder, então juntei tudo que Ryan me levou numa pasta e me levantei. Precisava convencer meu pai e sabia que não seria fácil. Ele era tão cabeça dura!

Ryan se ofereceu para me levar até Hamptons e não ousei recusar. Eram quase duas horas de viagem e eu não sabia dirigir de qualquer maneira.

Durante o caminho todo, ele recebeu diversas ligações de pessoas dando status de vários casos. Imaginei que a maioria estivesse relacionado ao de Erik, mas não dava para ter certeza, já que ele usou fone de ouvido ao invés do *bluetooth* do carro. Minha mente não parou de trabalhar nem por um segundo e, no intervalo das ligações, compartilhava com Ryan algumas das ideias que tivera, mas, como a maioria delas necessitava de uma influência muito maior do que a que eu tinha, tudo acabava levando a papai de qualquer maneira.

Eu sempre adorei a casa nos Hamptons. Tinha essa estrutura grandiosa de casa de veraneio, mas com o toque pessoal da minha mãe por todos os lados, com todo seu bom gosto pela arquitetura clássica sendo evidenciado na entrada majestosa sustentada por duas largas pilastras e nos detalhes em branco, dando destaque ao tom mais incrível entre amarelo e bege da maior parte externa da casa com longas janelas, que permitiam que o sol iluminasse e aquecesse o lugar durante o dia todo.

Na infância, morei no Queens, já que mamãe nunca foi grande fã dos apartamentos de Manhattan, mas depois que fugi de casa aos dezoito anos, foi difícil para ela continuar na casa que tinham tantas memórias nossas.

Como meu pai já estava mais afastado das operações do grupo, aceitou viver

tranquilamente na casa que eu encarava naquele momento. Tomei coragem de finalmente tocar a campainha e não pude evitar de me sentir nostálgica, lembrando dos meus amigos da época de colégio, que viviam aqui no verão para aproveitar todo o luxo que o condomínio disponibilizava, em conjunto com a proximidade com a praia. Como estávamos entrando no inverno, o oceano à frente não era tão convidativo quanto na minha memória.

Depois de alguns segundos, uma mulher de traços asiáticos uniformizada com roupa social abriu a porta e sorriu com curiosidade para Ryan antes de fazer uma reverência demorada.

— Senhorita Park, quanto tempo. Tem passado bem? Entrem, por favor.

— cumprimentou em coreano e, assim que passei pelas portas da casa, a abracei com força. Ela riu sem saber o que fazer com as mãos.

— Kim Ji An, não acredito que ainda está trabalhando aqui! — disse com um sorriso.

— Mas é claro que estou, senhorita. Como poderia deixar o lugar que trabalhei minha vida inteira? Devo tudo que tenho à sua família — respondeu com um sorriso contido e as bochechas coradas.

— E as sobrinhas, ainda estão na Coreia? — perguntei, e ela concordou com um aceno desanimado.

— Elas não querem vir para a América e eu ainda não tenho intenção de voltar, então continuamos distantes, mas nos falamos todos os dias e ainda envio dinheiro para elas, graças a você. — respondeu com olhos marejados e passei o braço pelos seus ombros dando certo apoio. Não queria que ela chorasse.

— Deixe disso Ji An… Se tiver qualquer coisa que eu puder fazer para ajudar, é só me avisar — ofereci, e ela pareceu momentaneamente desconcertada, o que significava que tinha algo acontecendo. — Desembucha

— mandei, e ela sorriu.

— A minha sobrinha mais nova se formou tem pouco tempo e está procurando um emprego novo. Posso te mandar os detalhes depois? Sei que a senhorita ainda tem alguns amigos na Coreia… — pediu com vergonha, e concordei com prontidão.

— Prometo te ajudar com isso. Mamãe está em casa? — perguntei,

mudando de assunto dada a gravidade da situação. Prometi a mim mesma que voltaria para passar um tempo de verdade com minha família, e isso incluía Ji An.

— Está no estúdio. Posso trazer algo para vocês beberem? — perguntou educadamente em inglês, para que Ryan finalmente pudesse entender.

— Preciso de algo forte, Ji na. Ryan está dirigindo, então nada alcoólico para ele — respondi, atravessando o hall espaçoso em direção à sala de estar.

O estúdio ficava ao lado do escritório do meu pai.

Precisava da minha mãe primeiro.

Quando abri as portas duplas, já tinha dificuldade de enxergar pelos olhos marejados. Mamãe estava em frente a um cavalete com um pincel na mão, olhando atentamente para o conteúdo à sua frente. Olhou de soslaio para a porta e, quando percebeu que era eu, abriu um sorriso enorme e caloroso, assim como seus braços, para que pudesse correr para seu colo.

Assim que a abracei, não tive a menor chance de controlar minhas lágrimas e chorei copiosamente. Até soluçar. Toda a raiva, frustração e medo que havia guardado até aquele momento transbordaram, enquanto ela acariciava meu cabelo e tentava me acalmar com palavras de conforto e compreensão.

Sendo que ela nem sabia o que havia acontecido.

Aquela era a minha mãe.

Depois de alguns minutos, finalmente consegui me acalmar o suficiente para secar as lágrimas. Encarei-a com um sorriso fraco. Mamãe, por sua vez, acariciou meu rosto com carinho.

— O que houve, meu amor? — perguntou, e a segurei pela mão para que pudéssemos nos sentar nas poltronas que ficavam dispostas perto da parede.

Precisei contar a situação toda, não apenas as ameaças, mas toda a história entre Erik e eu. Quando eu era mais nova, dificilmente escondia as minhas aventuras com os meninos dela, justamente porque ela nunca me julgou e sempre me deu bons conselhos, além de me ajudar a superar quando algo ruim acontecia. Por isso, ela ouviu tudo atentamente e praticamente não fez perguntas durante todo o meu monólogo. Em algum momento, Ji An entrou para servir um chá à mamãe e me ofereceu uma dose de whisky. Não

era minha bebida preferida, mas realmente precisava de algo forte para continuar, mesmo depois do meu estômago reclamar pelo amargor da bebida.

No momento em que finalizei, mamãe parecia processar tudo com calma. Sua postura impecável me dava inveja às vezes. Ela conseguia estar perfeita em todos os momentos e, ainda que estivesse pintando há alguns minutos, não tinha sequer um resquício de tinta em suas roupas ou mãos.

Finalmente, minha mãe suspirou com um olhar que só pude definir como ternura e pena, se é que aquilo poderia ser possível.

— Quando minha pequena Hyuna finalmente abriu o coração, algo assim aconteceu… — disse, segurando minhas mãos entre as suas.

Concordei, tentando respirar fundo para acalmar as lágrimas que teimaram em aparecer. — O que você está pensando em fazer para resolver?

— Só tenho uma opção, mãe. Papai vai precisar me ajudar com o conselho. Não quero mais aquele homem lá — respondi, e ela concordou com um aceno.

— E em relação à mulher que te chantageou? — perguntou, e aquilo foi suficiente para um gosto amargo preencher minha boca.

— Eu vou acabar com ela — respondi com convicção. Ela inclinou a cabeça de lado, observando-me atentamente. A essa altura, não sabia se ela estava preocupada ou se estava assustada com minha postura. — Não é minha intenção te decepcionar, mas o que ela me fez sentir… O que ela está me obrigando a fazer… Não posso perdoar isso. *Não quero* perdoar.

— Não estou decepcionada, meu amor. Só estou preocupada porque você passou tempo demais longe da sua família, do seu estilo de vida. Me preocupo em como você vai se sentir. Tem certeza de que conseguiria viver bem depois de destruir a vida de alguém? Foi desse tipo de coisa que você fugiu aos dezoito anos.

— Se for para evitar que quem eu amo se machuque de novo, pouco me importo com como vou me sentir — disse sinceramente.

— Quero que você me prometa que vai seguir as instruções dela por enquanto, não podemos confiar numa mulher desequilibrada — pediu, e concordei prontamente. — Você precisa estar dois passos à frente, querida.

Um só não é suficiente para a herdeira do *Cheon Group* — mamãe encorajou,

citando o lema da nossa família como um estilo de vida. Gesticulei positivamente antes de secar as lágrimas do meu rosto, agradecendo a Deus por ter usado um rímel à prova d'água.

— Eu prometo. Também aceito sua ajuda. Caso tenha algum podre sobre a família dela — pedi — Agora, preciso falar com a fera — disse, e mamãe riu junto comigo enquanto nos levantávamos.

— Não fale assim do seu pai… — repreendeu.

Saímos do estúdio e Ryan veio cumprimentá-la com uma reverência leve. Mamãe me lançou um olhar discreto, mas significativo. Porém, levando em consideração a emergência, preferiu sorrir educadamente em resposta.

Estendi a mão para que ele me entregasse a pasta e, assim que o fez, recebi uma mensagem de Spencer com um anexo. Abri rapidamente o conteúdo para verificar a mensagem que o acompanhava.

“*Fiz o que me pediu e de fato foi o CEO. Ele agiu através de um funcionário de TI que estava com uma avaliação ruim há algum tempo, mas foi descuidado e esqueceu de apagar um e-mail em que pedia a conta do rapaz para fazer um depósito. Assim, conseguimos resgatar toda a conversa.*

Eles combinaram tudo por e-mail, o que foi bem estúpido da parte dele.

Também percebemos rapidamente que esse rapaz usava a palavra incorretamente com frequência. Com isso, comprovamos de uma vez por todas que ele foi o responsável. O CEO também fez questão de instruir que o e-mail fosse rastreado para o computador de Bill Jones caso algo desse errado. Te encaminhei tudo em anexo. ”

Então era isso que Stella queria dizer mandando flores para casa de Laura… Fazer parecer que Bill havia traído o melhor amigo era tão repugnante. Já não esperava mais nada vindo daquela naja.

Ainda assim, respirei um pouco mais aliviada, pois sua mensagem me deu a coragem que faltava para enfrentar meu pai com uma prova incontestável. Pedi que Spencer não enviasse ainda o resultado da investigação e disse que resolveria tudo com ela mais tarde.

Dei passos firmes até o escritório de papai e bati duas vezes na porta.

Quando sua voz rouca deu permissão, entrei com um sorriso contido, sendo seguida por minha mãe. Esparramei-me na poltrona em frente a sua longa mesa de madeira. Meu pai observou a cena sem expressar nenhuma emoção

e, depois de longos segundos encarando-nos, finalmente revirei os olhos e fiquei de pé, apenas para fazer uma reverência. Sabia que não poderia ser debochada, então controlei meu corpo rebelde e voltei a me sentar com a postura alinhada. Ele finalmente esboçou um sorriso.

— O que traz a minha filha ingrata de volta para casa? — perguntou cínico, e joguei a pasta de Ryan sobre a mesa audivelmente, cruzando as pernas enquanto ele avaliava o conteúdo. — O que é isso? — perguntou, ajustando os óculos na ponte do nariz. Sorri, percebendo que ele estava começando a envelhecer.

— Quero a demissão de Anthony Beak. — Fui direto ao ponto, e papai ergueu os olhos dos documentos para me observar em questionamento. —

Todo o conteúdo da pasta são as provas de que ele agiu ativamente para prejudicar um funcionário e isso causou um estrago enorme com o maior cliente da Thousand Corp — disse, e ele leu todos os documentos atentamente, como se quisesse me provocar com toda a sua demora.

Quando finalmente acabou, depois de uma eternidade, tirou os óculos, jogando-os em cima da mesa, e juntou os dedos sobre o colo com uma sobrancelha erguida.

— Você quer que eu demita o CEO da maior divisão do grupo porque ele mandou um e-mail cancelando um contrato? — perguntou.

— Não… Quero demiti-lo porque ele fez isso usando o nome de Erik apenas para prejudicá-lo. Na pasta também tem provas de que ele usou os contatos dele para impedir que várias das negociações fossem finalizadas e isso tem refletido no resultado da empresa. Pela primeira vez em cinco anos, vamos ter um resultado semestral abaixo da meta. Muito conveniente quando começam a surgir rumores de sua aposentadoria — esclareci, e papai sorriu com maldade.

— Eu tive tanto trabalho para te fazer ao menos aceitar a trabalhar lá em primeiro lugar. Estava tão relutante em tentar essa vaga temporária, então me pergunto de onde vem tanta determinação para proteger a empresa que você abandonou — disse, e o encarei com raiva.

Ele sabia que eu havia ido trabalhar lá apenas porque mamãe implorou que desse uma chance para conhecer a empresa antes de abrir mão da minha herança de uma vez por todas. Então ele provavelmente sabia sobre Erik.

— Você sabe… — sussurrei, e papai deu um tapa na mesa que me fez pular de susto. Mamãe o repreendeu, mas não poderia se envolver muito mais do que isso. Os assuntos da empresa eram jurisdição do papai.

— É claro que sei! — gritou em resposta, e precisei desviar o olhar para não chorar. — Não foi difícil, já que vocês andam juntos para cima e para baixo como dois adolescentes inconsequentes, se encontrando tarde da noite como

se fossem algum tipo de celebridade… — continuou raivosamente, e nem quis pensar na possibilidade de Ryan ter algum dedo naquilo.

— Então sabe por que estou pedindo que me ajude a tirar Anthony de lá.

O senhor nunca perdoou ninguém que prejudicou a empresa, espero que não tenha mudado nisso — respondi.

— Mas é claro que não mudei. Ninguém sai impune depois de tentar destruir a empresa que seus ancestrais se empenharam tanto em construir.

Porém, não tenho nenhum motivo para te dar o poder da demissão dele de mão beijada… O que você fez para merecer? Cuidou da empresa algum dia?

Se responsabilizou pelas pessoas a quem damos emprego ou se preocupou em visitar seu pai e sua mãe nos últimos meses uma vez sequer? — O seu tom aumentava gradativamente a cada frase e suas palavras me atingiam em cheio. — Você deveria ter vergonha de vir até a casa dos seus pais pedir por um favor quando nunca foi uma boa filha, nunca assumiu a responsabilidade que carregava no seu nome. Ainda me deu desgosto quando fugiu de casa, me deixando em maus lençóis com a família, com a imprensa e os acionistas. Se lembra como ficou a condição da sua mãe? O quanto ela sofreu quando você desapareceu? Como você ousa me pedir um favor agora, Hyuna? —

perguntou.

A essa altura, eu não podia sequer olhar em seus olhos. Fitava minhas mãos, enquanto arrancava os poucos resquícios do esmalte que tinha na minha unha e tentava muito não chorar na frente do meu pai. Eu sentia tanto ressentimento em relação à minha criação e ao quanto ele me privou durante minha adolescência, mas nunca tinha de fato parado para analisar o impacto que a minha atitude egoísta causara na minha família.

Agora, estava na sua frente, pedindo um grande favor, sendo que nunca tive a decência de me desculpar com ele. E ainda era negligente nas coisas mais básicas, como visitá-los com frequência. Estive tão focada em mim mesma por tanto tempo, nutrindo o sentimento de injustiça, que não me

permiti ser uma filha carinhosa ou decente, mesmo com a minha mãe, que nunca me julgou e que me amou incondicionalmente; até com meu pai, que nunca me deixou faltar nada, mesmo com seu jeito explosivo.

No final das contas, eu continuava sendo uma filha ingrata e hipócrita de sempre, que só os procurava quando precisava de algum favor.

Entretanto, aquela era a minha única opção para salvar minhas amigas e o homem que eu amava, e não poderia perdê-la pelos erros do passado. De alguma maneira, sentia-me capaz de começar a melhorar a relação com meus pais a partir daquilo. Eu só precisava de uma chance para resolver as coisas.

— Papai… — pedi, como fazia quando era mais nova. — Não posso deixar que façam isso com Erik, por favor. Faço o que o senhor quiser, mas me ajude a resolver isso — pedi, sem conseguir olhar para ele.

— O que eu quiser? — perguntou, e ergui os olhos em sua direção apenas para ver sua expressão irritada se transformar aos poucos, enquanto ele avaliava as opções. Eu sabia exatamente o que ele queria, então me adiantei.

— Eu vou aceitar o meu papel como herdeira e vou assumir o seu lugar na presidência do conselho assim que o senhor decidir se aposentar —

ofereci, e ele encolheu os olhos, desconfiado, enquanto pensava nas minhas palavras.

Pareceu uma eternidade até que finalmente suspirou, cansado, antes de concordar com um aceno. Antes que eu pudesse ficar feliz, ele ergueu seu indicador, fazendo-me congelar no lugar em expectativa.

— Parece uma boa oferta. Uma vez que você vai assumir a presidência, pode demitir quem quiser, mas tenho uma outra condição inegociável —

disse, e pisquei apreensiva.

— Qual condição? — perguntei desconfiada.

— Você vai precisar honrar o compromisso do qual escolheu fugir quando tinha dezoito anos — respondeu, e arregalei os olhos, espantada.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — questionei com a voz trêmula, e papai recusou com um gesto.

— Nunca falei tão sério — garantiu. — Como você espera que eu confie

na sua palavra de assumir o grupo? Como vou garantir que você não fuja da sua promessa e deixe tudo o que sua família construiu para aquele homem que mal conhece? — perguntou retoricamente.

Senti o peso do mundo nos meus ombros e fechei os olhos com força para não gritar com ele. Eu estava disposta a resolver as coisas com meu pai há poucos minutos e agora, com uma única frase, ele foi capaz de estragar todos os planos que tinha feito para a minha vida.

— O senhor não pode fazer isso comigo… Qual sentido faz eu me casar agora que eu sei que o amo? — perguntei, sentindo meu coração se afundar em tristeza, pois sabia que não havia outra maneira de resolver aquela situação.

Odiava tanto me sentir encurralada e sem opções. Sentia cada parte minha se despedaçar e sabia que, dessa vez, seria praticamente impossível fazer que tudo voltasse para o lugar.

— Essa é a minha condição. Quer demitir Anthony? Assuma a empresa.

E, para assumir a empresa, você vai se casar com um homem que tenha um perfil a altura do seu. Assim, vou ficar mais tranquilo de que esses abutres vão parar de tentar de tirar vantagem da sua inocência — papai finalizou, autoritariamente.

Mamãe se sentou no braço da poltrona em que eu estava e acariciou meus cabelos com cuidado, enquanto eu soluçava sem reação nenhuma.

— Hyuna… o papai está certo. Você realmente precisa se casar com alguém à sua altura, e o diretor Young ainda não chegou no seu nível —

mamãe disse com pesar em sua voz, o que só me fez chorar ainda mais, sem saber como lidar com aquela decisão.

Como poderia escolher entre os salvar e manter meu estilo de vida?

Como poderia salvar o emprego de Erik e ainda assim continuar com ele?

Que tipo de pessoa eu seria se decidisse não fazer o que estava ao meu alcance para resolver aquela situação de merda?

Era tão injusto! Se eu não fizesse nada, Erik perderia o emprego e eu não poderia ficar com ele sem correr o risco de mandar Naomi e Mayumi para a Coreia como reféns de Stella. Salvando o emprego de Erik, eu sabia que Stella ficaria em maus lençóis com o CEO e, por isso, mandaria Mayumi

para atingir a Erik. Entretanto, se aceitasse a proposta do meu pai, teria sua posição. Poderia propor a demissão de Beak e ainda teria a influência da minha família para tentar neutralizar Stella.

Com a última gotícula de coragem que eu tinha no meu corpo, me afastei do toque da minha mãe e encarei meu pai.

— Quero controle total, de tudo — exigi, e ele concordou com um sorriso começando a se formar em seus lábios. — Também quero continuar gerenciando a NK — completei e papai suspirou, descontente.

— Pode ficar tranquila, meu amor, você pode continuar com o ateliê.

Podemos até verificar uma maneira de incluí-la na divisão Hana, que cuida da nossa rede de lojas de departamento — mamãe permitiu, e recebeu um olhar reprovador do meu pai, mas que também não discordou. — Vá para casa resolver as suas coisas que a mamãe vai cuidar do restante — ofereceu, e concordei sem ter forças para recusar ou tentar barganhar mais alguma coisa.

Levantei-me com dificuldade e fiz uma reverência demorada para cada um deles, agradecendo por terem me concedido aquele favor. Entretanto, não me sentia nenhum pouco feliz como achei que estaria se conseguisse o que queria. Na verdade, saí de lá sentindo-me ainda mais triste do que quando entrei. Contudo, no final do dia o ditado estava certo: quanto mais é dado, mais é cobrado. Eu precisava aprender a lidar com a dor que estava sentindo.

Antes de realmente sair do escritório, por desencargo de consciência, decidi perguntar os planos deles para confirmar se realmente esperavam que eu cumprisse a promessa exata dos meus dezoito anos.

— Quem vocês têm em mente?

Mamãe encarou-me intensamente com uma convicção que só podia significar que, o que quer que ela dissesse, teria um significado muito maior do que ela demonstraria.

— Você sabe que sempre foi nosso plano que você se casasse com o herdeiro do *Daesung Group* — respondeu, e suspirei, entendendo que não conseguiria fugir nem se quisesse.

De fato, era difícil fugir daquilo que havia sido premeditado anos antes do meu nascimento. No final das contas, não estava surpresa que eles não fossem mudar em nada o plano inicial. Eu havia fugido de casa há oito anos

para não me casar com Soo Jiseok, mas agora havia oficialmente voltado à estaca a zero. Para salvar o homem que eu amava, teria que me casar com o que nunca vi como nada além de um bom amigo.

Fiz uma última reverência antes de deixar o escritório, sentindo-me completamente exausta, e me arrastei vagarosamente até a porta da casa.

Entretanto, antes que pudesse pisar no lado de fora da casa, ouvi minha mãe chamando-me. Encarei-a desanimada, enquanto ela sorria. Nunca tinha a visto agir tão injustamente comigo na vida como naquele momento.

— Não olhe para mim assim. Não estou feliz com o rumo que essa conversa tomou, mas prometi te ajudar com aquela mulher, e me recordei que a Daesung recentemente adquiriu a maioria das ações dessa empresa de logística com muito potencial de crescimento. Você sabe o que isso significa?

— mamãe perguntou.

Fechei os olhos, finalmente entendendo o que ela queria dizer. Senti-me arrependida por ter sido uma filha tão ingrata por tanto tempo. Ela de fato

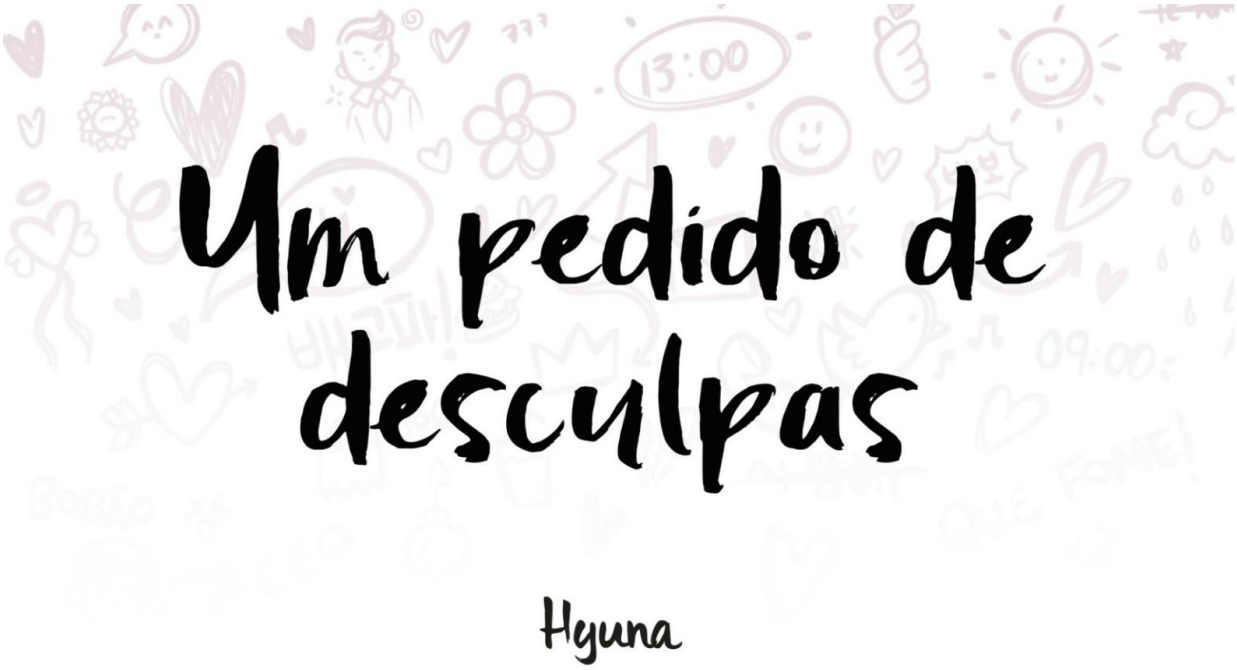
havia pensado em tudo.

— Quer dizer que eu vou conseguir derrubar a vadia — respondi, e ela sorriu com orgulho para mim.

— Um passo à frente dos nossos inimigos não é suficiente, Hyuna, nunca se esqueça disso. Pelo menos dois — disse, acariciando meu rosto, e concordei com um aceno, enquanto sentia um pouco da minha energia se renovando.

Havia, de fato, uma luz no final de cada túnel. Eu só precisava calcular cuidadosamente as próximas decisões, assumir o lema da minha família como um mantra particular e me preparar para todas as eventualidades que pudessem vir a acontecer.

Naquele dia, deixei para trás a pessoa que sempre tive orgulho de ser e me tornei a mulher que precisava ser para salvar quem eu amava. Naquele dia, finalmente aceitei em meu coração a realidade da qual tentei a todo custo fugir: eu era Park Hyun-ah, a herdeira do Cheon Group, uma das maiores empresas da Coreia e caminhando para ser a maior dos Estados Unidos, e não havia nada no universo que essa minha versão não fosse capaz de fazer.



Dizer que eu estava exausta e terrivelmente triste seria eufemismo.

Sentia-me completamente despedaçada por dentro, mas ao menos o meu reflexo no espelho conseguiu enganar bem aquele turbilhão de emoções em mim.

Naomi sorria orgulhosamente, enquanto usava uma pequena tesoura para remover alguns fios que pudessem estar soltos pelo vestido azulado que eu usava. Seu dorso justo e o decote em formato de coração davam à peça uma sensação de realeza em contraste com a longa e esvoaçante saia delicadamente florida do vestido. Obviamente, tudo o que Naomi fazia era espetacular, mas eu era apaixonada por aquele modelo desde que o vi a primeira vez em um dos seus milhares cadernos de desenho, e só esperava uma oportunidade à altura para usar algo tão leve e romântico quanto aquela peça. E, só agora que a minha vida estava acabada, encontrei a oportunidade perfeita: o casamento do Charlie.

Ao sair da casa dos meus pais, ainda estava chocada demais para fazer qualquer coisa, mas, conforme fomos nos aproximando novamente do centro de Nova Iorque, sabia que precisava resolver muitas coisas. A primeira delas foi contar a verdade a Spencer, além de, é claro, fazê-la prometer que não faria nada sobre o que havia descoberto, garantindo que eu resolveria tudo na quarta-feira. Depois de muito relutar, finalmente ela aceitou, após pedir que ela avaliasse o contrato que eu sabia que meu pai me mandaria para assinar antes que eu pudesse tomar qualquer decisão estúpida. Spencer concordou prontamente, e sabia que ela estava curiosa para saber o quanto do que eu havia compartilhado era verdade.

Depois disso, usei os arquivos de Ryan para ligar para Stella para informar que havia decidido aceitar a proposta dela e que terminaria tudo com Erik até quarta-feira, já que havia prometido a ele que iria ao casamento.

Ela estava tão feliz que me enojou, e eu só não botei tudo para fora, pois já estava há mais de um dia sem comer nada. No final, teve a audácia de dizer que seria benevolente e que me deixaria ter esse último momento com ele no casamento, em consideração à nossa amizade, mas que, se não terminasse tudo até o dia combinado, ela mandaria uma das duas meninas de volta para a Coreia. Não ousou dar sinais de qual delas seria, entretanto, calculei que seria Naomi.

Por isso, naquele momento, a única coisa que poderia fazer era fingir que estava bem pelo bem de Naomi, Mayumi e de Erik. Naomi perguntou

diversas vezes o que havia acontecido e, quando percebi que ela não ficaria em paz até que falasse alguma coisa, contei que fui até a casa dos meus pais e que tivemos uma briga. Ela sabia o quanto nossa relação era conturbada, por isso aceitou o meu estranhamento sem questionar muito mais, o que era um alívio naquele momento.

Naomi nunca foi do tipo que forçou a minha barra, por isso era minha melhor amiga, já que sabia que, eventualmente, quando estivesse preparada, eu mesma iria até ela. Então, se contentou em arranjar os últimos detalhes do vestido, enquanto me aprontava para o casamento de Charlie, e usei toda a minha cara de pau para botar um sorriso no rosto e fingir que tudo estava bem.

Depois de uma quantidade satisfatória de maquiagem e da ajuda de Naomi para fazer uma trança embutida na metade superior do meu cabelo, deixei o restante solto em ondas delicadas e poucos fios da minha franja à mostra para complementar o visual que queria demonstrar naquele dia. Eu precisava me mostrar como realmente era para Erik uma última vez, totalmente aberta e vulnerável, a minha versão de mim que descobri mais gostar.

O interfone tocou, anunciando que Erik estava aguardando em frente ao prédio, e senti meu coração traiçoeiro protestar. Precisei respirar profundamente, enquanto enfiava os pés numa sandália alta perolada e Naomi corria ao meu redor, enfiando brincos nas minhas orelhas. Depois correu para meu quarto em busca da bolsa que havíamos escolhido algum tempo atrás e guardou o kit de primeiros socorros para retocar a maquiagem, meu celular, documento e um cartão de crédito. Aproveitei o momento para borrifar um pouco de perfume e me olhei uma última vez no espelho, colocando um sorriso no rosto pela imagem que via.

Naomi estava tão extasiada com minha imagem que percebi que se ficasse mais um pouco acabaria chorando de emoção. Despedi-me e saí do apartamento, usando todo meu autocontrole para ficar de pé, sabendo que precisaria mentir para o meu chefe alguns momentos depois. Mas tentei

pensar positivamente. Aquele era o meu último momento com ele, então teria que ser perfeito para compensar uma vida inteira sem o ter comigo.

Desci o elevador, passei pelo hall e saí no portão que dava para a rua, dando de cara com a imagem de Erik usando um smoking cinza, escorado no

capô da sua reluzente Ferrari vermelha. A mesma que usamos para ir à casa do lago. Tinha certeza de que parecia patética admirando toda a beleza daquele homem. Depois de me olhar dos pés à cabeça diversas vezes, finalmente focalizou no meu rosto e sorriu abertamente, iluminando completamente o meu humor. Caminhei calmamente até ele e, quando finalmente o alcancei, percebi o quanto parecia afetado ao me observar. Sorri abertamente e ele copiou o gesto antes de rir.

— Você vai me deixar louco, Hyuna — disse, desviando o olhar para longe para respirar fundo. Começamos a rir juntos.

— Louco por quê? Ainda não fiz nada — respondi de bom humor. Erik deu um passo para mais perto e tocou meu rosto com cuidado, enquanto encarava minha boca com um sorriso sorrateiro.

— Você não precisa fazer nada, só por estar perto de mim já é motivo suficiente para me fazer perder o juízo… — respondeu, encarando meus olhos de novo. Engoli em seco, percebendo todo o desejo que fluía de um para o outro. Respirei fundo antes de sorrir novamente.

— Vamos? É deselegante chegar mais atrasada que a noiva — brinquei, e ele concordou, abrindo a porta para que eu entrasse no carro.

Assim que se acomodou e deu partida no carro, finalmente tocou no assunto que sabia que o estava perturbando desde sexta-feira.

— Então a questão do e-mail, como estamos? — perguntou, e o olhei com um sorriso fraco.

Contei a ele tudo o que havia acontecido, deixando de fora o encontro com Stella e as ameaças. Também não contei que tive que pedir ajuda de Ryan ou que havia descoberto quem era, muito menos que havia barganhado a demissão do seu chefe e que teria um casamento arranjado. Por isso, foquei

em contar sobre as reuniões com os chefes e sobre como Spencer me ajudou a entender que não fora ele o responsável.

De tudo o que falei, Erik pediu mais detalhes sobre a reunião com o banco. Contei o máximo que pude lembrar, já que na verdade aquela reunião passou como um flash. Erik acenava prestando atenção em tudo., inclusive na estrada, e vez ou outra esboçava um sorrisinho que não sabia se era de contentamento ou se ele apenas achava engraçado a forma como eu

negociava.

— Devo admitir que estou muito surpreso — respondeu.

— Com o que exatamente?

— Sua negociação é um ponto a se admirar, não tinha ideia de que você era tão… — Erik pensou por um momento antes de rir. — Corajosa, talvez?

O rumo que você tomou foi bem arriscado.

Sorri.

— Estamos há, o que, seis meses trabalhando juntos? Você ainda não tinha percebido que eu era corajosa? — perguntei, fingindo estar ofendida.

— Eu supus que sua confiança se limitava à insistente vontade de me provocar — retrucou de bom humor. — Mas brincadeiras à parte, realmente estou impressionado, mais ainda por você tomar a frente e cuidar do problema com tanta maturidade. Sinto que devo um grande pedido de desculpas — disse, e o encarei de soslaio.

— Desculpas pelo que? — perguntei, e Erik segurou minha mão com delicadeza.

— Pelas vezes que eu disse que não via talento em você. Fui um babaca e você se desdobrou toda para salvar minha bunda coreana. De alguma maneira, sei que faria isso mesmo que não estivéssemos juntos — confessou, e precisei olhar para o lado de fora da minha janela para controlar as lágrimas que se formavam nos meus olhos. — Sinto muito mesmo, e estou

muito agradecido que tenha feito isso por mim e pelo nosso time — continuou sinceramente, e não pude evitar que uma lágrima furtiva caísse dos meus olhos.

Nosso time.

Sequei-as rapidamente e apertei um pouco mais sua mão. Eu precisava tanto daquele toque para ter coragem! E, como não sabia como responder ao seu pedido de desculpas, apenas me lembrei de mamãe e do quanto suas palavras me confortavam.

— Tudo por você — respondi e recebi um rápido olhar surpreso de Erik, antes de ele sorrir abertamente enquanto voltava a encarar a estrada à nossa frente.

Quando Charlie comentou que os preparativos do seu casamento o estavam deixando pobre, achei que fosse um exagero típico de sua personalidade. Entretanto, assim que fomos recepcionados, entendi exatamente o que ele queria dizer. Tudo estava incrivelmente lindo e organizado, a decoração era minimalista e intimista e, na minha experiência, era caríssimo para o simples parecer extraordinário como estava.

A igreja era quase circular e bastante clara, até mesmo os bancos eram de uma cor creme e, diferente da maioria das igrejas que eu já havia visitado, era tão clara. As luzes entravam por todos os lados, o que dava ainda mais destaque para os pouquíssimos focos da decoração. O tapete até o altar era branco e estava disposto sob um caminho de pétalas de rosas brancas com o que imaginei ser glitter levemente rosado. Luzes delicadas de *led* faziam o meio da igreja parecer uma passarela de desfile de grife. Como o centro da igreja era claramente o maior ápice do casamento, eles usavam alguns poucos arranjos florais sustentados por um longo e fino pedestal dourado, que também se repetia no altar para compor o fundo para a cerimônia. E, de alguma maneira que não soube identificar, foram dispostos alguns lustres que pareciam muito com o arranjo das flores, compondo de maneira simples todo o ambiente.

Erik e eu cumprimentamos as pessoas do trabalho e seus acompanhantes, mas, quando ele teve que tomar seu lugar no altar ao lado dos demais

padrinhos, achei um lugar confortável para me sentar. Algum tempo depois, Bill e Laura chegaram. Ele me cumprimentou rapidamente antes de praticamente correr para o altar e Laura se sentou ao meu lado. Ela estava incrivelmente maravilhosa num longo vestido amarelo acetinado que deixavam suas costas à mostra e fez um penteado elaborado, deixando os cabelos loiros presos.

— Por que você parece tão magra? — perguntei assim que ela se acomodou. Ela revirou os olhos azuis, mas acabou sorrindo contente.

— Deve ser porque quando você me conheceu eu tinha uma bebê na barriga. Mas ainda não voltei para meu peso ideal, os médicos disseram que é normal — respondeu. — Ouvi sobre o que aconteceu na empresa — disse, e respirei fundo para não falar nenhuma besteira.

— Já resolvi tudo — comentei, e ela se aproximou um pouco mais para falar perto do meu ouvido.

— Você não está curiosa para saber quem foi? Tenho minhas suspeitas.

— disse, e apertei os lábios juntos.

— Isso já está sendo investigado na empresa. Logo, logo teremos um nome — respondi, tentando colocar um ponto final na conversa.

— Eu chutaria de primeira o diretor de projetos. Ele odeia Erik desde que assumiu o comercial. Sabe como é, achou que já estava garantido para assumir a presidência quando o Beak se aposentasse — divagou, e a encarei de soslaio. — Na verdade, não confio em praticamente ninguém daquela diretoria — respondeu, e tentei ao máximo não demonstrar nenhuma emoção que não fosse de curiosidade.

Não poderia dar indícios de que já sabia quem era o responsável.

— Em quem você confia, afinal? — perguntei, e Laura deu de ombros sorrindo.

— A diretora de RH e o do financeiro são ótimos — respondeu, e concordei com um aceno. — Mas fico feliz que você tenha conseguido apagar o

incêndio e que tenha vindo com Erik, não suporto aquela médica —

confessou. Não pude evitar de rir satisfeita por saber que ela gostava um pouco mais de mim.

— Isabelle? Por que não gosta dela? — perguntei por desencargo. Laura deu de ombros.

— Ela não tem personalidade nenhuma. Não suporto mulheres que se fazem de fracas e esperam pacientemente o dia que o príncipe virá num cavalo branco. Fora que toda semana precisava correr atrás de algum presente pra ela, não aguentava mais — respondeu, parecendo irritada demais com as lembranças.

Mordi o lábio, levemente incomodada.

— Ele nunca me deu nenhum presente — respondi, encarando um Erik descontraído no altar junto aos demais padrinhos.

Como se sentisse que estava sendo observado, se virou em minha direção e sorriu abertamente para mim. Esse gesto fez com que Bill e Andrew iniciassem uma onda de brincadeiras para perturbar o meu chefe por estar me encarando daquela forma.

— Ele te deu a única coisa que o dinheiro não pode comprar, Hyuna.

Para mim, vale mais do que qualquer bolsa de marca que você poderia facilmente ter — Laura me confortou, dando uns tapinhas no joelho. Não pude deixar de sorrir.

Antes que pudesse responder qualquer coisa, a banda começou a tocar a característica marcha nupcial e todos se colocaram de pé para receber a noiva. Barbara estava incrível num enorme vestido de princesa e entendi por que toda a decoração parecia minimalista: seu vestido em várias camadas era o centro da atenção naquele dia e não tinha um olhar que não estivesse nela.

Enquanto adentrava vagarosamente com seu pai segurando seu braço firmemente ao seu lado, percebi seu sorriso de felicidade ao encarar Charlie logo à frente. Senti meus olhos marejados de emoção transbordarem.

Eu estava tão feliz pelos dois, mas ao mesmo tempo estava despedaçada em saber que teria que passar por um dia como aquele e quem estaria me esperando no altar seria um homem que nunca amei. Tentei ao máximo controlar os sentimentos que tentavam pular para fora e voltei a me sentar para assistir à cerimônia. Foi tudo tão lindo e emocionante; não fui a única a chorar, então ao menos não estava me sentindo tão mal por isso.

Após a cerimônia, fomos para o espaço onde ocorreria a festa e tentei desligar minha cabeça de tudo para aproveitar aquele dia. Bebi o tanto que tinha direito e depois minha única missão era dançar. Dancei com Laura e com a noiva, dancei junto com outros convidados, mas quando uma música lenta começou a tocar, já estava me preparando para sair da pista de dança quando senti braços firmes enlaçando-me pela cintura. Nem precisava me virar para saber quem era.

— Onde você pensa que vai? — Erik perguntou próximo ao meu ouvido, e sorri sem graça.

Virei-me para ele e passei os braços pelo seu pescoço. Ele mantinha as mãos firmes na minha cintura.

— Eu ia voltar para a mesa, supus que você não fosse fã de dançar —

respondi, e Erik sorriu de lado, enquanto começávamos a nos mover ao ritmo da música.

— Você se esqueceu de como nós nos conhecemos? — perguntou, e tive que rir, encarando seu rosto tão perto do meu.

— Você passou tanto tempo negando que aquele dia aconteceu que às vezes considero que foi tudo uma fantasia sexual muito realista. — respondi, e Erik riu abertamente.

— O importante é que já foi esclarecido — respondeu, e concordei com um aceno. — Você está linda — disse devagar. Senti o sorriso se espalhar pelo meu rosto.

Receber um elogio dele era tudo que eu precisava.

Apoiei a cabeça em seu ombro com cuidado, enquanto dançamos vagarosamente, seguindo o ritmo da música. A sensação de estar com ele era tão certa, como se toda a loucura em mim fizesse sentido. Por isso, não pude deixar de me embriagar completamente com todo seu magnetismo.

Aproveitei cada segundo daquela música como se fosse a última, até porque, para Erik e eu, era.

Quando a música cessou, deram espaço para que os padrinhos pudessem fazer seus discursos, e dei muitas risadas ouvindo as histórias que os melhores amigos dos noivos contaram. Logo em seguida, propuseram um brinde e Barbara pediu que todos se preparassem para que ela jogasse o buquê.

Em todos os casamentos que fui na vida, ficava sempre atrás, apenas para fingir que tentaria pegar o buquê. Até porque casar era meu maior pavor e não era diferente agora. Eu já estava prometida para uma pessoa que não era o homem por quem eu estava apaixonada, então me contentei em ficar perto de Laura com as outras mulheres casadas, apenas para dar volume ao vídeo do casamento. Enquanto Barbara se preparava e as convidadas se empurravam para um lugar de melhor acesso, iniciamos uma alta e divertida contagem regressiva.

Barbara, de costas, ameaçou a primeira vez.

Três!

Na segunda vez, cada partícula daquele casamento pareceu se mover em câmera lenta, enquanto eu me lembrava das instruções da minha mãe: um passo à frente dos nossos inimigos não era suficiente.

Dois!

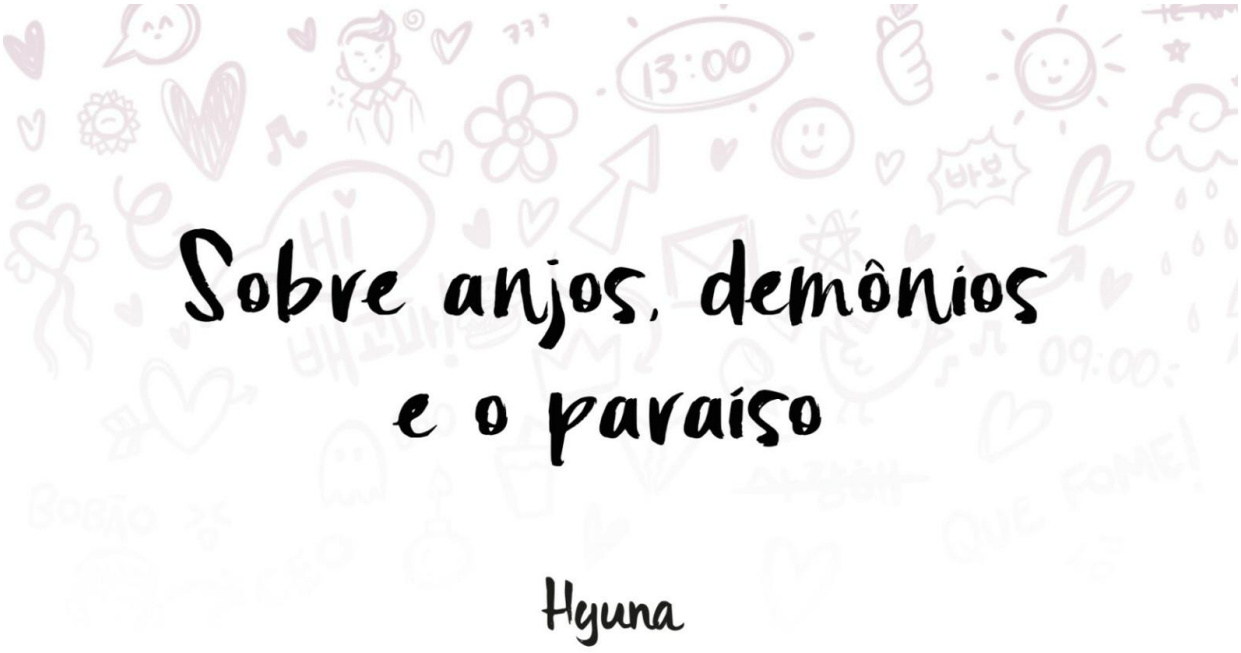
Eu precisava estar a pelo menos dois para ganhar.

Um!

Quando o buquê finalmente foi lançado para trás, todos seguiam atentos para ver onde ele cairia. Quando passou por cima da primeira leva de convidadas

desesperadas para pegá-lo e percebi que vinha em minha direção, tive a minha primeira epifania.

Assim que o gracioso buquê praticamente pousou nos meus braços, eu sabia exatamente o que fazer para resolver aquela situação. Quando as mulheres ao meu redor começaram a gritar animadas e os homens correram para importunar Erik pelo acontecido, não pude deixar de rir pela ironia do destino. O buquê do qual sempre fugi no passado veio diretamente na minha mão como um sinal do universo e eu não poderia estar mais feliz por finalmente recobrar a confiança que precisava para lidar com a reunião dos acionistas.



Poderia facilmente ter desfalecido. Isso porque, após toda a comoção

por causa do buquê, Erik estava totalmente empenhado em evitar tocar no assunto, mas podia sentir o quanto ele estava se esforçando para não me deixar desconfortável, mesmo que eu tenha levado tudo na esportiva.

Até porque as chances de me casar com ele eram tão baixas que não conseguiram me abalar. Afinal, naquele momento, pouca coisa me abalaria de verdade. Eu já tinha levado mais chacoalhadas da vida do que estava preparada, só restava torcer para que no final tudo desse certo.

Prometi a mim mesma que faria com que aquele dia fosse perfeito e que fosse suficiente para preencher a dor que causaria a Erik mais tarde. Por isso, não me opus quando ele se despediu dos convidados e dos noivos para irmos embora. Também não ousei recusar quando ele perguntou se eu gostaria de ir para sua casa, até porque eu estava há meses tentando saber onde ele morava e nunca consegui descobrir. Não pude deixar de sorrir ao perceber que ele escolhera um loft em frente ao Central Park. Por isso ele havia conseguido se trocar e voltar para me buscar naquele dia; estávamos a poucas quadras de distância, mais perto do que eu poderia imaginar.

Dizer que o lugar era espetacular seria eufemismo. Apesar de parecer pequeno, era espaçoso, e ver o quanto os cômodos abertos eram bem distribuídos entregou que havia um trabalho arquitetônico por trás. O piso claro acinzentado polido brilhava em contraste com as luzes que emanavam dos lustres pretos pendentes do teto. A quantidade de metais e cores escuras da decoração dava o toque final à decoração no estilo industrial. Entretanto, não seria a casa de Erik se não houvesse sua dualidade: em meio aos tons escuros e sóbrios, havia pontos de cores pelos móveis de madeira, como uma mesa de centro que parecia um pedaço real do tronco de uma enorme árvore com o centro em vidro transparente, além do estofado do sofá e poltronas serem de um caramelo escuro que se aproximava dos pontos amadeirados dos demais componentes.

Escadas escuras davam uma visão aberta do mezanino onde era seu quarto e, ao que parecia, o banheiro e um escritório improvisado. Não era surpresa que sua casa seria aberta e organizada nos mínimos detalhes. Erik não tinha nada a esconder e sua casa demonstrava isso totalmente, ainda mais levando em consideração que, ao invés de uma parede lateral, o loft era vidro de cima a baixo, dando uma visão privilegiada do Central Park.

Enquanto isso, eu tinha segredos até a próxima geração e não poderia

falar sobre eles com Erik.

— Gostou? — ele perguntou, finalmente afastando-me dos meus pensamentos, e sorri.

— Não dá para negar que é sua casa, não tem nada de divertido —

provoquei brincando, e Erik sorriu, passando por mim. Abriu uma das portas do armário sob sua pia.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou. — Tenho vinho, cerveja e *vodka*.

— Vinho, por favor — pedi. Erik escolheu uma das garrafas do pequeno frigobar e serviu um pouco numa taça, servindo também uma dose de *vodka* num copo, e veio em minha direção, oferecendo-me a minha bebida.

Segurei a taça com cuidado, e Erik usou a mão livre para me direcionar para o sofá, onde nos acomodamos enquanto bebíamos em silêncio.

— Gostou do vinho? — perguntou, e confirmei com um gesto. Pouco me importava com o sabor, só por poder olhar Erik enquanto bebia já o tornava o melhor vinho de todos. — Paguei vinte dólares por ele —

confessou, travesso, e não pude deixar de me engasgar enquanto ria da sua palhaçada.

Acabei derrubando algumas gotas sobre o vestido e passei a mão na boca para limpar um pouco da bagunça, mas, ao tentar esfregar a roupa, acabei por espalhar ainda mais a mancha. Ainda assim, não parava de rir.

— Eu não acredito que arruinei um vestido caro e exclusivo como esse com um vinho barato. Por Deus, senhor Young, quando vai deixar de ser mão de vaca? — retruquei, fingindo estar irritada. O sorrisinho sacana de Erik continuava inalterado.

— Eu não sou mão de vaca, só escolho bem como gastar meu dinheiro.

Se eu quisesse te impressionar, poderia comprar um vinho caro, mas como meu objetivo era fazer com que você se livrasse desse vestido, preferi escolher um bem barato, já que seria desperdiçado de qualquer forma —

respondeu, e mordi o lábio, entendendo exatamente sua intenção.

Apoiei a taça na mesa de centro incomum e ergui as camadas do vestido até o meio da coxa. Passei uma das pernas por cima de Erik, sentando-me em

seu colo, fazendo com que seu sorrisinho finalmente desaparecesse. Encarei seus olhos escuros profundamente e tentei não demonstrar meu contentamento em estar no controle da situação novamente. Direcionei meus dedos para sua gravata, desfiz o nó com cuidado e então parti para os botões de sua camisa, abrindo um por um, vagarosamente.

— Se você queria me ver sem roupa, era só pedir — provoquei, abrindo mais um botão. Ele engoliu em seco, observando atentamente cada movimento.

— Sou um cavalheiro, Hyuna… — respondeu com certa dificuldade.

Sorri satisfeita, curvando meu corpo sobre o seu até alcançar seu ouvido e sussurrar as palavras em nossa língua secreta.

— Mas não sou nenhuma dama.

Não sabia até que ponto Erik gostava do meu estilo de abordagem, mas, naquele momento, só queria me dar ao luxo de ser eu mesma novamente e aproveitar uma última vez aquela metade de mim que eu enterraria de vez assim que deixasse aquela casa.

Ele, no entanto, reagiu positivamente à minha provocação. Não pude ficar mais feliz quando me levantei de seu colo, ficando de costas, e ele passou a deslizar o zíper do vestido; sua boca tocou meus ombros com cuidado. Naquele momento, a única coisa que eu me permitiria sentir seríamos nós dois e a sensação eletrizante que fluía entre nossos corpos.

No exato segundo em que estávamos completamente despidos de roupas e de pudores, Erik e eu nos conectamos daquela forma única e incrível que só era possível quando encontrávamos o amor. Apesar de ter amado e suspirado a cada mísero segundo, nunca havia me sentido mais triste.

*

Erik acariciava a lateral do meu corpo com cuidado, enquanto eu estava apoiada em seu peito, sorrindo igual uma tonta. Dizer que transei até todas as preocupações deixarem minha cabeça seria eufemismo. Eu já tinha

atingido um estado de espírito mais leve e queria prolongar aquele momento mais um pouco, apesar de saber que já estava na hora de me despedir.

— Quando te olho assim, você parece um anjo — Erik disse com cuidado, e encarei seu rosto com curiosidade. Ele sorriu. — O que é bem

contraditório, já que sei que você é perigosa — provocou, e precisei rir.

— Você sabia que o anjo mais bonito do céu foi o mesmo que caiu por se rebelar, certo? — brinquei, e Erik pensou um pouco antes de dar de ombros.

— Ao menos agora ele é o dono do próprio negócio — respondeu, e não pude deixar de ver aquilo como uma analogia à minha própria vida. Não que senhor Park fosse Deus e que eu fosse o diabo, mas não podia julgar o tinhoso por querer ser livre de um pai superprotetor e controlador.

Que Deus me perdoe.

E papai também.

— Hyuna, você está bem? — perguntou devagar. — Tenho te achado distante há alguns dias… — explicou, e mordi o lábio antes de encarar seus olhos, sorrindo.

— Eu acabei de ir em um casamento com você, como isso pode ser distante? — disse sem responder sua pergunta. Erik parecia consternado e sua testa enrugada anunciava aquilo claramente. Ele suspirou concordando, mas me segurou, colocando-me sentada de frente para si, encarando-me com cuidado.

— Você sabe que quarta-feira vou ter uma reunião com o conselho, certo? — perguntou, e concordei, sentindo minhas mãos tremerem. — Só quero garantir que você entenda que, seja lá como eu agir essa semana, não tem nada a ver com nós dois. A essa altura, você já sabe o quanto posso ser duro com os resultados, ainda mais agora que alguém tentou abertamente prejudicar a minha imagem. Então, só queria te preparar e previamente pedir desculpas por agir como o chefe que vou precisar ser até o dia da reunião.

Você entende? — perguntou com muito cuidado, e estava usando toda a força que tinha em mim para não chorar. Concordei com um aceno. — Também quero te preparar para o caso dessa reunião não sair da forma que previmos e eu acabar sendo demitido — completou. Perceber o esforço que ele fazia para não demonstrar o quanto aquilo o preocupava só me deixava ainda mais triste.

— Por que você seria demitido? Eu resolvi a questão do banco e já estão procurando o responsável pelo e-mail… Fora que esse seria seu primeiro

semestre abaixo da meta, isso não conta? — perguntei, e não pude evitar de sentir minha voz tremer. Erik sorriu fraco antes de acariciar o topo da minha cabeça como se fosse uma criança chorosa.

O que no caso eu era.

— Para bem e para mal, estou num patamar da minha carreira em que qualquer deslize, por menor que seja, coloca em julgamento tudo que consegui historicamente. Sei que sou o mais cotado para substituir o Anthony quando ele se aposentar e todas as pessoas naquela empresa que querem o cargo vão dificultar as coisas para mim. Eles não estão errados, eu faria o mesmo. O ponto é que vou tentar, como você diz, salvar minha bunda coreana de ser demitida — brincou, e tentei sorrir um pouco em meio a tudo o que ele dizia. — Enfim, meu ponto é tentar te preparar para que não fique preocupada comigo. Vou fazer tudo o que puder, mas, se não tiver como, há muitas empresas por aí me querendo. Não é o fim do mundo — completou.

Tentei manter minha matraca fechada.

Só precisava confirmar uma única coisa antes de decidir se abriria o jogo mesmo correndo os riscos ou se manteria tudo como no plano inicial.

— Se você for demitido… Não quero que pense em mim, sou grandinha o suficiente para entender, mas quero saber de você. Como *você* vai se sentir?

Como vai se virar depois? — perguntei preocupada.

Erik coçou a cabeça, pensando sobre o assunto por alguns segundos.

Para mim, pareceu uma eternidade até ele suspirar consternado e dar de ombros.

— Sinceramente? Muito frustrado. Essa foi a empresa que escolhi a dedo para crescer, porque acreditava nos princípios, confiava no time e tinha liberdade de fazer as coisas do meu jeito. Sendo bem sincero, acho que me sentiria injustiçado. Você sabe o quanto lutei por isso e pelo que passei no passado, então, agora que estou tão perto… — confessou, e aquilo foi o suficiente para mim.

Era claro como o dia o quanto ele se importava com a empresa e o quanto batalhou para chegar até ali. Eu jamais me perdoaria se estragasse tudo para ele propositalmente. Se pudesse fazer qualquer coisa para colocar um sorriso em seu rosto, eu faria.

Respirei fundo antes de sorrir debochada, engatinhando sobre a cama até me sentar em seu colo.

— Sua sorte é que essa minha bunda americana, mas que parece muito com uma coreana, tem dinheiro suficiente para te sustentar se você quiser —

ofereci em tom de brincadeira, mas era bem a verdade.

Erik soltou sua risada mais gostosa antes de selar nossos lábios. Eu já comentei o quanto amava o som da sua voz grave rindo como um garoto?

— Você é impossível — comentou.

E, pela primeira vez, não pude discordar.



O dia que vinha temendo por tanto tempo finalmente chegou. Era isso, não tinha mais escapatória e nem tempo de tentar correr atrás de algo além.

Eu fiz o melhor que pude durante o tempo inteiro e, mesmo contrariado e absolutamente consternado com o caso do e-mail, não havia mais o que pudesse ser feito em apenas dois dias. Mesmo assim, tentei e tive a sorte de poder contar com um time que confiava na minha capacidade e que se

importava em, mesmo que fosse por um mísero segundo, salvar aquilo no que viemos trabalhando em conjunto por tanto tempo. Todos deram o seu melhor, sabia daquilo perfeitamente. Diferente do que comumente pensam, os bons líderes sempre sabem o quanto podem confiar em seus liderados e sempre sabem exatamente o quanto cada um está se esforçando. Por mais que fosse exigente e tivesse um estilo pouco convencional de gestão para o ocidente, nunca deixei de valorizar e recompensar aqueles que se superavam ou que tinham entregas excelentes.

Foi com essa base de recompensas, valorização e oportunidades que construí a confiança com minha equipe, na minha empresa, com as pessoas que eu confiava e que confiavam em mim. Não faria nada que pudesse causar problemas para nenhum deles, já que entendia na pele o poder que um superior tem de beneficiar e de prejudicar a vida inteira de uma pessoa. Já estive nessa posição. Por esse motivo, foi tão revoltante saber que alguém tinha ido tão longe assim para me prejudicar, tão perto da entrega dos

resultados. Foi tão bem calculado que deveria parabenizar o canalha que teve a audácia de fazer algo assim comigo.

Não poderia fingir ingenuidade e dizer que não tinha suspeitos. Eu tinha.

Vários. Tantos deles que mal poderia começar a enumerar. De dentro da própria empresa chutaria uns três diretores que poderiam ter um dedinho no tal e-mail da morte, como Hyuna apelidou e acabou pegando.

Isso porque já assumi a Thousand Corp sendo muito cotado pelo conselho como sucessor do CEO que estava a poucos anos de se aposentar.

Seis anos, para ser mais exato. Então, todos os que já estavam antes da minha recente chegada se sentiram injustiçados, e não sem razão. Tinham lutado tanto quanto eu, talvez até mais, que estaria um passo à frente por ser coreano. Como a empresa pertencia ao tradicional Cheon Group, era um tanto compreensível. Esses grupos coreanos, mesmo se internacionalizando, tentam manter a raiz dos hábitos gerenciais orientais, além, é claro, de manter uma tradição coreana para garantir que a soberania volte como honra para a Coreia.

Eu já sabia de tudo isso quando mirei na companhia; era macaco velho no mundo corporativo e tinha um objetivo muito claro de assumir a presidência de uma grande empresa até os quarenta e cinco. Entretanto, não estava nem nos quarenta e estava tão perto que acabei me permitindo alguns

momentos de distração. Esse foi meu maior erro: imaginar, nem que fosse por pouco tempo, que ascenderia sem muitos obstáculos. Não tinha mais vinte anos, já havia sobrevivido ao jogo da Stella, já havia quebrado a cara em outras empresas com pessoas tentando me queimar e me derrubar. Estava confortável com o atalho que tomara ao ponto de não vigiar o que acontecia ao meu redor e agora estava pagando o preço.

Depois de receber a notícia do e-mail, enquanto estava em Las Vegas, não consegui mais aproveitar a viagem com os caras. Mesmo Hyuna tendo se disposto a resolver a situação, minha intuição era forte demais para imaginar que apenas uma reunião com a diretoria do banco resolveria o problema, até porque o e-mail era o menor deles. Foi apenas a faísca que iniciaria um

incêndio que eu deveria ter previsto que viria. Ainda assim, me convenci a confiar que Hyuna resolveria as coisas, afinal, não conseguiria chegar a tempo e muito ajuda quem não atrapalha.

Sair por tempo demais do escritório nunca tinha causado problema nenhum… até aquele dia.

Durante o casamento de Charlie, tentei aproveitar o momento como se fosse o último. Precisava estar com a cabeça cem por cento clara para a reunião, então, tratei de curtir como se não houvesse amanhã; talvez não tivesse mesmo. Hyuna estava tão linda que meus olhos saltavam dos noivos para ela sentada ao lado de Laura o tempo todo. Aceitei de braços abertos a distração deliciosa que ela causava da minha situação de merda. Não poderia resolver nada mesmo, então apenas abaixei a guarda para que ela pudesse penetrar em mim com toda a sua complexidade de menina doce em contraste com o perigo da mulher provocante e segura de si.

Dancei com ela sem me importar com o que o pessoal do trabalho, que também havia sido convidado para o casamento, pudessem pensar. Não tinha vontade nenhuma de esconder aquela sensação de alívio por estar perto dela e, mesmo com a possibilidade da demissão batendo à porta, quando ela pegou aquele buquê, me deixei levar pela fantasia momentânea de um dia nos casarmos. Foi tão surreal cogitar algo assim. Eu a conhecia há menos de um ano e tinham apenas algumas semanas desde que nos envolvemos de verdade, entretanto, consegui imaginar uma vida inteira juntos.

Talvez fosse a idade chegando para cutucar o meu relógio biológico para ter minha própria família desde que Serena nasceu, talvez fosse a emoção de

estar num casamento tão incrível como o de Charlie, ou até mesmo o alívio por minha mãe e minha irmã gostarem tanto dela. Poderia pensar em qualquer uma dessas opções, mas, quando Hyuna pediu para ir embora mais cedo na segunda-feira e senti todo aquele desespero em imaginar que não a veria do lado de fora da sala, apoiando-me e me tranquilizando com alguma provocação, sabia que não poderia me iludir ao ponto de imaginar que tivesse qualquer outra explicação se não que já estava apaixonado.

Era um infortúnio perceber algo tão importante num momento como aquele, em que não poderia fazer muito para garantir que manteria a normalidade… Sabia que uma posição pouco importava. Ela estava se empenhando ativamente para atingir seus objetivos sem depender da sua família rica e aquilo era louvável, ainda mais depois de anos seguidos me envolvendo com mulheres que preferiam depender integralmente de mim se eu desse a oportunidade.

Entretanto, eu ainda tinha muito da cultura coreana, e uma das coisas que meu pai conseguiu me ensinar antes de falecer foi a ser um homem em quem minha família e minha esposa pudesse contar para os tempos bons e ruins. Como Hyuna poderia se apoiar em alguém desempregado por ter sido descuidado em prever os movimentos dos adversários?

Suspirei pesadamente, fazendo o caminho distraidamente até minha sala.

Mal prestei atenção enquanto saía de casa e dirigia até ali, nem sabia como havia estacionado o carro. Cheguei bem mais cedo que o normal; precisava organizar meus pensamentos e repassar toda a estratégia que havia preparado para sair daquela situação. Sabia que teria pouco apoio da diretoria, então focaria meu apelo no conselho dos acionistas, já que a decisão final sempre seria deles.

Olhei no modo automático para a mesa de Hyuna na expectativa de que ela já pudesse ter chegado, entretanto, era cedo demais e eu não havia avisado previamente que chegaria naquele horário. O que mais me espantou, contudo, foi encontrar um copo fumegante em cima da minha mesa, sobre o descanso de copo, que pertencia à cafeteria onde comprava meu cappuccino todos os dias, além dos meus bons e velhos jornais. Aquilo só me deu a confirmação de que, mesmo sem estar em sua mesa, Hyuna já havia chegado.

Sentei-me em minha cadeira e vi um *post-it* colado bem no meio da minha tela com a letra delicada de Hyuna escrito em *hangul*:

“Tive que resolver algumas coisas no RH. Se não conseguir te ver até a hora da reunião, saiba que estou torcendo por você. Fighting!”

Ainda ganhei uma *smiley face* e um coraçãozinho colorido, e não pude deixar de sorrir. Era exatamente esse tipo de atitude simples e doce que me deixava encantado por ela, mas precisava me preparar para a reunião. Então, tomei meu café e finalizei o que precisava, até que o pop-up avisando do horário apareceu. Respirei profundamente antes de me dirigir até a sala de conferência que dividia o último andar da empresa com a sala da presidência.

A longa mesa oval já contava com algumas pessoas sentadas, e outras que conversavam animadamente. Como meu orgulho sempre prevaleceu sobre qualquer outra coisa, conversei educadamente com as pessoas que encontrei até me acomodar em meu lugar designado e aguardei enquanto os demais se sentavam para se preparar. Os acionistas chegaram juntos quando todos os demais já estavam sentados e nos erguemos educadamente para cumprimentá-los. Era de conhecimento geral que a maioria deles era coreana, então já estavam acostumados com o tratamento.

A maior novidade naquele ano foi a presença de Park Yan Ho, que não era somente o acionista majoritário da Thousand Corp, como também do Cheon Group. Fazia parte da família fundadora do grupo e assumiu a posição de presidente do conselho por esse motivo. Era uma honra ter a oportunidade de estar presente no mesmo lugar que ele novamente, entretanto, era amedrontador imaginar que, logo na reunião em que a minha demissão era uma das pautas, ele estaria presente. Eu teria as minhas chances de chegar à presidência da TS reduzidas a zero. Quem quer que tivesse sido o responsável pelo e-mail tinha conexões poderosas, a ponto de fazer o homem mais importante do grupo estar presente naquela reunião.

No primeiro bloco da reunião, foi apresentado resumidamente o desempenho da companhia no último período, e não foi surpresa ver que havíamos decaído em relação aos anos anteriores. Afinal de contas, se a área responsável por trazer os contratos tem problemas, as demais áreas são afetadas diretamente. Eu era a comissão de frente, o início do processo, e seria o único culpado pelo resultado de todos.

Pela agenda, após o resultado iniciaríamos as votações agendadas. No plano prévio, o tópico da minha demissão era na sequência, mas houve uma mudança e tinha mais um tópico antes disso. Era um comunicado oficial do

Cheon Group, por isso o presidente Park estava presente e se posicionou sobre o pequeno palco com um sorriso contagiante no rosto.

— Para aqueles que não me conhecem, sou Yan Ho Park, atual presidente do conselho e acionista majoritário do grupo, o que inclui a Thousand Corp — iniciou, e todos o saudaram com palmas. Ele ergueu uma mão educadamente para que cessassem. — Venho trabalhando de forma incansável para o crescimento do grupo globalmente, com a meta de que ele se torne universal. Estive à frente do gerenciamento desse objetivo para o oriente por trinta e cinco anos, mas, como devem saber, esse é um grupo tradicional, e um dos princípios dessa tradição é garantir que a vontade e os planos dos fundadores sejam garantidos. Por esse motivo, sinto que chegou o momento de sermos ainda mais incisivos no fortalecimento da nossa marca na América e isso demanda muita disposição, talento, empenho, ideias novas, modernização e, principalmente, identificação com os nossos próprios colaboradores como uma família — disse, instigando a curiosidade de todos sobre onde aquele discurso estava sendo direcionado.

Não poderia deixar de admirar a sua oratória: todos estavam completamente focados em seu discurso. Ele enfatizava as palavras certas e, mesmo com um sotaque perceptível, falava inglês perfeitamente.

— Por esse motivo, decidi que era o momento ideal para que me desse ao luxo de descansar, mas deixo vocês completamente amparados pelo novo presidente do grupo e do conselho — revelou, e os burburinhos começaram baixos pelo recinto, afinal, foi muito repentino. Quem imaginaria que ele revelaria abertamente a sua aposentadoria? — Vocês devem estar bem curiosos sobre quem é a pessoa misteriosa que vai assumir meu lugar, mas adianto que é um rosto já conhecido por todos. Por isso, decidimos que o ideal seria revelar primeiro a vocês. Conto com a compreensão de todos para guardar o segredo por mais algumas horas, enquanto o nosso excelente time de relações públicas lida com o anúncio oficial para a imprensa — pediu e ergueu um dos braços diagonalmente para a porta no fundo da sala.

Todos os olhos foram automaticamente para aquela direção, enquanto ele continuava a falar.

— Apresento a vocês, em primeira mão, minha filha única e herdeira de sangue ao legado do Cheon Group — revelou animado, o orgulho estampado em seu rosto em uma alegria genuína.

Quando a porta foi aberta por um dos seguranças, todos se aprumaram para receber a mais nova responsável pelo grupo. Não foi diferente comigo, estava curioso demais para saber. Entretanto, nenhuma das experiências que vivi nos meus trinta e sete anos de vida me preparou o suficiente para ver a imagem da mulher que adentrava a sala, confiante em passos firmes e, ainda assim, graciosos. Quão clichê seria dizer que o universo pareceu se reduzir a câmera lenta enquanto Hyuna, em pessoa, atravessava a sala em direção ao presidente Park?

Estava tão chocado que deixei que a caneca pendurada em meus dedos caísse na mesa, assimilando a visão da *minha* Hyuna entrando na sala após ser oficializada como herdeira e nova presidente do grupo. Flashes de todos os momentos que tivemos juntos, desde a boate e até mesmo o final de semana na casa do lago, passaram em minha mente enquanto ela se colocava ao lado de seu pai com um sorriso educado no rosto.

Seu cabelo não parecia o mesmo, mais curto e claro, com um penteado diferente. Mas não era apenas isso. Sua postura estava mudada, seus olhos não tinham mais o brilho perigoso do seu lado provocativo. Era ela, mas em uma versão totalmente desconhecida para mim. Hyuna ignorou completamente meu olhar surpreso e me direcionou um sorriso contido e educado, assim como estava fazendo com todos que a encaravam de forma mais embasbacada. Ela estava sendo educada e compreensiva com todos aqueles que puderam reconhecê-la imediatamente.

Que porra estava acontecendo naquela empresa?

— Pelas expressões em seus rostos, sinto que posso dizer com propriedade que é um rosto já conhecido por grande parte desse grupo. Para aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecê-la, sinto que devo explicar o que está acontecendo — disse, mas Hyuna tocou seu braço e sussurrou algo em seu ouvido. Ele concordou com um aceno. — Melhor ainda, ela mesma vai contar — corrigiu e se sentou em uma das cadeiras, enquanto Hyuna tomava a frente da situação.

— Bom dia a todos. Sei que a maioria de vocês já me conhece, mas sinto que devo me apresentar oficialmente nessa situação. Sou Hyuna Park, herdeira do Cheon Group, e assumirei oficialmente a presidência do conselho

— iniciou. Sua voz era clara como um dia ensolarado. — Quero esclarecer que foi uma ideia minha trabalhar por alguns meses numa das principais

divisões do grupo, para sentir na pele como é o dia a dia dos nossos colaboradores e entender nossos processos e dores de perto. Acredito fielmente que a gestão que se coloca no lugar dos seus subordinados tem maiores chances de êxito e isso me ajudou a entender perfeitamente o principal valor da empresa, que é conviver em família. Eu tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas e fazer amizades que pretendo levar para toda a minha vida. Por esse motivo, primeiro peço sinceras desculpas por não falar abertamente sobre a minha posição anteriormente, e agradeço, do fundo do meu coração, pela experiência incrível que vocês me proporcionaram sem saber quem eu era — disse, fazendo uma reverência leve, que fez com que todos no recinto estourassem em aplausos.

Ainda não podia acreditar em meus olhos e desconfiava que aquilo era um sonho. Como poderia ser real? Mas, ao mesmo tempo, aquilo tudo fazia sentido. A forma como Hyuna reagiu quando me contou sua história e quando questionou se tinha alguma influência de seu pai na sua contratação… Não tinha entendido completamente naquele momento o quão profundo havia sido, porém, agora estava esclarecido. Era por isso que ela tinha tanto medo de se abrir. Tinha um segredo tão grande como aquele para guardar sozinha, e me senti um idiota por ter descoberto daquela maneira, sem nenhum aviso prévio. Ela teve todas as oportunidades possíveis e, ainda assim, teve que esconder.

Hyuna continuou falando, mas eu não conseguia processar as palavras que saíam da sua boca.

Quando ela explodiu na casa de Bill sobre Laura ter insinuado que ela era interesseira, confessou abertamente que tinha muito dinheiro, mas em que mundo eu imaginaria que “muito dinheiro” significava ser herdeira de um império que valia bilhões de dólares? Ela nunca escondeu que vinha de uma

família rica e eu não havia me preocupado em perguntar qual era o nível da riqueza que estava falando. Aquilo era um outro nível.

Até tentei prestar atenção no restante da sua desculpa esfarrapada para se safar por ter enganado a todos direitinho, mas estava ocupado demais vasculhando em minhas memórias algum indício daquela informação. Não achei nada. Então, ela se sentou ao lado do pai e pediu que prosseguissem com a agenda. Fui obrigado a voltar para a Terra quando o tópico era referente à minha demissão, então engoli em seco, aguardando as próximas

informações.

Naquele caso, o responsável por levantar o tópico era o mesmo que liderava a discussão. Não foi surpresa nenhuma ver o diretor de projetos, Marshall Gills, indo até a frente da sala para dar sua versão dos fatos. Era um dos poucos que não me desciam na empresa, mas Laura sempre foi enfática em dizer o quanto ele tramava abertamente para me prejudicar pela possibilidade de assumir a posição de CEO da companhia.

— Esse tópico é muito delicado, por isso peço a compreensão de todos para a documentação anexada na terceira pasta da sessão. Foi identificado um e-mail encaminhado da conta do diretor Young na última sexta-feira, solicitando o cancelamento de todas as negociações em curso com o Grencyal Bank, que era considerado o maior cliente para as operações desse período.

As negociações previam um gasto total de um bilhão de dólares, com em média quinze por cento de retorno em lucros para a Thousand Corp — disse Marshall.

Não pude deixar de corrigi-lo mentalmente. Eram vinte por cento de lucro. Eu havia sido o responsável por passar aqueles números. Como ele poderia ser tão despreparado?

— Ficou claro também, pelos resultados do último semestre, que a eficiência da área liderada pelo senhor Young tem se mostrado pífia e isso impacta diretamente o resultado da companhia inteira. Se ele não trouxer os clientes, como as outras áreas poderão trabalhar? Além disso, teve a reação súbita de

enviar um e-mail bomba para nosso maior cliente em potencial para cancelar todas as negociações quando nem estava na companhia, o que deu a todos a impressão ambígua de que ele poderia não ter sido o responsável. Se ele não estava aqui, poderia não ter sido o mesmo, mas como ele não estava, quem pode garantir que não foi? — incitou, e os burburinhos começaram novamente.

Senhor Beak, CEO da Thousand Corp, que estava estranhamente calado durante toda a reunião, finalmente pediu espaço para um questionamento.

— Diretor Gills, a acusação que o senhor faz é gravíssima. Como é de conhecimento geral, o diretor Young tem um histórico imaculado, por isso gostaria que apresentasse as provas que o senhor reuniu para embasar seu pedido — pontuou, e todos concordaram ao redor da sala. A verdade é que

todos adoravam ver o circo pegar fogo. Eu encarava o crápula do Marshall, enquanto ele passava alguns slides até chegar no e-mail.

Sentia náuseas de olhar para ele.

— Acho que o próprio e-mail serve como prova, mas, para que fique um pouco mais clara a problemática da situação, gostaria de questionar ao diretor Young onde ele estava na ocasião em que o e-mail foi encaminhado —

questionou, olhando em minha direção.

Aproximei-me mais do microfone da mesa para que todos pudessem me ouvir claramente.

— Estava em Las Vegas — respondi sinceramente.

— E o senhor pode nos contar o que estava fazendo em Las Vegas na ocasião?

— Estava na despedida de solteiro de um amigo pessoal — respondi, e sabia que aquilo seria o suficiente para questionarem todos os meus movimentos.

— Então o que o senhor está afirmando é que um e-mail foi encaminhado da sua conta, mas que não estava na empresa devido a uma viagem para a despedida de solteiro de um amigo pessoal? Em plena sexta-feira, logo antes da apresentação dos resultados? — questionou, e precisei usar meu controle emocional para responder sinceramente.

— Exatamente. Usei minha folga anual, que todos os funcionários da empresa têm direito de utilizar, uma vez que seja dado um aviso prévio de sete dias úteis e que tenha sido alinhado com o superior — expliquei com calma calculada. Era possível ver as faíscas soltadas entre Marshall e eu.

— Então o que você está dizendo é que o próprio CEO da companhia te deu permissão para usar sua folga anual exatamente no mesmo dia em que o senhor enviou um e-mail cancelando o maior contrato da empresa? —

questionou, tentando me encurralar.

— Não, estou dizendo que obtive permissão do meu chefe, que é o senhor Beak, para usar minha folga anual para uma viagem pessoal, e ele me deu. Continuo sendo enfático sobre não ter enviado o e-mail, até porque, no momento exato do envio, estava completamente incomunicável devido a um

passeio no deserto, onde não havia sinal nem para ligações, quem dirá internet suficiente para encaminhar um e-mail para cancelar o maior contrato da empresa. Existem fotos tiradas no momento do envio do e-mail com os que estavam presentes, com acesso à minha localização. Tenho o comprovante da compra do passeio e ainda confirmação do instrutor sobre minha presença — retruquei, e Marshall mal podia esconder seu sorriso de contentamento.

— Para mim parece apenas uma conveniência muito grande, quase que calculada, para que se safasse da decisão que tomou sem consultar a diretoria.

Só que nem eu, nem a maioria dos diretores, consegue entender o motivo por trás desse e-mail. Então, vou aproveitar a oportunidade para perguntar diretamente: por que o senhor cancelaria propositalmente o maior contrato da empresa tão perto da entrega dos resultados? Qual era a sua intenção? —

questionou e, quando estava pronto para retrucar, Spencer, do jurídico, entrou na sala, confiante.

— Objeção. Isso é especulação — disse no seu bom e velho estilo de advogada formada em Harvard.

Por que eu não parava de usar as piadinhas de Hyuna para me referir às coisas e pessoas? Ela havia acabado de revelar que tinha escondido um segredo enorme de mim.

— Não sabia que isso era um julgamento, nem que o senhor Young tinha direito a um advogado — Marshall retrucou, perdendo um pouco da compostura. Ponto para mim.

— Na verdade, isso é completamente ilegal sem a presença de um advogado, diretor Gills — Spencer respondeu. — Por esse motivo, iniciei um grupo de avaliação de provas para embasar seu pedido de demissão e encontramos respostas que são gravíssimas de uma conspiração real acontecendo na empresa. — completou, e Marshall sorriu contente. — Como é de conhecimento geral, nesses casos os funcionários têm autonomia de criar um *squad* para investigar o acontecido. No meu caso, solicitei ajuda dos times de tecnologia da informação, controles internos, auditoria, jurídico e controle de acessos. Todos disponibilizaram seus melhores talentos para o caso e conseguimos juntar as provas necessárias para apresentar a todos.

Assim, teremos a possibilidade de uma votação justa, embasada em fatos, e não apenas em especulação, como o diretor Gills veio fazendo — disse.

Mesmo com medo de que aquilo pudesse ricochetear em mim com provas falsas, não pude deixar de sorrir com o cutucão que ela deu nele.

Spencer sempre foi a minha preferida no jurídico. Não era à toa que sempre a escalava para ajudar nos contratos das maiores negociações. Então, pediu que todos avaliassem a documentação de uma pasta específica, enquanto ela mostrava no telão alguns slides.

— Assim que recebi o e-mail, percebi de cara esse erro grotesco de ortografia e fiquei consternada, já que, mesmo sendo estrangeiro, o diretor Young nunca cometeria um erro de iniciante como esse. Então, junto a sua

secretária temporária, que acabamos de descobrir ser a nova presidente do conselho, decidi investigar. Constatamos que ele nunca havia encaminhado nenhum e-mail com aquele erro. Isso foi suficiente para confiarmos na pessoa íntegra e correta que o senhor Young sempre demonstrou em ser, e a Hyu-, perdão, a presidente Hyuna se disponibilizou para resolver a questão com o banco, e me pediu para reunir as provas necessárias para o caso de realmente ter sido algo relacionado ao diretor. — disse.

Não pude deixar de ver graça em sua correção para tratar Hyuna mais formalmente.

— Porém, ao investigar o diretor Young, infelizmente nos deparamos com uma conspiração — disse, e todos começaram a cochichar pelo peso da palavra.

Até eu me arrumei melhor na cadeira para prestar mais atenção. Hyuna não havia me contado sobre a investigação… Mas ela havia me pedido para que confiasse nela, pois resolveria tudo. Então, acho que foi a maneira dela de me proteger de me envolver demais.

— Identificamos que o e-mail foi encaminhado de um IP interno da empresa, por isso, não poderia ter sido encaminhado remotamente pelo senhor Young. No item três do arquivo é possível comparar os IPs dos aparelhos pessoais do senhor Young e o IP de onde o e-mail foi encaminhado. Não batem. Então, começamos a fazer o caminho reverso para identificar quem o enviou, afinal, poderia ter sido premeditado pelo senhor Young. No entanto, como podem ver na próxima página, localizamos que foi encaminhado pelo funcionário David Smith, da área de TI, que fez o máximo para apagar seus vestígios, mas acabou sendo descuidado, para nossa sorte.

Conseguimos recuperar o e-mail, que é possível ser visto na íntegra — disse e, quando passou para o próximo slide e conseguimos ler o histórico dos e-mails, ouvi alguém bater na mesa com força.

— O que você acha que está fazendo? — esbravejou Anthony Beak, enquanto todos olhavam horrorizados o histórico do e-mail.

Ele ofereceu dinheiro abertamente para que o cara do TI fizesse com que a mensagem saísse do meu e-mail, e ainda indicou quais contatos precisavam estar em cópia. A única coisa que não ficou clara foi sua motivação. Por que no mundo ele prejudicaria propositalmente a própria empresa e um funcionário com histórico perfeito como o meu? Estava tão irritado que precisei afrouxar um pouco o nó da gravata para respirar melhor e não fazer nada precipitado.

— Senhor, com todo respeito, apenas estou demonstrando os resultados da investigação — Spencer respondeu.

— Vocês não acham muito conveniente que esse e-mail se volte para mim? Qual motivo eu teria para fazer algo através de Erik? — perguntou, agora tentando se controlar, olhando na direção da Hyuna.

Ela e o pai sussurravam um para o outro. Ele finalmente concordou, então Hyuna se levantou, tocando o braço de Spencer, agradecendo pela ajuda.

— Achei bem estranha a forma como o senhor se portou quando soube do e-mail. O senhor poderia ter enviado alguém mais competente do que eu, ou até mesmo ir pessoalmente resolver a questão, mas se limitou a desdenhar da única pessoa que estava tentando ativamente corrigir o problema, só porque eu era uma secretária temporária. O tipo de prejulgamento que jamais deveria vir de alguém na sua posição — Hyuna disse com um sorriso contido.

— Vou admitir que me senti chateada por você não se lembrar de mim, já que era um amigo, muito próximo da minha família. Se não fosse o suficiente não me reconhecer, ainda tentou me rebaixar e diminuir. Uma ótima postura para o CEO da maior divisão do grupo — disse, beirando o sarcasmo que eu conhecia. Ela estava se controlando para não falar o que queria.

— Eu nunca a inferiorizei. Minha intenção era saber se você conseguiria fazer tudo sozinha. Você entendeu errado, Hyuna. — Anthony tentou se defender.

— O senhor está insinuando que minha filha, presidente do conselho, está errada em suas observações? — perguntou o pai de Hyuna, e Beak engoliu em seco.

— Não, senhor. Só estou tentando explicar que nada disso faz sentido…

— Beak deixou a voz morrer.

— Spencer, pode passar para os próximos slides, que demonstram os resultados da investigação pessoal sobre o Senhor Beak que solicitei, por favor? — Hyuna pediu.

A advogada tomou a frente novamente para apresentar fotos de Beak encontrando-se com clientes que acabaram cancelando conosco nos últimos meses, expôs cenas de câmeras de vigilância da própria empresa, mostrando o quanto ele tentava parecer despercebido conversando com o cara do TI, que foi pessoalmente até a sala para “testemunhar”. No final de tudo, todos encaravam o CEO, espantados. Eu não estava diferente.

Tudo fazia sentido. Os contratos que não conseguia fechar, as dificuldades em passar qualquer ideia pela diretoria ou conseguir recursos.

Tudo o que vinha dando de errado era culpa dele e eu não fazia a menor ideia.

Beak estava praticamente soltando fumaça pelas ventas e olhava com ódio para Hyuna. Mesmo estando muito chateado por ela ter escondido tudo aquilo de mim, ainda temia que ele pudesse tentar fazer algo para prejudicá-la.

— Com todas as provas expostas de ambos os lados, quero propor uma votação para a destituição do CEO Anthony Beak, por propositalmente tomar iniciativas que afetaram a empresa e a integridade dos seus colaboradores e, ainda, por ter levantado falsas suspeitas e forjado provas para incriminar outra pessoa pelos seus atos — Hyuna propôs. — Todos aqueles que forem a favor, levantem a mão.

Olhei ao redor encarando, as mãos que se levantavam timidamente e, após a mão da própria Hyuna se levantar, os reticentes finalmente ergueram as suas,

inclusive eu. Apenas Beak permaneceu com o braço abaixado.

— Como a maioria dos votos foi a favor, o CEO Beak está oficialmente destituído do cargo. O senhor tem até o final do dia para entregar sua

renúncia. Quanto ao anúncio oficial para imprensa, vamos alegar que o senhor Beak está enfrentando problemas de saúde e vai se aposentar mais cedo — Hyuna instruiu, olhando diretamente para o homem, e eu podia jurar que tinha fogo nos seus olhos. — Só para esclarecer, não estou fazendo isso por você. Só acho que a imagem da empresa já sofreu muito pela sua irresponsabilidade — finalizou.

— E quem vai assumir interinamente o cargo? — questionou Gills. Era um oportunista mesmo.

Hyuna sorriu e olhou ao redor da sala.

— Diretora de RH, poderia nos dar alguma sugestão? — pediu, e Hanna se aprumou na cadeira, pensando por um momento.

— Acredito que o mais preparado para assumir o cargo imediatamente seria o diretor Young — respondeu, olhando-me com sinceridade.

— Agradeço a sugestão, mas o senhor Young acabou de sofrer uma conspiração, não acho que seja o momento ideal. Hanna, você assume interinamente. Já ficou claro que prioriza o que é o melhor para a empresa ao invés da sua própria vontade. Você também ficará responsável por estruturar o processo de escolha do próximo CEO — instruiu, e Hanna parecia chocada demais.

Quem não estaria? Uma bomba atrás da outra, sem nenhum tempo para processar o que estava acontecendo. Após esse assunto finalizado, o senhor Park encerrou a reunião, enfatizando sobre o sigilo das informações até que a notícia oficial saísse na imprensa, e finalmente nos dispensou.

Os diretores ao meu lado vieram me cumprimentar, alguns dizendo que sabiam desde o início que não era algo que eu faria, outros parabenizando-me por ter conseguido provar a verdade. O oportunista do Gills teve a cara de pau de vir me cumprimentar. Eu tentava olhar em direção a Hyuna, mas

ela estava cercada de pessoas e conversava educadamente com elas. Eu precisava falar com ela urgentemente.

— Então, como sempre, você se safou — Gills disse, e o encarei irritado. Naquele ponto, não conseguiria segurar muito bem minhas expressões de desagrado. — Eu queria ter a mesma sorte. Se soubesse quem ela era teria a contratado para trabalhar comigo nesses meses… Seria uma

bela vantagem — provocou, e sorri cínico colocando a mão em seu ombro discretamente.

— Você já tentou contratá-la há alguns anos e ela recusou. Não jogue a culpa na sorte se você não tem apelo para recrutar pessoas talentosas de verdade. Se me der licença, preciso dar as boas-vindas à nova presidente do conselho — finalizei, deixando-o com cara de tacho no lugar.

Caminhei em direção a Hyuna, mas, antes que pudesse chegar até ela, seu pai entrou no caminho com um sorriso educado no rosto. Era claro que ele iria falar comigo depois de tudo.

— Querido Erik, é sempre um prazer te ver. Infelizmente, dessa vez tínhamos um infortúnio para lidar — começou, e concordei educadamente, mas meus olhos continuavam escapando em direção a Hyuna. — Peço desculpas pelo que houve, em nome da empresa — disse, e sorri fraco.

— Não precisa se desculpar. Já ficou confirmado que não foi culpa da empresa — respondi, educado. Continuava a olhar furtivamente para Hyuna, não queria que ela conseguisse ir embora antes de falar comigo.

— Sempre achei impressionante a sua competência em fazer com que seus funcionários sejam fiéis a você. Essa é a qualidade que espero que você mantenha caso ainda queira tentar ser CEO — falou, e o encarei desconfiado.

— Independente do que aconteceu até esse ponto, você continua sendo o meu preferido, e tenho certeza que é a primeira escolha da nova presidente. Não fique muito bravo, ela estava apenas sendo uma boa filha — disse com calma, e tentei muito não ouvir minha intuição de que ele estava feliz demais

por tudo o que estava acontecendo. Então, só me sobrava uma única alternativa, levando em consideração o que Hyuna me contara sobre o pai.

— Desde quando o senhor sabe? — perguntei, e ele sorriu abertamente.

— Vamos ver… Desde que ela pediu meu helicóptero para buscar seu amigo num campo de golfe? Acho que foi por essa época — respondeu sinceramente.

Engoli em seco, estranhando demais a sua postura. Para alguém que sabia de tudo…

— E o senhor não tem intenção de nos impedir? — questionei em voz baixa. Mas estávamos falando em coreano, então poucas das pessoas ao redor

realmente poderiam entender.

— A essa altura, você já sabe que é impossível forçá-la a fazer algo que ela não queira. Se for a escolha dela, não posso fazer nada — disse. —

Agora, se me der licença, preciso resolver as coisas com o Anthony antes que ele cause mais estragos. Sempre bom conversar com você.

Senhor Park se retirou e me deixou com uma grande dúvida. Aquela com certeza não era a reação que eu estava esperando. Então, olhei para onde Hyuna estava, mas ela tinha desaparecido. Saí apressado da sala, procurando-a por todos os lugares que pude. Quando não a encontrei, decidi voltar para o meu andar; ela poderia estar me esperando lá. Entretanto, sua mesa estava completamente vazia.

Entrei em minha sala para pegar meu celular e tentar ligar para ela, mas, em cima da mesa, havia um envelope branco escrito “carta de demissão”.

Desabei na cadeira, respirando fundo antes de abrir a carta.

“Querido senhor Young,

Imagino que esteja bem impressionado com os últimos acontecimentos, certo? Espero que possa me desculpar por guardar esse segredo por tanto

tempo. Como deve imaginar, não é o tipo de notícia que poderia dar despreocupadamente, já que envolviam muitas pessoas.

Agradeço por toda a experiência que consegui trabalhando ao seu lado.

Aprendi muito sobre a empresa e sobre mim, nada disso teria sido possível sem sua ajuda.

Como deve imaginar agora, não posso mais ser sua assistente, por isso Spencer concordou em te ajudar durante esse mês que ainda falta para a licença de Laura acabar. Seja gentil com ela.

Obrigada por confiar em mim.

Da sua melhor assistente temporária,

Park Hyun Ah.”

Quando terminei de ler, não tive outra alternativa senão lançar minha bola de futebol na parede forte o suficiente para ela retornar, derrubando alguns enfeites que estavam sobre a mesa.

Eu estava tão frustrado com toda a mentira de Hyuna. Ainda assim, não poderia imaginar que ela se demitiria de maneira tão fria. “Querido Senhor Young”? Ela sabia que eu queria que me tratasse por Erik.

Continuei com meu plano inicial e tentei ligar para seu celular, mas caiu direto na caixa postal. Respirei fundo, completamente frustrado. Ao invés de me desesperar, pedi para minha irmã o número de Naomi e liguei para ela.

que disse que Hyuna tinha ido trabalhar normalmente naquele dia e que não sabia onde ela estava. Combinamos que ela me ligaria de volta se tivesse qualquer notícia nova.

Eu precisava esclarecer as coisas com Hyuna urgentemente.



Viajar sempre tinha sido uma das minhas coisas preferidas no mundo, por isso não imaginei que deixar o país fosse ser tão difícil.

Praticamente, fugi da reunião do conselho quando percebi que Erik

estava distraído conversando com papai. Nem ousei tentar imaginar o que o meu pai poderia estar falando para fazê-lo desistir de mim. O que, no caso, não seria tão difícil assim, já que, depois da bomba que jogamos, tinha certeza de que ele faria aquilo por vontade própria. Depois de deixar a carta de demissão sobre sua mesa, fui direto para o aeroporto. Não ousei ir em casa buscar nada, afinal de contas, não queria levar comigo nada que me fizesse lembrar dele ou do que tive que abrir mão. O que estava feito, estava feito, e eu precisava cumprir com minha parte no acordo.

Durante o longo voo, intercalei entre chorar, dormir e beber qualquer bebida alcoólica que me ofereceram na primeira classe.

Vinho? Claro, por que não?

Champanhe? Espumante é sempre bom.

Whisky duplo com gelo, por favor.

Naquela altura, imaginava que a próxima oferta seria me juntar a um grupo dos Alcoólicos Anônimos. Não era tão má ideia.

Quando cheguei ao aeroporto, sentia uma dor de cabeça horrível e meu estômago continuava protestando. Precisava de alguns antiácidos para controlar a azia. Assim que passei pelo portão de desembarque, dei de cara com uma mulher usando um short social e terninho branco sobre uma camisa preta de seda. Ela segurava uma plaquinha com meu nome, e parei em sua frente com um biquinho consternado.

— Então vou ter uma babá? — perguntei para a mulher que parecia estar na casa dos vinte. Talvez fosse um ou dois anos mais nova que eu, era linda e alta como uma *idol* do kpop.

— Na verdade, sua babá oficial está atrasada, já que minha tia informou o voo errado para eles — respondeu com um sorriso, e entendi o que estava acontecendo. — Meu nome é Kim Hyejoo.

— Você é a tal sobrinha da Kim Ji An? — perguntei, e ela concordou com um aceno. Fiquei mais aliviada. — Então você está do meu lado, certo?

— perguntei.

— Para tudo o que precisar — respondeu, e acenei.

— Preciso ir ver a vovó Soo, mas, antes, preciso de algum antiácido.

Meu estômago está me matando — pedi, e ela concordou.

— A senhorita não trouxe mala? — questionou. Revirei os olhos.

— Pelo amor de Deus, nada de senhorita. Você é mais nova que eu.

Pode me tratar por “você”, “Hyuna” e “unnie”’. Não vamos deixar a situação ainda mais chata, ok? — instruí, e ela concordou prontamente.

Hyejoo e eu seguimos em direção à mansão dos Soo em um táxi, e ela fez o motorista parar numa farmácia para comprar o que pedi. Durante o caminho, me contou sobre sua experiência profissional. Basicamente, tinha se formado

há alguns anos e trabalhava na área de projetos de uma boa empresa, mas seu chefe usou sua ideia e não deu os devidos créditos; além disso, tentou assediá-la diversas vezes e, não suportando mais a situação, pediu demissão. Mas como o homem era um monstro, praticamente manchou todo o currículo dela e se recusou a dar boas referências.

Sentia-me tão triste e revoltada por ver que a Coreia ainda dava espaço para homens como aquele continuarem em posições altas e nunca serem pegos. Se fosse comigo, papai poderia literalmente acabar com a raça da pessoa, mas Hyejoo só tinha a tia e uma irmã mais velha. Prometi que tentaria ajudá-la com a questão do emprego, mas que, por enquanto, precisaria da sua ajuda para passar pelos próximos meses.

Chegando na mansão, fomos anunciadas e liberadas para entrar.

Ficamos sentadas na espaçosa sala de estar, enquanto esperávamos pacientemente que alguém da família Soo aparecesse. Depois de alguns momentos, uma senhora muito bem vestida e de cabelos curtos entrou na sala, a postura perfeita que só alguém que tinha linhagem direta com a realeza coreana poderia ter. Hyejoo e eu fizemos uma reverência demorada e ela sorriu para mim, oferecendo para que nos sentássemos novamente.

— Chegou mais cedo do que eu estava esperando — vovó disse, e sorri abertamente.

— Estava morrendo de saudade, por isso me antecipei um pouco —

respondi. A senhora encolheu os olhos em minha direção, avaliando-me.

— Tem certeza que realmente é esse o caso? Você sabe o quanto odeio mentiras — questionou desconfiada, e suspirei.

— A senhora continua muito perceptiva, então, sinto que devo contar

minha intenção real em me adiantar. Vim ter certeza de que as minhas condições estão sendo levadas em consideração nesse contrato — respondi, usando a postura da vadia que eu tinha que ser.

— Quais são essas condições?

— Preciso que vocês cuidem de uma pessoa para mim.

— E por que você mesma não cuida? Não foi você que fugiu de casa para ser independente? — alfinetou, e engoli em seco.

Bruxa velha.

— Se eu pudesse resolver sozinha, não estaria me submetendo à humilhação de pedir para vocês — retruquei.

— Me informe melhor a quem você se refere e vou avaliar sua proposta com cuidado, mas não posso prometer nada — respondeu. Sorri contente.

— Pode ficar tranquila, vovó. Só estou te comunicando por consideração mesmo, esse favor vou pedir diretamente para quem sei que vai me ajudar — disse com um sorriso no rosto. Vovó parecia furiosa, entretanto, depois de alguns segundos sorriu contente.

— Quando sua mãe me contou, fiquei relutante. Mas te vendo assim, tão empenhada e centrada em conseguir o que quer que seja, só me dá mais segurança de que fizemos a escolha certa sobre você. Jiseok está bem animado em saber que você finalmente vai fazer a vontade dele — disse, e cruzei as pernas, vendo graça na sua colocação.

— Vovó, não estou fazendo isso para satisfazer a vontade dele, mas sim porque me sinto preparada agora. A senhora sabe que vocês foram muito precipitados na primeira tentativa. Já pensou se tivéssemos nos casado naquela época? Eu com dezoito anos e Jiseok com vinte e um? A esta altura, provavelmente já estaríamos divorciados — respondi, e ela concordou com um aceno.

— Ou estariam felizes e com filhos saudáveis. Jiseok poderia até ter assumido a presidência se você estivesse ao lado dele para incentivá-lo —

rebateu.

— Ele ainda não é o presidente? O que está acontecendo? — perguntei, estranhando.

Naquela idade, ele já deveria estar assumindo ou se preparando para tal.

— É a tradição da nossa família, ninguém assume a presidência sem estar casado. Traz má sorte para a empresa e não é bem visto entre os acionistas — respondeu.

Eles continuavam tão primitivos. Ao invés de simplesmente dar a posição a quem merecia, se prendiam a superstições antigas.

— Que horas o meu noivo chega? — questionei, olhando para o relógio no pulso.

— Já deve estar chegando — respondeu, e concordei com um aceno.

— Hyejoo, já pode ir para casa. Amanhã nos falamos, ok? — despedi-me, e ela se retirou, fazendo uma reverência leve. Assim que desapareceu pela porta, vovó finalmente falou o que estava se segurando para dizer.

— Prometa que você não vai fugir de novo, Hyuna. Eu perdoei seu erro na primeira vez, pela longa amizade entre as nossas famílias e porque entendo que você era jovem demais, mas dessa vez não serei benevolente caso invente alguma das suas artimanhas. Vou pessoalmente garantir que você e sua família sofram as consequências — ameaçou. Engoli em seco, tentando me manter firme. Eu não estava pensando em fugir. Ainda tinha uma carta na manga se fosse necessário, mas não poderia deixar aquilo transparecer e nem depender daquilo no próximo ano.

— Não acho que uma ameaça seja a melhor maneira de começar um relacionamento, vovó — uma voz masculina respondeu, e olhei na direção apenas para ficar boquiaberta.

A princípio, não consegui reconhecer a imagem do homem alto e de ombros largos que adentrava a sala. Apenas quando analisei melhor seu corte minucioso de cabelo e os lábios carnudos foi que consegui ver semelhanças com o menino magrelo e gentil da minha infância. As espinhas e o aparelho dos dentes haviam desaparecido, dando lugar a uma pele saudável e dentes perfeitamente alinhados num sorriso contido.

Se eu não estivesse total e completamente apaixonada por Erik, com certeza já estaria num quarto com ele agora, mas era somente aquilo: um homem bonito. Não chegava nem aos pés do meu chefe coreano com o sorriso mais quente de todo o universo.

Pobre Jiseok. Tão lindo e disponível na minha frente e, ainda assim, eu continuava pensando no homem que abandonei em Nova Iorque.

— É realmente você? — questionei, maravilhada, e ele concordou, enfiando as mãos nos bolsos, ainda distante de mim. — A idade te fez muito bem — elogiei, e vovó Soo pigarreou, fazendo-me encará-la com um sorriso quase forçado.

— Vou te dar mais uma chance, espero que aproveite bem — vovó disse antes de se retirar da sala.

Jiseok encarava o chão consternado, mas finalmente me olhou e se sentou no sofá em frente ao meu. Distância demais para pessoas que se casariam em pouco tempo.

— Tem alguma coisa que você queira me contar? — perguntou com cuidado.

Pensei em todas as coisas que deveria falar para ele. Sobre a ameaça de Stella, sobre o ataque do Beak, sobre a barganha com meu pai e até mesmo sobre assumir a presidência do conselho, mas não podia, então limitei-me a fazer o que eu fazia de melhor.

— Se você tivesse essa aparência há dez anos, eu provavelmente não teria fugido do nosso casamento — provoquei. Jiseok ficou vermelho na hora; precisou pigarrear e desviar o olhar. Dei risada da sua postura.

Ele continuava tão puro!

— Então agora você não tem motivo nenhum para me abandonar? —

perguntou sem me encarar, e senti meus olhos se encherem de lágrimas.

Eu sabia que tinha o magoado da primeira vez, mas tive meus motivos na época e éramos tão jovens. Achei que ele seguiria sua vida tão facilmente quanto eu segui, mas seu aceite ao pedido do meu pai só demonstrava que, no mínimo, ele ainda guardava alguma esperança sobre nós dois. Agora eu estava usando sua influência para proteger outro homem e, mesmo que não tivesse intenção nenhuma de magoá-lo, também não tinha ido até ali com a intenção de ser a melhor esposa do mundo.

Jiseok não tinha culpa nenhuma dos meus problemas e não era justo que ele pagasse pelos meus erros e sofresse pelos meus caprichos, de novo. Ele

tinha um coração bom e merecia bem mais do que eu estava disponível para dar, já que tinha entregue tudo de mim para Erik e agora restava apenas uma concha vazia, ligeiramente bêbada e triste para ele se contentar.

Decidi atravessar o espaço entre nós e me sentei ao seu lado, tomando suas mãos nas minhas, e esperei que ele me encarasse. Quando finalmente o fez, tentei ser o mais firme possível para convencê-lo. Eu tinha muito a perder se aquilo não desse certo e, se tinha qualquer intenção de ter uma relação minimamente boa com ele, precisava que confiasse em mim de novo.

— Eu não vou mentir para você e dizer que estou fazendo isso pelos motivos certos, porque não estou. Mas estou feliz que seja você, porque me lembro de como era doce e gentil quando éramos mais jovens. Então, preciso que você me dê só mais um voto de confiança e prometo do fundo do meu coração tentar te fazer feliz, mesmo nessa situação que nos enfiei — garanti, e ele concordou com um aceno.

— Seu pai me disse que tem um homem que preciso garantir que fique longe de você — confessou, e percebi que ele estava se esforçando para não falar mais do que era necessário. — Preciso saber quem ele é, Hyuna. Tenho que entender no que estou me metendo. Quero muito confiar em você, mas para isso acho que você precisa ser sincera comigo. Juro que não vou te condenar e nem desistir de você, porém não vou conseguir passar por tudo aquilo de novo se não tiver certeza de que agora será diferente — finalizou.

Uma lágrima rebelde escorreu pelo meu rosto.

— Eu estava com um homem em Nova Iorque, mas algumas pessoas horríveis conspiraram para fazê-lo perder o emprego, e ainda fui ameaçada para me afastar dele — comecei devagar. — A mulher que me ameaçou é uma doida desvairada que estudou comigo um tempo na pós-graduação, mas ela não sabe quem sou e me ofereceu vinte mil dólares para o largar, achando que eu estava com ele por interesse. — Jiseok engoliu em seco, mas continuou me ouvindo atentamente. — Nunca me senti tão humilhada em toda a minha vida. Mesmo que eu tenha largado tudo para ser independente, algo dentro de mim se enfureceu por ela não ter se dado o trabalho de procurar sobre mim. Então, quando neguei o dinheiro, ela ameaçou deportar Naomi de volta para cá. Ela tem muitas conexões, poderia fazer da vida de Naomi um inferno e eu nunca me perdoaria se deixasse isso acontecer —

resumi e nem me dei o trabalho de tentar segurar as lágrimas.

Estava tão exausta. Tinha feito um esforço muito grande para sobreviver à reunião dos acionistas e ainda fugido de toda a minha vida. Eu só queria poder me abrir um pouco depois de esconder isso por todo esse tempo.

— E se ele vier atrás de você? — perguntou.

— Não vou voltar para ele, se é isso que você está querendo saber —

respondi. — Mas pode ficar tranquilo, ele vai desistir completamente assim que a gente divulgar o noivado. Por isso, precisamos fazer isso o quanto antes e evitar que ele sequer tente — disse, pois sabia que papai poderia inventar alguma das suas artimanhas para punir Erik caso ele cogitasse atrapalhar o negócio entre as famílias.

Depois de mentir sobre minha identidade, era necessário só mais uma bomba para ele desistir de vez de mim.

— E qual é sua tal condição para anunciarmos o casamento? —

questionou.

— Preciso que você acabe com a influência da mulher que ameaçou Naomi e, se possível, enfie a cretina numa cadeia — respondi sucinta.

— Como você acha que vou conseguir isso, Hyuna?

— Vocês estão em processo de aquisição da empresa do pai dela. Pelo que li a respeito, eles já estavam quase falidos, então, se quiser minha opinião, diria para comprar e os deixar de fora, o pai e a filha. Assim, vão ficar vulneráveis o suficiente para eu a mandar para a cadeia — disse. Ele concordou com um aceno. — É tudo o que eu peço. Você acaba com ela totalmente e eu prometo não te abandonar — garanti.

Jiseok apoiou os cotovelos sobre os joelhos e afundou o rosto nas mãos, consternado. Será que meu pedido era muito difícil? Por fim, ele concordou com um aceno antes de me encarar. Seus olhos escuros estavam cheios de significado quando ele sorriu fraco.

— Algum dia você vai sentir por mim uma fração do que sente por ele?

— o homem à minha frente perguntou, partindo totalmente meu coração. —

Deve ser uma sensação muito boa merecer toda a sua dedicação… Eu realmente sinto muito, Hyuna — Jiseok admitiu com pesar, e o encarei em dúvida.

— Por que você sente muito?

— Porque não sou ele — respondeu, e entendi perfeitamente o peso da minha decisão.

Para salvar as pessoas que eu amava, eu ainda magoaria muitas outras no processo. Pessoas que não tinham nada a ver com o problema e que, como o homem cabisbaixo que eu encarava, só queriam ser amados, nem que fosse um pouco. Não corresponder Ryan era fácil, pois ele tinha me magoado e traído minha confiança, mas não corresponderia Jiseok por um motivo completamente diferente. Como poderia sentir algo por ele se meu coração só protestava por Erik?

Aquela era uma competição injusta, pois, desde o início, eu sabia que ele não ganharia. Ainda assim, sabia que teria que me manter naquela escolha para fazer justiça contra tudo o que Erik sofreu por minha causa.



Conversava com a vovó Soo pelo celular do motorista que ela disponibilizou para me escoltar para cima e para baixo. Hyejoo, a sobrinha de Kim Ji An, continuava ao meu lado e eu oficialmente a tratava como minha assistente pessoal para os preparativos do casamento. Eu precisava que alguém lidasse com aquilo para mim, mas ainda tinha que cumprir com algumas questões básicas, como comparecer numa reunião muito formal entre os advogados das duas famílias.

Eu havia acabado de sair dessa reunião e havíamos combinado todos os pormenores do anúncio do casamento, que queriam que fosse para meados de dezembro. Mas eu sabia que não poderia esperar tanto assim, já que Stella poderia tentar algo de novo nesse meio tempo. Por isso, sugeri que fosse no último domingo de novembro, tendo menos de um mês para os preparativos.

Era desesperador justamente por ter sido tão rápido e por eles terem concordado prontamente com minha sugestão. Acabou que eu ficaria responsável pela organização da festa junto com mamãe, a madrasta de

Jiseok e a vovó Soo. Por isso Hyejoo era importante. Eu não tinha nenhuma vontade de planejar minha parte e nem decidir o que no final deveria ser meu casamento dos sonhos. Os homens ficaram responsáveis pelo anúncio do noivado e os pormenores da negociação das vantagens do casório.

— Sim, vovó, a senhora pode contratar o profissional que quiser para os preparativos, só quero que tudo passe por mim no final, ok? — disse, e a senhora concordou antes de desligar. Devolvi o celular para o dono e me afundei no banco do carro. — Preciso comprar roupas, vim sem nada para cá

— pedi para Hyejoo e ela confirmou, indicando um endereço para o motorista.

Fomos até um grande shopping de Seul que pertencia ao grupo da família do meu noivo e deixei que Hyejoo comprasse o que ela quisesse, tanto para mim quanto para ela.

— Você não vai escolher suas roupas? — perguntou, enquanto entrávamos numa loja.

— Eu raramente escolho, minha melhor amiga sempre foi responsável por essa parte. Ela é uma design incrível, então você vai precisar se esforçar

bastante. Preciso estar perfeita nos próximos dias — respondi.

— Tenho um limite de *budget*? — questionou, e neguei com um gesto, encarando uma vitrine luminosa de lingeries. — Acho que seu noivo vai ficar bem feliz se usar alguma dessas — brincou, e não pude deixar de rir.

— Ele provavelmente teria um treco. Ontem eu o elogiei e ele pareceu um pimentão — confessei.

— Os homens daqui não estão acostumados com mulheres que tomam iniciativa — comentou.

Eu sabia bem daquilo. Inclusive, o próprio Erik era reticente sobre mim no início, justamente por eu saber o que queria e por ir atrás daquilo abertamente. Mais uma vez, eu me lembrava dele. Será que ainda estava muito chocado com minha revelação? Será que ele já tinha desistido?

— Preciso de uma bebida — choraminguei, e Hyejoo arregalou os olhos enormes.

— Mas você nem tomou café da manhã e já está no horário de almoçar.

Está tudo bem? — questionou. Sorri fraco.

— Vou me casar em menos de um mês, preciso estar bem magra para o meu vestido — menti descaradamente, e Hyejoo pareceu acreditar.

A verdade é que não sentia fome nenhuma e tinha a sensação de que se comesse algo, provavelmente morreria depois.

— Conheço um bar incrível que fica aqui perto. Assim que comprarmos tudo eu te levo lá, ok? — ofereceu, e fiz um bico mimado.

— Não podemos ir agora?

— Não. Você precisa de roupas e de um celular novo, porque esse que você me entregou não para de receber mensagens e está com a caixa postal lotada — disse, e precisei segurar o impulso de checar para ver o que ou quem era. — Como imagino que você não vai querer responder nada disso, a melhor solução é comprar um novo e se livrar desse.

Concordei com a mais nova e tentei não pensar na possibilidade de as mensagens serem de Erik ou da Naomi. Nem a minha melhor amiga sabia o que eu tinha aprontado e desconfiava que ela estava a um passo de contar o que fizemos para Erik. Se ela fizesse isso antes do meu casamento, eu

provavelmente nunca conseguiria resolver a situação da Stella.

Hyejoo e eu compramos roupas o suficiente para que eu pudesse passar aquele mês. Também insisti que ela pegasse algumas coisas para ela, era o mínimo que poderia fazer; estava usando o dinheiro do meu noivo mesmo.

Depois de comprar um novo aparelho de celular, insisti para que fossemos para o tal bar. A mais nova pediu algumas porções e cerveja, enquanto eu optei quase inconsciente por uma dose de *vodka* com energético. Era a única

maneira em que eu conseguiria beber *vodka,* e queria tomá-la só por ser a bebida preferida de Erik.

— Como é sua família? — perguntei para Hyejoo para quebrar o gelo.

— Moro com minha irmã e minha tia vive na América, como você já sabe. Não tenho outros parentes próximos — disse, dando mais um gole na sua bebida. — Minha irmã é uma atriz. Já teve alguns papéis secundários e agora está tentando seu primeiro papel no elenco principal.

— Ela é boa? — perguntei.

— Muito. É até assustador vê-la atuando, se torna outra pessoa. Em compensação, não sabe mentir quando é ela mesma. Incrível, né? —

comentou com orgulho, e sorri. Dava para perceber o quanto ela falava da irmã com amor.

— E você sabe mentir? — perguntei. Ela me encarou curiosa antes de sorrir fraco.

— Tão bem que me sinto mal — confessou.

— Não se sinta. Se você for mesmo trabalhar com aquela família, vai precisar — aconselhei.

— Por que eu precisaria saber mentir?

— É a única maneira de durar por perto de pessoas que valorizam a imagem. Eles não ligam para mim ou para o que possa ter acontecido.

Contanto que eu esteja bem vestida e sorrindo, para eles vai estar tudo certo

— confessei, e a garota acenou positivamente. — Menos Jiseok. Ele valoriza a verdade, mesmo que machuque.

— Você acha que consigo trabalhar com ele depois que vocês se casarem? — questionou direta, e não pude deixar de sorrir.

— Se eu fosse uma noiva normal, deveria ter ciúmes de deixar uma mulher bonita como você perto do meu noivo — provoquei. — Mas como não sou normal, vou te ajudar.

— Obrigada! E eu prometo não me envolver com ele — garantiu, e precisei rir.

Ela tinha um senso de humor ótimo, o que era perfeito para me distrair da merda de situação que eu tinha criado.

Depois de encher a cara o suficiente para não pensar em Erik a cada cinco minutos, decidi que era o momento de voltarmos para casa. O problema é que eu teria que ir para a enorme casa da minha família ou para a casa do Soo. Nenhuma dessas opções me agradava, então decidi me hospedar em um hotel pelos próximos dias. Queria aproveitar o pouco que restava da minha liberdade sozinha. Hyejoo precisou levar meu celular para que eu não fizesse nenhuma besteira e ficou responsável por avisar as famílias onde eu estava.

Não tinha ideia da desculpa que ela daria, mas aceitei de bom grado quando se ofereceu para ajudar.

Algum tempo depois de me jogar na cama, acabei adormecendo e só acordei quando o telefone do quarto começou a tocar insistentemente.

Estiquei-me o suficiente para alcançar o aparelho e o apoiei na bochecha, ainda deitada e de olhos fechados.

— *Senhorita, temos um visitante e ele alega que você o está esperando*

— uma voz masculina informou com educação, e pisquei incomodada.

— Quem? — perguntei.

— *É o senhor Soo* — informou, e bufei. Não esperava uma visita assim tão cedo.

— Pode deixar subir — disse e me arrastei para fora da cama para escovar os dentes, ainda sonolenta e levemente embriagada.

Ouvi um toque baixo da campainha e abri a porta, coçando os olhos para afastar o sono. Quando realmente olhei para o lado de fora, praticamente pulei de susto ao perceber que não era Jiseok quem me encarava dos pés à cabeça com um sorriso satisfeito no rosto. Então, finalmente me toquei que estava apenas com a camisa que usei mais cedo para ir para a reunião.

O homem de cabelos pretos abriu um sorriso zombeteiro que deixou sua covinha na bochecha evidente.

Era só o que me faltava.

— Se eu soubesse que me passar pelo meu irmão fosse me dar uma visão dessas, eu teria vindo mais cedo — provocou Taehyung, meio-irmão do Jiseok, que tinha a mesma idade que eu.

— O que você quer? — perguntei irritada. Ele era uma das últimas pessoas que eu esperava ver durante o meu tempo em liberdade.

— Eu vim apenas dar as boas-vindas a minha nova cunhada. Estou bem chateado por você não ter me procurado antes — disse com um biquinho debochado, e precisei rir da sua expressão.

— Por que eu te procuraria? Eventualmente acabaríamos nos encontrando — retruquei.

— Da última vez que você veio para a Coreia, eu fui a primeira pessoa que você procurou e, se me lembro bem, a gente se divertiu bastante —

provocou e mordeu os lábios, dando um passo para mais perto. Continuei encarando-o em desagrado. — Não vai me convidar para entrar? —

perguntou, e revirei os olhos.

— Se não me falha a memória, foi *você* quem me encontrou e não o oposto — retruquei, e ele piscou surpreso antes de sorrir.

— Tudo bem, admito que eu era o único com cérebro suficiente para procurar no lugar mais óbvio possível. Vamos lá, Hyuna. Você tem pouco

tempo de liberdade, tem certeza que não quer aproveitar comigo? Tem milhares de garotas que morreriam para estar no seu lugar — tentou.

Em outros carnavais, a gente já estaria na cama, mas eu não era mais assim. Tinham coisas muito maiores em jogo que a minha vontade de transar e, claro, Taehyung cometeu seu maior erro ao supor que ser pretensioso me faria o querer. Por que eu quereria algo tão fácil que poderia ter a qualquer momento?

Mais um na fila dos que nunca chegariam aos pés do meu chefinho coreano.

— Acha que me importo com suas fãs adolescentes? Você quem está na

minha porta pela segunda vez, não o contrário. Então, dê mais uma olhadinha no que nunca vai ser seu e cai fora do meu quarto — rebati. Por um mísero segundo, Taehyung pareceu se abalar pelas minhas palavras.

— Tudo bem, Hyuna, como você quiser. Mas quando ele não der conta de te satisfazer, não hesite em me procurar — ofereceu, e precisei rir da sua tentativa ridícula de menosprezar o próprio irmão.

— Ele tem se saído *muito* bem, então, se eu fosse você, não esperaria de pé — menti na cara dura e sorri docemente para sua expressão de raiva. —

Ah, aproveita que você está indo para casa e diz que eu vou esperar por ele para gente continuar o que começamos ontem — cutuquei ainda mais, e ele concordou com um sorriso consternado.

— Você não tem ideia do que está perdendo — disse antes de se afastar da porta. Sorri abertamente.

— Eu sei exatamente o que estou perdendo, por isso mesmo não estou interessada — retruquei, colocando a cabeça para o corredor para que ele pudesse ouvir.

Fechei a porta do meu quarto, rindo abertamente da sua tentativa ridícula de me usar para pegar no pé de Jiseok. Dez anos se passaram e ele continuava infantil e implicante com o mais velho. Eu sabia como ninguém que a melhor maneira de se safar dessa briga era ficando do lado certo.

Aproveitei que estava acordada mesmo e tomei um banho longo e demorado para afastar toda a toxicidade que vinha junto a figura de Taehyung. Entretanto, deixar a água quente escorrer pelo meu corpo foi levando embora a nuvem de álcool que ainda estava em meu sangue e, com isso, só conseguia pensar no quanto Naomi estaria preocupada comigo, desaparecida por três dias inteiros. Ainda estava morta de cansada devido ao *jet lag* e emocionante quebrada por ter que desistir da minha vida. Para completar, desde que chegara na Coreia havia tido todos os embates possíveis, desde vovó Soo até o inconveniente com o Soo mais novo.

Nem me dei ao trabalho de segurar as lágrimas. Eu só fazia aquilo mesmo: chorar e chorar, eventualmente beber para conseguir me tornar um ser humano suportável. Não tinha ideia de quanto tempo havia passado no banho, mas, quando meus dedos estavam completamente enrugados e eu estava praticamente sóbria, decidi sair para ligar para Hyejoo.

Ela mal atendeu e eu já disparei.

— Preciso que você me encaminhe as mensagens de Naomi. Minha senha é…

Ela me interrompeu.

— *Hyuna, você me disse para não fazer isso* — comentou, e suspirei.

— Mas agora preciso saber o que ela está me falando — retruquei.

— *Desculpe, mas vou seguir sua primeira instrução e amanhã a gente negocia novamente.*

— Por que você tem que ser tão eficiente? — resmunguei, e ouvi a mais nova rir do outro lado da linha. — Ela é minha melhor amiga e a considero como uma irmã. Ela não tem ideia do que eu tive que fazer. Por favorzinho, só leia o que ela está me falando — pedi e percebi o quanto ela ficou reticente. — Se você estivesse no meu lugar e Naomi fosse sua irmã, você não avisaria que está bem? — incitei. Hyejoo finalmente suspirou do outro lado.

— *Golpe baixo* — reclamou. Passei minha senha para que ela pudesse verificar minhas mensagens. — *Você quer mensagem por mensagem ou só um resumo?*

— Ela mandou muitas?

— *Tinham mais de cem mensagens não lidas dela. Outras pessoas também estão tentando falar contigo* — explicou. Fechei os olhos, esperando que não fosse Erik. — *Ela realmente está preocupada. Diz aqui ela se encontrou com Erik e ele contou sobre sua posição na empresa. Ela perguntou se você estava louca, depois se desistiu da sua própria vida e, por fim, está dizendo que esse Erik não para de ligar para ela querendo saber de você. Disse que não aguentaria guardar segredo por tanto tempo. Além disso, ela pede insistentemente para você ligar para ela e não fazer nenhuma bobagem* — Hyejoo resumiu, e só não chorei ainda mais porque provavelmente meu estoque de lágrimas tinha acabado.

— Me faça um favor e responde para ela que eu estou viva e bem, que não posso dar mais detalhes agora, mas que em poucos dias ela vai ficar sabendo de tudo. E que ela precisa ficar de boca fechada, senão tudo o que eu

fiz vai ter sido em vão — instruí. Depois de um suspiro, completei. — Diz que eu estou morrendo de saudades e que a amo.

— *Hyuna…*

— Sim?

— *Tem um tal de "Bundinha Coreana" te ligando nesse minuto* —

Hyejoo disse, e dei um pulo da cama.

Por que diabos Erik me ligaria depois de tudo?

— Você mandou a mensagem para Naomi? — questionei, sentindo meu coração pular de ansiedade.

— *Sim, mas… essa pessoa não para de ligar.*

— Mande para a caixa postal e desligue o celular de novo. A única pessoa que precisava saber sobre mim já foi informada. Obrigada pela ajuda

— disse e desliguei antes que ficasse tentada a fazer a besteira de querer falar com ele.

Mesmo não sendo uma pessoa religiosa, pedi aos céus que me ajudassem a seguir em frente para protegê-lo. Eu me conhecia o suficiente para saber que só conseguiria superá-lo se fizesse uma besteira descomunal, mas, como não queria me dar o luxo de ir em uma balada e estragar o acordo do meu casório, decidi que faria algo do que eu não poderia me perdoar caso algum dia quisesse ficar com Erik de novo. No entanto, eu estava sentindo tanto o vazio e a dor da minha escolha que precisava de uma distração.

Tentei tirar a minha ideia principal da cabeça. Liguei a televisão, assisti episódios de doramas que estavam passando, ainda assim, não conseguia me desligar. Quando percebi que não estava surtindo efeito, passei os canais sem focar em nada por muito tempo. No momento em que eu enjoei de ver a programação passar, já era tarde da noite e eu sabia que minha estratégia de distração não estava dando certo.

No final das contas, eu não estava tão diferente assim da Hyuna que eu era, já que tinha voltado à estaca de precisar criar problemas para confortar da minha perda. Tateei na cama em busca do meu celular e disquei o primeiro número registrado na discagem rápida.

— *Alô?* — Jiseok atendeu.

— Seu irmão entregou meu recado? — perguntei.

— *Então vocês realmente se encontraram?*

— Ele veio no meu hotel se passando por você e eu o deixei subir, mas não se preocupe, pois o coloquei no devido lugar — contei.

— *Taehyung apenas me provocou sobre ter ido e não me deu recado nenhum* — informou e seu tom de cansado entregou o quanto ele estava incomodado.

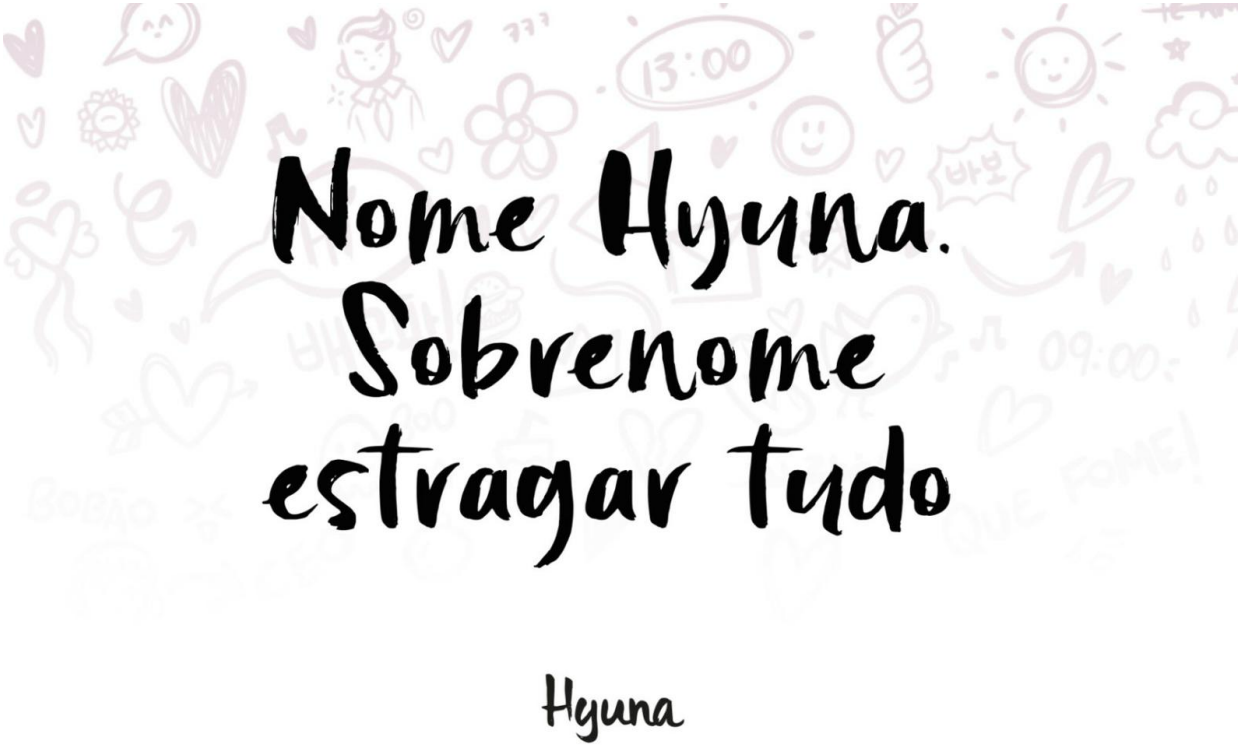
— Quero que você venha para cá — pedi.

— *Agora? Hyuna, já está tarde* — comentou, e respirei fundo, pensando em como faria um homem puro como ele vir até mim.

— *Preciso* de você aqui — enfatizei. — Você vai ser meu marido em um mês. Se não puder cuidar mim, quem vai? — questionei, e ele demorou alguns segundos antes de responder.

— *Estou a caminho* — disse finalmente, e agradeci aos céus por ele ter concordado.

Era só esperar e tentar, novamente, estragar tudo com minha mania horrível de fingir que não sentia nada.



Depois de anos ignorando os conselhos de Naomi, precisei abrir mão de todas as coisas das quais eu me orgulhava em ser e em ter conquistado para fazer justiça às pessoas que amava. Só então entendi o quanto suas palavras faziam sentido.

Minha melhor amiga sempre soube que eu me sabotava e me alertava constantemente sobre tal, entretanto, nunca imaginei que precisaria ir para o

outro lado do mundo e sentir a falta dela para entender seus avisos. Eu realmente fazia o que fosse necessário para não sentir e tinha sofrido muito nos últimos dias, estava cansada e geralmente só uma coisa me distrairia.

Decidi vestir um baby-doll rosa que comprara mais cedo. Seu busto tinha detalhes em renda e restante do tecido era em seda, leve e fria sobre a minha pele. Não demorou muito para que avisassem sobre a chegada de Jiseok. Pouco tempo depois, ouvi sua batida na porta do quarto e corri para abrir.

Seu cabelo escuro caía em sua testa e dava um ar mais jovem ao homem.

Ele também usava roupas informais e engoli o aviso gritante em minha cabeça que me dizia para não continuar com aquilo. Reprimi-o o suficiente para conseguir admirar Jiseok.

Ele é bonito, pelo amor de Deus. Não vai significar nada. É apenas distração, pensei.

Jiseok ficou totalmente envergonhado quando percebeu o que eu estava vestindo e pigarreou, desviando o olhar do meu corpo para meu rosto, beirando o desespero.

Tão cavalheiro.

— Qual é a emergência? — ele perguntou, olhando por cima da minha cabeça para dentro do quarto.

Qualquer coisa para evitar me olhar diretamente.

— Entre — instruí. Entrei, esperando-o vir atrás. Depois de perceber que não o faria, voltei até a porta e segurei em seu pulso, puxando-o para dentro e fechando a porta em seguida. — Você está com medo de mim? —

perguntei com um sorriso contido. Ele suspirou e finalmente me encarou.

— Não tenho medo de você, só acho a situação um tanto inapropriada

— respondeu. — Você disse que precisava de mim, o que houve?

Apertei os lábios juntos, pensando no que poderia falar, mas, no final das contas, atitudes sempre seriam melhores que palavras. Então, me aproximei dele e deslizei as mãos suavemente por seus braços até chegar em seu pescoço. Fiquei na ponta dos pés e encostei os lábios nos dele com cuidado. Sua primeira reação foi segurar meus ombros e me afastar. Encarei-o em dúvida; ele parecia chocado demais com minha atitude.

— O que é isso? — perguntou com a voz trêmula. Engoli em seco.

— Eu disse que precisava de você… — comecei, mas ele me interrompeu.

— Não precisa de mim e sabe disso. Não faça isso com você mesma.

Não sou a pessoa que você quer — respondeu cabisbaixo. Pisquei em surpresa pela sua resposta. — Eu nunca vou suprir a falta dele, Hyuna, e, sinceramente, não sei se consigo fazer isso sabendo que você vai pensar em outra pessoa…

Encarei-o, embasbacada.

Por que diabos ele estava me afastando?

— Quem disse que vou pensar em outra pessoa? Você está bem aqui na minha frente, pode ter certeza de que não vai ter outra coisa na minha cabeça senão o que vamos fazer… — tentei em tom baixo, aproximando-me novamente do seu corpo, mas seu olhar continuava consternado.

Ele me olhava incrédulo.

Ótimo. Era tudo o que eu precisava. Mais um homem que não aceitava fazer o que eu queria… No entanto, sua resistência parecia incendiar ainda mais a minha vontade de me enfiar em problemas. Tinha que ser ele.

Ninguém mais precisava se envolver. Então, engoli em seco e me afastei o suficiente para abrir a porta dramaticamente.

— Seu irmão veio até aqui me oferecendo exatamente o que quero, mas eu o coloquei para fora porque queria fazer a coisa certa, e é assim que sou recompensada… — disse, indo contra todos os meus pouquíssimos

princípios para tentar afetá-lo. Jiseok me encarou, fechando a cara na mesma hora. —

Vai embora — disse, encarando o chão.

Jiseok se colocou na minha frente com o olhar preocupado.

— Se eu for embora… Você vai pedir para Taehyung voltar? —

perguntou com a voz trêmula.

— Vou, e ele vai vir — respondi, confiante. Sabia que só precisava de mais um incentivo para conseguir o que eu queria. — Me dê seu celular —

pedi e, mesmo contrariado, me entregou o aparelho. Busquei na agenda o contato do irmão e disquei, colocando a ligação no viva voz. Em poucos toques, ele atendeu.

— *O que você quer?* — Taehyung atendeu, e Jiseok ficou pálido.

— Eu percebi que não tinha o seu contato — comecei a falar. O mais novo riu abertamente do outro lado da linha. — Sobre o que conversamos mais cedo, acho que mudei de ideia — disse, encarando Jiseok, que apertou os lábios juntos com irritação.

— *Finalmente tomou juízo e vamos nos divertir? Posso voltar, então?*

— perguntou, e Jiseok tomou o celular da minha mão.

— Não venha. Toda a segurança foi instruída a não te deixar entrar no hotel — Jiseok respondeu e, antes que o irmão pudesse responder, finalizou a ligação e jogou o celular pelo quarto, encarando-me irritado. Tentei muito não sorrir.

Jiseok fechou a porta do quarto. Seu peito subia e descia visivelmente.

Sabia que tinha pego pesado com ele e cutucado uma ferida antiga, mas era essa Hyuna que eu sempre fora. Eu faria o que fosse preciso para conseguir o que queria, mesmo que isso não fosse o melhor para mim. Ele me tomou

pela cintura e colou minhas costas na parede, olhando com dificuldade nos meus olhos.

— Você é má, Hyuna — disse. Encarei seus lábios numa súplica silenciosa para que ele acabasse logo com aquilo.

— Eu posso ser boa — respondi com a voz carregada de desejo, antes que o homem na minha frente apertasse os próprios lábios contra os meus.

Inicialmente, foi forte, mas tímido. Entretanto, a provocação que causei anteriormente fora o suficiente para que uma versão irritada e urgente

aparecesse. Agradeci aos céus por ter cutucado a onça com vara curta. Era exatamente aquilo que eu precisava para desviar minha atenção do meu maior problema.

Cumpri fielmente minha promessa de não pensar em ninguém mais além de nós dois enquanto estávamos juntos, mas, quando me dei por satisfeita e ele me puxou para o seu peito, por um mísero segundo esperei sentir o cheiro amadeirado com toque de erva doce de Erik. Tudo o que tinha ao meu redor era um leve cheiro de um dia chuvoso. Aguentei firme, enquanto esperava Jiseok adormecer, e, quando ele o fez, me desvencilhei com cuidado dos seus braços e vesti a primeira roupa que vi na frente. Abri o frigobar, agarrei a primeira coisa alcoólica que pude encontrar e marchei para o corredor do hotel fechando a porta com cuidado atrás de mim. Encostada na parede, deixei meu corpo desabar, tentando não soluçar pela decisão estúpida que tinha tomado.

Erik não merecia aquilo. Jiseok não merecia aquilo. Eu tinha estragado tudo achando que me sentiria melhor, mas, no final, me sentia ainda mais miserável e despedaçada do que antes. Naquele momento, fiz exatamente aquilo que sabia que Erik jamais perdoaria. Todo meu esforço até então desceu pelo ralo, por causa da minha decisão estúpida de transar só por não suportar a ideia de imaginar meu chefe ligando incansavelmente para saber o que eu tinha feito por ele. Podia imaginar exatamente todo o sermão que Naomi me daria quando soubesse.

Eu ainda tinha uma chance de redenção, mas, naquele momento, tinha, de fato, arruinado tudo. Exatamente como eu sabia que aconteceria no início.

Ainda assim, teimei em continuar.

Bebi o conteúdo da minigarrafa de *whisky* e tentei me acalmar o suficiente para voltar para o quarto. Escovei os dentes e me deitei com cuidado na cama para não acordar o homem que dormia tranquilamente do outro lado. Dormi muito mal aquela noite, acordando toda vez que Jiseok se mexia na cama. Por isso, quando o sol nasceu iluminando levemente o quarto, sabia que precisava ser forte e fingir que tinha tomado a decisão certa para proteger os sentimentos dele.

Ouvi claramente quando ele se espreguiçou e, ao perceber onde estava, praticamente pulou de susto. Não pude deixar de sorrir com seu jeitinho doce.

O homem se sentou e passou a mão pelos cabelos descontrolados, olhando-

me muito envergonhado.

— Bom dia — disse com um sorriso fraco, e ele piscou para observar melhor o meu corpo.

— Essa é a minha blusa? — Concordei com um aceno. — Então nós…

realmente? — perguntou confuso.

— Fizemos sim. Você não se lembra? — perguntei curiosa, e ele negou com um sorriso.

— Não, eu lembro, só achei que tivesse sonhado — confessou timidamente. Precisei rir da sua reação.

Segurei sua mão com cuidado.

— Obrigada por fazer a minha vontade — disse com sinceridade. Foi a pior decisão da minha vida? Claro, mas eu tinha pedido por aquilo e ele poderia ter negado, ainda assim, preferiu me ajudar.

— Não que você tenha me dado muita escolha… — comentou, e ri audivelmente com vergonha do showzinho que dera para convencê-lo. —

Ainda acho que seus motivos não eram justos, mas você estava certa sobre uma coisa: nós vamos nos casar e, se não pudermos ajudar um ao outro, ninguém mais vai.

Concordei com ele.

— Obrigada mesmo, por tudo — disse com sinceridade, por tudo que queria realmente dizer sobre todas as coisas que ele nem sabia que estava me ajudando a fazer.

Jiseok tocou meu rosto com a ponta dos dedos, com timidez, como quem aprecia a sua maciez, e se tornou muito sério.

— Vou fazer o que você me pediu — declarou, e o encarei em dúvida.

— Depois da nossa primeira conversa, coloquei uma pessoa para investigar aquela família. Acontece que eles estão envolvidos com muita sujeira, então, usei alguns contatos da promotoria para abrirem uma investigação. Em alguns dias, eles não vão ter nada e podem ser até presos. Eu te prometo que vou garantir pessoalmente que essas pessoas paguem pelo que te fizeram passar — disse com intensidade desconhecida por mim. Encarei-o maravilhada.

— Eu nem sei como te agradecer… — confessei. Ele deu de ombros, sorrindo.

— Vou te dar um tempo para pensar em algo — brincou, e tentei mesmo não desabar em lágrimas.

Então, me levantei da cama, indo em direção ao banheiro.

— Levante, hoje nós temos que anunciar o casório para o universo.

Depois de me trocar e rebocar o rosto com maquiagem o suficiente para disfarçar a noite mal dormida, Jiseok e eu voltamos juntos para a mansão.

Sua postura animada e risonha só fazia com que me sentisse a pior pessoa do mundo por tê-lo usado, mas ele parecia genuinamente feliz. Decidi não ser uma cretina, por isso, tentei meu máximo para termos uma conversa despretensiosa e animada durante o caminho. Quando chegamos na mansão, meu pai já estava presente e nos aguardava na longa e farta mesa de jantar, acompanhado da minha mãe.

Jiseok deu um bom dia educado e pediu um momento para se trocar.

Enquanto eu me sentava, recebi todos os tipos de olhares. Mamãe me direcionava um olhar quase reprovador. O pai e a madrasta de Jiseok cochicharam entre si, animados. Vovó Soo parecia tão contente que suas bochechas estavam a ponto de saltar do seu rosto enrugado. Papai era uma incógnita, e Taehyung, que estava esparramado na cadeira, me direcionou um olhar de deboche que beirava a irritação. Suspirei cansada.

A madrasta de Jiseok iniciou uma conversa leve e agradeci pela distração. Pouco tempo depois, meu noivo voltou vestindo uma roupa diferente e se sentou ao meu lado. Seu irmão não escondeu o quanto estava incomodado com essa imagem e os dois pareciam soltar faíscas. Toquei de leve o braço de Jiseok para que ele me encarasse e sorri de leve.

— Não dê atenção — sussurrei. Ele engoliu em seco, concordando.

— Vejo que os dois já estão se dando bem — o pai de Jiseok comentou, e o encarei.

— O senhor nem imagina o quanto — respondi com um sorriso doce.

Mamãe precisou beber longos goles de água para disfarçar o incômodo.

Taehyung sorriu debochado, fazendo um gesto negativo. — Eu disse que dessa vez será diferente.

— Isso é muito bom, Hyuna. Anunciamos agora há pouco para a imprensa — o pai de Jiseok avisou, e senti um frio na barriga só de imaginar a reação das pessoas em Nova Iorque. — Nós decidimos que não faremos uma festa de noivado grande, apenas para as pessoas mais próximas das famílias. Já

para o casamento, vamos fazer do jeito certo. Você já tem ideia de como vai ser a cerimônia? Precisamos liberar os convites o quanto antes.

Engoli em seco.

— Já estou cuidando disso. Tão logo eu decida o local, vocês podem mandar os convites — garanti. Depois disso, o café da manhã seguiu com todos conversando animadamente sobre os possíveis preparativos e locais para o evento.

Eu fingia o tempo todo que estava animada, mas já preparei relatórios mais feliz do que estava me sentindo para preparar meu casamento. Depois disso, mamãe insistiu que queria um momento comigo e fomos para a sala de estar para conversar.

— Então, você está bem firme da sua decisão — começou, e suspirei. —

Naomi me ligou esses dias perguntando por você.

— O que você disse? — questionei.

— Disse que estava bem e que falaria com ela quando estivesse preparada. Conheço você o suficiente para saber o que quer que eu faça —

disse, e concordei, aliviada. — Você já dormiu com ele, Hyuna? —

perguntou, direta, e olhei para as minhas mãos. — Claro que dormiu…

— Não acho que deixei isso tão óbvio assim — retruquei.

— Você, não. Mas Jiseok não tem toda a sua discrição — comentou. —

Minha filha, tome cuidado com as decisões que está tomando. Não precisa acelerar as coisas. Infelizmente, vocês vão ter uma vida inteira juntos, não tem necessidade de começar nesse momento difícil e correr o risco de se magoar no processo — comentou.

— Eu sei o que eu faço — respondi, e ela acariciou meu cabelo com cuidado.

— Não, você não sabe. Por isso mesmo se meteu nessa bagunça. Mas é grandinha e não posso mais tomar suas decisões por você. Se acha que isso

vai te fazer esquecer aquela pessoa, então faça — disse com cuidado.

— Como ele está? — perguntei num sussurro.

— Ele vai ficar bem — mamãe garantiu. Concordei com tristeza.

Mamãe, então, se levantou para conversar com a madrasta de Jiseok.

Elas eram conhecidas de longa data e estava feliz por ela conseguir se distrair um pouco. Jiseok, seu pai e o meu pai precisaram ir até a empresa para uma coletiva de imprensa. Decidiram que nesse momento eu não participaria, provavelmente para manter minha imagem imaculada de herdeira rica e submissa aos homens da família. Apesar de detestar ficar de fora da parte divertida, achei melhor, pois não tinha muito ânimo para tal.

Decidi ligar para Hyejoo para iniciarmos os preparativos do casamento e combinamos de nos encontrarmos mais tarde naquele dia. Assim que desliguei o telefone, percebi Taehyung chegando na sala. Ele se esparramou no sofá em frente ao meu, encarando-me com um sorriso contido que insinuava sua covinha na bochecha.

— Incrível como você consegue os enganar direitinho — disse, e revirei os olhos.

Ele era tão bonito de boquinha fechada.

— Você continua chateado por eu ter escolhido seu irmão, não é? —

perguntei.

Ele sorriu, perverso.

— Vamos ver se vai ser ele que você vai escolher para se divertir no futuro.

— Se você ao menos tivesse criado uma situação mais interessante…

Mas aparecer completamente disponível no meu quarto com um laço vermelho nunca vai me fazer te querer. Da próxima, tente algo mais criativo

— provoquei, sorrindo.

— Eu precisava arriscar. Há alguns anos você teria aceitado sem nem pensar. Mas não estou chateado, até porque mudanças são sempre bem-vindas e sua recusa só deixa tudo ainda mais divertido. Nem te quero tanto assim. Magoar o seu noivo é minha maior meta — pontuou.

— Enquanto eu estiver por aqui, pode ter certeza que vou impedir que

isso aconteça — garanti.

— Tão caridosa protegendo o gatinho medroso… Quanto tempo você consegue passar no cabo de guerra? — comentou com um sorriso doce e fingido no rosto.

Revirei os olhos para toda sua bobagem adolescente de odiar o irmão e peguei minha bolsa, determinada a encontrar Hyejoo para acertamos os detalhes do casamento o quanto antes.

— Não precisa se esforçar tanto, Hyuna. Sei que deve ser difícil para você ter que olhar o tempo todo para o primeiro homem da sua vida, então, se quiser se lembrar da sensação que só eu sei causar, é só me chamar — disse, confiante. Ele era a porra de um babaca cretino.

Quem jogava algo assim na mesa? Se Jiseok ouvisse aquilo, ficaria arrasado…

— O papo foi ótimo, mas vou embora logo para não ser intoxicada por toda essa merda que sai de você — respondi, educada, e soprei um beijo em sua direção, mas no fundo queria enfiar a cara dele no asfalto.

Encontrei a menina numa cafeteria no centro da cidade e, para minha surpresa, ela trouxe várias opções de locais e conceitos básicos para iniciarmos o processo. Explicou-me todos os pontos positivos e negativos de cada um e tentei ao máximo parecer interessada. Depois do quinto local, suspirei, cansada, e apoiei o rosto na palma da mão.

— Ainda faltam muitos? — questionei, olhando para a tela do notebook.

— Mais uns dez… Você não gostou nenhum desses? — perguntou.

— Gostei de vários, na verdade, mas queria que você diminuísse as opções. Me mostre os maiores e mais luxuosos, algo para fazer a imprensa surtar e a família de Jiseok não me fazer escolher um novo — pedi. Ela pensou por um momento antes de começar a pular fotos, até parar em uma específica.

— Eu separei esse, mas imaginei que você acharia exagerado… —

disse. Sorri para que ela continuasse. — É um castelo estilo europeu. É

perfeito se você quiser algo luxuoso. O salão principal suporta até mil pessoas para a cerimônia e ainda tem outro salão de festas mais amplo. Como

fica na província, ainda tem alguns quartos e os convidados que quiserem podem ficar por lá até o dia seguinte. Ah, também tem heliporto e um jardim incrível para as fotos — explicou animada. Encarei-a em surpresa.

— É o lugar dos seus sonhos, certo? — perguntei, e ela sorriu timidamente.

— É o lugar dos sonhos de todas as mulheres, na verdade. Esse é o mais luxuoso que consegui encontrar no país — informou. Concordei com um aceno, olhando novamente as fotos do local que parecia ter saído de um dos filmes da Disney.

Eu sempre fugi de casamentos, então, um local como aquele era o oposto total a tudo que poderia querer caso me casasse por vontade própria.

Concordei com um sorriso.

— Vai ser esse. Pode cuidar do restante com a pessoa que a vovó Soo contratou? — pedi. Ela concordou prontamente.

Sai da cafeteria, pensando no quanto Naomi iria adorar me fazer um vestido para aquela ocasião. Mesmo sabendo que a ocasião traria uma visibilidade

enorme para a NK, conseguia imaginar toda a tristeza que minha amiga sentiria fazendo um vestido para me casar com o homem errado.

Amava demais a minha melhor amiga para colocá-la numa situação dessas. Ainda lutava internamente para saber se a convidaria ou não para o meu casamento. Quanto menos pessoas da minha vida real estivessem presentes, mais fácil seria.



Alguns dias depois de decidir o local, todos estavam eufóricos com os preparativos para o casamento. A mansão dos Soo tinha pessoas o tempo todo para que eu escolhesse pratos, doces, arranjos de flores, cores, texturas e até o

material dos talheres da festa. Estava mental e fisicamente cansada. Tomara aquele planejamento como um trabalho que precisava ser entregue perfeitamente e Hyejoo foi a principal responsável para que tudo andasse nos prazos. Deixou muito claro por que trabalhava com projetos: tinha muita competência para tal e era muito profissional, além de uma companhia leve e divertida.

Durante aqueles dias, não tive mais incidentes com o irmão caçula, até porque ele não apareceu mais na mansão. Descobri mais tarde que ele já não morava com a família há alguns anos. Não podia estar mais agradecida por

aquela informação. Ele era uma pessoa tóxica e deixava todos ao seu redor se revirando na própria pele com toda a sua rebeldia mal-educada. Ninguém tinha vontade ou coragem de repreendê-lo, então foi para o melhor mesmo.

Faltava agora pouco mais de uma semana para o casamento e eu já tinha recebido convites para participar de alguns programas de variedades que estavam sedentos pelos detalhes do meu casamento. Recebi uma proposta até de um desses programas que gravavam os preparativos como um documentário. Hyejoo tentou por muito tempo me convencer, mas minha intuição me dizia que era exposição demais, então recusei ambos os convites.

Eu não era uma celebridade e nem queria ser, o tipo de atenção que desejava era outra. Não queria ser a porra da princesinha fútil que faria um casamento milionário e que seria ainda mais luxuoso que o último casamento real britânico.

Apesar dos dias terem voado e das insistentes crises de choro, fui firme em não ir para cama com Jiseok outra vez. Eu quis. Muito. Só para me livrar do aperto no peito depois de sonhar com Erik ou depois de pedir que Hyejoo lesse algumas mensagens de Naomi, mas fui forte o bastante para sofrer sozinha.

Acabamos nos beijando em uma outra oportunidade; tínhamos experimentado vários tipos de bebidas alcoólicas diferentes para a festa do casamento e acabamos bêbados, descalços e escorados um no outro, sentados no chão da sua cozinha. Sabia que o momento viria e apenas deixei que ele se aproximasse. Foi leve, tímido e muito embriagado. Depois disso, rimos como duas crianças imaturas e não aconteceu mais.

Foi um momento puro e genuíno de cumplicidade, e sabia que tinha significado muito mais para ele do que significou para mim. As vantagens de

não ter um coração disponível é que dificilmente alguma coisa me atormentava, e era liberal o suficiente para saber que um beijo era só um beijo. Já havia beijado amigas e sentido exatamente o mesmo que senti quando beijei meu noivo: nada.

Hyejoo me buscou no hotel junto com o motorista da família Soo e fomos direto para a parte do processo que tinha me tirado o sono.

Estacionamos em frente ao imponente ateliê de vestidos de noiva mais prestigiado do país no horário marcado e respirei fundo antes de entrar no lugar. Fomos muito bem recepcionadas e aceitamos de bom grado o espumante oferecido. Então, o estilista com o penteado inusitado questionou se eu tinha alguma preferência de estilo. Pensei sobre aquilo.

Eu adorava vestidos delicados, com saia leve e esvoaçante e que mostrasse muita pele, preferencialmente as costas e os braços. Mas aquele não era o meu casamento dos sonhos, aquele não seria um design da minha melhor amiga e eu não entraria na igreja com o homem que amava, então me limitei a responder:

— Mangas longas e muitas camadas. Quero que a Cinderela tenha inveja do meu vestido.

O estilista sorriu satisfeito.

— Sei exatamente o que você precisa. Vou trazer algumas opções —

disse, e sumiu pela loja.

Tomei todo o meu champanhe de uma vez e caminhei até o provador, ficando apenas de calcinha e sutiã tomara que caia. Pouco tempo depois, me entregaram os vestidos e me ajudaram a vesti-lo com cuidado. Saí do cubículo com a primeira opção para que Hyejoo visse. Ela sorriu com os olhos brilhando.

— Você está linda — disse. Encarei meu reflexo no enorme espelho, sentindo meu coração se apertar com a imagem que refletia.

O vestido tinha longas mangas e uma saia proeminente e cheia, mas era elegante e tinha bastante transparência nas costas, por isso, não o quis e informei ao estilista. Fomos para os próximos modelos, entrei e saí de vestido após vestido. Cada uma das vezes que gostava de algo, pedia que aquilo não existisse no próximo e, depois de algumas taças de champanhe, lágrimas

silenciosas no provador e um princípio de crise de ansiedade, o estilista apareceu com outro vestido. Ele tentava disfarçar os olhos cansados com um sorriso educado.

Enfiei-me no vestido e percebi de cara que ele tinha muito mais camadas do que eu poderia sonhar, o que era perfeito. Também contava com alguns detalhes bordados pela longa saia e um laço de cetim, que dividia a saia espalhafatosa do corpete trabalhado em uma renda complexa e levemente brilhante. Essa mesma renda compunha a longa manga até o meu pulso. A única coisa que me incomodou foi a pele exposta pelo decote e clavícula, que davam charme ao vestido, mas sabia que pareceria uma freira se pedisse algo mais fechado, então tentei me contentar.

Apesar de ser o oposto de tudo o que eu queria, o vestido não deixava de ser lindo e estava à altura da ocasião. Sabia que não teria ninguém na cerimônia que conseguiria desviar os olhos de mim. Ainda assim, precisava de uma única opinião para ter certeza da minha decisão e, sem sair do provador, chamei por Hyejoo. Ela prontamente veio até a porta.

— Precisa de mais champanhe? — perguntou, e olhei abismada para minha taça vazia. Ela era muito perceptiva mesmo.

— Sim… Mas preciso do meu celular antigo, e nem tente me convencer do contrário. Tenho oitenta por cento de certeza que esse é o vestido certo, mas preciso da minha melhor amiga, senão vou ter um treco — dramatizei, enfatizando bem o quanto precisava de Naomi.

Hyejoo pensou por alguns segundos e acabou suspirando. Ouvi seus passos se afastarem, mas logo voltaram e ela abriu a porta do provador sem cerimônia, direcionando-me um olhar reprovador.

— Vou tirar algumas fotos e você vai ter exatamente dez minutos para uma videochamada. Fui clara? — ofereceu, sem chance para recusas. Revirei os olhos.

— Você é corajosa… — analisei, e ela cruzou os braços de cara fechada. Irredutível. Concordei com um aceno. — Tudo bem, dez minutos.

Entendi.

Fui até o salão onde tinha mais espaço e luz para as fotos.

Hyejoo me instruiu sobre os ângulos e poses, enquanto clicava para

bater as fotos. Quando estava satisfeita, mandou tudo para Naomi e esperamos alguns minutos até meu celular vibrar com sua ligação. Senti meu coração protestar de saudades, mas Hyejoo atendeu, se apresentou e informou a situação antes de desligar e retornar com a chamada de vídeo. Estiquei as mãos para o aparelho como se fosse o bem mais precioso do mundo. Mesmo com a qualidade ruim da imagem, senti meus olhos cheios de lágrimas transbordarem só de vê-la. Quando a resolução se acertou, percebi que ela também chorava.

— *Eu vou matar você, eu juro que vou. Como você coragem de não me chamar para o seu casamento?* — ameaçou com raiva, e precisei rir.

— Não ia ter coragem de te chamar para me ver casando com um vestido que não foi feito por você — expliquei.

— *Você está quebrando uma promessa e sabe disso. Se eu não estivesse tão preocupada, poderia ter ignorado as fotos. O que deu em você para desistir de tudo assim? Erik e May estavam megapreocupados contigo até essa notícia tenebrosa sair em tudo que é jornal* — contou, e senti o pulo no peito só de ouvir aquele nome.

— Por um acaso você não contou para ele que… — comecei e me impedi de continuar quando percebi Hyejoo atenta a tudo o que falávamos.

Deveria tomar cuidado. — *Aquilo* — disse ao invés.

— *Não contei, nem May, mas o homem é habilidoso. Fez de tudo para tentar me convencer, mas depois da notícia não me procurou mais* — disse tristonha. Tive que segurar o soluço que queria sair do meu peito.

— Ele desistiu, então? — questionei arrasada, mas, pela presença de Hyejoo, acabei completando. — Ótimo, quanto antes ele desistir, mais cedo vou poder voltar para te ver — disse para Naomi, que ainda parecia desolada.

— *Erik não parece ser o tipo de homem que desiste fácil* — disse, mas algo em minha expressão de terror fez com que ela suspirasse. — *Desculpe, não foi por isso que você me ligou.*

— Quero sua opinião sobre o vestido.

Ela olhou novamente as fotos e ainda tentei mostrar alguns detalhes pela câmera frontal.

— *Eu amei, mas não tem nada a ver com você* — disse, e sorri satisfeita. — *Se você usar um véu, peça algo bem leve, senão vai derreter de calor até a hora do "aceito". Ah, também use sapatos fechados, algo com bastante brilho e preferencialmente prateado. Esqueça scarpin perolado, vá direto para uma meia pata ou vai se perder nesse monte de camadas* —

instruiu. Hyejoo respondeu dizendo que estava anotando tudo. — *Diria para prender somente uma parte do cabelo, mas, se entendi bem sua intenção, é melhor prendê-lo todo num coque baixo. Modele sua franja para dar um ar romântico…* — disse e pensou por mais alguns segundos.

— O que falta? — perguntei, e ela finalmente pareceu lembrar.

— *Uma pérola delicada na orelha e nada de colares ou pulseiras. Use uma coroa, vai ficar incrível* — disse, e concordei, sentindo meu coração se apertar.

— Venha para o casamento — disse sem nem pensar nas palavras que saíram da minha boca. — Preciso de você aqui comigo — pedi exasperada.

— Hyuna, não tem mais lugar… — Hyejoo comentou triste, e lancei um olhar tão duro que me arrependi no mesmo instante.

— Corte alguém ou crie um lugar. Minha melhor amiga vem. Não é negociável — avisei, e ela concordou, pedindo licença para tentar resolver a questão. Aproveitei o momento para olhar melhor para a minha amiga. — Eu fiz algo horrível, *unnie* — choraminguei.

— *Eu sei que tudo isso foi para nos proteger. As coisas vão melhorar eventualmente…* — tranquilizou-me, e neguei com um gesto desesperado.

— Não é isso. Eu… eu fui para cama com Jiseok — confessei sem forças para mentir para ela.

Esperei os gritos e o sermão, mas o que recebi em resposta foi infinitamente pior. Naomi me encarou, completamente decepcionada, e fiz um beicinho, preparada para me render novamente ao choro.

— *Quando achei que você finalmente tinha amadurecido, vai lá e faz exatamente aquilo que sabe que só vai piorar as coisas. Você realmente quer esquecer Erik tanto assim?* — perguntou e não precisei pensar muito para responder.

— Eu não quero, mas tenho que fazer isso, e vou. Não importa como —

respondi, tentando me convencer das minhas próprias palavras. — Só venha ao meu casamento, ok? Use algo bonito e arranje um namorado rico que vai te bancar — brinquei.

Naomi riu da minha palhaçada.

— *Prefiro morrer sozinha que depender de um homem para pagar as contas, e você sabe disso* — retrucou e concordei.

— Eu sei, e é por isso que te amo e te admiro tanto — disse com sinceridade e, antes que ela pudesse responder, Hyejoo avisou que o tempo acabou. Despedi-me com um sorriso, repetindo o pedido para que ela viesse para o casório.

Antes de desligar, ela confirmou que viria e agradeci aos céus, porque, tendo-a ao meu lado, sabia que conseguiria superar qualquer situação. Naomi foi quem esteve comigo nos meus melhores e piores momentos, era a pessoa que conhecia de verdade cada pequeno miligrama de mim. Conhecia-me melhor do que eu mesma e, se tinha alguém que queria ao meu lado naquele dia pavoroso, seria a minha melhor amiga. A irmã que eu escolhi a dedo para ser minha.

Com o vestido devidamente aprovado pela única opinião profissional com a qual eu me importava, pedi que Hyejoo liberasse mamãe, vovó Soo e a madrasta de Jiseok para virem ver e dar uma opinião. Seguindo as instruções

de Naomi, arranjaram-me um véu leve e delicado e uma tiara que imitava uma coroa. Fiz um coque improvisado e até mesmo segurei um buquê, apenas para que elas vissem o mais próximo ao produto final.

Quando estavam devidamente sentadas, andei calmamente para não tropeçar nas longas camadas do vestido e as encarei com um sorriso tímido.

Mamãe sempre foi uma manteiga derretida, então não fiquei tão surpresa por ela começar a chorar com a minha visão. Os olhos de vovó brilharam em contentamento e a madrasta de Jiseok sorriu de orelha a orelha.

— Você parece uma princesa! — a madrasta elogiou, e fiz uma reverência de bailarina em resposta, o que arrancou risadinhas delas.

— Aprovado. Realmente está à altura do compromisso — vovó comentou.

— Você está linda, filha. Perfeita — mamãe disse. — Jiseok realmente é um homem de sorte.

Eu não poderia concordar com sua afirmativa. Sentia-me exausta por toda a correria dos últimos dias, mas o cansaço era bem-vindo, já que me distraía das coisas que eu não queria pensar. Depois da aprovação de todas, o estilista voltou para tirar as medidas para os ajustes finais e senti a falta de Naomi, pois ela sabia todas elas de cor.

Faltava tão pouco tempo para o casamento que nem me dei ao trabalho de tentar ir para o hotel. Tinha muito a ser resolvido. Por isso, estranhei a mensagem de Jiseok perguntando se poderia encontrá-lo. Fui até o local indicado e encarei curiosa a casa de portão alto. Toquei o interfone moderno e tinha certeza que era possível me ver do lado de dentro por uma pequena tela. Com um estalo, o portão se destrancou e o abri com cuidado. Olhando para o chão, percebi um gramado baixo com uma árvore grande ao canto e algumas mudas de plantas discretas. Havia uma passagem em piso acinzentado que levava até a casa de vidro de dois andares.

O caminho no meio da grama era iluminado por pequenos *leds* pelo chão, e caminhei sentindo meu estômago protestar em antecipação. Abri a longa porta de madeira escura e observei a enorme sala que tremeluzia sombras por todos os lados, devido aos pequenos potinhos de vidro arredondados

com velas acesas que me fizeram olhar cada móvel com curiosidade. Tudo parecia no lugar exato e sabia que ali tinha tido um esforço de uma equipe enorme. Engoli em seco antes de chamar por Jiseok, e ouvi sua voz vindo do segundo andar. Subi as escadas de madeira com cuidado, deparando-me com um corredor, e percebi que ele estava parado em frente a uma das portas, encarando-me muito sério com as mãos nos bolsos.

— O que é isso? — perguntei e me assustei com o quanto minha voz pareceu alta naquele completo silêncio.

— Imaginei que você não gostaria de morar na mansão, então tomei a liberdade de procurar algo menor para nós dois — explicou, e percebi o quanto ele estava nervoso. — Foi o menor lugar que vovó aprovou, mas já adianto que ela achou um absurdo termos apenas três quartos. Tive que prometer que nos mudaríamos para algo maior depois que você se sentisse confortável. Até lá, podemos pensar numa desculpa nova — complementou, e sorri com toda a sua preocupação em me agradar.

— Você fez tudo isso sozinho? — perguntei, e ele recusou com um sorriso.

— Sua amiga me ajudou, na verdade — disse, e pisquei sem entender.

— A senhorita Kim — esclareceu, e assenti, entendendo.

— Ela é muito competente… Lembra muito de como eu era no início da minha carreira — disse, e olhei ao redor do corredor escuro com curiosidade.

— Eu sei que nós tivemos aquele episódio há algumas semanas, mas também sei o suficiente sobre a sua história para saber que vai precisar de um tempo, por isso escolhi essa casa e quero te apresentar ao seu quarto —

explicou, abrindo a porta atrás de si e me dando espaço para olhar o interior do lugar.

O cômodo estava decorado em tons neutros e nudes, mas com detalhes em dourado que davam um charme aconchegante lugar. Numa das paredes, havia uma penteadeira com maquiagens e produtos de beleza, e ainda contava com um porta-retratos com uma foto minha e de Naomi, e me perguntei como ele havia conseguido aquilo. Além disso, havia um pequeno

closet e um banheiro privativo. Era um quarto completamente feminino, mesmo com a cama de casal disposta entre dois criados mudos. Encarei Jiseok, emocionada.

— Onde você vai dormir? — perguntei com cuidado. Ele sorriu, gesticulando com a cabeça para que o seguisse até a porta de frente para a minha.

Abriu devagar, mostrando o quarto simples com detalhes em cinza chumbo, e finalmente entendi o que ele estava fazendo quando percebi um porta-retrato de uma mulher sorridente segurando um bebê bochechudo no colo. Senti meus olhos protestarem, encarando a foto que sabia significar muito para ele. Sua voz veio baixa e profunda logo atrás de mim.

— Vamos nos casar por algo que vai muito além de nós dois, então não quero que você se preocupe com o que vai fazer na sua casa… Seu quarto vai ser seu mundo. Continue sendo quem você é e tenha seu espaço. Se precisar de mim, basta bater na minha porta. Vou estar sempre aqui para o que der e vier — garantiu, e deixei a lágrima que segurava cair pela surpresa da sua atitude.

Virei-me para olhar em seus olhos e mordi o lábio sem saber o que dizer.

— E se… e se nós algum dia quisermos… — Tentei formular de uma maneira que não soasse como se estivesse dando esperanças de algo que poderia nunca acontecer.

— *Se*. Mas só *se* algum dia nós dois quisermos e estivermos preparados para isso, no final do corredor tem a suíte principal — disse, e concordei com um aceno. — Não se preocupe com isso, não espero que você… — começou, mas se impediu de continuar, desviando o olhar para longe. Encarei-o, curiosa.

— O que você não espera? — perguntei com a voz embargada. Jiseok manteve os olhos presos no chão. — Diga — pedi, e ele suspirou contrariado.

— Não espero que você tenha sentimentos por mim — confessou com dificuldade. — Então, não precisa se sentir pressionada, porque não tenho

nenhuma intenção de precipitar nada… — explicou e finalmente conseguiu me encarar com olhos brilhantes de uma emoção que eu não sabia exatamente como ler, mas sabia que significava muito mais do que eu poderia sequer compreender. — Imagino que deve ser exaustivo ter que lidar com meus sentimentos, por isso vou fazer de tudo para não ser um fardo para você, Hyuna. Mesmo que você nunca me corresponda, não vou reclamar ou exigir nada. Vou ser exatamente o que você precisar, mesmo que o que você precise não seja o que eu sinto.

Não pude impedir o soluço que irrompeu do meu peito e inundou meus olhos com novas e quentes lágrimas.

Passei os braços ao redor da sua cintura e afundei o rosto em seu peito, chorando toda a minha tristeza por finalmente ter entendido a profundidade das consequências dos meus atos. Jiseok estava protegendo meus sentimentos e se disponibilizando a estar sempre acessível para as minhas vontades, sem esperar nada em retorno, e eu só estava naquele quarto, naquele momento, para salvar a pele de outro homem, um homem por quem eu faria exatamente o mesmo.

Chorava por compreender que, por mais rápido e disfuncional que pudesse parecer, Jiseok sentia por mim exatamente aquilo que eu sentia por Erik, e era por aquele motivo que ele aceitaria a solidão de se manter em um

casamento de mentira, dormindo em quartos separados, já que o seu amor por mim superava o seu próprio orgulho.

Eu não merecia que ninguém, nem Erik, nem Ryan, e muito menos Jiseok, sentisse algo perto daquilo por mim. Era mentirosa e dissimulada, egoísta e uma filha terrível, que achava ser imune a qualquer consequência dos próprios atos desesperados por vingança.

Finalmente havia entendido como a minha decisão de proteger Erik havia causado estragos que eu não poderia consertar, mesmo com a minha carta na manga. Eu jamais seria capaz de propositalmente magoar uma pessoa que sabia que meu coração pertencia a outro e, ainda assim, faria de tudo para que eu me sentisse confortável. Eu acreditava fortemente que não tinha um coração e que poderia fazer o que fosse por quem eu amava, até mesmo

magoar uma pessoa inocente. Só não esperava me deparar com alguém realmente bom e que claramente me amava, mesmo que eu não merecesse.

Jiseok tinha acabado de estragar tudo para mim e, enquanto chorava em seus braços tímidos, sabia que precisaria desistir da ilusão de que poderia voltar para minha vida antiga, para Naomi, Laura, Serena e Bill, para Mayumi e a senhora Young… De que poderia ser feliz com Erik. Não sairia nunca mais daquela situação, não por ter sentimentos românticos por Jiseok, mas por ele ter conquistado o meu mais profundo respeito…

Como eu poderia sequer cogitar quebrar um coração puro como aquele?

No final das contas, talvez, mas só talvez, eu tenha feito um coração de verdade preencher o meu peito com o amor que sentia por Erik, entretanto, aquele mesmo coração me afastaria dele para sempre, e eu não via sequer uma chance de impedir que aquilo acontecesse.



Entorpecida. Completa e totalmente letárgica em meu próprio desespero.

Eu já havia feito as fotos do casamento há dois dias e evitei o máximo que pude encarar meu reflexo sorridente nas imagens. Era tudo mentira.

Enquanto o maquiador terminava os detalhes sórdidos da minha maquiagem, eu encarava o espelho com uma estranheza que não me cabia no

peito. Remexia-me constantemente na cadeira, parecendo desconfortável com o robe de seda que usava para não sujar o vestido incrivelmente caro que havia comprado, mas o incômodo era mais profundo e dedilhava por debaixo da minha pele, revirava o estômago vazio insistentemente. Quando a maquiagem ficou pronta, ajudaram-me a vestir o enorme vestido com cuidado e encarei com horror o meu reflexo.

Sentia que estava prestes a surtar e irromper em lágrimas, mas havia prometido a mim mesma que não tornaria aquele dia mais dramático do que precisava ser. Contudo, manter minha promessa não foi exatamente a coisa mais fácil do mundo. Todos os profissionais que estavam me ajudando deixaram o cômodo a pedido de Hyejoo, e a encarei, curiosa.

— O noivo quer saber se pode te ver — disse com um sorriso contido.

Respirei fundo antes de sorrir.

— Ele está lá fora, não está? — perguntei, e ela concordou com um aceno divertido.

Caminhei até a porta e, sem a abrir, falei em tom alto para que ouvisse.

— De onde eu venho, ver a noiva antes da hora dá má sorte — disparei, e ouvi sua risada do outro lado.

— De onde eu venho, a má sorte se dá se eu *não* te ver. E agora? Como resolver esse infortúnio cultural? — questionou. Tentei pensar.

— Sorteio online? — tentei, e ele riu novamente.

— Talvez um presente melhore minhas chances — barganhou.

— Presente? — questionei, mas, quando não consegui ouvir sua resposta, abri a porta e dei de cara com uma Naomi bem vestida e que ria discretamente entre as lágrimas ao me ver.

Mal percebi quando meus braços envolveram seu pescoço num forte e desesperado abraço. Como previ que ainda teria muito o que chorar, pedi

que toda a maquiagem fosse à prova d'água, então nem me preocupei em segurar a emoção que sentia.

Quando finalmente conseguimos nos afastar, Naomi me estapeou nos braços até que eu me afastasse, rindo da sua atitude.

— Você continua violenta — disse com um sorriso, e ela riu, entrando

no enorme cômodo do enorme castelo que havia reservado para o evento.

— Porque você continua me dando trabalho! — reclamou. — Não acredito que você realmente vai se casar — ela sussurrou, e concordei imperceptivelmente.

— Agora tenho pontos suficientes para te ver? — Ouvi a voz de Jiseok perguntar do lado de fora e me toquei que ele estava esperando por aquilo.

Encarei Naomi em um pedido de socorro.

— Hyuna, você não é supersticiosa, deixe o homem te ver — instruiu, e concordei. Não tinha motivos para ter medo, já estava tudo certo, não tinha o que dar errado. — Vou te dar um tempinho. — Piscou em cumplicidade e não deixei de sorrir.

Ela deu espaço para Jiseok se esgueirar pela porta e, assim que colocou os olhos em mim, ficou vermelho como pimentão. Precisou pigarrear para disfarçar seu incômodo. Toquei seu braço em cumplicidade, tentando passar a ele uma segurança que eu mesma carecia. Queria dar a ele o apoio que ele precisava naquele momento. Eu bem sabia que ele não teria isso de outra pessoa e, no final das contas, era minha função como sua futura esposa.

— O que você achou? — perguntei, dando uma voltinha, tomando cuidado para não me enroscar nas camadas. Ele engoliu em seco, focalizando no meu rosto.

— Você está linda. Sei que é óbvio, mas… uau, você realmente está perfeita — elogiou desconcertado. Sorri, alinhando sua gravata borboleta.

— Você também está ótimo. Devo sentir ciúmes das mulheres te olhando? — perguntei, fingindo ciúmes, e ele sorriu, negando com um gesto.

— Não precisa, nenhuma delas terá uma chance enquanto você estiver presente — afirmou, e sorri com sua sinceridade. Muito delicadamente, Jiseok segurou meu rosto entre as mãos e encostou os lábios em minha testa, com cuidado. — Vai ficar tudo bem — sussurrou para me tranquiliza. Senti meu peito se apertar.

Antes que eu pudesse responder qualquer coisa, alguém bateu na porta aberta, e olhamos para o homem jovem e alto que encarava com um olhar preocupado.

— Com licença, tem uma ligação urgente para você, vice-presidente Soo

— disse muito formalmente. Jiseok me encarou preocupado, e sorri, encorajando-o.

— Deve ser importante. Melhor resolver agora que ainda temos alguns minutos sobrando — tranquilizei-o. Antes que ele saísse pela porta, tive uma ideia brilhante. — Hyejoo, vá junto com eles. Se for algo urgente, você pode ajudar de alguma maneira — instruí. Ela concordou prontamente, seguindo atrás dele e fechando a porta em seguida.

Sendo assim, eu finalmente estava a sós com Naomi e pude perguntar o que estava me tirando a paz nos últimos dias.

— Como ele está lidando com as coisas? — perguntei, sentando-me numa das poltronas do cômodo. Minha melhor amiga me acompanhou.

— Você tem certeza de que realmente é a melhor escolha saber algo sobre ele nesse momento? — questionou. Suspirei, cansada.

— Só preciso saber se o magoei — pedi. Naomi riu sem humor.

— Quer que eu confirme o que já sabe? Mas é claro que ele está magoado. Você mentiu para ele e, convenientemente, não contou quem realmente era, mesmo depois de todos os meus conselhos. Então, sim, Hyuna, ele estava um caco e confuso, completamente chateado e perdido. Está feliz agora? —

perguntou na defensiva, e a encarei com tristeza. Ela sempre fora sincera, mas nunca tinha sido cruel. Não imaginei que começaria a ser naquele momento tão delicado.

— Naomi…

— Eu menti repetidamente por você esse mês. Sabe o quão difícil foi para mim me preocupar com você, cuidar da May e ainda tentar manter o que restou de Erik inteiro? Até mesmo a senhora Young sente a sua falta e ficou abismada com a notícia do casamento. Sabe o que ela me disse? Que ela sentia que você era a pessoa certa para ele. Laura quis arrancar minha cabeça quando soube e tudo o que eu pude fazer foi mentir, porque eu te prometi que guardaria seu segredo — finalizou, parecendo exausta. Só ouvi tudo calada.

Eu era culpada por tudo aquilo, então não tinha o que pudesse fazer ou falar que melhorasse as coisas.

— Você pode me desculpar? — pedi com sinceridade, e Naomi concordou prontamente antes de secar as lágrimas que escapavam dos seus olhos.

— Eu posso e vou, mas, antes disso, tem algo que preciso que você veja.

Antes de subir naquele altar — disse, e senti todo o meu corpo se arrepiar em antecipação, a sensação que eu sabia que viria. Conhecia Naomi o suficiente para saber que ela havia aprontado e, se eu estivesse certa, não sabia se seria capaz de suportar.

— Naomi, você não fez isso — disse acuada. Ela respirou fundo, indo em direção a porta.

— Ele merece uma chance, você sabe disso. Tem o direito de saber a verdade da sua boca — rebateu, abrindo a porta. Senti minha boca secar e meu coração acelerar pela ansiedade.

— Não faça isso. Se meu pai sequer imaginar que ele está aqui… —

implorei, alarmada, e Naomi me encarou confusa, o que me congelou no lugar.

— Do que você está falando? Seu pai o convidou pessoalmente, eu só contei em qual quarto você está — explicou, e entendi todo o sadismo do velho senhor Park.

Ele queria me punir e, de quebra, garantir que Erik soubesse que tinha que desistir de mim.

— Seja rápido, eu vou tentar enrolar o noivo — Naomi disse para o lado de fora do cômodo e a única coisa que consegui pensar em fazer foi me afastar ao máximo da porta, quase colando as costas na parede oposta.

Nada no mundo me prepararia o suficiente para olhar aquele homem sem sentir como se o tempo começasse a passar em uma velocidade completamente diferente para mim. Seus passos firmes pareciam se mover em câmera lenta enquanto ele adentrava o quarto com toda a sua postura brilhante do homem mais incrível do planeta. O meu coração traiçoeiro batia tão forte em meu peito que eu mal podia ouvir os sons ao meu redor, e senti uma vertigem quase cegante. Precisei me apoiar no encosto de uma cadeira e Erik tentou se aproximar, preocupado, mas usei toda a minha cara de pau para erguer a mão e impedi-lo. Ele parou a poucos metros de distância e me

encarou com a expressão fechada.

Naquele ponto, não conseguiria dizer se ele estava chateado, preocupado ou com muita raiva. Talvez fossem todas as opções. Fechei os olhos com força e respirei fundo o suficiente para conseguir espantar a tontura. Quando me senti ligeiramente melhor, endireitei a postura e alisei a saia do vestido, aproveitando a oportunidade para secar o suor que havia brotado em minhas mãos. Meu peito doía por vê-lo em minha frente depois de tanto tempo.

Ainda assim, meus olhos me traíram e encarei seu rosto com dificuldade, arrependendo-me imediatamente, pois seus olhos escuros pareciam um imã e me tentavam a percorrer a distância entre nós para tocar seu rosto consternado.

— Acho que estou mais impressionado com a sua expressão de medo do que com o vestido — disse com dificuldade, e toquei meu próprio rosto em resposta.

Eu não estava com medo. Estava apavorada e completamente amedrontada de que não pudesse ser racional a essa altura do campeonato.

Pisquei, tentando levantar novamente as barreiras que havia criado. Pigarreei e desmanchei qualquer que fosse a expressão que tinha no rosto para sorrir educadamente.

— Estou desapontada, diretor Young. Meu noivo pagou uma fortuna pelo vestido e você não está nem um pouquinho impressionado? Na próxima oportunidade, vou me esforçar mais — retruquei, forçando um sorriso que estava me matando por dentro.

— Não posso acreditar que você está tentando desviar do assunto —

sussurrou inconformado, e tentei me manter tão indiferente quanto possível.

— Passei as últimas semanas tentando entender por que você escondeu que era herdeira do grupo e não consegui. Você havia se aberto para mim, eu senti isso, mas no momento em que houve o problema na empresa, decidiu que era o melhor momento para assumir a posição? Então, só posso imaginar que você fez isso para evitar que eu fosse demitido. Mas e o casamento? Eu não consigo nem começar a imaginar o motivo — confessou, cansado, e não sabia como responder àquilo.

— Já pensou na possibilidade de ter sido apenas a minha vontade? —

retruquei, e Erik me encarou completamente desolado.

— Sim! — esbravejou e se afastou, andando de um lado para o outro enquanto formulava o que dizer. — Claro que pensei, afinal, você é assim.

Faz o que quer, quando quer, sem se importar com as consequências — disse e suspirou pesadamente, antes de caminhar até mim e chegar perto o suficiente para fazer com que encostasse de vez na parede. Engoli em seco, tentando olhar para qualquer lugar que não fosse seus olhos ou sua boca. —

Mas cogitar essa possibilidade faria com que tudo que vivemos juntos se tornasse uma mentira e não consigo suportar a ideia de que, depois de tudo o

que houve desde a casa do lago, você tenha preferido me deixar sem nenhuma explicação — confessou em um tom baixo e contido.

Ele de fato estava chateado. Ainda assim, não podia acreditar na minha mentira. A esta altura do campeonato, não sabia qual outra desculpa poderia dar para fazê-lo desistir de mim sem causar maiores estragos. Eu sabia que ele não desistiria fácil, no entanto, também o conhecia o suficiente para entender que, se exagerasse um pouco mais na dose da mentira que criei, ele se afastaria e protegeria os próprios sentimentos. Erik não tinha espaço em sua vida para sofrer por uma mulher. Era só usar aquilo a meu favor.

Eu teria que destruí-lo para protegê-lo, e não conseguia formar em minha boca as palavras que eu sabia que precisava dizer. A intensidade dos seus olhos escuros arrancava de mim toda a coragem de fazer o que era necessário. Depois de tanto tempo longe do calor do seu corpo e do seu cheiro me invadindo, a saudade que sentia apertar meu peito só me fazia querer gritar a verdade do fundo do meu peito. Mas como poderia fazer isso sem magoá-lo?

— Eu sei que está procurando alguma desculpa para me dar. Mas você me *prometeu* que não mentiria para mim, e estou aqui só para entender o porquê. Por que você fugiu? Por que ignorou todas as minhas tentativas de entender o que estava acontecendo? Por que você vai se casar com outro homem e não teve nem coragem de terminar as coisas comigo? —

questionou, profundamente magoado.

Erik de fato queria respostas para suas perguntas, e como eu poderia me recusar a dar o que ele queria?

Mal percebi quando as frases escaparam da minha boca.

— Eu precisava proteger vocês — confessei, suspirando cansada. Erik

franziu o cenho em dúvida e olhei para as minhas mãos.

— Vocês? No plural? — questionou, e concordei com um gesto.

— Mayumi, Naomi e você — confessei, sentindo um reconfortante alívio em dizer aquilo em voz alta. — Era a única maneira.

— Proteger de quem? O que aconteceu? — perguntou, e apertei os lábios com força, sem saber o que deveria fazer.

Talvez contar a verdade faria com que ele desistisse. Talvez toda a verdade, incluindo sobre minha noite com Jiseok, poderia fazer com que ele abrisse mão de tentar.

— Stella aconteceu — disse a contragosto, e sua confusão pareceu se esclarecer enquanto ele engolia em seco. — Ela me ofereceu vinte mil dólares para terminar as coisas com você, mas, como você já deve ter percebido, dinheiro não me influencia de maneira nenhuma. Mas quando me recusei a te deixar, ela ameaçou deportar May para te atingir, e eu não poderia deixar que isso acontecesse — confessei, cansada de lembrar de toda aquela história. — Eu até tentei confrontá-la, mas, no final das contas, se eu te contasse o que ela havia feito, ao invés de mandar Mayumi de volta para cá, ela mandaria Naomi, e ainda colocaria uma investigação na NK. Eu não me perdoaria se fosse a responsável por arruinar o sonho da minha melhor amiga, Erik. Não poderia viver comigo mesma sabendo que tinha uma opção de resolver tudo sem causar estragos — confessei, sentindo as lágrimas escaparem dos meus olhos.

Erik tocou meu rosto com cuidado para secá-las, e não pude evitar de me inclinar em direção ao seu toque. Senti toda a ebulição que só ele causava formigar onde seus dedos me tocavam.

— Então você está se casando para ela saber que não estamos mais juntos? — perguntou com cuidado. Suspirei, cansada, finalmente encarando seus olhos.

— Não, estou me casando porque é a única maneira de garantir que ela pague por tudo o que fez. Estou me casando porque é a única forma de me vingar de tudo o que ela me fez abrir mão e é por isso que não importa o que você diga ou tente fazer, não vou descansar enquanto essa mulher não estiver na cadeia. Jiseok é a única pessoa que tem influência o suficiente para fazer

com que isso aconteça — despejei com toda a frustração que sentia fluindo tão naturalmente que me assustei com o meu próprio tom. Stella sabia bem como se esgueirar e estragar a vida de alguém.

— Por que não me disse isso logo que aconteceu? A gente poderia ter pensado em maneiras de resolver tudo isso sem te meter nessa situação. Eu jamais permitiria que ela fizesse algo contra você ou contra as meninas. Você não deveria estar aqui hoje — disse, exasperado, e sorri sem humor.

— Você acha que não quis te contar? Sabe o quanto tem sido solitário e doloroso passar por isso? Não sou masoquista, Erik. Odeio sofrer. Pensei em todos os cenários possíveis e te contar não resolveria nada em nenhum deles.

Você queria saber meus motivos? Bom, já sabe. Fiz por vocês. Para que sua irmã continuasse ao seu lado, para que Naomi não perdesse a empresa que colocou todo o seu esforço em criar e para proteger o emprego que era o meio de você atingir seu objetivo de carreira. Então, você vai precisar confiar em mim de que essa é a única maneira de fazer com que aquela vaca tenha o que merece e que ninguém além de mim precise pagar por isso — confessei.

Erik continuava confuso e contrariado, enquanto processava tudo o que eu tinha dito. Percebi o momento exato em que ele entendeu o peso e a complexidade das minhas palavras e me olhou tão profundamente que senti todo meu corpo estremecer.

— Eu confio totalmente em você e por isso vim até aqui para entender os seus motivos, mesmo correndo o risco de me magoar com a sua resposta

— disse, e tentei não me derreter toda. — Mas agora que sei que fui o gatilho que fez com que Stella te colocasse nessa situação, não posso te deixar casar só para se vingar dela. Vou resolver isso, eu prometo, mas não se case por esse motivo. Volta para casa comigo. *Por favor* — implorou com seus olhos brilhando de medo da minha resposta, e sentia que poderia morrer naquele momento.

Ele fez exatamente tudo o que eu temia que fizesse. Recusei, gesticulando negativamente, sentindo as lágrimas voltarem a rolar pelo meu rosto.

— Não posso… Não mereço que você faça isso — sussurrei, chorando desesperadamente.

Erik me abraçou com força e seu cheiro me embalou numa nuvem

aconchegante. Saber que aquela era a última vez que poderia me enrolar em seus braços fez com que fosse ainda mais difícil de respirar.

— Você merece sim. Vale cada segundo que passei me questionando sobre os seus motivos. Me arrependo tanto de não ter percebido antes, de não ter te impedido mais cedo… — se desculpou, e me afundei ainda mais em seu peito quente. — Prometo que vou resolver essa situação, eu mesmo vou lidar com seu pai e com Stella, mas não suba naquele altar — pediu.

Usando toda a força que eu tinha, me afastei do calor dos seus braços.

Erik me olhava com uma esperança temerosa e me sentia horrível por ter que insistir em deixá-lo. Toquei seu rosto com muito cuidado e Erik posicionou sua própria mão sobre a minha, beijando a minha palma com cuidado, enquanto delineava sua feição preocupada com a ponta dos dedos.

Imperceptivelmente, deixei que aquelas três palavras saíssem da minha boca com um enorme pesar.

— Eu te amo. Do fundo do meu coração, e nunca imaginei que poderia sentir algo tão intenso assim por alguém, então, por favor, não torne isso mais difícil do que já é. Apenas vá embora e tenha uma boa vida. Foi por isso que tomei essa decisão. Eu sabia das consequências e não me arrependo de nada, apenas desista e me deixe fazer o que me comprometi a fazer — implorei.

Erik parecia tão abalado que me senti muito mal por ter despejado aquela bomba nele.

Ele provavelmente não sentia o mesmo, mas se sentia culpado pela situação que sua ex criou.

— Como eu posso desistir agora que sei que você sente por mim o mesmo que sinto por você? — perguntou com sinceridade, e meu coração bateu tão

forte que temi que Erik pudesse ouvi-lo. — Eu amo você, Hyuna, e quase te disse isso quando você estava prestes a pegar o maldito avião para resolver os meus problemas enquanto eu estava em Las Vegas, mas me impedi por achar uma covardia enorme falar algo tão importante por telefone.

Desde então, procurei o momento certo, mas não consegui, mesmo depois do casamento de Charlie. Sinto muito por não ter sido capaz de demonstrar antes… Mas saber disso só me dá mais convicção de que tenho que te impedir. Não posso deixar que você case com outro homem.

Suas palavras rodopiavam na minha cabeça, enquanto eu tentava

reprimir a felicidade que crescia em meu peito com a dor do meu compromisso.

Eu não podia deixar de cumprir a minha palavra. Não podia voltar atrás com um casamento que envolvia a vida de tantas pessoas, e não tinha como abandonar um castelo com mais de quinhentos convidados só porque havia confessado meu amor por Erik, que também admitiu me amar. Desde pequena, aprendi a honrar o compromisso de uma negociação e aprendi na pele as consequências por fugir disso. Não podia me dar ao luxo de provocar novamente a ira do meu pai e da família Soo sobre mim e, consequentemente, sobre todos aqueles que poderiam ser afetados pela minha decisão. Vovó Soo prometeu acabar comigo se eu desistisse de novo, e Stella sairia novamente impune por seus crimes. Então, com uma dor imensa no peito, confessei o que eu sabia que o magoaria o suficiente para que me deixasse ir.

— Eu dormi com ele — confessei, e Erik piscou confuso. — Três dias depois de chegar aqui, nós ainda nem tínhamos oficializado o casamento. Fui para a cama com ele e sequer pensei em você — disse, sentindo meu coração se desesperar dentro meu peito por magoá-lo. Nada me preparou para a compreensão que surgiu em seus olhos.

Eu queria o oposto, queria que ele se sentisse traído, que me odiasse e me deixasse fazer o que eu precisava, mas tudo o que ele demonstrou foi uma compreensão absurda. Quis gritar de raiva para que ele reagisse.

— Eu escondi quem eu era, menti para você, fugi sem terminar as coisas entre nós e acabei de te dizer que fui para cama com outro homem e você não está nenhum pouco irritado? — perguntei.

Erik deixou um sorriso mínimo escapar dos seus lábios e o encarei indignada.

— Não se engane, estou irritado e chateado, mas não o suficiente para me distrair do motivo de eu estar aqui. A esta altura, você deveria saber que não desisto daquilo que quero, e *quero* estar com você, porque consigo amar cada pedaço seu, até mesmo os seus defeitos e as suas ações malucas para me proteger. Continuo não concordando com a maneira que você agiu, mas confio em você e acredito quando você me garante de que era a única maneira — afirmou com tanta vivacidade em seus profundos olhos escuros que precisei me lembrar de respirar. — Como eu poderia abrir mão e desistir

da única mulher que fez com que eu pudesse me sentir assim? — perguntou e, antes que pudesse formular alguma resposta, uma voz masculina fez com que eu travasse no lugar pela surpresa.

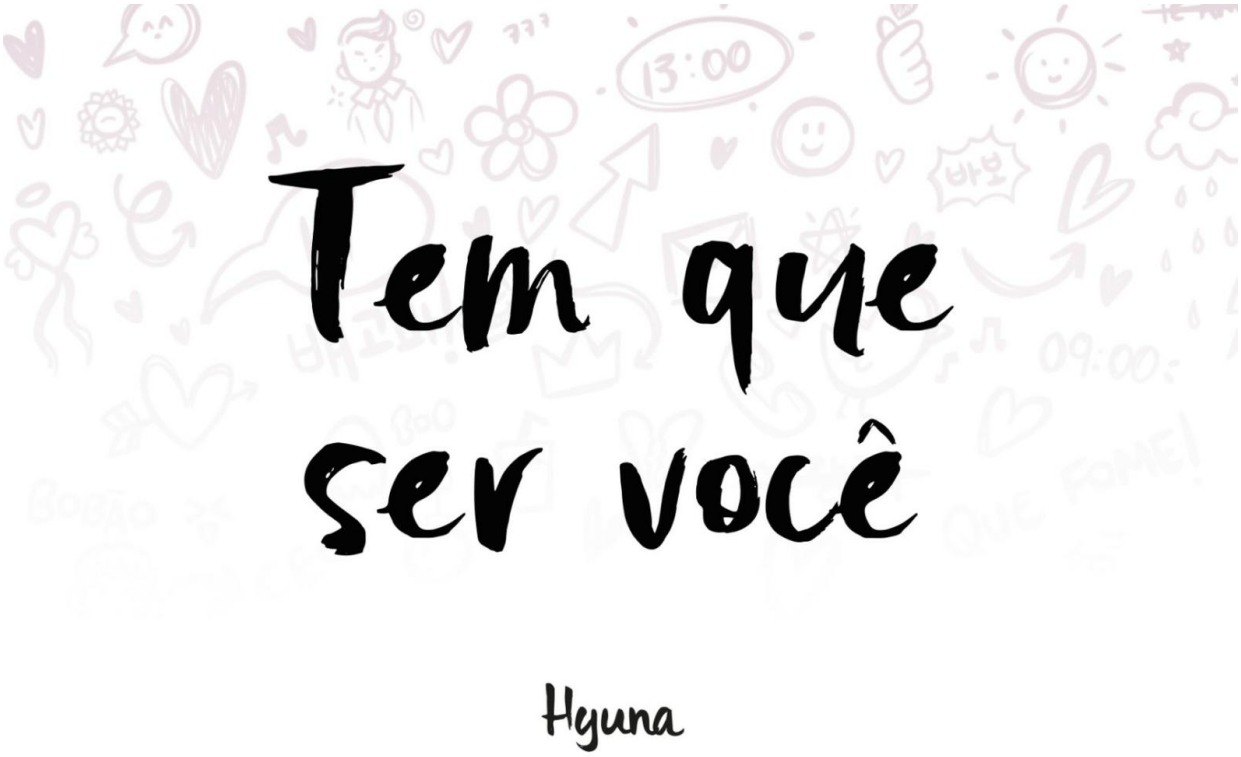
— Então você deve ser o famoso “ele” — Jiseok cumprimentou muito educadamente, e o encarei com a boca aberta num perfeito “o”.

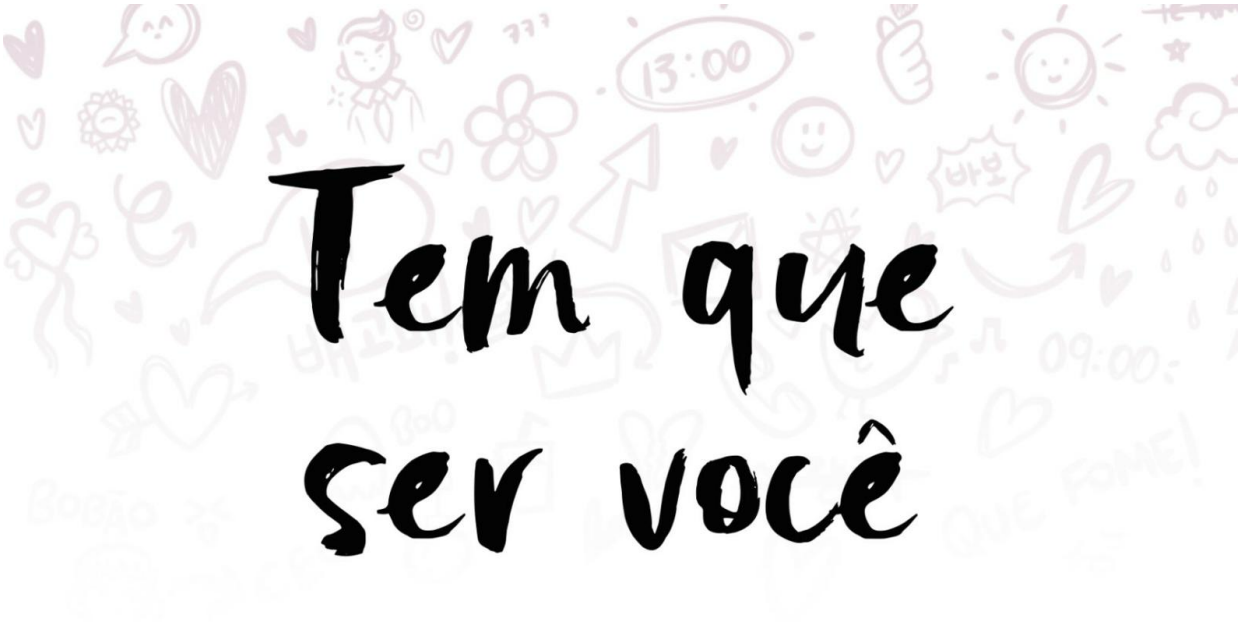
O mais aterrorizador foi perceber que ele estava sentado confortavelmente numa das poltronas do quarto. Fiquei abismada ao entender que não tinha percebido sua presença ali, nem vi quando chegou, já que estava focada demais em Erik. O pior de tudo foi tentar adivinhar o quanto da conversa ele tinha escutado e me culpei por, novamente, magoar seus sentimentos com toda aquela confissão.

— E você deve ser o tal noivo — Erik retrucou, encarando Jiseok com uma expressão de poucos amigos.

Até aquele momento, estava tentando fazer com que Erik desistisse de mim e me permitisse casar com o homem que nos encarava com o olhar soltando faíscas em sua direção, entretanto, não contava com a possibilidade de que Jiseok estivesse presente. Não sabia o que aconteceria dali em diante, mas

tinha a estranha convicção de que seria uma confusão monumental e que ninguém, nem mesmo Erik ou meu próprio noivo, sairia ileso.





Hyuna

Os meus olhos teimavam em acreditar que aquela imagem pudesse real, mas Jiseok de fato estava ali, sentado de pernas cruzadas, com o cotovelo apoiado no braço da poltrona, enquanto descansava o rosto no seu punho e encarava Erik com uma expressão que beirava a raiva.

Quando consegui processar toda aquela cena, me coloquei entre os dois, suplicando a Erik com os olhos.

— Vá embora, por favor — implorei, e ele me encarou preocupado. —

Não piore as coisas, apenas faça o que te pedi.

Erik suspirou consternado e vi o quanto ele tentava se controlar, mas não saiu do lugar.

— Não posso te deixar fazer isso — respondeu em tom baixo, esgueirando os olhos em direção a Jiseok, e arregalei os meus em desespero.

Ele não tinha ideia do tamanho da confusão que estava prestes a arrumar.

Olhei para o alto, pedindo aos céus que me dessem alguma luz, mas a única coisa que poderia fazer naquele momento era muito drástica.

— Eu já me decidi, Erik. Não tem nada que você possa dizer que me fará mudar de ideia, então, por favor, me deixe conversar com ele — pedi, e Erik riu sem humor, encarando a minha reação.

— Então é essa a sua escolha? Você o prefere? — questionou, e grunhi com raiva de toda aquela situação.

— Sim! É a minha escolha! — enfatizei, mas ele continuou imóvel no lugar, tentando ler minha alma. Não sabia mais o que fazer para convencê-lo.

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, a risada baixa de Jiseok fez com que eu o encarasse assustada.

Ele nos encarava com um sorriso, mas parecia tão doloroso. Jiseok não era daquela maneira, mas eu sabia que, se estivesse em seu lugar, não estaria assim, tão calma. Ele passou a mão pelo rosto e finalmente deixou-a cair até se apoiar totalmente na poltrona. Quando finalmente olhou em meus olhos, só conseguia enxergar a decepção que sentia e sabia que precisaria me esforçar muito para conseguir juntar os seus pedaços depois daquilo. Obviamente, ele sabia alguns detalhes da minha história e também sabia que estava

apaixonada por outro homem, mas saber era diferente de presenciar, e ele viu em primeira mão toda a minha confissão à Erik. Aquela situação seria difícil até mesmo para a pessoa mais forte do mundo, e Jiseok era doce e sensível.

Aquele provavelmente foi um momento muito difícil. Difícil o suficiente para distorcer suas feições que eu tinha me permitido apreciar nos últimos dias.

— Se eu não soubesse o que sei, teria acreditado na sua tentativa de expulsá-lo — Jiseok disse, parecendo cansado. Riu novamente sem humor antes de continuar. — Eu quase acreditei agora mesmo — confessou com um humor tão sombrio que fez com que me arrepiasse dos pés à cabeça.

— Você sabe de tudo, também ouviu uma boa parte da conversa. Sabe que estou falando a verdade. Eu te disse no primeiro dia que tinha me decidido, e era a verdade. Estou com a porra do vestido, Jiseok, não tenho por que mentir — disse, exasperada, e ele me encarou desolado.

— Ouvi o suficiente para me convencer de que tudo isso é só um meio para você. Essa é a minha vida, Hyuna, o meu sonho de ter uma família.

Você não deveria ter mentido para mim — respondeu. — Realmente achou que eu não descobriria o seu plano, não foi? — perguntou, e o encarei, tentando não demonstrar nenhuma emoção.

— Do que você está falando? — perguntei com cuidado.

— Sabe, achei bem curioso quando seus advogados insistiram em atualizar as cláusulas do contrato, sempre se referindo como “matrimônio legal” ou “casamento legal”. É meio óbvio que oficializaríamos tudo nos órgãos competentes, e aí eu decidi pesquisar, por desencargo, sua situação matrimonial nos Estados Unidos… — explicou devagar, e engoli em seco em antecipação ao anúncio da informação que eu sabia que viria. — Nos primeiros trinta segundos, fiquei impressionado. Você é tão inteligente! Eu mesmo nunca teria pensado nisso, mas, depois, só quis saber o quão longe você levaria essa mentira — confessou com um tom despretensioso que não combinava com toda a dor que trazia em seus olhos.

Ele estava se esforçando muito para não demonstrar o quanto estava chateado, e apertei os lábios para não falar nenhuma besteira.

Jiseok não era daquele jeito. Ele não escondia o que sentia e pensava.

Não conseguiria esconder aquilo por tanto tempo sem dar indícios; o homem na minha frente era honroso demais para se sujeitar a viver com aquela

informação apenas para matar sua própria curiosidade. Seu tom parecia o do seu irmão, mas convivi por um mês inteiro ao seu lado e sabia que Jiseok não seria capaz de suportar aquela informação por tanto tempo sem me confrontar diretamente.

Sem contar que ele não era uma pessoa naturalmente desconfiada, então, me lembrei do maior vacilo que tinha cometido desde que chegara naquele lugar. Senti o meu coração palpitar por ter ignorado minha intuição, mas o homem que veio há poucos minutos me ver vestida de noiva não era o mesmo que eu encarava naquele momento, por isso, finalmente compreendi que ele estava mentindo. Jiseok não havia pesquisado logo no início. Ele havia acabado de descobrir e só havia uma pessoa no mundo que poderia ter acesso àquela informação tão facilmente.

— Foi a Hyejoo, não foi? — perguntei, sentindo-me estúpida por ter confiado o meu celular e a minha senha a uma pessoa que mal conhecia apenas para não cair na tentação de falar com Erik. — Eu deveria ter desconfiado. Ela deixou claro que era com você que queria trabalhar —

completei com raiva.

Eu a mataria com toda a certeza.

— Realmente importa quem foi? Ela ao menos foi sincera e me disse a verdade — Jiseok apontou, afrouxando um pouco o laço de sua gravata borboleta. Ri abertamente com a sua inocência.

Eu mesma tinha uma parcela de culpa naquilo, afinal, estava me casando no local que ela sonhava em se casar, com um vestido da loja que ela sonhava. Moraria na casa que ela pessoalmente cuidou de decorar e viveria tranquilamente ao lado de um homem que ela provavelmente considerava como o dos seus próprios sonhos. E ela tinha a única coisa que poderia me incriminar: acesso irrestrito ao meu celular, com uma Naomi desesperada para falar comigo e uma Mayumi confusa demais para seguir minhas instruções.

— Não fiz pelos motivos que você está supondo que eu fiz… Tive que fazer para protegê-la — confessei, sendo sincera, e Jiseok balançou a cabeça negativamente, demonstrando que não acreditava em uma única palavra do que eu dizia. Ele encarou Erik, encolhendo os olhos de curiosidade.

— Você sabia que Hyuna já está casada? Aposto que não. Eu mesmo

demorei muito para descobrir — disse, e fechei os olhos, respirando fundo antes de olhar de soslaio para Erik, que tentava não demonstrar o quanto estava confuso. — Se soubesse, você não estaria aqui hoje. Provavelmente esperaria pacientemente até que ela cancelasse todo o contrato. Você parece um bom homem, tenho certeza que esperaria — confessou, e a forma que ele falava me assustava cada vez mais.

Jiseok não estava agindo como ele mesmo e não sabia como poderia consertar aquilo.

— Hyuna, do que ele está falando? Você está casada com quem? —

Erik perguntou. Sabia que não poderia mais mentir, mas, ao invés de me preocupar com o meu chefe, ajoelhei com cuidado em frente a Jiseok para que ele pudesse me olhar nos olhos.

— Você se lembra da mulher que eu disse que me ameaçou? Se eu não fizesse o que ela me pediu, ela deportaria a May para cá e eu não seria capaz de impedir a tempo. Então, sim, eu fui no cartório e me casei com ela, apenas para atrasar um pouco mais o processo caso o nosso casamento não desse certo. Mas eu pretendia pedir o divórcio discretamente assim que as coisas se acertassem… — contei, e ele piscou, parecendo entender o que eu dizia, e tocou meu rosto com cuidado. — Essa é a verdade. Me desculpe por não ter te contado antes, mas não imaginei que seria necessário. Por favor, acredite em mim — pedi, e ele concordou com um aceno.

— Eu acredito — sussurrou.

Antes que pudesse respirar aliviada, ele continuou:

— Mas eu não consigo fazer isso, Hyuna… Achei que conseguiria esperar o seu tempo e no fundo tinha esperanças para nós, mas não é justo criar um plano com tanta antecedência para me deixar depois de tudo o que me comprometi a fazer por você. Convenci a toda a família que você tinha mudado, garanti que suas exigências fossem todas acatadas e planejei os próximos meses com cuidado para respeitar o seu espaço, porque eu sabia que você tinha uma pessoa que precisava superar. Agora, *isso*? Hyuna, como você acha que eu vou explicar para a minha família? — perguntou

exasperado. — Já posso até prever as provocações de Taehyung sobre você me abandonar de novo, mas agora por uma mulher — completou com os olhos marejados.

Senti-me um monstro por ter tido aquela ideia estúpida, mas, no momento, pareceu ser a coisa certa a se fazer, e não antecipei que Jiseok fosse ser um homem tão incrível.

— Me desculpa… Eu não deveria ter escondido isso, mas só me casei para protegê-la daquela mulher. Nós podemos adiar a cerimônia. Vou anular o casamento com May de alguma maneira, por favor… — implorei, e Jiseok deixou a mão que tocava minha bochecha cair em seu colo.

— Eu jamais me casaria com você — disse com uma firmeza que me assustou. — Como sequer pôde acreditar que, depois de me abandonar a primeira vez, eu te aceitaria de braços abertos? Tudo o que fiz foi devolver o que me fez passar na mesma moeda. Talvez assim você entenda o que passei quando fui abandonado há dez anos — completou com um humor tão ácido que senti uma pontada no peito. — Agora, vai dar a notícia para os nossos seiscentos convidados de que o noivo te abandonou no altar apenas para se vingar.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas com suas duras palavras.

Estava tão surpresa que ele pudesse dizer algo assim, mesmo que fosse exatamente o que eu merecia. O que mais me assustou foram as lágrimas que escaparam dos seus olhos enquanto, aos poucos, deixou que pudesse olhar através da sua barreira e entendi o quanto ele estava sofrendo com aquilo.

— É isso o que você vai dizer para eles — instruiu com a voz tremendo, e encolhi os olhos, confusa.

— O quê? — questionei, e ele fechou os olhos com força antes de continuar. Aquele gesto fez com que novas lágrimas rolassem por seu rosto.

— Quando te perguntarem o que houve, você vai dizer exatamente isso.

Todas as vezes, para quem quer que te pergunte. Vai fingir vergonha e vai precisar passar algumas semanas sem se encontrar com ele abertamente. Se

vovó sequer imaginar que estou terminando tudo por ter descoberto seu plano, tenho medo do que ela pode fazer para te prejudicar… Ou pior, prejudicar as pessoas que você está tentando proteger — confessou.

Precisei tampar a boca para não deixar um grunhido sair ao entender o que ele queria dizer.

— Vou manter a minha promessa, Stella vai pagar pelos crimes que

cometeu, mas você vai precisar fazer sua parte em ao menos fingir que está triste por eu ter supostamente te dado o troco. Você disse para ele que a única maneira de resolver tudo era se casando comigo porque eu era a única pessoa que tinha influência suficiente, mas a verdade é que, do meu jeito, você vai conseguir tudo o que realmente quer. Então, apenas finja ser uma mulher triste por mais algumas semanas. Depois disso, quero que prometa que vai ser feliz, já que tudo vai estar resolvido. — finalizou.

Eu não tinha ideia de como responder às suas palavras. Sabia o quanto ele estava sofrendo e me sentia a pior pessoa do mundo naquele momento por ter sido a responsável por aquilo. Ainda assim, ele estava mais uma vez abrindo mão da sua própria felicidade para fazer com que eu tivesse aquilo que desejava. Afundei o rosto nas mãos, completamente envergonhada do tipo de pessoa que eu era em comparação a ele. Senti sua mão acariciando o topo da minha cabeça antes de perceber a movimentação quando ele se levantou. Forcei-me a encará-lo, enquanto ele enfiava as mãos nos bolsos e olhava para Erik, muito envergonhado do que tinha acabado de acontecer.

— Eu realmente espero que vocês sejam felizes — disse com um sorriso triste. — Ela não tem comido muito bem nos últimos dias… Enfim, cuide bem dela — pediu, e Erik concordou automaticamente, só então endireitando a postura.

— Eu vou. Prometo. E… obrigado — Erik disse com sinceridade, e Jiseok finalmente acenou positivamente antes de deixar o quarto sem me olhar.

Continuei sentada no chão, encarando a porta aberta pela qual Jiseok tinha acabado de passar, tentando processar tudo o que tinha acabado de acontecer. Ele havia desistido do casamento e ainda faria com que eu me safasse da

minha mentira sem consequências, além de manter sua promessa de mandar Stella para a cadeia… Aquilo não podia ser real.

Algum tempo depois, Erik me ergueu e me colocou sentada na poltrona, abaixando-se para ficar com o rosto na altura do meu. Demorei alguns minutos para focalizar de fato nos seus olhos preocupados.

— Hyuna, preciso saber se você está bem — disse, e acenei negativamente.

— Não faz sentido nenhum… Por que ele faria isso? — questionei, e

Erik suspirou, fechando os olhos antes de responder.

— Pelo mesmo motivo que te levou a fazer o que fez por mim —

explicou, e o encarei, descrente. — Foi muito difícil, mas ele fez a coisa certa, Hyuna — admitiu a contragosto. Tentei procurar algum sentido em tudo aquilo em seus olhos. — Você precisa fazer o que ele pediu, senão tudo o que ele fez vai ter sido em vão — instruiu com cuidado, e concordei, respirando fundo.

Eu não me sentia confortável em aceitar aquilo de mão beijada. Tudo que era dado teria que ter algo em troca, e me fazer de noiva deprimida parecia fácil demais para mim. Mas, se Erik estivesse realmente certo, e geralmente ele estava, Jiseok fizera aquilo por… me amar. E se havia aprendido algo naquele último mês, era que o ser humano faria qualquer coisa por aqueles que amavam. Senti-me ainda mais culpada de não poder corresponder aos sentimentos do meu ex-futuro-marido e por ter sido a responsável por colocá-lo em uma posição tão difícil como aquela. Então, como uma obediente menina que nunca fui, respirei fundo, decidida a fazer exatamente aquilo que Jiseok tinha mandado.

— É melhor você ir embora. Tenho um show para fazer — disse para Erik, e ele concordou. — Me desculpe… por toda essa bagunça — pedi, e ele me abraçou com força.

— Não precisa se desculpar, não foi culpa sua. Você estava tentando consertar a bagunça de outra pessoa — Erik respondeu, tentando me confortar. Assim que me soltou, sorriu. — Em casa nós vamos conversar

melhor sobre isso. Vou descer e esperar por uma boa dose de drama. Boa sorte — disse. Sorri fraco com sua tentativa de me animar.

Assim que ele se esgueirou para fora do quarto, pedi aos céus que me permitissem ser a Hyuna mentirosa que precisava ser naquele momento, mas, antes disso, precisava resolver as coisas com mais uma pessoa.

— Hyejoo, sei que você está aí fora — disse em voz alta, e ouvi os passos da mais nova entrando no quarto com cuidado. Seu rosto estava pálido enquanto ela me encarava, assustada, e sorri com sua expressão de culpada.

— Você não mente tão bem quanto pensa — disse, e ela pigarreou, desviando os olhos dos meus.

— Hyuna, eu posso explicar os meus motivos… — começou, mas me

levantei e caminhei até a penteadeira para olhar meu estado no espelho.

Estava tudo no lugar, tirando os olhos inchados e vermelhos pelo choro, então passei uma nova grossa camada de rímel por cima da que eu usava, mas, dessa vez, o regular, para que pudesse fazer uma baita bagunça no meu próprio rosto.

— Consigo imaginar seus motivos, afinal, eu era igualzinha a você há alguns meses. Espero que consiga o que tanto deseja — disse, sinceramente, enquanto embebedava uma bolinha de algodão com água e esfregava gentilmente os olhos para borrar a maquiagem que acabara de passar. Quando me senti satisfeita com o resultado, me virei novamente para a mais nova e sorri abertamente. — Agora você vai lá embaixo dar a notícia de que o noivo acabou de me dar um pé na bunda — instruí, e ela me encarou indignada.

— Eu? Por que eu? — questionou.

— Porque você foi a responsável. E devolva a porra do meu celular antes que você decida abrir a boca para mais alguém — disse, irritada, mas sabia que passaria logo. Afinal, meu rancor tinha apenas um alvo, e não era Hyejoo.

A menina tirou o aparelho do bolso e me entregou, comprovando o que eu já sabia. Então, ajeitou o próprio vestido antes de sair do cômodo para fazer o que eu havia pedido.

Sabia que não era justo descontar nela a frustração por meu plano não ter dado certo, mas ela havia sido a culpada, então, precisava se responsabilizar. No final das contas, ainda estava muito confusa para processar tudo o que havia acontecido. Era muito inesperado e recente, por isso, mal pude respirar aliviada por ter conseguido sair daquela situação e a porta foi aberta novamente pelas pessoas que foram até lá ver com os próprios olhos se a informação de Hyejoo era verdadeira. Uma dessas pessoas foi mamãe e, quando ela correu para me abraçar, permiti que toda aquela confusão interna deixasse o meu corpo e chorei em seus braços, enquanto os Soo encaravam a cena, embasbacados.

Vovó Soo parecia a ponto de ter um treco, e agradeci aos céus, e principalmente a Jiseok, pela ideia genial… Todos eles, até mesmo meu pai e o irritante Taehyung, acreditaram.



Mais difícil do que planejar um casamento, era cancelá-lo no último minuto e fazer com que os convidados que estavam presentes entendessem o que havia acontecido.

Seguindo a instrução de Jiseok, me fiz da noiva incrédula e chateada.

Não foi tão difícil assim, uma vez que de fato ainda não podia acreditar no que havia acontecido. Ele estava magoado, e eu havia quebrado a confiança que tentei conquistar desde o início. Por isso, foi uma surpresa enorme quando entendi que ainda assim ele faria o que eu havia pedido. Ele encararia as consequências que sua família traria a ele, por mim, para que eu ficasse com o homem que amava e para que Stella fosse devidamente punida.

O meu ex-futuro-marido ficou desaparecido pelos dias seguintes.

Ninguém sabia onde ele estava, como ele estava e nem com quem ele estava.

Só sabíamos que não estava lá, e eu precisei lidar com toda a discussão entre as famílias, aturar o desabafo irado da vovó Soo sobre não acreditar no que o neto tinha feito. O pai de Jiseok continuava me pedindo desculpas toda vez que eu cruzava com ele na mansão, e a sua madrasta mal podia me encarar nos olhos, mas, no cenário geral, todos ainda me olhavam de rabo de olho, muito bravos com Jiseok e sentindo pena de mim, que eles achavam ter sido abandonada por uma vingança milionária e muito bem bolada.

O único que não parecia sentir pena de mim era Taehyung. Mal o vi no dia do casamento, depois de ter ido até o cômodo para checar se a informação estava certa. Foi o primeiro a deixar o recinto. Desde então, o encontrei novamente na mansão e ele ostentava um sorriso de contentamento toda vez que me via. Eu o evitei insistentemente durante aquele período, não tinha paciência para as suas provocações infantis. No entanto, no meu último dia na mansão, acabei sem sorte. Ele me esperava no corredor em frente ao quarto de hóspedes, assim que saí para almoçar a pedido de Naomi, que decidiu ficar comigo para me apoiar naquele momento delicado e mentiroso.

Revirei os olhos assim que percebi sua presença e respirei fundo, preparando-me para ignorá-lo, mas ele parecia confuso, o que era algo novo para mim.

— Eu não achei que ele fosse capaz de fazer algo assim — comentou, e olhei para o corredor, tentando disfarçar o incômodo. — Mas, ao que parece,

eu sempre estive certo e toda aquela pose de bom moço era para disfarçar a vingança dele. É a primeira vez que ele faz algo para me orgulhar.

Encarei-o sem emoção nenhuma.

— Por que você é assim? O que você quer? — questionei, e ele respirou

fundo antes de colocar as mãos nos bolsos e desencostar da parede, chegando ainda mais perto de mim. Tentei me manter firme e com a expressão ilegível.

— Só estou contente que ele finalmente tenha acordado e feito a coisa certa. Ninguém deveria se casar por pressão da família — disse, e pisquei, ainda mais confusa que inicialmente. — Não me entenda mal, continuo não me dando bem com ele e isso vai continuar da forma que é, mas eu e você éramos amigos antes de tudo isso, lembra? Nós passamos todos os verões juntos desde que éramos crianças e sempre nos demos melhor que você e ele.

Então, apesar de achar que você teve exatamente o que mereceu, quero saber se vai ficar bem, só isso — confessou.

Aí sim não consegui esconder o quanto suas palavras me afetaram.

Pigarreei, incomodada com aquela situação que eu não conseguia entender, e suspirei, cansada de me manter tão dura com ele, mesmo que merecesse.

— Vou melhorar. Obrigada por se importar — respondi, e ele abriu um sorriso doce, mostrando sua covinha na bochecha. Lembrei-me o que me fez ter uma quedinha por ele na adolescência e por que foi tão fácil para mim confiar nele quando bateu em minha porta assim que cheguei na Coreia, há dez anos.

Taehyung conseguia ser doce e gentil. Ele só preferia ser um babaca irritante e convencido na maior parte do tempo e não sabia se era proposital ou se nem ele entendia como havia se tornado daquela maneira. Pela primeira vez, percebi o quanto tínhamos em comum, e sorri, sabendo que ele só precisava de um pouquinho de amor para se tornar alguém melhor.

— Tenha uma boa viagem para casa. Se precisar de alguém para bagunçar a sua vida… — Taehyung ofereceu, e precisei rir com a sua tentativa.

— Você vai ser o primeiro a saber — menti, afastando-me dele no corredor.

Encontrei Naomi no andar de baixo, mostrando um de seus cadernos de design para a mãe de Taehyung. Fiz uma reverência leve antes de me sentar ao lado da minha melhor amiga, mas mal prestei atenção na conversa quando recebi uma mensagem de Erik. Só de ler o nome de seu contato, senti meu coração se apertar de saudade. Não havia falado com ele depois que me deixara no quarto para lidar com as coisas, e acreditava que ele tenha me

dado espaço para resolver o que precisava.

Apesar de ter imaginado que não ler suas mensagens anteriores seria a melhor coisa a se fazer, assim que cheguei à mansão dos Soo, após o cancelamento do casório, fui deslizar desesperadamente por todas elas. Ele começou sucinto, logo após a reunião dos resultados, querendo saber onde eu estava e se a gente poderia conversar. Depois das primeiras vinte e quatro horas sem notícias, ele começou a ser mais insistente, dizendo o quanto estava confuso e preocupado. Após uma semana, a quantidade diminuiu drasticamente. Erik havia suposto que eu não queria mais falar com ele depois de conversar com Naomi e passou a encaminhar longos textos no final da noite, dizendo-me como foi o seu dia e dizendo o quanto sentia falta da minha presença na empresa; confessando o quanto sentia saudades das minhas insistentes investidas e que só queria que eu soubesse que, com a saída do CEO, todos os contratos começaram a andar sem problemas. Em todas elas, me agradecia por ter salvado sua bunda de ser demitida.

Na noite em que Hyejoo me falou da sua ligação, a mesma noite em que fui para cama com Jiseok, recebi uma mensagem menor que me fez correr até o registro de chamadas e perceber que a menina tinha atendido sua ligação, mesmo que eu tenha pedido que ela desligasse o celular. A mensagem de Erik naquele dia foi tão significativa que Naomi precisou passar a noite comigo para ajudar a juntar os pedaços do meu coração.

“Eu só queria ouvir sua voz para saber que você está bem. Não quero esquecer o som da sua risada.”

Saber que foram essas as palavras a serem direcionadas a mim, enquanto eu arruinava tudo indo para cama com Jiseok, só me fizeram questionar se Erik havia feito a escolha certa sobre mim. Àquela altura, me perguntava se ele realmente tinha acreditado nas minhas palavras ou se as considerou como um blefe. Suspirei e abri sua mensagem atual. Precisei me esforçar muito para não sorrir. Eu ainda estava no modo “noiva cadáver”, então não poderia expressar muito mais que aquilo.

“Fiquei sabendo que hoje você vai voltar para casa. Avise quando chegar, preciso de te ver.”

Rapidamente, digitei minha resposta, dando as informações do voo, e disse para ficar tranquilo que ele seria a primeira pessoa a me ver. Depois

disso, aproveitei a dose de coragem que ele me injetou e, após almoçar com a família, despedi-me de todos eles. Naomi e eu estávamos prontas para chamar um táxi quando Hyejoo chegou na casa e se ofereceu para nos acompanhar junto com o motorista dos Soo. Sua postura positiva e brilhante estava levemente apagada e imaginei que ela ainda estava se culpando pelo que fez, no entanto, não havia uma gota de arrependimento nos seus olhos.

Antes de passar pelo portão de embarque, me virei para a mais nova para deixar um último pedido que eu sentia que ela acataria.

— Cuide dele, ok? E o ajude a encontrar alguém bacana. Tenho a impressão de que ele não fará isso sozinho — instruí, e ela mordeu o lábio com uma careta.

— Acho que sou a última pessoa de quem o vice-presidente vai aceitar ajuda, mas vou tentar, eu prometo — garantiu.

— E trate de conseguir seu emprego, afinal, foi por isso que você fez o que fez, não? — disse, tentando fingir que estava irritada, mas a verdade era que não conseguiria guardar raiva dela mesmo.

Dito isso, Naomi e eu pudemos voltar para casa. Durante o voo ela me contou todos os detalhes do que houve em minha ausência, até o fato de que Stella havia desaparecido do mapa sem tentar contactar a família Young novamente. Também contou que Erik e ela passaram a conversar bastante naquele período, já que ela passou muitos dias com a May, preocupada que todo o estresse do que estava acontecendo causasse novos desmaios na menina. Até mesmo Dave e Laura a procuraram, e fiquei impressionada com a proporção que aquilo tinha tomado.

Ela também comentou sobre Erik procurar Ryan para descobrir aonde eu estava, e o meu ex-namorado só conseguiu evitar a tentativa de ser contratado porque tirou alguns dias para cuidar da sua mãe que estava com um problema de saúde.

Ao longo da viagem, tentamos esclarecer as coisas e colocar todos os acontecidos em dia. Apesar de saber que precisava ver Erik e, de fato colocar tudo no lugar, a verdade era que ainda temia por ele e por May. Não sabíamos onde Stella estava e Jiseok ainda não havia dado notícias, então realmente não conseguia decidir qual passo tomar primeiro.

Por isso, acabei voltando direto para a minha casa, que tinha o meu

cheiro, com todos os móveis no lugar que Naomi e eu escolhemos. Era o lugar mais acolhedor do mundo para mim. Uma cozinha americana, uma sala decente, dois quartos pequenos e dois banheiros. Tudo o que eu precisava para ser feliz.

A única coisa que sempre desejei foi criar o meu próprio nome. Eu não queria ser conhecida como a filha de alguém, a herdeira de fulano ou a mulher de ciclano. Eu só queria ser Hyuna, condicionada à minha própria história e ao meu próprio esforço. Havia aberto mão daquilo para proteger o homem que amava e não estava arrependida, nem um pouco, mas era doloroso saber que aquilo precisou ser tirado de mim.

Pedi que Naomi me deixasse ficar sozinha em meu quarto para colocar a cabeça no lugar. Tinha muito o que pensar. Muitas decisões a serem tomadas.

O que eu falaria com Erik? Qual seria a minha abordagem? Não poderia desmentir tudo o que havia dito na Coreia, não poderia tentar mudar o que confessei sobre Jiseok. Eu teria que me abrir totalmente e não tinha ideia se ele aceitaria. Se ele *me* aceitaria depois daquilo.

Apesar de ter ido atrás de mim no casamento, sabia que tinha quebrado algo entre nós, que tinha destruído uma parte de toda a intimidade que criamos juntos e aquilo era inteiramente minha culpa por não ter sido sincera e dito tudo desde o início. Por isso, passei o dia todo enrolada no meu edredom preferido, olhando para meu pequeno lustre no teto, pensando em como faria para conquistar sua confiança de volta. Fingir que nada acontecera talvez não fosse a melhor opção. Suspirei, sabendo que só havia uma maneira de descobrir o que eu precisava saber e, com as mãos ainda tremendo, procurei o contato de Erik na minha agenda.

Contei dois toques até a ligação ser atendida e ficamos em silêncio por longos segundos, apenas ouvindo as nossas respirações. Engoli em seco, sabendo que eu precisava fazer aquilo. Precisava tomar a iniciativa.

— Agora é um bom momento? — perguntei devagar.

— *Ainda estou na empresa, mas estou quase acabando* — comentou. —

Posso passar na sua casa daqui a uns vinte ou trinta minutos.

— Vou estar te esperando — respondi e desliguei, sem saber o que mais poderia dizer.

Tomei um banho rápido e coloquei uma roupa confortável para esperar por ele. Naomi se adiantou em dizer que encontraria com alguns colegas do trabalho e que voltaria tarde. Fiquei sentada no sofá, chacoalhando as pernas ansiosamente, enquanto arrancava qualquer vestígio que ainda tinha sobrado do esmalte que usei para pintar a unha há dias. Pensei em servir algumas bebidas, mas desisti, sabendo que era melhor esperar por ele e oferecer algo.

Estava tão incomodada por não saber como agir que aqueles minutos pareciam se tornar horas, enquanto eu me martirizava para me controlar.

Dei um salto do sofá, correndo até a porta quando a campainha tocou.

Antes de abri-la, segurei na maçaneta e respirei com força para me preparar para a imagem que eu sabia que me aguardava do outro lado.

Erik usava uma camisa social azul escura com os primeiros botões abertos e uma calça de sarja preta que davam um ar mais esportivo ao traje. A combinação do dia a dia para trabalhar. Não era social pesado, mas não era informal. Do jeitinho que ele gostava de usar quando não tinha compromissos importantes na empresa. Seu cabelo penteado para trás evidenciava a testa encolhida em curiosidade e seus olhos escuros me analisavam em antecipação. Aqueles olhos profundos podiam arrancar qualquer coisa de mim.

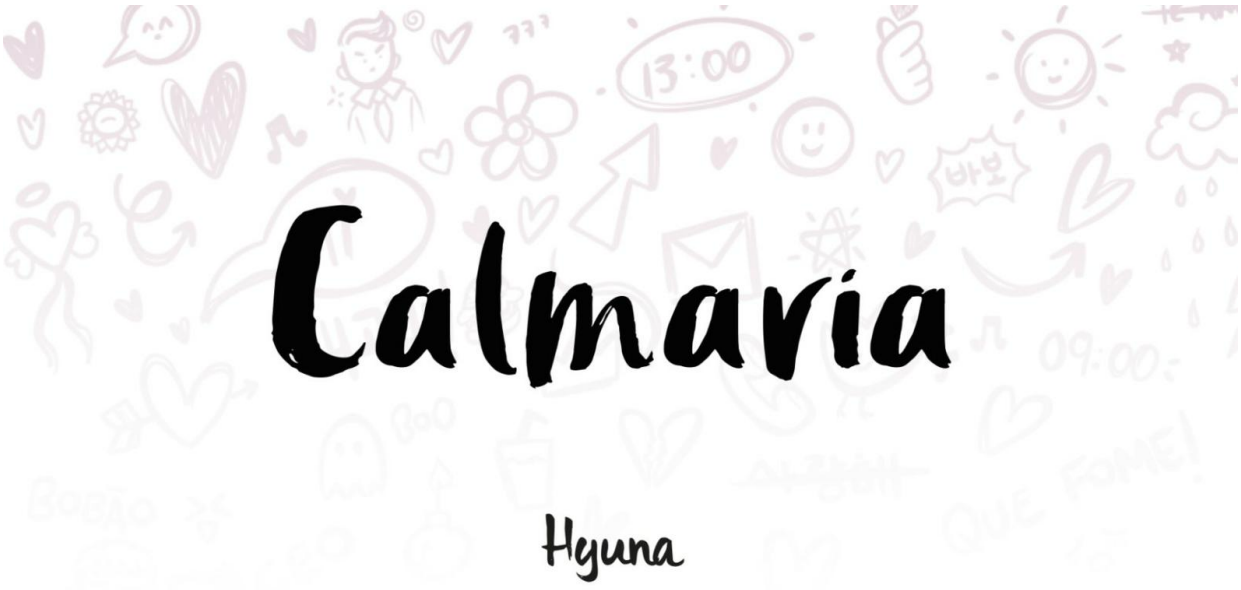
Se ele me pedisse um carro: claro, aqui está. Um helicóptero? Sim, por que não? Quer o mundo? Eu te dou. Será que ele ao menos sabia daquilo?

Meu chefinho travava uma batalha interna, enquanto decidia qual seria seu próximo passo. Eu não poderia julgá-lo se também sofria daquele mal.

Não sabia se deveria dar espaço para que ele entrasse para conversarmos ou se apenas matava a minha vontade de me enroscar em seu pescoço e beijá-lo.

Só queria que existisse um manual para situações como essas, algo que me desse alguma ideia do que fazer, mas era apenas ele, eu e uma imensa falta de tato.

Depois do que pareceu uma eternidade, decidi que a iniciativa tinha que ser minha e, assim que aceitei essa ideia, meu corpo agiu por conta própria, abraçando-o. Enterrei meu rosto em seu peito, inspirando profundamente o cheiro delicioso que fluía dele e, então, finalmente me senti em casa.



Não sabia dizer quanto tempo ficamos abraçados na soleira da minha porta, mas, quando o frio do corredor começou a preencher o apartamento, decidi que era o momento certo para entrar e ligar o aquecedor.

Quando senti que ele estava começando a fazer efeito, me ofereci para guardar o casaco de Erik, que me entregou sem dizer uma palavra.

— Quer beber alguma coisa? — perguntei com cuidado, e ele gesticulou positivamente. — *Vodka*? *Whisky*? Um chá, talvez? — questionei, até ele acenar para o chá.

— Está começando a gear, então é melhor tomar cuidado no volante —

explicou, e concordei. Era bom tomar cuidado mesmo.

Enchi a chaleira com água e a coloquei para ferver. Apoiei-me pelos cotovelos na bancada que dividia a cozinha da sala. Erik estava sentado de frente para mim e me encarava de modo estranho.

— Como estão as coisas na empresa? — perguntei, sem saber como começar, e ele suspirou.

— Bem corridas, mas os contratos voltaram a caminhar… A pior parte já foi resolvida. — Sorri fraco para a notícia.

— E a Hanna, como está se saindo como CEO?

— Melhor do que eu esperava. Acho que por ser de RH, ela está segurando bem as pontas e colocando todo mundo de volta no caminho certo.

Você tomou uma boa decisão — garantiu, e concordei com um sorriso.

— Minha primeira opção era você, mas, depois de tudo o que aconteceu com o Beak, acho que não era o momento… — expliquei, e ele finalmente esboçou um sorriso. — Fora que algumas pessoas sabiam sobre nós, então a minha primeira decisão no conselho seria questionada por ter favorecido o meu nam… —Interrompi a frase antes de pigarrear para disfarçar. — Meu chefe. Por ter favorecido o meu chefe — completei.

— E desde quando você se importa com o que as pessoas vão pensar?

— perguntou. Mordi o lábio.

— Não me importo. Só não queria que pensassem que você conseguiu o cargo por estarmos juntos. Jamais faria algo para questionarem o seu profissionalismo, ainda mais depois do que me contou sobre Stella. Só isso

— admiti.

— Você fez bem. Não se preocupe — disse, e percebi quando ele ficou sério. — Agora, você pode me explicar o que houve desde o início? — pediu,

a tempo de a chaleira começar a gritar, demonstrando que a água havia fervido.

Preparei o chá para Erik e, não sabendo como começaria a falar o que precisava, busquei uma garrafa de vinho. Nem fiz questão de pegar uma taça e entornei alguns goles antes de me preparar para contar tudo. Suspirei, começando do princípio: as flores. Sobre como aquilo me incomodou, principalmente depois de saber que elas estavam sendo entregues na casa da sua mãe. Contei cada pequeno detalhe, como Ryan me ajudou a descobrir

tudo, a reunião que Stella tentou marcar e até o fato de que Beak e ela trabalharam juntos para que ele perdesse o emprego. Passei novamente pelos acontecimentos relacionados a Beak e contei que precisei pedir ajuda ao meu pai para demiti-lo, e que a condição para fazer o que eu queria era me casar com Jiseok. E, então, expliquei que decidi aceitar, já que a família dele estava em processo de aquisição da empresa da família de Stella e aquela era a oportunidade perfeita de fazê-la pagar pelo que tinha feito com May. Contei tudo mesmo. Até sobre o episódio do casamento com a sua irmã e expliquei como pude os meus motivos.

Assim como na casa do lago, Erik ouviu tudo atentamente sem fazer perguntas e, quando acabei, ele suspirou cansado, e alcançou minha mão por cima da bancada, acariciando-a devagar.

— Eu sentia que algo não estava certo, que algo tinha acontecido para justificar tudo o que houve. Mas depois de você me ignorar completamente e aparecer em tudo quanto é jornal anunciando um noivado daquela maneira…

Deixei uma voz crescer na minha cabeça que dizia que você apenas tinha se cansado de tudo, que queria sua vida de volta, que *me* queria longe. Eu não sabia o que pensar, em quem acreditar… — admitiu.

Senti meu coração se apertar em saber como ele havia passado as últimas semanas.

— Naomi tentava me tranquilizar, mas não me contava muita coisa, e acredito que você tenha pedido isso, mas May quem me ajudou a colocar a cabeça no lugar. Disse que eu deveria confiar em você e na sua decisão, fosse qual fosse. Ela confia muito em você — disse. Sorri orgulhosa antes de estender a mão esquerda na altura de seu rosto, mostrando o anel que descansava em meu dedo.

— E só prova que eu escolhi a pessoa certa para me casar — provoquei, e Erik sorriu antes de segurar a minha mão e olhar mais de perto os detalhes da joia em ouro branco com pequenos detalhes em forma de corações.

— Eu bem que desconfiei que tinha algo sobre esse anel. Ela não tirava para nada, mas, como Naomi estava com um igual, acabei relevando. Achei que

fosse alguma dessas coisas de mulheres de comprar coisas iguais —

respondeu de bom humor. — Se bem que a minha primeira reação foi perguntar se as duas estavam namorando ou algo assim — admitiu, pensativo, e dei risada.

— As duas namorando? De onde você tirou isso? — perguntei retoricamente. Erik fez um certo esforço para responder, o que me fez encará-lo em curiosidade.

— Não sei bem. Talvez por elas estarem dormindo juntas todos os finais de semana? — especulou, e ri da sua suposição.

— Você sabe que Naomi e eu decidimos morar aqui justamente porque era muito trabalhoso carregar malas para lá e para cá para ficarmos juntas, certo? Isso não tem nada a ver. Elas só gostam de passar o tempo juntas —

defendi.

— Mas a May gosta de meninas — retrucou, tentando provar seu ponto e tive que rir.

— Naomi não gosta, então não tem o que se preocupar.

— Eu não estou preocupado. Gosto da sua amiga, talvez por isso eu esteja vendo coisas onde não tem, certo? — confessou e chiou irritado. —

Acho que estou virando aquele tipo de mãe que tenta arrumar namorada para os filhos — completou de bom humor, e sorri abertamente com seu jeito babão. Apoiei o queixo na palma da mão, admirando-o.

— Senti sua falta — admiti, sentindo meus olhos marejados, e abanei o rosto com as mãos dramaticamente. — Estou cansada de chorar. Droga —

resmunguei, secando os olhos.

— Também senti saudades — Erik confessou, arrancando um sorriso bobo dos meus lábios. — Eu estava ficando louco, até deixei Laura trabalhar alguns dias lá com a Serena. Consegue acreditar em algo assim? —

provocou, e tive que rir. — O que não deu muito certo também, acabou

sobrando para mim ficar com a neném, enquanto ela brigava com todos e reclamava de tudo o que Spencer tentava fazer… Ela é bem pior que eu —

continuou.

Dei a volta no balcão, quase saltitando, e parei em sua frente, usando a ponta dos dedos como perninhas, fazendo todo o caminho desde sua mão até o seu pescoço e, finalmente, me enrosquei em seu pescoço.

— Aposto que foi difícil ficar sem mim todos esses dias. Não se fazem mais secretárias como antigamente — disse com bom humor, e ele concordou, entrando no jogo.

— É o que eu vivo dizendo. Foi tão difícil para Laura encontrar alguém competente, mas essa pessoa acabou saindo por um mês sem aviso prévio.

Um caos total. — Fingiu irritação, e sorri, olhando para seus lábios enquanto ele falava cada palavra.

— Eu acho que essa pessoa merece uma chance para se redimir —

sugeri, fingindo indiferença.

— E como ela poderia se redimir? — perguntou. Mordi o lábio inferior, tentando segurar o riso enquanto me aproximava ainda mais de seu rosto e roçava os lábios de leve em sua bochecha, antes de sussurrar em seu ouvido:

— Tenho muitas ideias… — provoquei, e Erik riu, afastando-se um pouco para olhar em meus olhos, enquanto eu fazia um biquinho irritado. —

Por que você continua me afastando? Achei que estivesse com saudades! —

reclamei, e ele acariciou o meu cabelo com cuidado.

— Você parece um filhotinho quando quer, mas sei o quanto é perigosa

— ele disse, e revirei os olhos.

— Vai me dizer que o senhor continua com medo de mim? — perguntei, fingindo surpresa. Erik acariciou minha bochecha e deslizou o polegar até o meu queixo antes de me puxar novamente para si, envolvendo-me em seus braços.

Afundei meu rosto na curva do seu pescoço e o apertei com força, aproveitando o calor do seu corpo e o cheiro incrível que seu corpo emitia. A sensação dos nossos corpos juntos era tão certa. Eu sabia que aquele era exatamente o lugar em que nós precisávamos estar e estava grata por ter tido a oportunidade de ter aquela experiência novamente. Estava tão feliz por ter

dado tudo certo e por ter tido a sorte de conseguir ficar novamente com o homem que eu amava. Só queria aproveitar aquele momento como se fosse o último. Só precisava tê-lo ali comigo mais um pouco para ter certeza de que as coisas de fato estavam voltando para onde pertenciam.

Estava prestes a executar uma tentativa nada sutil de levar meu chefinho para o quarto, quando ouvi meu celular tocar. Só me afastei pelo toque insistente.

— Eu já venho — disse, e bufei irritada antes de correr até o sofá para pegá-lo. Sorri ao ler o nome de Mayumi na tela. — Olá, esposa querida.

Espero que você tenha um ótimo motivo para me ligar a essa hora da noite —

disse de bom humor, mas o silêncio do outro lado da linha me fez afastar o celular do rosto para confirmar se a ligação não havia caído. Ainda estava conectada. — May? Está me ouvindo? Acho que você está em algum lugar sem sinal — disse, aumentando um pouco o tom de voz para ela escutar.

Ouvi um estalar de língua repreensivo em resposta, que fez com que uma sirene em meu cérebro ficasse em alerta.

— *Eu estou tão desapontada, Hyuna. Torci para que você fosse mulher o suficiente para manter sua parte no acordo* — o inconfundível tom agudo da voz de Stella respondeu, fazendo com que meu corpo todo travasse no lugar. — *Mas, como eu desconfiei desde o início, você é apenas uma vadia*

mentirosa e manipuladora — continuou com seu usual tom de cortesia que beirava o sarcasmo.

Ainda não conseguia fazer com que as palavras saíssem da minha boca.

Estava crente que Jiseok já havia resolvido as coisas com ela, mas aparentemente ela continuava bem aqui e, o pior de tudo, estava com Mayumi, e eu não sabia dizer se ela estava bem. Esforcei-me muito; ainda assim, a minha resposta saiu gaguejada e rouca.

— O que você quer? Onde ela está? — perguntei, temendo a resposta.

— *Venha me encontrar,* sozinha *, daí talvez eu te diga onde ela está.* —

Enfatizou a parte do "sozinha". — *Pobrezinha, esses desmaios realmente são um problema, não? Aish, tão desconfortável* — reclamou, e senti um arrepio dos pés à cabeça em imaginar que ela poderia estar desacordada e em perigo.

— Se você encostar um dedo nela… — comecei, sentindo meu corpo estremecer em antecipação ao confronto. Stella riu do outro lado.

— *Você não está em posição de exigir muita coisa, está? Venha sozinha e não conte a ninguém. Se eu sequer imaginar que tem alguém contigo, simplesmente não vou poder me responsabilizar pelo que acontece com a Mayumi* — disse em tom de pesar. Fechei os olhos com força, sentindo-me muito burra por ter cogitado que tudo estava bem antes que ela estivesse atrás das grades. — *Estou te mandando o endereço, você tem uma hora antes que eu comece a ficar entediada* — avisou antes de finalizar a ligação. Continuei parada por alguns segundos sem saber o que deveria fazer.

Só voltei aos meus sentidos quando Erik tocou meu ombro e me assustei o suficiente para deixar o celular cair. Abaixei rapidamente para pegá-lo antes que ele pudesse alcançá-lo.

— Está tudo bem? — Erik perguntou e engoli em seco antes de acenar positivamente. Cocei a cabeça, tentando raciocinar rapidamente, e dei um sorriso fraco, preparada para contar mais uma mentira.

— Sim, tudo bem. Preciso ir resolver uma coisa em casa. Amanhã nos falamos, ok? — disse. Nem esperei sua resposta, apenas procurei por minha bolsa e a pendurei nos ombros bem a tempo de receber a notificação da mensagem com o endereço que Stella mandou. Enfiei o celular na bolsa.

Erik me seguiu com o olhar preocupado enquanto pegava um par de sapatos e enfiava nos pés aos pulos, para não perder tempo me sentando.

Tremia tanto que tinha medo de acabar caindo enquanto me equilibrava em um pé por vez.

— Você fecha a porta, por favor? — perguntei e, sem esperar por uma resposta, girei a fechadura e saí pelo corredor, torcendo para que ele não tentasse vir atrás de mim. Mas, assim que alcancei o elevador, ouvi seus passos atrás de mim e sabia que seria difícil convencê-lo a me deixar em paz.

— Hyuna, o que houve? O que aconteceu de tão grave que você não pode me falar? — perguntou com a testa fincada em preocupação, e me senti muito mal por não poder contar a ele o que estava acontecendo.

— Erik, apenas me deixe ir — implorei, apertando mais vezes o botão do elevador, como se aquilo fosse fazê-lo chegar mais rápido.

— Não vou te deixar ir sem saber o que está acontecendo. Você se lembra do que houve a última vez que decidiu fazer algo sozinha? Você pode

confiar em mim, prometo que vou ajudar como puder — ofereceu, e suspirei cansada.

Será que ele não entendia que era a única maneira? Eu tinha um pressentimento ruim de que dessa vez Stella não estava brincando, e temia pela vida da sua irmã caçula, mas como poderia sequer pensar em contar para ele? Erik se ofereceria para ir junto comigo e aquilo causaria mais estragos do que a influência de qualquer uma das famílias poderosas que eu conhecia poderiam resolver. Então, apenas fiz aquilo que sabia fazer de melhor e o olhei muito séria antes de encará-lo da maneira mais ameaçadora que consegui.

— Se você me impedir, juro por tudo o que é mais sagrado que vou desaparecer da sua vida — disse. Erik me encarou descrente com as palavras que saíram da minha boca, dando um passo para trás em surpresa.

— Hyuna… — Tentou me chamar, mas o elevador chegou a tempo e me enfiei no cubículo de metal, olhando-o em reprovação uma última vez antes das portas se fecharem.

Tremia tanto de medo que sentia que perderia as forças nas pernas a qualquer momento, mas não tinha tempo para ter uma crise. Eu precisava garantir que May estava bem. Havia feito meus votos com sinceridade e tinha que me lembrar do que havia prometido a ela, caso contrário, eu seria exatamente o que Stella disse que eu seria.



Sabia que estava tremendo da cabeça aos pés, mas não sentia nada, só conseguia ouvir o ensurdecedor som desesperado das batidas do meu coração martelando de medo e angústia.

Stella continuava à solta e fui inocente demais em pensar que poderia ficar tranquila enquanto isso. Confiei demais na possibilidade de ela ter se

escondido para não ser investigada junto com a empresa da sua família, mas fui ingênua. Ela havia tentado machucar May quando ainda era uma criança

por não conseguir o que queria, e, agora, toda a responsabilidade de garantir que a garota continuasse viva e bem era inteiramente minha. Prometi que a protegeria. Mesmo não sendo uma referência em cumprir com a minha palavra, os meus votos de casamento foram reais e ela fazia parte da minha família; só a família era capaz de me meter em confusões monumentais.

O endereço que Stella passou ficava numa região mais afastada no Bronx, num desses armazéns enormes que alugavam galpões, mas que mais pareciam cenário para um filme de terror do que um ambiente para guardar coisas. Assim que o táxi me deixou na entrada do lugar, não demorei muito a descer. Apenas caminhei pela rua principal que dava acesso a uma das zonas de galpões e qualquer barulho, mínimo como fosse, fazia-me pular de susto.

A palma da minha mão suava tanto que tinha medo de acabar deixando o celular cair.

Não tinha ideia de onde elas estavam e o lugar era enorme, então tentei ligar para o número de May, mas, quando caiu direto na caixa postal, suspirei preocupada. Continuei andando e olhando ao redor, tentando antecipar qualquer movimento estranho, mas tudo ao meu redor estava escuro e frio.

Quando uma garoa fina e gelada começou a cair, senti meu celular tocar e a tela se acendeu com um número desconhecido. Atendi rapidamente.

— *Você está sozinha?* — Stella questionou sem rodeios.

— Sim. Onde você está? — perguntei.

— *A próxima direita. Galpão trinta e dois* — disse e desligou a chamada.

Respirei fundo, tomando coragem de seguir suas instruções, e caminhei até encontrar o local indicado. As portas estavam fechadas e quase chorei de frustração. Esperava poder me esgueirar silenciosamente para investigar o que acontecia lá dentro e ligar para a polícia para fazer a denúncia. Mas ter que abrir as pesadas portas de metal apenas anunciaram a minha chegada e entendi que aquele era exatamente o plano de Stella.

O galpão onde entrei era grande e contava com muitos objetos gigantescos cobertos por lonas, então era difícil saber exatamente o que eram.

No centro do lugar, havia uma mesa improvisada com algumas cadeiras e a

luz fraca do ambiente me permitiu ver silhueta de Stella. Chegando mais perto, percebi que ela bebia uma taça de vinho tranquilamente, encarando-me com um sorriso divertido. Parei a alguns metros de distância e olhei ao redor, procurando por algum sinal de May, mas não consegui encontrá-la.

— Onde ela está? — perguntei alto o suficiente para ela ouvir, mas Stella apenas deu de ombros.

— Você sempre foi assim tão mal-educada? Eu estou bem sim, obrigada

— respondeu mesmo sem eu ter perguntado nada.

Estava pouco me lixando para como ela estava. Tinha ido até ali por um único motivo e não conseguia achá-la.

— Não tenho tempo para as suas merdas hoje. Onde ela está, Stella? —

perguntei novamente, e a única coisa que ela fez foi servir mais um pouco de vinho em sua taça, apontando para a cadeira na frente da sua com um sorriso.

— Sente-se, Hyuna, não tem por que você tentar fingir que tem alguma influência sobre mim quando tenho a vantagem aqui. — respondeu. —

Vamos conversar e aí eu te digo onde a menina está — instruiu. Mordi o lábio com força para não gritar antes de caminhar desconfiada até a mesa e me sentar na cadeira, afastando-me o máximo possível da cobra que estava em minha frente.

— O que você quer? — perguntei, e Stella finalmente fechou um pouco o sorriso para pensar nas suas opções.

— Vou admitir que fiquei bem impressionada quando descobri quem você realmente era. Confesso que errei um pouco os cálculos por não ter previsto que você poderia ter alguém para te ajudar, mas fui bem específica em te avisar as consequências caso você não se afastasse de Erik. Como você anunciou um casamento, eu estava muito tranquila, afinal, ficaria tudo bem e

eu manteria minha parte na nossa promessa, mas Anthony não ficou nada contente com o seu show para demiti-lo. Você me deixou em maus lençóis —

explicou, e cruzei os braços, ouvindo o que ela tinha para dizer. — Ainda assim, como tinha feito sua parte, decidi te perdoar, sabe? Sabe que sou uma mulher muito razoável e, como disse, você estava prestes a se casar, e Erik precisaria de mim para consolá-lo. Seriam dois coelhos numa cajadada só, e papai poderia muito bem lidar com Beak. E então, há algumas noites, eu descubro que meu pai foi preso após uma investigação contra a empresa,

aberta pela empresa do seu noivo durante um processo de aquisição, e entendi seu plano para me neutralizar.

Ela entornou o restante do vinho de uma vez e apoiou a taça calmamente na mesa antes de passar os dedos pelo cabelo curto.

— Acho tão baixo que você continue usando os homens ao seu redor para conseguir o que quer. Quão decepcionante deve ter sido para Erik saber que você precisou dormir com outro só para se vingar? — perguntou, e precisei rir da sua tentativa desesperada de me ofender.

— Você realmente não tem ideia de com quem está falando, tem? —

perguntei retoricamente. — Foi tão fácil para mim acabar com você. Na verdade, foi muito divertido assumir o conselho e demitir o seu lacaio burro e barato. Mal precisei me esforçar para conseguir destruir o que sua família lutou para conquistar. Se eu ao menos tivesse precisado dormir com alguém para isso, pode ter certeza de que eu admitiria, mas não precisei. Só pedi gentilmente e consegui, porque é isso que eu faço, Stella. Consigo tudo o que quero e, apesar de estar adorando nosso pequeno reencontro nesse lugar horroroso, que suponho ser a única coisa que você pode pagar neste momento, prefiro que me diga onde Mayumi está antes que eu perca a paciência — sugeri, tentando muito não demonstrar o quanto estava mentindo naquele momento.

Eu nunca mais me rebaixaria para ninguém, principalmente para aquela mulherzinha manipuladora.

— Você pode até ter conseguido derrubar a empresa, mas não tenho vínculo nenhum com as investigações. Eu nunca vou cair — disse e pendi a cabeça para o lado encolhendo os olhos em dúvida.

— Então você é mais burra do que eu imaginava — disse, abrindo um sorriso quando ela finalmente desmanchou o seu, deixando uma carranca irritada preencher o seu semblante. — Tenho todas as suas ameaças gravadas e um processo inteiro aberto contra você bem aqui, e vou usar toda a minha influência para garantir que pague pelo que fez num lugar em que você não é ninguém — blefei, sentindo uma coragem que não sabia de onde vinha. —

Então, agora eu vou te fazer uma proposta muito simples: me leve até May e, se ela estiver bem, vou permitir que você cumpra a sua pena na Coreia. Nós nunca mais vamos nos ver e você nunca mais vai fazer nada contra Erik ou

sua família — ofereci, sentindo a palma da minha mão suar. Tentei disfarçadamente secá-las na perna da calça.

Stella me encarava com tanto ódio que sentia minha espinha gelar pelo medo que seu olhar vazio me direcionava.

Não tinha nada em sua expressão além de uma raiva imensurável enquanto ela pensava na opção que havia dado. Finalmente, suspirou, fechando os olhos e, com raiva, virou a mesa, derrubando a garrafa de vinho e a taça no chão, quebrando tudo com um som alto de tilintar. Os cacos se espalharam pelo lugar e o vinho escorreu pelos meus pés. Stella ficou de pé com raiva e abriu o zíper da sua jaqueta. Antes que ela pudesse tocar o objeto pendurado em seu cinto, fiquei de pé, colocando as mãos em frente ao meu corpo com cautela. Ela empunhou a arma reluzente e a apontou diretamente para mim. Apertei os lábios juntos, tentando não gritar de medo.

— Me dê a sua bolsa — instruiu e, com cuidado, retirei a alça que cruzava meu peito apoiada em um dos ombros. — Jogue ela para cá —

ordenou. Fiz como ela mandou, sentindo minhas pernas tremerem. Meu celular estava ali dentro. Como pediria socorro caso algo desse errado?

Stella alcançou a bolsa e a pendurou no próprio ombro antes de gesticular para a direita com a cabeça.

— Vou te levar até ela. Faça qualquer gracinha e juro por tudo o que é mais sagrado que mato as duas — ameaçou. Concordei, virando-me para a direção que ela havia indicado.

Tentava respirar profundamente para impedir que as lágrimas viessem à tona. Andava muito devagar, tentando olhar ao redor para antecipar qualquer movimento estranho. Stella continuava com a arma apontada para mim e, inutilmente, tentei procurar algo pelo caminho que pudesse usar para me defender. Mas a quem eu queria enganar? Nunca havia sido muito boa em nenhuma atividade física. Se fosse para medir forças, com certeza sairia perdendo e aquilo colocaria May em perigo. Passamos por entre algumas empilhadeiras que estavam cobertas por lonas antes de avistar uma escadaria enferrujada que levava ao mezanino. O que me assustou foi encarar a minha amiga, que eu inocentemente envolvi em toda essa bagunça, amarrada de joelhos ao corrimão da escada e com uma fita tampando sua boca.

Assim que Mayumi percebeu a movimentação e botou os olhos em mim,

começou a chorar silenciosamente e até tentou se livrar do aperto em suas mãos, mas não conseguiu. Dei um passo em sua direção antes de sentir o cano frio da arma tocar a minha cabeça e congelei no lugar, olhando para May em desespero.

— Ela está bem, viu? — perguntou bem atrás de mim, e concordei com um aceno positivo. — Agora você vai pegar a merda do seu telefone e vai pedir para o seu noivo me deixar de fora da investigação. Aí deixo as duas irem embora — disse, e jogou minha bolsa no chão bem ao meu lado.

Abaixei-me com calma para pegar a bolsa e tateei pelo meu celular.

Minhas mãos tremiam tanto que deixei o aparelho cair e me estiquei para alcançá-lo. Assim que abri a agenda do celular e comecei a deslizar a tela pelos contatos, acabei me deparando com o contato salvo que poderia me ajudar naquele momento, e rezei a Deus que Erik não fizesse nenhuma besteira. Toquei no contato dele e, assim que começou a chamar, Stella olhou para o visor com curiosidade.

— Bundinha coreana? E ainda quer que eu acredite que não foi para cama com ele? — perguntou indignada. — Coloque no viva-voz — ordenou, e toquei a tecla bem em tempo de a ligação ser atendida.

Teve apenas silêncio do outro lado da linha e me adiantei em falar.

— Jiseok, sou eu — disse, gaguejando e olhando de soslaio para Stella, que balançou a arma para que eu prosseguisse. Torci para que Erik não falasse nenhuma besteira. — Sobre aquela empresa que conversamos, preciso que deixe a filha do dono de fora da investigação — falei devagar. Espantei-me quando ouvi um suspiro cansado do outro lado.

— *Por quê?* — a voz de Erik respondeu, mas estava um tanto diferente, então imaginei que ele estivesse tentando disfarçar o seu tom.

— Eu só pensei melhor e acho que o pai será suficiente — retruquei, encarando Stella em busca de aprovação. — Tudo bem? Você consegue me ajudar? — perguntei, tentando enrolar um pouco mais.

— *Preciso de alguns minutos* — respondeu, sucinto. Imaginei que não quisesse correr o risco de ser reconhecido. Stella não parecia nada satisfeita com a resposta e sussurrou em minha direção.

“Ele tem dez minutos”.

— Você tem dez minutos — eu disse com cuidado antes de finalizar a ligação. Sabia que Erik surtaria com aquela pequena frase, então desliguei antes que ele pudesse dizer algo que nos entregasse.

— Vamos, vou te colocar junto com a menina. Quero vocês bem pertinho uma da outra. — Stella indicou e me levantei para me aproximar de May. — Sem gracinhas, Hyuna — avisou, enquanto eu me sentava ao lado da mais nova.

Abracei-a com cuidado e afastei os fios de cabelo molhados do seu rosto. Mesmo tremendo, tentei secar as lágrimas de May e dar algum tipo de apoio.

— Você está bem? Ela te machucou? — perguntei, e May gesticulou negativamente. — Estou cuidando de tudo vou tirar você daqui, não se

preocupe — garanti com um sorriso fraco antes de Stella rir. Nós a encaramos assustadas.

— Não acho que você esteja em posição de garantir nada. Seu noivinho ainda não nos deu uma resposta — disse.

— Ele vai ligar a qualquer momento dizendo que está tudo certo. Nos deixe ir embora — tentei, e Stella gesticulou negativamente.

— Vocês só vão embora quando eu tiver a minha garantia — explicou.

Encarei-a em dúvida.

— Do que você está falando? Ele disse que precisava de alguns minutos para resolver tudo.

— Você realmente achou que apenas uma ligação seria o suficiente para deixar vocês irem? Continua sendo tão ingênua… Hyuna, só vou sair desse lugar com você bem agarradinha em mim, num helicóptero que vai me deixar diretamente no aeroporto. Ou você acha que eu nasci ontem? Uma ligação não prova nada, então vou te levar comigo. Ouvi dizer que sua família tem um jatinho muito confortável — apontou, e engoli em seco, sem saber como procederia naquele momento.

Precisava pensar nas minhas opções e no que poderia fazer naquele momento para impedir que aquilo acontecesse. Eu era a imunidade de Stella e imaginava que ela poderia até mesmo tentar ameaçar meus pais com o possível sequestro. Nada no mundo poderia garantir que ela não fosse me

matar enquanto fôssemos para o aeroporto. Então eu teria que resolver aquilo ali, o mais rápido possível.

Ao meu lado, May continuava chorando, e me sentia péssima por tê-la colocado naquela situação. Questionava-me se algum dia ela seria capaz de me perdoar por não ter conseguido manter minha promessa de protegê-la.

A única coisa que me impediu de me desesperar completamente foi o fato de Erik ter me impedido de entrar no táxi sem conversar com ele. Ele havia

previsto que Stella tentaria usar May como garantia para se vingar e só por aquele motivo eu não estava completamente mortificada.

Estávamos com tão pouco tempo disponível que não pudemos pensar em plano nenhum além de Erik rastrear a localização do meu celular e de May para garantir que estávamos no mesmo lugar e, caso eu fizesse uma ligação, ele chamaria a polícia. Por isso seu pedido por alguns minutos significou muito mais do que Stella sequer poderia imaginar. Entretanto, a revelação do seu plano acabou colocando em xeque o pouco planejamento que Erik e eu pudemos fazer. Rezava para todos os deuses que me ajudassem naquele momento, pois um movimento em falso da polícia e Stella nos mataria.

Pareceu uma eternidade antes que o celular tocasse novamente e saltei de susto quando aconteceu. Stella atendeu a ligação e colocou no viva-voz para que eu pudesse falar.

— Tudo certo? — perguntei, esperando ouvir boas notícias.

— *Eu fiz algumas ligações. Tudo certo* — respondeu, e Mayumi me encarou com a testa enrugada em dúvida. Espantei-me, mais uma vez, com a semelhança com o irmão. Seus olhos questionavam se ela estava ouvindo certo e tentei confirmar que sim muito disfarçadamente. Ela estava reconhecendo a voz de Erik. — *Você está bem?* — Erik perguntou com cuidado e, antes que pudesse responder, Stella finalizou a ligação com um sorriso contente. Jogou meu celular audivelmente no chão, mirou nele e atirou sem nem piscar, explodindo o aparelho em vários pedaços.

A minha única reação foi abraçar May para não deixar que nenhum dos pedaços voasse nela.

— Vamos, Hyuna, temos uma longa viagem pela frente — disse, e me

levantei com cuidado.

— Mas e a May? Não posso deixá-la aqui sozinha — argumentei, sentindo o desespero me tomar.

— Você pode e vai. Amanhã, o dono dessas máquinas vai encontrá-la.

Espero que ele seja gentil e a leve para casa. Agora anda! — Indicou, e me coloquei a andar, olhando para trás, para confirmar que Stella não faria nada a May por minhas costas.

Assim que passamos pelas empilhadeiras, foi possível ver a mesa caída no chão com os restos da garrafa de vinho e, logo atrás, as longas portas de metal pelas quais eu havia passado. Estávamos indo naquela direção quando o som estridente da porta se abrindo me fez congelar no lugar. Da mesma maneira que anunciei minha entrada, os policiais que aguardavam do lado de fora anunciaram a deles. Minha única reação foi me virar em desespero para Stella, enquanto ela percebia o que estava acontecendo e me encarava em ódio.

— Você vai se arrepender tanto disso — Stella prometeu antes de correr de volta em direção a onde Mayumi estava.

Mesmo indo contra todos os gritos dos policiais que começavam a adentrar o lugar, corri atrás de Stella com tudo o que tinha em mim. Corri sem me importar com o coração apertado ou a queimação nos pulmões pelo esforço repentino para alcançá-la. A sua única desvantagem dela era o pequeno salto da bota que usava, contra o meu bom e velho tênis, por isso, quando ela passou novamente pelas empilhadeiras que escondiam Mayumi e cheguei perto o suficiente para tocar sua jaqueta com a ponta dos dedos, usei toda a minha força para pular em sua direção, fazendo com que nós duas caíssemos juntas e mais um disparo saísse da arma. O som estridente estava tão perto que ouvi um zumbido antes de Stella se remexer para sair de baixo do meu corpo, mas eu não deixei. Segurei seus cabelos curtos com toda a força que pude e tentei me manter firme sobre suas costas, mas ela era maior e mais forte que eu. Com um impulso, nos girou, fazendo com que eu arfasse com as costas completamente pressionadas contra o chão. A dor do impacto fez com que afrouxasse o aperto em seu cabelo e Stella conseguisse se desvencilhar o suficiente para ficar de joelhos. Apontou novamente a arma em minha direção. Suas mãos tremiam e seu olhar de frustração se intensificava.

Ouvi o som dos passos pesados preenchendo o local ao nosso redor e, mesmo ofegante pela corrida, consegui dar um pequeno sorriso quando os policiais finalmente nos alcançaram. Entretanto, não puderam chegar muito

perto, uma vez que Stella continuava com a arma apontada para mim. Um deles arriscou tentar falar com ela num tom brando.

— Senhorita, por favor, pode colocar a arma no chão devagar? —

perguntou cauteloso, e Stella usou o dorso de uma das mãos para afastar os cabelos que caiam na frente dos seus olhos. Por alguns segundos, apontou a arma em direção ao policial.

— Não chegue perto de mim! — ameaçou e voltou a apontá-la para mim com lágrimas de puro ódio começando a brotar em seus olhos. — Você é mesmo uma mentirosa! Me garantiu que viria sozinha! — gritou com raiva, e engoli em seco, sem ter coragem para mover um músculo sequer.

Olhava de soslaio para os policiais, procurando alguma dica do que poderia fazer, mas todos continuavam sussurrando para que eu ficasse parada e que ficasse calma. Mas não conseguia me acalmar, eu só queria correr até May e depois sair daquele lugar horrível.

— Senhorita, pense com calma… Agora as coisas podem parecer confusas, mas vamos ajudá-la a resolver tudo da melhor maneira possível. Se puxar esse gatilho, vai enfrentar prisão perpétua e não terá a possibilidade de cumprir a pena no seu país natal. Mas se me deixar te ajudar, vamos garantir que você tenha todo o suporte para voltar para casa. — O policial que estava mais próximo continuou argumentando com um tom brando, tentando se aproximar devagar, com as mãos levemente esticadas na frente de seu corpo para demonstrar que não apresentava nenhum perigo.

Stella estava tomada pelo desespero, sentia aquilo. Uma mulher desequilibrada era a visão mais assustadora do mundo. Eu sequer conseguia pensar numa gracinha para fazer. Não tinha coragem de me atrever a enfrentá-la naquele momento.

— Eu… quero ver Erik. Me deixe vê-lo antes de ir — pediu com as mãos trêmulas, mas seu olhar continuava atento a todos ao seu redor, principalmente a mim. Desconfiava que ela estava prestes a fazer algo muito ruim.

— Não — sussurrei em resposta, o que só fez com que ela me encarasse

em desprezo.

— Quero vê-lo agora. Sei que ele está aqui! — gritou, e vi uma figura se revelar com cuidado. Erik a encarava com a expressão vazia.

Assim que Stella colocou os olhos sobre ele, se derreteu inteira, como eu fazia todas as vezes que o via, e entendi que ele provavelmente tinha aquele efeito sobre as mulheres. Stella era uma psicopata, doida varrida e perigosa, mas abaixou a mira da arma poucos centímetros e deixou seus olhos brilharem em esperança ao olhar para Erik. Naquele momento, tive um pequeno vislumbre do que poderia ter sido uma relação longa e duradoura se ela não tivesse feito todas aquelas escolhas erradas. Em alguns segundos, deixei de ser o foco da mulher ajoelhada em minha frente e toda a sua atenção estava no homem de pé que a analisava com cuidado.

— Estou bem aqui — Erik respondeu. Stella piscou em admiração antes de fungar emocionada.

— Senti tanto a sua falta, amor — ela confessou.

Um dos policiais chamou minha atenção, acenando com cuidado, e o encarei disfarçadamente enquanto ele gesticulava para que fosse em sua direção muito devagar. Ainda estava sentada no chão depois da queda, então precisei usar os pés para me arrastar alguns centímetros. Seria um longo caminho até ele, mas eu precisava tentar, certo? Entretanto, Erik estava se colocando em perigo para que eu pudesse me safar e aquilo me preocupava mais do que me movimentar, por isso, não conseguia desviar os olhos da visão dos dois se encarando tão atentamente.

— Vamos conversar de maneira civilizada, abaixe essa arma — Erik pediu sem muita emoção em sua voz.

— Sei que quando eu abaixar isso eles vão me levar para longe de você… Não posso abrir mão da nossa felicidade, Erik. Você sabe que fomos feitos um para o outro, não sabe? Então peça para eles irem embora. Não fiz nada de errado, May está segura, não vê? — Stella explicou manhosa, e eu não podia fazer a conexão entre aquela mulher e a que estava me ameaçando de

morte a poucos segundos atrás. Como era possível alguém mudar tão drasticamente?

— Ninguém vai te levar antes da gente conversar. Agora, abaixe isso,

não quero que você se machuque — Erik disse com cuidado, e senti meu coração se apertar em um incômodo desconhecido por seu tom e pelas palavras que ele dirigia àquela mulher. Mas não poderia me dar ao luxo de sentir ciúmes, no fundo eu sabia que ele estava fazendo aquilo numa tentativa de me proteger, mas ainda assim era doloroso ouvi-lo usar aquele tom com alguém que não fosse eu.

Stella travava um conflito interno enquanto pensava nas palavras de Erik e finalmente engoliu em seco.

— Você promete? — ela questionou, e Erik concordou com um aceno.

— Eu prometo. Agora, me dê a arma e vamos resolver tudo — Erik garantiu e estendeu a própria mão em direção à Stella.

Os dois ainda estavam a alguns metros de distância um do outro, por isso, quando Stella se levantou com cuidado, todos ficaram apreensivos. Parei de tentar me afastar, já que com ela de pé seria muito mais fácil ver eu me esgueirar, e decidi esperar que Erik resolvesse a questão. Stella deu mais um passo em direção a Erik, afastando-se um pouco mais de mim, mas, quando o olhar preocupado de Erik desviou dos dela para confirmar se eu estava bem, foi como se algo estalasse na mulher à nossa frente e ela voltou a empunhar a arma na minha direção com um sorriso cruel no rosto.

— Eu quase acreditei em você… mas no final das contas está mentindo para mim para protegê-la, não está? — perguntou retoricamente. — Vou continuar destruindo tudo o que você ama, até que eu seja única para você como você é o único para mim — confessou antes de puxar o gatilho e disparar uma última vez.

O grito desesperado de Erik me atingiu antes que o som alto e seco ecoasse pelo armazém. Os policiais avançaram de uma vez, imobilizando Stella, que continuava sorrindo diabolicamente para mim. Eu estava entorpecida demais para entender o que estava acontecendo. A dor me atingiu longos segundos

após o som do tiro e encarei meu próprio corpo, procurando pela fonte da sensação que queimava meu peito. Vi o tecido do meu casaco escurecer gradualmente enquanto uma longa e viscosa mancha se formava, escorrendo em direção ao chão.

Com dificuldade, toquei o local e encarei minha própria mão trêmula reluzindo em vermelho vivo, a tempo de Erik me alcançar e me tomar em

seus braços com o olhar preocupado. Ele tocou meu rosto para que o encarasse, mas empalideceu e me encarou estático assim que sua própria roupa começou a se manchar com o líquido carmesim. Tentei inutilmente o afastar de mim.

Ele tinha medo de sangue. Não deveria se preocupar comigo, mas eu já não tinha forças para fazer com que ele me soltasse. Num segundo, o chão parecia ter se tornado muito frio e fechei meus olhos com força para evitar que um grito de dor escapasse dos meus lábios. Aquilo foi suficiente para que Erik começasse a chamar pelo meu nome, fazendo-me abrir os olhos apenas para ver os seus cheios de lágrimas enquanto ele tentava pressionar o ferimento em meu ombro, fazendo uma nova onda de dor cruzar o meu corpo.

Mesmo com seus gritos suplicantes para que eu continuasse com ele, que eu não desistisse e que eu não o deixasse, apenas deixei que o frio me envolvesse e me carregasse para um sono em que eu esperava poder causar menos problemas. Onde Erik não chorava em desespero nem gritava meu nome. Um sono onde todas as minhas melhores memórias habitavam. Passei pela minha infância solitária, seguindo para a adolescência problemática e um início da vida adulta preenchido por meus pais, Naomi, Mayumi e Erik, e as abracei de bom grado.

— *Hyuna, não me deixe…* — Ouvi sua voz implorar antes de me render ao cansaço. — *Eu te amo.*

Meu Namorado Coreano

Hyuna

Meu Namorado Coreano

Hyuna

Ouvi o bipar insistente do monitor cardíaco antes mesmo de conseguir mexer os olhos. Tive certa dificuldade em abri-los, como se tivesse passado

muito tempo dormindo, mas, quando, o fiz me deparei com um teto forrado e uma lâmpada fluorescente apagada. Ainda assim, havia uma luz tremeluzente pelo quarto e, ao baixar os olhos, descobri que vinha da televisão pendurada num suporte na parede à minha frente.

Olhei ao redor, dando de cara com uma bolsa de soro e um monitor cardíaco que entregavam que eu estava num hospital, o que explicava o maldito “bip” que fazia com que minha cabeça rodopiasse de tontura.

Lembrei-me vagamente de tudo o que havia acontecido com Stella no armazém e, ao lembrar do som do tiro, levei a mão instintivamente até o peito e tateei, procurando pela atadura até sentir o local dolorido na altura da clavícula. Ouvi uma movimentação do outro lado do quarto e encarei um pequeno sofá com curiosidade, percebendo corpo miúdo de Naomi enrolado numa echarpe. Sua cabeça descansava no ombro da minha mãe, que tinha acabado de acordar e esfregava os olhos com cuidado. Quando percebeu que eu estava acordada, quase deu um pulo no sofá.

Aquilo só serviu para que Naomi também despertasse no susto. Mamãe quase pulou na minha cama, tocando meu rosto para verificar se eu estava com febre.

— Você está bem, meu amor? Está sentindo muita dor? Devo chamar um médico? — atropelou uma pergunta na outra, e gesticulei negativamente.

— Estou bem, só um pouco de tontura — expliquei, e ela pareceu mais aliviada. — Onde Erik está? E Mayumi? Como ela está? — perguntei sem rodeios, sentindo meu coração apertado. Mamãe acariciou meus cabelos com cuidado e um olhar preocupado.

— Você deveria focar em sua própria recuperação, mal saiu de uma cirurgia e já está se preocupando com outras pessoas — retrucou, e encarei Naomi em um pedido de ajuda.

— *Preciso* saber como eles estão.

— Eles estão bem na medida do possível… — Naomi respondeu, dando a volta na cama para ficar ao meu lado, e segurou minha mão. — Mayumi

está segura, mas acabou tendo uma crise assim que você entrou em cirurgia e precisou ficar em observação. Erik ainda está muito abalado com tudo. Ele não saiu do seu lado em nenhum minuto, tive que obrigá-lo a ir para casa há algumas horas para trocar as roupas sujas de sangue — sintetizou.

— E Stella? — perguntei, sentindo um sabor amargo na boca.

— Foi detida logo depois que atirou em você e já está presa, aguardando o julgamento — mamãe contou dessa vez. — Seu pai não voltou por isso, meu amor. Está garantindo que essa mulher passe o resto da vida na cadeia.

Senti como se um elefante saísse dos meus ombros ao saber que Stella estava exatamente onde merecia. No final das contas, seria muito difícil que ela saísse, já que teria que lidar com as acusações de sequestro e tentativa de homicídio, fora todas as ameaças. Aquilo seria o suficiente para que finalmente pudesse sorrir tranquila.

Descobri, mais tarde naquele dia, que passei quase dois dias desacordada. Não estava em coma e nem nada do tipo, mas sofria de uma anemia severa e ela foi a responsável pela fadiga que me fez tirar uma longa soneca. Ouvi um belo sermão de Naomi quando contei que, desde que Stella apareceu em minha vida, eu não conseguia comer direito e praticamente só bebia. Aquele era o motivo pela minha perda de peso e, consequentemente, toda a deficiência das vitaminas básicas para o meu funcionamento. Aquilo acabou complicando um pouco a cirurgia, pois perdi muito sangue e, só não parti daquela para melhor, pois, de acordo com mamãe, Erik conseguiu fazer pressão o suficiente para controlar a hemorragia até que os paramédicos chegassem ao local.

O tiro me acertou em cheio, porém, como vaso ruim não quebra, tive a sorte da bala não ter perfurado nenhum órgão. O mais difícil foi retirá-la, já que havia se alojado em minha clavícula e aquilo explicava a dor incômoda para tocar o local. Tirando aqueles meros detalhes, eu estava viva e aquilo já era algo a se celebrar.

Minha mãe passou os próximos dias plantada ao meu lado e só deixava o quarto do hospital por poucas horas, quando Naomi veio ficar comigo depois do trabalho. Tive uma bela ideia do quão influente meu pai havia se tornado

no país nos anos em que nos distanciamos, pois em pouco mais de uma semana ele conseguiu que um juiz decretasse prisão preventiva contra

Stella e contratou o melhor escritório de advocacia da cidade para garantir que ela pagasse pelo que tinha me causado. Mesmo que, em geral, não nos déssemos tão bem, ele faria tudo o que estivesse em seu alcance para garantir a minha segurança. Eu era sua única filha, afinal de contas.

Com a situação de Stella já sob controle, papai não queria deixar que Erik me visitasse, pois insistia em dizer que nada daquilo teria acontecido caso ele não tivesse se envolvido comigo. Não poderia julgá-lo, mesmo que a minha maior vontade fosse distância daquela mulher, papai deixou claro que faria de tudo para que ela cumprisse a pena nos Estados Unidos, onde sua família não teria influência para livrá-la. Não poderia julgá-lo por ter medo, pois eu mesma senti, e muito, enquanto estava na mira do seu ódio, mas com ela apodrecendo na cadeia, não havia motivos para me privar de ver o homem que fez com que eu tivesse a coragem para enfrentá-la.

Precisei de muitas discussões, lágrimas e até mesmo fingir um desmaio para que ele pudesse finalmente entender que não poderia me impedir de vê-lo, então acabou cedendo e permitindo que Erik fizesse uma visita enquanto ele estava presente, com o único objetivo de me envergonhar, já que eu tinha vinte e sete anos na cara. Até tentei me arrumar para recebê-lo, mas não tinha muito o que eu pudesse fazer enclausurada com ataduras e tubos me dando soro num hospital.

Houve uma batida discreta na porta e tentei ao menos passar os dedos pelo cabelo para disfarçar a cara de morta antes de papai a abrir com cara de poucos amigos. Um furacão passou por ele e correu direto para mim, jogando-se na cama e abraçando minhas pernas com lágrimas nos olhos.

— *Unnie*! Eu não sei nem como te agradecer por tudo o que fez para me salvar! — May confessou, e abri um sorriso, acariciando sua cabeça com cuidado.

— Fico mais tranquila em saber que você está bem. Não precisa me agradecer, nós fizemos um voto, lembra? — perguntei, piscando. — Mas, se você realmente quiser me dar algo, estou precisando muito de um dos

modelos da nova linha de bolsas da Prada — brinquei, o que fez com que a mais nova risse e eu me senti mais tranquila. Não queria vê-la chorar.

— Vou pedir o dinheiro para Erik e te compro uma — respondeu, e foi minha vez de rir.

— Você deveria arrumar um emprego. — Ouvi a voz grossa e rouca de Erik responder, e encarei a porta para vê-lo de pé, encostado na soleira. Seu olhar estava preocupado em minha direção, mas não pude deixar abrir um sorriso enorme por vê-lo ali.

Para minha vergonha completa, o monitor cardíaco começou a tocar num ritmo bem mais rápido assim que coloquei meus olhos no homem que era a razão pela qual havia feito todas aquelas coisas nos últimos dias.

— Eu vou arrumar, algum dia… Enquanto isso, gasto o seu dinheiro. —

May piscou para o irmão em provocação antes de sair porta afora para nos dar alguma privacidade. Estiquei o braço em sua direção, sem dizer uma única palavra, mas Erik sabia exatamente o que fazer quando me apertou forte contra o seu próprio peito. Ouvi o monitor cardíaco, mais uma vez, entregar a todos no recinto o quanto o toque dele era capaz de me afetar.

Não me importei com a presença do meu pai, apenas deixei as lágrimas escorrerem, enquanto Erik me embalava em seu corpo e fazia carinho em meu cabelo gentilmente. Só queria aproveitar aquele momento de paz com ele, sem a possibilidade de Stella atrapalhar alguma coisa. Inspirei profundamente, embriagando-me com o cheiro incrível de erva doce que fluía do seu corpo.

— Pensei que fosse te perder de novo. Eu estava ficando louco em pensar que você estava machucada e sofrendo por minha causa — confessou, afastando-se o suficiente para poder olhar em meus olhos. Usou o seu polegar para secar a lágrima que escorria pelo meu rosto. — Como você está?

— Hospitalizada graças a você — papai respondeu a contragosto, sentado no sofazinho ao lado da cama. Encarei-o com raiva.

— Não fale assim com ele — exigi com seriedade, e o senhor Park encolheu os pequenos olhos em desconfiança pela minha atitude.

— Só quero garantir que você esteja feliz e segura, minha filha — papai retrucou, e revirei os olhos irritada.

— Se o senhor se importa de verdade com a minha felicidade vai parar de implicar com Erik — retruquei. — Pare de agir como se não o aprovasse, mamãe me disse o senhor sempre gostou dele — completei.

Erik me encarou em surpresa e se virou para o meu pai em

questionamento.

Senhor Park bufou impacientemente antes de cruzar os braços sobre a barriguinha protuberante.

— Sua mãe é uma linguaruda — papai resmungou, ranzinza. — Os meus elogios eram *profissionais*. Nunca escondi minha opinião sobre o seu potencial para a empresa. Agora para a minha única filha? Minha sucessora?

Você tem um longo caminho pela frente se quiser minha aprovação, rapaz —

disse, e mordi o lábio, sorrindo com aquela informação.

Não que ter a aprovação de papai fizesse alguma diferença, já que ele não havia aprovado nenhum dos meus relacionamentos não-arranjados, mas não tinha sido uma negativa, então havia a possibilidade. Se Erik quisesse, poderia tentar consegui-la.

— Eu vou me esforçar para conseguir sua benção — Erik garantiu com tanta convicção que não pude deixar de me surpreender. Ele sorriu antes de acariciar minha bochecha. — Vou me tornar alguém que pode te proteger —

prometeu.

— Você já faz isso. Se não tivesse me alcançado antes de entrar naquele táxi e me convencesse a te contar o que estava acontecendo, nem sei se estaria aqui hoje — argumentei emocionada, e Erik suspirou cansado.

— Depois da conversa que tínhamos acabado de ter, realmente não poderia te deixar ir daquela maneira. Dava para perceber que tinha algo errado — confessou. — A partir de agora, vamos tentar ser mais sinceros um com o outro — pediu, e sorri antes de estender o dedo mindinho em sua direção.

Erik não conseguiu esconder o sorriso tímido antes de finalmente retribuir o gesto infantil. Ser sincera com ele era tudo o que eu mais queria naquele momento, além de um bom banho quente e três litros de água com analgésicos. Contudo, ainda havia algo que precisava muito mais do que qualquer outra coisa, e eram os seus lindos lábios sorrindo. Sabia que só tinha uma coisa possível a ser feita naquele momento.

— Papai, pode nos dar um pouco de privacidade, por favor? — pedi, e Erik arregalou os olhos com o meu pedido.

— Num hospital, Hyuna? Você acabou de sair de uma cirurgia — papai

retrucou em desagrado, e sorri, batendo os cílios de maneira infantil.

— Eu levei um tiro, mas não estou morta — respondi, fazendo com que Erik ficasse completamente desconfortável e se afastasse alguns passos da minha cama. — Para onde você vai? Eu pedi alguns minutos a sós para conversarmos. Não vai me dizer que você esperava… — sugeri e puxei o ar dramaticamente. — Por Deus, senhor Young, meu pai está bem aqui. —

Apontei para o meu pai do outro lado do quarto e Erik não sabia onde enfiar a cara.

Antes que ele pudesse falar qualquer coisa, papai se levantou resmungando e, antes de abrir a porta do quarto para sair, se virou, apontando o indicador em minha direção em desagrado.

— E é por isso que eu digo por aí que você foi adotada — papai retrucou antes de se retirar, e caí na gargalhada, mas o movimento acabou fazendo com que uma onda de dor no local do ferimento se espalhasse.

Grunhi em resposta.

Erik voltou para o meu lado com um olhar preocupado.

— Você está bem? Precisa de alguma coisa? — perguntou, e concordei com um aceno.

— Preciso de você — disse, dando espaço para que ele pudesse se sentar ao meu lado na cama.

Com cuidado, ele o fez e segurou a minha mão com delicadeza.

— Se você continuar brincando assim, seu pai nunca vai me deixar ser o CEO da Thousand Corp — pontuou, fingindo irritação.

— Achei que estivesse preocupado sobre ele aceitar a nossa relação, mas já descobrimos sua prioridade, senhor Young — retruquei, entrando na brincadeira.

— Tenho apenas seis meses para provar que consigo assumir o cargo.

Em contrapartida, tenho o resto da vida para tentar ganhar a aceitação do seu pai — explicou, e o encarei esperançosa.

— O que isso quer dizer? — questionei.

— Quer dizer que não quero mais viver nenhum dia longe de você —

respondeu com seus olhos escuros fitando-me tão intensamente que não tive

nenhuma dúvida da veracidade das suas palavras.

Aquela pequena frase, por mais despretensiosa que parecesse, selou um compromisso silencioso entre nós. Desde o início, naquela boate, Erik e eu descobrimos funcionar no modo automático em relação ao outro. Seu corpo atraía o meu e nossas almas se conectavam com apenas um olhar. Eu corria para ele sem nem perceber.

Erik Lee Young era como o sol que aquecia e iluminava cada canto da galáxia e ditava toda a movimentação dos planetas ao seu redor com maestria. Ele sabia como liderar e inspirar, mas também era perito em cativar o mundo todo com a sua energia. Eu não era muito diferente dos outros planetas e luas ao seu redor. Sempre tentaria voltar para ele, pois era

ao seu redor que eu me sentia aquecida, amada e livre. Ao seu lado, eu sentia que poderia ser quem eu quisesse, mas foi através do amor que sentia por ele que descobri que o que eu mais gostava de mim mesma eram exatamente as coisas que ele havia me ajudado a aceitar.

Erik Lee Young teve muitos títulos para mim: o cara misterioso da boate, o chefe bonitão que fingia não me reconhecer, o diretor durão que dizia não se importar, mas mandava comida por eu ter trabalhado até tarde, o profissional incrível que mantinha sua equipe motivada e procurava meios para sair de uma situação ruim, mas também foi o amigo em que pude confiar para desabafar meus medos e inseguranças mais profundas e que se dispôs a ser alguém em quem eu pudesse confiar.

E, naquele instante, depois de tudo o que tivemos que enfrentar para finalmente respirar aliviados, sentia no fundo do meu coração que tínhamos evoluído um passo.

— Eu amo você — admiti, apreciando deliciosamente as palavras e os sentimentos que fluíam junto com elas, inundando meus olhos com lágrimas sinceras de felicidade. — E eu faria tudo de novo para te fazer feliz.

Erik abriu um sorriso caloroso e orgulhoso pelo que tinha dito e sabia que nós precisávamos daquilo. Ele merecia saber o quanto era importante e o quanto significava para mim. Erik virou de lado, apoiando o cotovelo no colchão para poder me olhar mais de perto. Seus olhos, bem acima de mim, encaravam-me profundamente, tentando demonstrar tudo o que ele sentia.

— Eu vou me esforçar para garantir que você não precise mais passar

por nada disso. Nós vamos ser felizes juntos. Eu te amo, Hyuna — confessou, fazendo com que meu peito enchesse de felicidade, e usou o polegar para secar uma lágrima que teimou em escorrer pelo meu rosto, antes de se inclinar sobre mim e encostar os nossos lábios.

Dei passagem para que intensificasse o beijo, pois eu precisava do conforto dos seus braços, ansiava pelo fogo ardente que corria por toda a minha pele e, como uma viciada que não poderia se afastar mesmo sabendo dos perigos de consumir o objeto do seu vício, aceitei de bom grado o frio na espinha

que eu sabia que viria. Ele sempre estaria ali, revirando o meu estômago e me alertando da influência que Erik tinha sobre mim. O frio que se esgueirava por debaixo de toda a paixão ardente estava ali para garantir que eu jamais pudesse esquecer que só havia uma pessoa capaz de me fazer senti-lo e eu, completamente entregue e apaixonada, não tinha outra saída senão aceitar de coração aberto que tudo o que fiz valeu a pena.

Apesar de Naomi, Laura e Bill terem tentado me avisar, nunca imaginei que sentiria algo tão forte e genuíno por alguém. Se não tivesse feito aquela entrevista maluca para uma vaga temporária na empresa da minha própria família, eu não teria amadurecido ao ponto de admitir com um sorriso maravilhado que estava namorando com o meu incrivelmente sexy chefe coreano.



Todas as segundas-feiras, fazia o mesmo ritual sagrado: acordava, colocava uma roupa para correr no Central Park, voltava para casa para tomar banho e me trocar, ia para o trabalho, irritava-me com alguma coisa do escritório, almoçava com Charlie e Bill, tentava persuadir o *board* para me dar a posição de CEO, implicava com Laura, fazia algum analista chorar e

finalmente encontrava Mayumi para o nosso TGIMM.

TGIMM nada mais era que "*Thank God It's Mayumi's Monday*", onde eu literalmente dedicava algumas horas do meu dia para fazer exatamente o que

ela quisesse. Era uma rotina cíclica, divertida, equilibrada e responsável.

Tudo estava no seu devido lugar, até Laura finalmente conseguir engravidar e, consequentemente, precisar se afastar para cuidar da sua saúde, o que gerou a demanda por uma assistente substituta. Tudo estava andando devagar, mas dentro do planejado, até Hyuna chegar e com seu jeito espalhafatoso e dúbio de ser. A verdade é que por muito tempo não soube lidar com sua personalidade.

No início, achei que suas provocações veladas e tentativas de me tocar eram uma demonstração do quanto ela era amadora, profissionalmente falando, e, pior, que estava ali apenas para conseguir me seduzir e ganhar alguns dólares extras. Não seria leviano em dizer que não pensei naquela possibilidade, mas, quando percebi que suas investidas eram devido ao nosso momento na boate, senti-me um imbecil por sequer ter cogitado algo como aquilo. A cada dia que passava, Hyuna demonstrava cada vez mais ser muito boa no que fazia, o que era muito vantajoso, já que tudo o que confiava a ela era entregue perfeitamente e, muitas vezes, superava minhas expectativas.

Algo tão raro que nem mesmo Bill ou Laura conseguiam fazer com frequência, mesmo depois de anos trabalhando ao meu lado.

Era instintivo. Para Hyuna, fazer o seu melhor era uma questão de honra, então, não demorou muito para que o meu lado mais perverso como um líder começasse a se mostrar.

Quando se tinha alguém como ela, que conseguia fazer tudo bem feito e entregava além de tudo o que você esperava, era natural que fossem dados desafios cada vez maiores e novas responsabilidades. Eu sabia que ela ficaria exausta, mas era para o seu bem, para vê-la crescer profissionalmente e ajudar a impulsionar a área, a inspirar o restante do time. Não era à toa que havíamos tido desempenhos individuais muito bons durante o período em que ela esteve no lugar de Laura, mas, mesmo com toda a sua energia positiva e cabeça cheia de novas ideias e fôlego suficiente para implantá-las, aquilo não foi o suficiente, pois Anthony e Stella estavam trabalhando juntos para afundar tudo o que eu havia construído nos últimos anos.

Se não fosse por Hyuna, eu não teria o meu emprego naquele momento.

Sentia-me grato por tudo o que ela havia feito, por tudo o que ela precisou abrir mão para me proteger, mas, ao mesmo tempo, sabia que precisava de coragem e da mesma energia para conseguir evoluir e dar um grande passo em minha carreira. Ela havia aberto o caminho e eu seria um babaca insensível se fizesse com que todo o sofrimento daquela mulher incrível fosse em vão. Por isso, depois que Hyuna se recuperou da cirurgia, dediquei todo o meu esforço em conseguir reestruturar a área e trazer os resultados que tinham sido impactados pelo plano psicótico de Stella para me ter de volta.

Acordei cedo e dormi tarde todos os dias. Não deixava de dedicar às segundas-feiras à May, nem de visitar a minha mãe, mas não conseguia ver Hyuna com a frequência que eu desejava e que havia prometido.

Não que eu não estivesse tentando. Eu estava. Nós nos falávamos todos os dias e nos víamos sempre que era possível, com muita discrição devido à promessa que fizemos ao herdeiro dos Soo, mas sua nova posição demandava muitas viagens entre as divisões do grupo e, querendo ou não afetava, a frequência com que podíamos nos ver. Hyuna continuava dizendo que aquilo era temporário, que havia feito um acordo com o senhor Park para que ela pudesse dividir melhor as tarefas com outros dos acionistas. No entanto, eu imaginava que aquilo não aconteceria tão cedo.

Passado o susto do casamento arranjado e o desespero do tiro, Hyuna havia se tornado uma celebridade no mundo corporativo. Saiu em diversas revistas e artigos, protagonizou a capa da Forbes americana e coreana como a mulher mais influente do ano e a mais jovem a assumir o conselho de um grupo tão grande como o *Cheon*. Mesmo sendo herdeira, por ser mulher, era esperado que o cargo fosse para algum profissional da área, enquanto ela mantinha apenas o controle das ações. Ela não perdeu aquela oportunidade de gritar para Deus e o mundo que também era uma das fundadoras e principal investidora da NK, então, consequentemente, Naomi também estava indo muito bem. O que fazia com que ela ficasse mais ocupada e que May tivesse mais tempo livre. Assim, criamos um novo ciclo.

May também decidiu que era o momento ideal para voltar a investigar sua condição e tentar trata-la, então mesmo sabendo que Hyuna não era a maior

fã de Isabelle, a mulher que me envolvi antes de conhece-la naquela boate e que me acompanhou na festa em que antecedeu nossa visita à casa do

lago, precisei retomar o contato mais frequente, já que ela era a médica da minha irmã. O mais surpreendente foi descobrir que Isabelle e Ryan Baker, ex da Hyuna, engataram em um relacionamento depois que ela tratou a mãe dele. As coisas realmente tomaram um rumo completamente diferente depois daquela loucura.

Já tinham se passado quase seis meses desde a confusão com Stella. O

inverno severo já havia passado e estávamos finalmente entrando novamente em um clima quente. Cada dia que passava, sentia-me mais orgulhoso por Hyuna, mas com tanta saudade que não imaginei que fosse possível. Estava há mais de quinze dias sem vê-la. Ela passou um longo período na Coreia para o lançamento de uma nova divisão do grupo e, mesmo nos esforçando, muitas vezes era cansativo casar os fusos.

Cheguei no escritório pouco depois das nove, já que peguei algum trânsito em direção a Wall Street, por isso, estranhei ao notar que todas as luzes do andar estavam apagadas e que não havia ninguém no escritório ainda. Todos entravam às nove, mas nem mesmo os funcionários que costumavam chegar antes de mim estavam presentes. Caminhei distraidamente até a minha sala, pensando no que poderia ter acontecido.

Laura não havia me informado sobre nenhuma reunião geral ou evento na empresa que justificasse todo aquele vazio, ainda assim, chequei minha agenda novamente por desencargo, só para perceber que todos os meus compromissos do dia haviam sido cancelados.

Sentei-me na poltrona e liguei para Laura, que não demorou muito a atender.

— Onde você está? — perguntei sem rodeios.

— *No banho de lama e você?* — respondeu, e me perguntei se realmente tinha ouvido certo.

— Banho de lama? Do que você está falando? Onde está todo mundo?

— questionei irritado.

— *Estamos todos no spa* — retrucou.

— Por que nesse mundo meu time inteiro estaria no *spa*, Laura? —

questionei, massageando as têmporas sem acreditar naquela brincadeira de mau gosto. Laura bufou no outro lado da linha.

— *Meu anjo, nós ganhamos um dia todo no spa bancado pela empresa e estamos aproveitando. Como diabos não te contei isso?*

— Quem foi que deu permissão e *budget* para isso? Laura, estamos há menos de uma semana do resultado do semestre e você achou conveniente não me falar de algo que faria com que todos ficassem fora? Como isso sequer foi aprovado? — perguntei, irritado demais por não ter sido informado sobre aquilo. — Você tem noção de que se eu não ocupar o cargo de CEO, não haverá uma vaga para o seu marido ser promovido a diretor da área, certo? — disparei, provocando-a um pouco. Ela estava muito calma, mesmo com todo o meu estresse.

— *Não sei quem aprovou. Meu erro foi única e exclusivamente ter esquecido de contar. Agora, se me der licença, vou para uma sessão de massagem.*

Não podia acreditar em sua audácia.

— Laura, você só pode estar perdendo o juízo…

— *Por que você continua me culpando? Pergunte para a sua chefe o motivo dela ter me dado instruções específicas para não te contar. Agora, me deixe em paz* — berrou irritada antes de desligar na minha cara. Orei aos céus para que me dessem paciência para lidar com aquela mulher.

Na verdade, nem entendia como tinha passado os últimos dez anos com ela ao meu lado. Eu provavelmente estava ficando louco e gostava de sofrer.

Estava pronto para ligar para Hanna para questionar que tipo de ato desesperado para ganhar votos como CEO era aquele, pois, tentar comprar

minha própria equipe era algo baixo e que eu não esperaria dela. Antes que pudesse tirar o telefone do gancho, ouvi quando o telefone de Laura tocou.

Só faltava essa, ter que puxar as ligações de Laura, pensei amargo.

Não era lá um ótimo ser humano pela manhã. Antes que pudesse fazê-lo, vi um corpo magro e um punhado de cabelos loiros correr para atender a ligação, bem de costas para mim, e suspirei mais aliviado. Laura realmente não era tão irresponsável. No entanto, algo na forma que ela se movia não parecia certo. A pele exposta nos braços e pernas contornadas por um vestido preto era pálida demais e Laura jamais usaria um salto tão alto para trabalhar.

Então, a ligação foi finalizada e o fone foi colocado no gancho de novo. A

pessoa que inicialmente pensei ser minha assistente deu a volta na mesa para alcançar um post-it, fazendo uma anotação. Quando levantou o rosto para colar o pequeno papel colorido no monitor a sua frente, consegui ver seu lindo perfil perfeitamente.

O nariz delicado e as bochechas coradas complementavam bem os lábios pequenos e levemente alaranjados pelo batom. Seus olhos pequenos, que pareciam sorrir junto com sua boca, finalmente pousaram em mim.

Pisquei, muito confuso, enquanto uma Hyuna de cabelos loiros, como na boate, entrava na minha sala com um sorriso no rosto, segurando um copo de isopor numa mão e alguns jornais na outra.

— Senhor Young, mil desculpas pelo atraso, mas tinha uma fila quilométrica na cafeteria. Então dei uma cheiradinha no seu cappuccino e percebi que tinham colocado canela e, como não quero que o senhor morra, tive que voltar para pedir um novo — explicou rapidamente, enquanto colocava tudo em minha mesa, como fazia quando trabalhava para mim.

Tomei um gole do cappuccino, ainda sem conseguir acreditar que ela finalmente estava ali bem na minha frente depois de tanto tempo e, o mais incrível de tudo, usando uma cor de cabelo que me trouxe a nostalgia de uma noite incrivelmente reveladora.

— O seu cabelo… Você mudou de novo — disse, e ela sorriu, passando a mão pelos fios com orgulho.

— Eu precisava mudar um pouco para essa nova fase — explicou de bom humor, e a encarei em curiosidade.

— Qual fase? — questionei.

— Jiseok me liberou da quarentena — explicou com cuidado, e engoli em seco, incomodado.

— Você o encontrou na Coreia? — perguntei, fingindo desinteresse.

Hyuna inclinou a cabeça de lado, avaliando-me com cuidado.

— Algumas vezes, sim, por conta do lançamento da nova divisão… —

explicou. Suspirei, terminando de beber a bebida antes de jogar o copo vazio na cesta de lixo debaixo da mesa. — Mas não nos falamos muito.

Precisávamos manter todo o teatro de que ele havia se vingado de mim, então, só pudemos nos falar mesmo durante uma reunião mais reservada —

concluiu, e concordei com um aceno.

— E como ele está? — perguntei.

— Está bem melhor. Acho que encontrou alguém bacana, mas não perguntei por detalhes.

— Que bom… — respondi, sem saber mais o que dizer.

Confiava em Hyuna de olhos fechados, mas não conseguia evitar em sentir um incômodo por seu encontro com o ex-noivo arranjado, principalmente porque sabia que eles haviam tido um momento juntos, mas tentei me focar no lado positivo. Se ele estava com outra pessoa, então nós finalmente poderíamos nos encontrar abertamente sem que gerasse uma comoção muito grande.

— Mas o que veio fazer na empresa hoje? Poderíamos ter nos encontrado em outro lugar — sugeri, e ela recusou com um gesto.

— Não… Hoje é o dia da May, então pensei em aproveitar o escritório vazio para nos divertimos um pouco… — disse com cuidado, dando a volta na mesa vagarosamente, encarando-me como se eu fosse uma presa.

Assim que me alcançou, deu um pequeno impulso para se sentar sobre o tampão de vidro bem na minha frente e deslizou a ponta do salto brilhante por minha perna. Antes que pudesse alcançar uma área crítica, o segurei para impedi-la.

— Hyuna, estou morrendo de saudades, estou mesmo, mas isso é inapropriado. Pode chegar alguém a qualquer momento — disse para colocar algum juízo na sua cabeça, mas tudo o que ela fez foi um biquinho mimado.

— Por que você tem que ser assim? — perguntou, irritada, e a encarei sem resposta. Não sabia o que tinha feito de tão ruim além de tomar uma decisão responsável. — Acabei de gastar vinte e tantos mil dólares do meu próprio bolso para fazer que seu time inteiro passasse o dia fora para você me dar uma desculpinha esfarrapada dessas? — confessou, e a encarei em espanto.

— Então o *spa* foi coisa sua?

— *Óbvio.* Quem, além de mim, daria folga para o seu time relaxar? —

perguntou retoricamente, e precisei rir da sua atitude. — Do que você está

rindo? — questionou, o que me fez rir ainda mais.

Não importava em quantas capas de revistas ela saísse ou a quantidade de ações milionárias que ela possuía, e nem mesmo a posição como presidente do conselho de uma multinacional. Hyuna sempre faria o que queria, quando queria e sem se importar no que aquilo implicaria se fosse para atingir seu objetivo.

— Sinceramente… Não sei o que faço com você — respondi, vendo graça na situação.

Aquilo fez com que ela finalmente desmanchasse a carranca mimada e mordesse o lábio inferior, travessa, antes de empurrar tudo o que estava em minha mesa em direção ao chão audivelmente e agarrar a minha gravata, fazendo-me ficar de pé e me inclinar sobre seu corpo em cima da mesa.

Encarando seus lábios tão de perto e tendo-a me olhando daquela maneira tão entregue e provocativa acendia algo tão forte que não poderia me impedir de fazer as suas vontades. Seu cheiro adocicado fazia com que me perdesse completamente e tinha vontade de me afundar naquela mulher até ouvi-la gritar meu nome.

— Não se preocupe, senhor Young. Passei muito tempo fantasiando o que faria com você em cima dessa mesa. — Hyuna chegou perto o suficiente do meu ouvido para sussurrar as palavras que me fizeram perder o controle e dar a ela exatamente o que queria.

Eu *nunca* me cansaria daquela mulher.



28/08/2017 - SEGUNDA-FEIRA

Quando Erik me deixou em casa, já passava da meia-noite. Mesmo

sabendo que estava tarde, tinha algo importantíssimo para resolver, afinal, tivera minha primeira e brilhante epifania durante o casamento de Charlie.

Fiquei impressionada por ter pensado em algo que não seria apenas um passo à frente dos planos de Stella, mas dois à frente de todos que estavam tentando me encurralar. Por isso, agradeci a Deus quando percebi que Naomi estava em casa ao invés de estar novamente com a Mayumi, afinal, meu plano a envolvia e a afetava diretamente. Precisava da sua opinião como nunca precisei antes. Já era história antiga que me importava com o que achava sobre mim, justamente por ela ser o tipo de pessoa que me ajudava e tentava me entender antes de mais nada. No entanto, eu a conhecia o suficiente para saber qual seria sua opinião sobre o meu plano. Ela recusaria e tentaria me convencer do contrário, mas era perfeito e eu precisava tentar.

Afinal, era minha carta na manga.

Naomi olhou em desagrado para o vestido enrolado numa bola em meus braços. Como Erik o sujou de vinho, não tive outra opção senão pegar uma camiseta emprestada para voltar para casa… Ok, devo admitir que não estava tão manchado assim e que pedi uma peça de roupa sua, pois queria manter algo dele comigo caso… Caso meu plano não desse certo.

Naomi estava sentada no sofá com um caderno de desenhos em seu colo e uma xícara fumegante de chá apoiada na mesinha de centro à sua frente.

Juntei-me a ela e disse que precisava da sua opinião sobre algo muito importante. Ela suspirou cansada e colocou o caderno e a lapiseira de lado.

— Por que tenho a sensação de que não vou gostar do que você está prestes a dizer? — perguntou retoricamente.

— Porque você me conhece melhor que ninguém… Enfim, tive que tomar uma decisão muito difícil no sábado quando fui na casa dos meus pais e isso basicamente está me obrigando a tomar medidas drásticas — disse com cuidado, e ela encolheu os olhos, desconfiada.

— Quais medidas? O que houve lá? — questionou, e tomei coragem antes de falar rapidamente.

— Preciso me casar com Mayumi. — Naomi levou exatamente cinco segundos para entender o que eu queria dizer e, quando entendeu, fechou os olhos e massageou as têmporas, muito incomodada.

— Em que tipo de situação você se enfiou em que a única solução é se casar com uma menina que já disse abertamente ter sentimentos por você?

Hyuna, o que você não está me contando? — perguntou, indignada, e me esparramei no sofá, derrotada. Não poderia abrir o jogo cem por cento sem comprometer o restante do meu plano.

— Não posso te dar os detalhes ainda, mas você sabe que agora casais do mesmo gênero têm os mesmos direitos civis que os casais heterossexuais, certo? Se não nos casarmos, provavelmente ela será deportada — respondi, e Naomi ficou de pé num pulo. Sabia o quanto ela ficava ansiosa com notícias ruins, por isso, quanto menos detalhes, melhor.

— Deportada? Como você sabe disso? Por quê? — perguntou com cuidado, e gesticulei negativamente com a cabeça. Não poderia falar mais nada. Não ainda. — Você quer minha opinião sem me dar contexto nenhum?

— perguntou, e concordei.

— Se você me disser para não fazer, não vou. Mas você me conhece o suficiente para saber que não estaria tentando isso se não fosse a última opção

— respondi, e Naomi deixou uma lágrima quase imperceptível cair.

— Ela vai ficar tão confusa, Hyuna. Ela não tem maldade nenhuma…

— respondeu.

— Eu sei, e é por isso que preciso da sua opinião. Se realmente houvesse outra solução, eu faria, mas essa é a única, acredite em mim.

Naomi foi até o balcão da cozinha e pegou uma das garrafas de vinho, servindo em duas taças. Trouxe uma delas para mim e, com olhos marejados, concordou com minha ideia maluca.

— Esqueça o chá, preciso de álcool para lidar com isso — Naomi disse, sorvendo todo o conteúdo do seu copo de uma vez, e usou a mão para limpar a boca.

— Você vai me ajudar a falar com ela? — perguntei, e Naomi recusou.

— Óbvio que não. Seja mulher o suficiente para explicar a situação e, de preferência, sem quebrar o coração da garota no processo.

— Tem mais uma coisa que vou precisar da sua ajuda — admiti com cuidado, e ela me encarou brava. — Preciso que peça um favor a Octávio…

—

Naomi revirou os olhos com raiva.

— Por que no mundo eu pediria um favor para ele em seu lugar? —

questionou, e fiz uma careta.

— Esgotei minha cota de favores com ele nos últimos dias, não tenho mais créditos.

— Eu me arrependo todos os dias da minha vida por ter apresentado vocês dois. Sabe que ele vai querer sair comigo, não sabe? — resmungou, irritada, e concordei, tentando abraçá-la pelos ombros, mas Naomi me afastou, fazendo birra.

— Eu sei, mas pense que tudo isso é pelo bem da May. No vale a pena sair com ele para continuar com ela aqui, pertinho da gente? — persuadi, e ela mordeu o lábio inferior, pensando nas suas possibilidades antes de chiar e se levantar em busca do seu celular.

— Você é má, Hyuna… — reclamou e, assim que estava com o aparelho em mãos, continuou: — O que você precisa que peça para ele?

Sorri, encolhendo os ombros.

— Preciso que ele consiga um horário no cartório amanhã e, de preferência, que seja uma das testemunhas — contei. Ver a mão de Naomi se fechar em punhos enquanto respirava fundo confirmou que ela tinha entendido que eles dois seriam minhas testemunhas, *juntos*.

— Você ainda me paga — disse, antes de discar o número do seu ex-namorado para pedir um favor que ela mal sabia que salvaria todas as nossas peles.

Não foi muito difícil para Naomi convencê-lo, afinal, Octávio ainda não tinha superado o término, mesmo que eles tenham ficado juntos apenas uns três meses e já estivessem há mais de um ano separados. Mas não poderia julgá-lo, Naomi era o que comumente chamamos de *Femme Fatale*. Não tinham muitos homens que conseguiam resistir ao seu charme misterioso e aparentemente acanhado. Só que, por baixo da camada da vergonha e aparente insegurança, ela era sexy para caramba. Não era à toa que ganhávamos muitas bebidas grátis nas baladas…

Aquela realidade parecia tão distante agora. As melhores amigas baladeiras estavam sossegando um pouco.

No dia seguinte, fui trabalhar normalmente, mas com o coração apertado e sentindo meu estômago protestar novamente. A verdade é que não estava conseguindo comer muito bem por conta da queimação, então, eventualmente, estava deixando de tentar.

O escritório estava uma loucura, de verdade. Erik tinha sido muito sincero no dia anterior, já que todos estavam apreensivos. A primeira coisa que ele fez foi uma reunião com todo seu time para esclarecer de vez que não fora ele a mandar o e-mail. Tentou tranquilizar os desconfiados, informando que uma investigação estava sendo realizada para descobrirem o responsável.

Também aproveitou o time todo lá para, literalmente, fazer um apelo de que todos cooperassem o máximo possível para que ele pudesse entregar tudo o que precisava no dia seguinte, já que a reunião com os acionistas para apresentar os resultados seria na quarta-feira e ele precisava estar tão preparado quanto possível. Pediu relatórios de resultados de todos os presentes. Como sempre, fui muito preparada, o meu já estava praticamente pronto. Adicionaria apenas mais alguns detalhes para mandar.

Assim que voltei para minha mesa, vi que havia uma ligação perdida de Naomi e uma mensagem em que ela dizia ter conseguido um horário para aquela tarde e que prepararia os vestidos, então, eu deveria falar com May o

quanto antes. Por isso, tomei toda a coragem do mundo para bater na porta de Erik com cuidado. Assim que me deixou entrar, mordi o lábio, nervosa.

— Preciso pedir algo, mas você não vai ficar muito feliz… — comecei, e ele ergueu os olhos dos documentos à sua frente para me encarar, curioso.

Por Deus, ele não poderia parar de ser perfeito apenas por dois segundos?

— O que houve? — questionou.

— Preciso tirar a tarde de folga — disse devagar, enquanto via a postura dele mudar drasticamente. Podia jurar que vi faíscas saindo pelos seus olhos.

— Sei que não é um dia ideal, mas você sabe que não pediria se não fosse urgente — completei, e ele suspirou, consternado.

— *Preciso* de você aqui hoje, Hyuna — disse, e senti meus olhos

arderem. — Você não pode remarcar para depois da reunião? — perguntou, e recusei com um gesto.

— É urgente… — comecei, e sabia que precisaria mentir um pouco mais convincentemente para que ele me liberasse sem mais delongas. —

Aconteceu algo em casa e preciso resolver.

Erik arregalou os olhos, preocupado.

— Naomi está bem? — perguntou, e concordei rapidamente.

— Ela está ótima, mas não é isso… É na casa dos meus pais. Não tenho muita escolha — menti, e Erik fechou os olhos com força, massageando sua têmpora.

— Tudo bem, tudo bem… No final das contas, você já fez tudo o que poderia fazer. Eu precisava de você aqui para ajudar a manter minha sanidade

— admitiu, e sorri, tentando não me derreter inteira com aquele homem maravilhoso, cheiroso e dono de uma bundinha linda.

— Prometo resolver tudo o mais rápido possível, mas, se precisar de mim, é só me ligar, ok? Obrigada e me desculpe por isso — pedi sinceramente, e ele concordou, voltando a analisar os papéis à sua frente.

Eu definitivamente não merecia aquele homem.

*

Mayumi estava completamente estática, olhando para a caixinha delicada em minha mão. Ela não piscava e seus lábios estavam levemente abertos, enquanto ela processava minhas palavras. Tentei explicar a situação como um panorama geral, sem muitos detalhes, mas enfatizando a importância de ela aceitar o meu pedido. Então, quando ela riu novamente das minhas palavras, achando que eu estava brincando, tive que apelar para o anel que comprara na Tiffany’s antes de ir encontrá-la em sua casa.

Não era de fato um anel de noivado, estava mais para um delicado anel da amizade, até porque comprei três deles ao invés do par, mas que seria levado a sério por um juiz de paz.

Quando tempo demais se passou, mexi as mãos em sinal de “tchau” na frente dos seus olhos e, finalmente, ela desviou seu olhar da caixinha para meu rosto, apertando os lábios juntos antes de sorrir fraco.

— Não era assim que eu fantasiava esse momento… — admitiu, e senti meus olhos se encherem de lágrimas.

Era uma baita situação de merda. Ela merecia muito mais do que aquilo.

— Eu sei… Me perdoa, May, mas é urgente e é a única forma de resolver um problema que estou passando. Então, se você puder me ajudar…

Pode ter certeza de que vou ficar te devendo uma — ofereci, e seus lábios tremeram enquanto as lágrimas desciam pelo seu rosto.

— Hyuna, sei que sou mais nova e que deveria te ouvir, mas você realmente acha que sou tão boba assim? Só tem um motivo para você querer casar comigo e aposto o que quiser que esse motivo tem nome e sobrenome.

Estou tão cansada de ter que adaptar minha vida aos caprichos dela… Olha a vida que vivo por causa dessa mulher, o quanto eu e minha família tivemos que abrir mão. E agora você realmente acha que vou acreditar que casar comigo é um favor para *você*? Sei que você é cidadã americana e casar comigo só serviria para eu ganhar um *green card* definitivo — disse com raiva.

Espantei-me com o quanto ela conseguiu acertar em tão pouco tempo.

Mas não deveria estar surpresa. Ela foi a pessoa que mais sofreu nas mãos de Stella; sofria as consequências das loucuras daquela mulher até hoje, convulsionando sem justificativa.

— Preciso falar com Erik sobre isso. Ele é o único que consegue controlá-la — disse, levantando-se da cama do seu quarto, mas segurei seu pulso e, com olhos suplicantes e cheios de lágrimas, a impedi de fazer qualquer coisa.

— Você não pode dizer nada para ele. Quero que prometa não falar nada disso para ele. Nunca — pedi, e ela me encarou indignada.

— Como eu não contaria isso? Erik quem cuidou de mim a vida inteira, eu jamais esconderia nada dele — respondeu, e segurei suas duas mãos com firmeza antes de me ajoelhar e encará-la.

— Eu sei, mas se você fizer isso, a Naomi vai ser deportada e processada… Ela pode até ser presa — confessei, e May arregalou os olhos, preocupada, ajoelhando comigo no chão.

— *O quê*?

— Juro que já pensei em todas as possibilidades, mas essa é a única que funcionaria. Estou cuidando de tudo, por favor, confie em mim. Eu não faria nada para prejudicar nenhum de vocês. Nunca. Apenas aceite e guarde esse segredo com você, pois, se alguém além de nós souber, nem eu e nem seu

irmão seremos capazes de controlar os danos — pedi e, quando percebi, nós duas chorávamos audivelmente, encarando uma a outra.

Abracei Mayumi com força, enquanto ela soluçava no meu pescoço.

Tentei confortá-la como pude, mas a verdade é que eu mesma precisava ser confortada. No entanto, era a mais velha ali e tinha uma estrutura emocional mais forte para lidar com aquilo, e aquele poderia ser um dos maiores desafios da vida da menina em meus braços. Quanto mais ela chorava em meu colo, mais revoltada me sentia em relação a Stella. Como ela podia ser tão cruel a ponto de causar esse tipo de dor em outra pessoa?

— Eu a odeio tanto, Hyuna. Só quero que esse ciclo vicioso acabe. Não aguento mais ter que pagar pela obsessão dela — resmungou, e concordei com um aceno.

Afastei a mais nova pelos ombros e sequei as lágrimas do seu rosto, encarando-a com confiança.

— Eu te prometo que vou resolver isso. Ela nunca mais vai tentar nada contra vocês de novo, ok? Vou me assegurar que ela não consiga fazer mal para mais ninguém — prometi, e Mayumi concordou, ainda fungando. —

Agora, vamos, temos apenas algumas horas para nos arrumarmos — disse, forçando um sorriso que Mayumi me devolveu.

— Você sabe que isso tudo só vai dificultar ainda mais a minha vida para te superar, não sabe? — May disse, e não pude deixar de rir.

— Vou tentar ser menos incrível a partir de agora para te ajudar, mas não posso prometer muita coisa — brinquei, e Mayumi se levantou sorrindo, dando a mão para ajudar que eu me levantasse também.

— É só continuar com esse mesmo nível de ego que vou desapegar rapidinho — respondeu, e precisei rir.

— Achei que esse fosse o meu maior atrativo — brinquei, fingindo estar ofendida, enquanto secava o restante das lágrimas pelo meu rosto molhado.

— Seu maior atrativo é alegrar todos ao seu redor… E seu corpo é

maravilhoso também — implicou, e sorri, pegando minha bolsa antes de segurar em sua mão para sairmos juntas do quarto em direção ao nosso casório. Torcendo para que aquilo realmente desse certo.

Naomi havia deixado tudo preparado para nos receber no ateliê. Havia uma maquiadora profissional e um cabeleireiro disponíveis para esconderem todo o inchaço pelo choro que minha melhor amiga já havia previsto. Depois de estarmos devidamente maquiadas, Naomi trouxe dois vestidos brancos e nos entregou com olhos marejados, enquanto May e eu nos encarávamos, buscando respostas que sabíamos que não poderíamos dar.

— Não me olhem com essa cara, não é dos meus e não são vestidos de noiva de verdade. São apenas brancos e lindos. Foi o que consegui de última hora no tamanho de vocês. Prometo que, quando vocês se casarem de verdade, com as pessoas que vocês amam, vou fazer questão de criar o design dos seus sonhos, ok? — disse chorosa, e concordei, enfiando-me num dos provadores antes que começasse a chorar de novo.

Realmente não era um vestido de casamento, era um vestido *off-white* leve de alcinhas finas com a cintura delineada e uma saia bailarina esvoaçante até a metade da coxa. Eu parecia mais uma debutante de quinze anos do que uma noiva. Saí do provador antes de começar a chorar e dei de cara com Naomi chorando silenciosamente, enquanto ajudava Mayumi a fixar uma tiara de coroa em seu cabelo.

O vestido de May era mais justo e delineava bem seu corpo num decote em coração e mangas até os cotovelos. Acredito que a intenção de Naomi era fazê-la parecer um pouco mais madura e me deixar um tanto mais nova; aproximar nossas idades para justificar a ação repentina. Ela não conseguia desligar seu senso de designer competente nem numa situação dessas.

Assim que eu também estava com uma tiara, nos apressamos para ir até o cartório, já que Octávio estava nos esperando. Ninguém conseguiu falar nada durante o caminho. Mayumi estava sentada no meio e nós três segurávamos as mãos, buscando apoio. Descemos do táxi e Octávio assobiou em surpresa para a cena.

— Não sabia que a dupla da beleza tinha virado um trio — brincou, e tentei muito não revirar os olhos. Sabia que ele não falava por maldade, mas era obrigatório sentir ranço dele por ser sempre sem noção.

— Vamos acabar logo com isso — May disse antes de subir as escadas com cuidado, e seguimos em silêncio.

Informamos nossos nomes, entregamos todos os documentos necessários e aguardamos nosso horário, que era um encaixe, diga-se de passagem. Quando o juiz de paz nos chamou, disse que poderíamos gravar a cerimônia, o que Octávio fez questão de fazer, e esclareceu todas as questões de praxe antes de iniciar a pequena e improvisada cerimônia.

Então, deu espaço para que pudéssemos fazer nossos votos. Respirei fundo antes de sorrir para a garota à minha frente, que estava confiando totalmente em mim. Eu não poderia me dar ao luxo de errar.

— Prometo cuidar de você e te proteger contra qualquer pessoa que tente te causar mal, afinal de contas, agora nós somos uma família, independentemente de quais sejam as situações futuras — prometi, de verdade, do fundo do meu coração. Afinal, era para aquilo que os votos serviam.

— E prometo confiar em você sempre, aconteça o que acontecer… E

também vou estar aqui para que você possa assistir todas as temporadas de *realities shows* sem se sentir culpada — brincou, e todos riram, enquanto nós duas chorávamos da nossa pequena desgraça. — Nós somos família a partir de agora — finalizou e, finalmente, trocamos as alianças que eu havia comprado mais cedo.

O juiz de paz nos fez assinar os papéis, bem como Naomi e Octávio, como testemunhas, e nos consagrou com esposa e esposa, além de soltar a icônica frase:

— A noiva pode beijar a noiva.

Mayumi encarou Naomi preocupada, antes de me olhar envergonhada, e rimos juntas enquanto Naomi gesticulava positivamente com a cabeça,

dando-nos o apoio que precisávamos para fazer aquilo.

Prendi a respiração enquanto segurava os ombros de May com cuidado.

Deus me perdoe por estar traindo Erik com a sua irmãzinha querida, mas é para salvar todos eles. Por favor, me perdoe!, pensei antes de me inclinar um pouco para encostar os lábios nos da mais nova.

Contei três segundos mentalmente antes de me afastar e abraçá-la com cuidado. Estava feito. Eu conseguiria colocar meu plano em prática a partir daquele momento e, por mais que tivesse premeditado que esse processo fosse me desencorajar, os votos que trocamos foram reais, mesmo que o casamento fosse falso. Eu iria protegê-la e ela confiaria cem por cento em mim, porque nós éramos família.

E ninguém, nem mesmo a doente ex-namorada de Erik, poderia mexer com a minha família e sair impune.



Não posso deixar de agradecer às pessoas que começaram a me acompanhar lá em 2017, enquanto ainda estava divulgando o pré-lançamento das postagens no Wattpad. Esse livro não estaria aqui agora se não fosse pelo encorajamento e dedicação de leitores (e agora amigas) como vocês, que foram meus primeiros e sempre terão um lugar quentinho, confortável e especial em meu coração: May Matsui, Rodrigo, Caroline Alves, Rafa, Ju e Talita, obrigada por terem me dado uma chance!

Também quero agradecer às minhas fieis escudeiras que estão sempre prontas para defender o livro e me encher de amores a cada indicação que

dão: Leinara, Nariane, Mary, Juliane, Maria de Fátima, Mylla, Lola e as minhas manas do coração Ana Clara e Maria Luiza.

E, como já devem imaginar, preciso agradecer às #Bandivas por terem me dado forças, sugestões, broncas, colo e muito suporte em toda a minha jornada. Vocês são do Wattpad para a vida. Lari, Binha e Raio eu sempre serei muito grata pela amizade de vocês. Mas não poderia deixar de fazer um agradecimento especial para a Binha, que foi a primeira autora que me estendeu a mão e disse “mana, eu também não tenho ideia do que eu estou fazendo, mas vamos fazer juntas” e é literalmente o anjo que preciso reconhecer como a grande responsável por ter terminado esse livro e por ter feito ele alcançar tantas pessoas. Minha marketeira preferida, obrigada por ter sido minha amiga e que você cresça e seja reconhecida como a autora incrível que você é.

Preciso agradecer a todos os meus leitores que acompanharam, comentaram e fizeram questão de comprar o livro físico para tê-lo na estante.

Agora, em coreano para não perder o hábito: □□□! que significa obrigada e se pronuncia gomabda!

Table of Contents

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Epílogo

Extra

Agradecimentos

Document Outline

- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32

- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Capítulo 39
- Capítulo 40
- Capítulo 41
- Capítulo 42
- Capítulo 43
- Capítulo 44
- Capítulo 45
- Capítulo 46
- Epílogo
- Extra
- Agradecimentos